

**ALEXANDRA JOANA ZORZIN NICOLAU**

**DESENVOLVIMENTO MORAL E HISTÓRIA DE VIDA: UM ESTUDO  
SOBRE OS PRINCÍPIOS ÉTICOS SUBJACENTES ÀS AÇÕES DO  
LIDER COMUNITÁRIO.**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**

**2009**

**ALEXANDRA JOANA ZORZIN NICOLAU**

**DESENVOLVIMENTO MORAL E HISTÓRIA DE VIDA: UM ESTUDO  
SOBRE OS PRINCÍPIOS ÉTICOS SUBJACENTES ÀS AÇÕES DO  
LIDER COMUNITÁRIO.**

Dissertação apresentada à banca de qualificação como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE EM EDUCAÇÃO, no núcleo de ALFABETIZAÇÃO E LINGUAGENS do Instituto de Biociências (IB) da Unesp de Rio Claro-SP, sob a orientação da PROFA. DRA. ÁUREA MARIA DE OLIVEIRA.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**

2009

170 Nicolau, Alexandra Joana Zorzin  
N639d Desenvolvimento moral e história de vida: um estudo sobre os princípios éticos subjacentes às ações do líder comunitário / Alexandra Joana Zorzin Nicolau. - Rio Claro : [s.n.], 2009  
141 f. : il., gráfs., tabs., quadros

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro  
Orientador: Áurea Maria de Oliveira

1. Ética. 2. Educação moral. 3. Comunidade. 4. Projeto rede social. 5. Experiências. I. Título

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP  
Campus de Rio Claro/SP

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO defendida em 01/09/2009

“Desenvolvimento Moral e história de vida: Um estudo sobre os princípios éticos subjacentes às ações do líder comunitário”

ALEXANDRA JOANA ZORZIN NICOLAU

COMISSÃO EXAMINADORA:

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Aurea Maria de Oliveira

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Luciene Regina Paulino Tognetta

## **Agradecimentos**

**Agradeço a Deus pela benção da vida e pelas oportunidades...**

**Aos meus pais que sempre me ensinaram a importância da humildade, da compaixão e da boa-fé.**

**Ao meu marido José Roberto, que é a própria virtude em pessoa, e que me ensinou que tudo pode ficar mais leve e belo quando compartilhado.**

**Aos líderes comunitários, colaboradores da pesquisa, amigos virtuosos que me ensinaram que a vida pode ser sim, muito melhor do que imaginamos.**

**A Profa. Dra. Maria Rosa Rodrigues Martins, por ter me ensinado desde a graduação a importância da leitura de mundo, e também por ter participado da banca examinadora com importantes reflexões sobre o trabalho desenvolvido.**

**A Profa. Dra. Luciene Regina Paulino Tognetta, por sua disponibilidade em atender ao meu convite para participação na banca examinadora. Sua doçura, delicadeza e conhecimento me ajudaram a repensar e a entender importantes questões do trabalho.**

**Aos colegas, professores e amigos do Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação Moral (GPEM), principalmente Ângela e Taciana.**

**A todos os amigos e amigas, por todos os momentos de partilha.**

**A Universidade Estadual Paulista Campus Rio Claro e ao Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial de Limeira, por contribuírem mais uma vez com a minha formação, meu crescimento pessoal e profissional.**

**Agradecimento especial a minha Orientadora Áurea Maria de Oliveira, por me levar a refletir sobre a importância da coragem no momento de alcançarmos nossos objetivos.**

Dedico este trabalho a todas as pessoas que conheci ao realizar esta pesquisa, principalmente aos líderes comunitários que dedicam suas vidas ao próximo.

**MÃOS QUE OFERECEM ROSAS....**

*Fica sempre  
Um pouco de perfume  
Nas mãos que oferecem rosas  
Nas mãos que sabem ser generosas.*

*Dar do pouco que se tem  
Ao que tem menos ainda  
Enriquece o doador  
Faz sua alma ainda mais linda.*

*Dar ao próximo alegria  
Parece coisa tão singela  
Aos olhos de Deus porém  
É das artes a mais bela.*

*Fica sempre,  
Um pouco de perfume  
Nas mãos que oferecem rosas  
Nas mãos que sabem ser generosas.*

*Autor Desconhecido.*

## **RESUMO**

O presente estudo foi desenvolvido com 10 líderes comunitários, adultos, que estão inseridos no Projeto Rede Social, coordenado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, localizado no município de Limeira/SP, os quais traziam diversas experiências e histórias de vida da comunidade e de sua atuação junto à mesma. Com o propósito de caracterizar os sujeitos; de buscar categorias que permitissem identificar na fala dos mesmos os princípios éticos e morais subjacentes a sua ação; verificar se os princípios morais identificados no discurso sobre a sua ação permaneciam ao refletir sobre a desigualdade de “outros” que não os “seus”. Foi necessária a organização de algumas categorias, essas categorias foram analisadas a luz do referencial teórico de Piaget e Kohlberg sobre o processo de construção de moralidade. Para tanto, utilizou-se História Oral, uma vez que, esse tipo de abordagem oferece possibilidades na investigação dos fenômenos na perspectiva de compreender o indivíduo e sua própria realidade, valorizando suas experiências de vida e a transformação social. Este estudo foi orientado pela História Oral de Vida, no sentido de permitir aos líderes comunitários, relatar experiências de luta e da vida em comunidade. Valorizando seus trabalhos e a transformação do local onde vivem. Acredita-se que a análise do material possa levar a reflexões importantes que, de alguma forma possam contribuir com os estudos de desenvolvimento moral.

**Palavras-chave: Desenvolvimento Moral, Líder comunitário, Adultos.**



## **ABSTRACT**

This study was conducted with 10 community leaders, adults, which are inserted in the Project Social Network, coordinated by the National Service of Commercial Learning, located in Limeira/SP, which brought different experiences and stories of community life and its performance with the same. To characterize the subjects, to seek to identify categories in the speech of the same ethical and moral principles underlying its action, verify that the moral principles identified in the speech on its action remained to reflect on the unequal "other" not 'their'. It required the organization of some categories, these categories were analyzed in light of the theoretical framework of Piaget and Kohlberg on the construction of morality. Thus, oral history was used, since such an approach offers possibilities in the investigation of phenomena in order to understand the individual and their own reality, enhancing their experience of life and social transformation. This study was conducted by the Oral History of Life in order to allow community leaders, reporting experiences of struggle and life in community. Valuing their work and the transformation of where they live. It is believed that the analysis of the material could lead to important considerations in any way contribute to the study of moral development.

**Keywords: Moral Development, Community Leader, Adult.**

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### LISTA DE TABELAS

Tabela 01 — Caracterização das lideranças envolvidas na pesquisa .....	61
--	----

### LISTA DE QUADROS

Quadro 01 — Virtudes morais .....	39
Quadro 02 — Identificação do bairro e do líder comunitário x características da comunidade .....	69
Quadro 03 — Início dos trabalhos desenvolvidos na comunidade .....	116
Quadro 04 — Fato marcante na comunidade .....	116
Quadro 05 — Sonho para comunidade .....	123
Quadro 06 — Comparativo do trabalho desenvolvido na comunidade pelo ator social ...	126

### LISTA DE GRÁFICOS

Figura 01 — Perfil dos entrevistados quanto à naturalidade, a frequência escolar, ao número de irmãos e a origem familiar .....	63
Figura 02 — Perfil dos entrevistados quanto ao aproveitamento da infância, juventude e local de moradia .....	65
Figura 03 — Perfil dos entrevistados quanto ao desenvolvimento profissional .....	66

## SUMÁRIO

### CAPÍTULO I

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
1.1 Pesquisas sobre o desenvolvimento moral realizadas com adultos .....	11
1.2 Pesquisas sobre virtudes e sentimentos morais .....	18
1.3 Lideranças comunitárias e redes sociais: situando o objeto de estudo .....	24
1.4 O problema de pesquisa e os objetivos do estudo .....	34

### CAPÍTULO II

<b>2 QUADRO TEÓRICO</b> .....	37
2.1 A construção da noção de justiça enquanto conceito fundamental para a convivência democrática .....	35
2.2 A contribuição de Kohlberg .....	40
2.2.1 A Comunidade justa .....	43

### CAPÍTULO III

<b>3 METODOLOGIA</b> .....	49
3.1 História oral de vida .....	49
3.1.1 A História Oral enquanto metodologia .....	55
3.2 A trajetória da pesquisa .....	55
3.2.1 Procedimento para coleta dos dados .....	55
3.2.2 Os colaboradores da pesquisa .....	59
3.2.3 Caracterização da comunidade .....	67

### CAPÍTULO IV

<b>4 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	70
4.1 Apresentação dos dados .....	71
4.2 Apresentação: princípios éticos e motivação do ator social .....	115
4.3 Uma leitura dos atores sociais na família, infância e Juventude: fatores que influenciaram a construção do sujeito, ator social .....	128

<b>CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO, ATOR SOCIAL: HISTÓRIAS DE QUEM APRENDEU NA INFÂNCIA E JUVENTUDE, RESPEITO, DIÁLOGO E COOPERAÇÃO</b> .....	135
---	-----

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	139
--------------------------	-----

## CAPÍTULO I

### 1 INTRODUÇÃO

#### 1.1 Pesquisas sobre o desenvolvimento moral realizadas com adultos

Os estudos sobre moralidade ganham força na sociedade atual. Em um cenário que é apresentado como crise de valores, vários profissionais psicólogos, professores, estudantes e pesquisadores demonstram cada vez mais interesse por questões relativas à moral e ao processo do desenvolvimento moral de crianças, jovens e adultos. Partindo dessas questões, Lukjanenko (1995) realizou uma pesquisa para verificar se o julgamento moral de professores influencia as relações interindividuais estabelecidas em sala de aula. Ele entrevistou vinte professores de primeiro e segundo grau de uma escola pública de Itatiba, no interior do estado de São Paulo. Como forma de avaliação do julgamento moral dos professores, utilizou entrevistas de julgamento moral de Kohlberg e, para avaliação da sala de aula, usou a ficha de observação, com base nos pressupostos piagetianos. Por meio das entrevistas e da ficha, analisou qualitativamente os dados. O principal cuidado da autora foi acompanhar o raciocínio e a estrutura de pensamento dos sujeitos, caracterizando o estágio de julgamento moral de acordo com a teoria de Kohlberg e a relação com a teoria de Piaget. A autora confirma, nesse estudo, que professores com níveis mais elevados de julgamento moral proporcionam um ambiente mais cooperativo de trabalho com os alunos. De outro modo, os professores com o nível de julgamento moral menos elevado, conseqüentemente, proporcionam um ambiente moral menos cooperativo.

Ainda, referente ao espaço escolar, encontramos a dissertação de Vinha (1997), que desenvolveu um programa de formação de professores. O programa teve a duração de um ano e o principal objetivo foi aperfeiçoamento do professor, visando a modificação de sua prática docente e favorecendo, assim, o desenvolvimento moral de seus alunos. Para isso, foi necessário selecionar os sujeitos para composição do quadro de participantes da pesquisa. O critério para a seleção dos docentes foi de profissionais que já trabalhavam com o PROEPRE — Programa de formação de professores da Educação Infantil e do Ensino fundamental. Os professores escolhidos para o estudo atuavam na cidade de Leme, interior do estado de São Paulo, na rede pré-escolar municipal. Como instrumento de coleta de dados, a autora criou um curso de 60 (sessenta) horas, dividido em quatro módulos, fundamentado na teoria piagetiana, (sobre como ocorre o desenvolvimento da moralidade infantil, a relação professor aluno e os

procedimentos de educação moral). Para que houvesse a discussão da teoria e prática pedagógica, ocorreu uma supervisão direta do trabalho dos sujeitos participantes por meio de reuniões. Segundo a autora, os resultados indicam que os professores que fizeram parte do grupo experimental apresentaram mudanças fundamentais no relacionamento com os seus alunos que, da mesma forma, também progrediram no que diz respeito à construção da autonomia moral.

Com a preocupação de entender a construção das representações sociais da moral sobre o julgamento moral de jovens, Shimizu (2002) realizou um estudo sobre essa questão, tendo como objetivo identificar as influências que variações culturais de nível socioeconômico e de faixa etária podem exercer sobre essa construção. Nesse sentido, foi realizada uma análise dos limites da Teoria do Desenvolvimento do Raciocínio Moral de Kohlberg, no estudo da moralidade. Foram avaliados aspectos como a prioridade do desenvolvimento cognitivo na formação dos julgamentos morais, a defesa da invariância cultural dos estágios de desenvolvimento moral e a utilização de escalas de respostas pré-determinadas como procedimento metodológico fundamental de investigação. A autora também procurou realizar um trabalho em paralelo, demonstrando a contribuição que a Teoria das Representações Sociais pode oferecer a esse campo de estudo, a fim de se compreender a moral como composição de representações que devem ser analisadas conforme os múltiplos processos que a engendram, quais sejam: individuais, interindividuais, intergrupais e ideológicos.

A pesquisa envolveu 621 jovens brasileiros de três Regiões distintas: Marília – SP, Erechim – RS e Florianópolis – PI. Além disso, a pesquisa se estendeu à cidade de Avellaneda, região metropolitana de Buenos Aires, tendo sido entrevistados 200 jovens argentinos. Para realização da pesquisa, foi necessário aplicar dois instrumentos objetivos de medida do nível de julgamento moral e um questionário aberto investigando as representações sociais de moral e suas redes semânticas. A amostra foi proporcionalmente distribuída conforme o tipo de escola (pública e particular) e o ano escolar freqüentado (8º ano do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio, considerando-se os graus escolares equivalentes na Argentina).

Como resultados, a autora aponta a existência de variações nas representações sociais, além de diferenças nos escores dos instrumentos de medida de julgamento moral relacionadas, especialmente, com a nacionalidade dos jovens e seu nível socioeconômico. Após a discussão dos dados levantados, foi verificado que os estudos nessa área não devem se reduzir à designação dos indivíduos em estágios de julgamento moral, concebidos como culturalmente invariáveis. Contudo, devem compreender que a moralidade é um fenômeno complexo,

inseparável da experiência diária, das relações sociais no seio da sociedade, das heranças históricas e culturais e do posicionamento de cada indivíduo no tecido social.

Os estudos sobre ética, moral e valores também são preocupações de outras áreas da sociedade. O fato que os comprova é o estudo realizado por Bedin (2003) sobre a dimensão ética na formação dos médicos. A pesquisa problematiza os espaços destinados à reflexão sobre os aspectos éticos que regem o exercício do futuro profissional. Segundo o autor, o foco de sua pesquisa foi repensar o processo cuidar/curar dentro das instituições de ensino e entender como a ética, a moral e os valores fazem parte das vivências escolares e imprimem suas marcas através de uma ou mais disciplinas do currículo. Para realização do estudo, foi necessário entrevistar quatro professores do curso de Medicina da Universidade Pública de São Paulo, que são responsáveis pelos conteúdos sobre ética no currículo do curso, além de seis alunos representantes de classe e membros da Comissão de Ensino da Graduação envolvidos no processo de reformulação curricular. Também fizeram parte do estudo a análise dos programas das disciplinas e o projeto pedagógico do curso de graduação em Medicina das Faculdades de Ciências Médicas. Segundo a autora, as fontes estudadas permitiram interpretar os dados e levaram a melhor compreensão do objeto de estudo.

Os resultados do estudo apontam para um consenso entre professores e alunos sobre a importância da dimensão ética ser incorporada por todas e não somente em uma única e determinada disciplina. Outra questão também apontada pelos professores e alunos dos cursos de medicina é que o grande desafio dos professores em ensinar o aluno a ser, a conviver completamente, a aprender, a fazer e aprender a aprender. Além disso, é mencionado também que o fazer técnico e o comportamento ético separados tornam-se contraproducentes e a competência do médico inclui a competência humana e social.

Sobre o questionamento de valores, também apresentado como crises de paradigmas culturais, científicos e políticos, reflete-se, segundo Souza (2003), sobre a complexidade da sociedade atual, situada entre questões de mercado e questões humanas, tão necessárias a boa convivência. Nesse ínterim, o estudioso dedicou sua pesquisa de mestrado aos estudos de raciocínio moral construídos na resolução de conflitos, em especial, adolescentes autores de infração. Entrevistou 20 adolescentes que cumprem medida sócio-educativa de Liberdade Assistida e Prestação de Serviços à Comunidade. Como aparato teórico, utilizou-se os referenciais teóricos sobre a moralidade, dentre eles Piaget e Kohlberg, na construção de raciocínios morais e de desenvolvimento de estruturas cognitivas. As entrevistas foram individuais e, em cada uma delas, o pesquisador narrou uma situação de conflito moral envolvendo agressão física e roubo. Em seguida, solicitou-se que os sujeitos falassem sobre

tal situação. A partir disso, o pesquisador analisou os raciocínios empregados, destacando dados, significados e implicações entre eles. Identificou modelos organizadores e os agrupou em três categorias (A, B e C).

Devido ao agrupamento dos modelos, foi possível perceber como os adolescentes elaboraram soluções para resolver os problemas explicitados pela situação. O pesquisador segue apontando que, com essas soluções, foram sendo evidenciados os conteúdos presentes na situação e no enunciado das questões, bem como os conteúdos ausentes. Assim, a variedade de modelos organizadores que foi identificada na resolução de conflitos morais, acaba por reforçar a idéia da importância dos conteúdos na construção dos raciocínios e, portanto, na maneira de interpretar e conhecer a realidade objetiva.

A partir das teorias de Piaget, Carina (2003), em sua tese de mestrado, estudou o Processo de Gestão Democrática do Sistema Educacional Público, no interior do estado de São Paulo, no município de Amparo. Para tanto, realizou uma pesquisa-ação, cujo objetivo foi investigar as dificuldades para implantação de um Fórum Participativo e as contribuições que este poderia trazer, além de participar de um processo democrático pautado em um ambiente cooperativo em que o educador tem de participar ativamente das ações, decidindo, opinando, trocando idéias e mudando as relações interpessoais.

Nesse sentido, criou-se um Fórum Participativo, com apoio da Secretaria da Educação do município. Houve a seleção dos professores das unidades escolares, os quais passaram a se reunir sistematicamente para resolução de problemas que poderiam ser analisados em conjunto e também com possíveis idéias de soluções. Segundo a autora, a participação no Fórum permitiu que os envolvidos pudessem entender melhor os problemas existentes no sistema educativo do município, além de desenvolverem maior interesse e comprometimento com as decisões tomadas. Sobre o relacionamento interpessoal, os resultados também foram positivos, uma vez que as integrantes do estudo demonstraram significativo desenvolvimento na coordenação de perspectivas diferentes e na atitude cooperativa.

O tema amizade chamou a atenção de Gomes (2005) que investigou em sua dissertação de mestrado as semânticas da amizade e as possibilidades da amizade se configurar como espaço de experimentação política. Segundo autora, compreender como os laços de amizade podem constituir relações privilegiadas de experimentação de outras formas de relacionamento incompatíveis com os modelos individualistas e excludentes do capitalismo foram a principal questão que norteou o trabalho, para realizar esse estudo foram entrevistados sete trabalhadores de três cooperativas: uma cooperativa de limpeza, outra de pães e a terceira cooperativa tratava-se de uma lanchonete. Como resultados, a autora destaca

que os laços solidários que florescem entre amigos nas classes populares escapam aos imperativos neoliberais e resistem à situação de opressão, revelando criatividade nos enfrentamentos e das adversidades.

Os autores Souza & Hultz (2008) também se interessaram pelo estudo da amizade e realizaram uma revisão da literatura sobre relacionamentos de amizade na vida adulta, descrevendo criticamente a produção científica. Segundo os autores, a amizade é um relacionamento importante para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo; no entanto, a maioria dos estudos trata da amizade na infância e na adolescência, havendo pouca ênfase na investigação de adultos. O estudo apresentou fatores culturais, sociais e históricos, amizade na vida adulta (aspectos conceituais), os tipos e níveis de amizade, a amizade e o desenvolvimento humano, diferenças de sexo nas amizades e, principalmente, os estudos brasileiros sobre a amizade em adultos. Dentre os trabalhos pesquisados, os autores elegeram três deles como principais e os resultados que os trabalhos apresentam apontam para: amizade, como trocas afetivas, ajuda, companheirismo e diversão em certas atividades, intimidade e autovalidação, além da influência do ambiente de trabalho na formação de amizades, amizade próxima, melhor amizade ou amizade verdadeira. Os autores consideram que os estudos brasileiros indicam que relacionamentos de amizade no nosso país podem ser comparados aos de outras culturas e discutidos com base nos modelos teóricos existentes, porém, existem algumas diferenças que requerem mais estudo, inclusive para verificar se os modelos internacionais correntes são satisfatórios para explicar adequadamente relações de amizade entre adultos na cultura brasileira.

Em relação ao conceito que os professores têm de Educação Moral e de autonomia na Educação Infantil, Dias (2005) realizou uma pesquisa com 15 educadoras infantis de oito escolas públicas de educação infantil de Niterói – RJ, dentre as quais algumas eram professoras, outras auxiliares e outras, ainda, professoras orientadoras.

As participantes eram todas mulheres, com idade entre 21 e 46 anos, com nível de instrução entre ensino médio e superior e com experiência de seis a oito anos de magistério; além disso, é importante que se afirme que foram escolhidas aleatoriamente. Para coleta de dados foram utilizadas entrevistas individuais, gravadas em fitas cassetes e posteriormente gravadas. A partir das respostas das professoras, a pesquisadora organizou, classificou e categorizou os dados. Como resultado, foi constatado que a maioria das participantes apresentou concepções vazias, abstratas e individualizadas sobre autonomia e educação moral. Além disso, o estudo reflete sobre a necessidade de se aperfeiçoarem os programas de formação de professores, de modo que dominem não apenas os fundamentos da educação



moral, mas que seja possível compreender também a importância da autonomia, ambos muito importantes ao bom desenvolvimento dos trabalhos na educação infantil.

Freitas, Douglas e Boing (2005) também tiveram interesse pelo desenvolvimento moral, porém, focalizado nos formandos de um curso de odontologia da Universidade Federal de Santa Catarina UFSC. No total, foram entrevistados 42 formandos, de ambos os sexos, com idades entre 22 e 28 anos, de uma turma de 56 alunos, todos voluntários e cientes dos objetivos.

Para avaliar o nível de desenvolvimento moral e ético dos formandos, foi necessária a utilização de dilemas com várias situações em que aparecem valores e conflitos. Segundo os autores, o trabalho está baseado em Aguado & Medrano (1999), que se fundamentam em Kohlberg e Piaget.

Nesse sentido, o objetivo do estudo foi identificar em que nível de desenvolvimento moral estavam os futuros dentistas. Dentre os dilemas, foi escolhido o da vida/lei, por ser o que trabalhava valores mais próximos da futura prática profissional dos alunos. Antes da entrevista, foi feito um pré-teste com o mecanismo de coleta de dados em estudantes da fase imediatamente anterior. Em seguida, houve a apresentação de um dilema moral, com a leitura direta do sujeito, para que não ocorresse nenhum tipo de interferência: foi relatada a história de uma mulher que sofria de uma grave doença e nem ela nem o marido dispunham de condições financeiras para a compra do medicamento. Diante do dilema, surgem várias questões como tentar comprar o medicamento mais barato e o farmacêutico se recusar a vender ou roubar dinheiro ou mesmo o medicamento.

Após as entrevistas, os alunos foram qualificados em um dos cinco níveis de desenvolvimento moral e os resultados apresentados foram os seguintes: 66% dos formandos estão nos dois primeiros estágios de desenvolvimento moral e, por isso, não têm capacidade de relativizar situações e dilemas morais ou os resolvem de acordo com o interesse pessoal; menos de 10% reconheceram que normas e valores morais podem ser relativizados e devem ser orientados para o bem comum. Em relação aos valores de lei, estes prevaleceram aos de vida para a maioria.

Em síntese, o conjunto de valores que orientou a escolha do dilema foi majoritariamente definido pela busca de recompensa e a preocupação com a própria reputação. Segundo os autores, os resultados levaram a discussão sobre as potenciais consequências deste perfil de desenvolvimento moral sobre a odontologia, as relações éticas do cotidiano da prática profissional e a incapacidade dos cursos em resolver esta

problemática, refletindo sobre a importância de uma reorientação do perfil de recursos humanos no país.

Também, no intuito de saber como anda o julgamento moral dos adultos, motoristas na cidade Maringá no Paraná, os pesquisadores Thielen, Nascimento, Hartman e Polli (2006) reuniram esforços na elaboração de um artigo intitulado “Teste de Julgamento Moral, visando investigar o estágio de desenvolvimento moral dos motoristas”. O artigo relata que, na atualidade, o trânsito é um dos sistemas mais complexos e dispendiosos na sociedade e que o comportamento humano pode ser considerado fator determinante do trânsito. O objetivo desse trabalho foi focalizar o desenvolvimento moral como uma das possíveis causas do comportamento inadequado no trânsito e buscar alternativas para a melhoria das relações no trânsito por meio do desenvolvimento moral dos motoristas.

Os autores descreveram uma etapa de investigação da relação entre desenvolvimento moral e comportamento no trânsito. Para este fim, foi aplicado, em 10 motoristas, um questionário piloto do Teste de Julgamento Moral, baseado nos estudos de Kohlberg, de forma a identificar a viabilidade da utilização deste instrumento para verificar o estágio de desenvolvimento moral em situação de trânsito.

Segundo os autores, mesmo com uma pequena amostragem, foi possível tecer algumas considerações por meio do estudo. Dentre elas, destaca-se a necessidade de se descartar o instrumento, uma vez que, a principal questão identificada é que os resultados não permitem caracterizar em que estágio de desenvolvimento os motoristas se encontram. Esta não-caracterização do estágio inviabilizou qualquer análise que procurasse relacionar os estágios de desenvolvimento moral e os comportamentos de risco no trânsito.

Também preocupada com as identidades morais e os julgamentos de adultos, Frisncho (2008) realizou uma pesquisa com juízes. Ele utilizou uma pequena amostra, do tipo não probabilístico intencional; os principais objetivos do estudo foram: a) identificar a capacidade de reconhecimento e diferenciação do domínio das convenções e o domínio moral em um grupo de juizes do Poder Judicial peruano, e b) explorar o reconhecimento de emoções morais em si mesmo e em terceiros ao enfrentar um dilema ético, ao cometer atos de corrupção. Segundo a autora, participaram do estudo treze juizes especializados em corrupção (dez juizes especializados, sendo oito especializados em direito civil, dois em direito penal, dois em direito mercantil, um juiz familiar), de ambos os sexos (oito mulheres e cinco homens), da cidade de Lima. Seis desses juízes têm entre um e dez anos de atuação no Poder Judicial, quatro entre onze e vinte anos; três contam com mais de vinte anos nessa instituição e 31% desses participantes encontram-se afiliados a alguma associação profissional. A

pesquisadora utilizou dilemas que apresentavam transgressões morais. Segundo ela, mesmo sendo um estudo preliminar é importante prestar atenção que, contrariamente ao que se esperaria dessas pessoas que são encarregadas de administrar a justiça, muitos deles não foram capazes de argumentar solidamente acerca das razões pelas quais as transgressões apresentadas são em efeito transgressões morais. Além disso, não demonstraram ou tampouco sentiriam vergonha, culpa ou remorso caso atuassem igualmente aos personagens do dilema moral. Estes traços indicam que centrar-se somente no controle ambiental e oferecer informações sobre ética são estratégias incompletas para enfrentar com êxito a luta pela anticorrupção.(FRISANCHO,2008, p.65-72, tradução nossa).

## **1.2 Pesquisas sobre virtudes e sentimentos morais**

Os estudos sobre virtudes e sentimentos morais também são interesse de muitos pesquisadores na atualidade e, por isso, vêm sendo discutidos como um caminho possível para a educação que enfrenta tantos desafios, principalmente na escola, cujos problemas, como indisciplina, individualidade, dentre outros, podem ser considerados reflexo da sociedade atual.

Com o propósito de defender a importância dos estudos psicológicos das virtudes morais, La Taille (2000) realizou uma discussão em seu artigo, do ponto de vista psicológico, defendendo a idéia de que as virtudes morais não somente participam da gênese da moralidade, como representam traços de moralidade e de caráter essenciais a coesão da personalidade moral. Dessa forma, apontou, no que se refere à educação moral, que as virtudes podem representar um tema rico e sugestivo para reflexão das crianças e adolescentes.

Também interessada nos trabalhos que se fundamentam no campo da psicologia moral, que buscam compreender a natureza dos juízos e ações morais e o papel da afetividade nesse processo, Araújo (2000) realizou várias pesquisas com trabalhos recentes, visando identificar e analisar as possíveis relações entre os estados emocionais, os raciocínios morais e a organização do pensamento dos sujeitos quando solicitados a resolverem conflitos de natureza moral. Como resultado, encontrou uma forte relação entre o estado emocional dos sujeitos e a forma como organizam seu raciocínio. E ressalta, ainda, a importância da educação, do preocupar-se também com a construção e organização da dimensão afetiva do psiquismo, buscando a formação de personalidades morais.

Em (2001) Martins e Branco, analisaram vários trabalhos realizados na área do desenvolvimento moral. Sinalizaram, com as pesquisas, a necessidade de desenvolver uma abordagem teórica que tratasse do tema dentro de um enfoque que considerasse os aspectos socioculturais, cognitivos e afetivos. Nesse sentido, a principal questão do trabalho se deu na forma de abordar sistematicamente e integradamente a dinâmica do desenvolvimento moral do indivíduo, resgatando a dimensão interativa e contextual envolvida na resolução dos conflitos morais e no desenvolvimento de crenças e valores. Esse trabalho partiu dos pressupostos da perspectiva sociocultural construtivista do desenvolvimento humano, explicitando as exigências metodológicas implicadas na adoção dos conceitos e categorias utilizados no âmbito de tal perspectiva.

Sobre o desenvolvimento moral e a polidez, La Taille (2001) realizou quatro pesquisas empíricas com crianças de seis, nove e doze anos. As questões que nortearam a pesquisa foram: 1) A polidez faz parte do universo moral da criança? 2) A polidez já é vista pela criança pequena na sua especificidade em relação às regras propriamente ditas morais?

Após o recolhimento dos dados, o autor analisou que 1) a polidez pertence ao universo moral da criança de seis a doze anos, mas, com a peculiaridade de sua falta não merecer castigo; 2) que a falta da polidez é para as crianças de seis anos, um indício para se julgar o caráter moral de uma pessoa; e deixa de sê-lo para as crianças de doze anos, com uma fase de transição aos nove anos e 3) que a falta de polidez é vista como conduta de uma certa gravidade nas três faixas etárias. O autor fez considerações finais procurando mostrar a relevância de uma educação moral que não descarte a importância da polidez.

Ainda com interesse em analisar o sentimento de vergonha e suas relações com a moralidade, La Taille (2002) escreveu um artigo discutindo uma perspectiva teórica do tema (a personalidade moral ou moral *self*), permitindo a inclusão das dimensões afetivas nas explicações psicológicas das ações morais. O autor analisou quatro aspectos essenciais: 1) o lugar do juízo alheio e auto-juízo na experiência da vergonha, 2) o eixo temporal da vergonha (vergonha prospectiva e retrospectiva), 3) as avaliações positivas e negativas deste sentimento e, 4) sua relação com o Eu. Como considerações, o autor estabeleceu uma relação entre a vergonha e moralidade através do conceito de “forma” (ou auto-respeito), procurando mostrar que o referido sentimento é condição necessária ao agir moral.

A importância da generosidade no início da gênese da moralidade na criança também é assunto de interesse de La Taille (2006). A esse respeito, o autor apresentou uma análise da generosidade no universo moral da criança, definindo a generosidade enquanto virtude moral,

a comparou com a justiça e fez uma revisão da literatura psicológica, trazendo elementos relacionados à ética do cuidado, das atitudes pró-sociais e da simpatia.

Nesse sentido, o autor apresentou a hipótese de que a generosidade é melhor assimilada do que a justiça pelas crianças de seis anos. O autor apresentou o resultado de duas pesquisas como forma de testar esta hipótese com crianças de seis a nove anos. Portanto, foi proposto às crianças que atribuíssem sentimentos a personagens não justas e não generosas. Os resultados encontrados foram coerentes com resultados de estudos anteriores. A maioria das crianças de seis anos atribuiu sentimentos positivos à personagem não justa. Em compensação, elas atribuíram sentimentos negativos às personagens não generosas. Estes dados foram discutidos, defendendo-se a hipótese segundo a qual a generosidade, por ser menos dependente de regras e imposições adultas, tem raízes mais profundas do que a justiça na consciência moral infantil.

Pensando também sobre como as pessoas podem construir a solidariedade, Tognetta e Assis (2006) se basearam nos pressupostos psicológicos que garantem que a virtude da solidariedade é construída por cada um, na interação como o meio. A pesquisa apontou um caminho para formação de sujeitos mais autônomos e solidários e a cooperação como estratégia de conceber a construção das virtudes.

Dessa forma, foram investigados os julgamentos de crianças, de ambos os sexos com idade entre seis e sete anos, advindas de dois ambientes distintos: um autoritário e outro cooperativo. Foram utilizadas, para tanto, as provas de comportamento operatório, de Jean Piaget, com objetivo de verificar a existência de um paralelo entre as estruturas cognitivas morais dos sujeitos, como também de observar as relações interpessoais e a discussão de dilemas morais que, por sua vez, foram divididos pelas autoras em dois blocos que atenderam a dois requisitos na pesquisa: constatar o julgamento moral da solidariedade entre pares e na presença da autoridade.

Como resultado, foi constatado que existe uma evolução (na disposição dos seguintes sujeitos para serem solidários) ligada a uma perspectiva de vivência de experiências significativas, de reciprocidade e respeito mútuo, fatores esses que caracterizam os ambientes cooperativos. Permitindo assim, a concepção de uma “Pedagogia das virtudes” que considera o desenvolvimento das estruturas cognitivas e dos aspectos afetivos para a construção de personalidades morais.

Tognetta e La taille (2008) realizaram um estudo atual, com setenta e cinco adolescentes, com idade entre doze e quinze anos, de colégios particulares da cidade de

Campinas, com objetivo de constatar a possível correspondência entre os julgamentos morais e as representações que os sujeitos têm de si mesmas.

Segundo os autores, foi a partir do uso de um questionário, que se tornou possível a análise entre os julgamentos morais e as representações de si, os estudos destacaram as representações desses sujeitos e responderam a um questionamento, de que teria um caráter ético ou não e, se corresponderiam a seus julgamentos morais. Nesse sentido, os resultados apontaram para uma correspondência entre aqueles, cujas representações de si são caracterizadas por conteúdos éticos e julgamentos mais evoluídos quanto a sensibilidade aos sentimentos dos personagens envolvidos nas situações discutidas.

Vale e Alencar (2008), também interessados nos estudos sobre generosidade, investigaram, no contexto psicogenético, que lugar a generosidade ocupa no universo moral das crianças e adolescentes em contraposição à satisfação de um interesse próprio. As autoras entrevistaram trinta alunos de uma escola pública de Vitória-ES. Os alunos foram divididos em três grupos, de acordo com a idade de sete, dez e treze anos. Um dilema que apresentava um conflito moral entre a possibilidade de manifestar a generosidade e a oportunidade de satisfazer um interesse próprio foi utilizada junto aos alunos.

Segundo as autoras, em todas as idades pesquisadas, a maioria dos participantes optou pela generosidade e deixou de lado o próprio interesse. Os resultados demonstraram que a generosidade faz parte do universo moral infantil e adolescente.

Repensando sobre a necessidade do estudo da ética e da moral em sala de aula, Lima (2003) se interessou pelo ensino infantil, ou seja, pelo desenvolvimento moral na pré-escola. Para tanto, realizou um estudo considerando a ética desde Antiguidade até a contemporaneidade, observando os conceitos de Aristóteles, Kant, Piaget e, também, os Parâmetros Curriculares Nacionais, que trazem diretrizes para o ensino da ética.

A autora considerou o fato de o desenvolvimento moral do indivíduo ocorrer desde a infância, apresentando dessa forma, a importância de oportunizar o trabalho com a educação moral e ética desde a pré-escola. Segundo a autora, recorreu-se a alguns teóricos da educação para realização desse trabalho: Piaget e Kohlberg, para discutir a proposta de um ambiente sócio-moral para o desenvolvimento da autonomia e da identidade da criança pré-escolar, pautado no papel do professor.

Como resultados a autora afirmou contribuir com possíveis encaminhamentos para o processo de formação ética e moral na pré-escola e também apresentou a necessidade de preparo dos professores para que possam proceder efetivamente e intencionalmente na

construção de valores, concluindo que a escola deve inserir o aluno no mundo moral desde o ensino infantil.

Com o objetivo de comparar o desenvolvimento afetivo das crianças pré-escolares de classes de período integral com o apresentado pelas crianças freqüentadoras de classes de período parcial, Alessandrini (1997) baseou-se teoricamente e experimentalmente nas concepções piagetianas sobre a afetividade e as constantes do Programa Educação Pré-Escolar (PROEPRE). O estudo foi realizado com 38 sujeitos e respectivos professores, na cidade de Paulínia-SP, em seis turmas de pré-escola.

Segundo a autora, para coleta de dados, nessa pesquisa foi necessária à utilização do Método Clínico Piagetiano sobre sentimentos interindividuais e, para as professoras, um roteiro de avaliação e questionários.

Como resultados, a autora apresentou que as crianças das classes de período integral demonstraram que o nível de desenvolvimento afetivo é qualitativamente diferente dos apresentados pelas crianças de turmas de período parcial.

Também interessado nas pesquisas no campo da moralidade, Martins (2003) buscou investigar o juízo e a representação que as pessoas têm de suas ações ao serem solicitadas a posicionar-se frente a um conflito de natureza moral. Para tal, fundamentou-se nas teorias da psicologia moral, que procuram ampliar o entendimento sobre a complexidade que envolve o funcionamento psíquico, o que afeta o juízo e a ação das pessoas e evidencia o papel da dimensão afetiva em tais processos.

Para realizar o estudo, envolveu dois contextos diferentes: pessoal e impessoal, para poder observar em que medida essa mudança pode afetar a organização do pensamento dos sujeitos. Segundo a autora, após a coleta dos dados, a análise se deu através dos Modelos Organizadores do Pensamento, aplicados pelos indivíduos investigados, frente às situações apresentadas.

Como resultados, a autora apresenta que a análise permitiu verificar como a dimensão afetiva, contemplada pela mudança de contexto, pode afetar significativamente a organização do pensamento, alterando o juízo e a representação que as pessoas têm de suas ações.

Ainda, em relação à formação de professores, Souza (2007), em sua tese de doutorado, se interessou pelo estudo com adultos. Em seu estudo, foram entrevistados sessenta professores do ensino fundamental, de 5ª a 8ª séries, de diferentes cidades brasileiras e com faixa etária entre 21 e 60 anos.

Segundo o autor, discutir os vínculos dos professores com o magistério também é tarefa da Psicologia Moral e existia a necessidade e a urgência de se investigar a dimensão moral presente na subjetividade dos professores.

Acreditando que as virtudes são disposições humanas que compreendem muitos aspectos afetivos, cognitivos, sociais, culturais e históricos e considerando o atual cenário educacional brasileiro, esse estudo é considerado relevante, pois propõe a necessidade de se saber quais vínculos os professores estabelecem com a profissão, suas expectativas, valores, princípios e aspirações.

Enfim, essas questões levaram o autor ao seguinte questionamento: “Que representação fazem de si os professores de ensino fundamental?” A partir dessa questão, o autor também se indagou sobre como a virtude do Amor comparecia nessas representações de si e quais eram as características das figuras mais admiradas por esses professores.

Diante dos questionamentos e com os dados coletados, o autor apontou algumas considerações: os professores se representam como apaixonados, curiosos e interessados pelo conhecimento, com atitudes muito positivas frente à educação de um modo geral. Como meta educativa relativa aos alunos, o amor, a paixão e a alegria apareceram como fatores fundamentais para ensinar, do mesmo modo que os valores morais; respeito, solidariedade, responsabilidade e companheirismo têm igual importância no incentivo e ensino aos alunos. O pesquisador comprovou sua hipótese, na qual os professores que apresentam a virtude do amor como uma dimensão de destaque em suas representações de si são pessoas realizadas tanto no campo pessoal como no profissional.

Enfim, Oliveira (2008), em sua tese de doutorado, relata que um dos principais problemas educacionais é a falta de motivação no ensino/aprendizagem. Diante disso, foi realizado um estudo para analisar as possíveis causas dessa desmotivação, no qual deu ênfase ao fenômeno chamado de desordem moral, denunciado por MacIntyre (2001). Segundo Oliveira (2008), após a realização de estudos teóricos sobre a motivação geral e no ambiente escolar, além de um paralelo estudo sobre ética (a partir de algumas teorias rivais acerca da mesma), concluiu-se que o desenvolvimento harmônico das virtudes morais é fonte de motivação. Em seguida, investigou-se a ressonância que essa hipótese encontra nos atores da educação. Para tanto, o estudioso utilizou-se da pesquisa-ação, a escuta sensível proposta por Barbier, para escutar alunos de uma escola de preparação de professores do ensino fundamental, examinando se os pesquisados teriam disposição para mudança de comportamento e aprendizagem da vivência das virtudes a partir das intervenções éticas dos professores no ambiente escolar.



Os resultados mostraram-se surpreendentes, indicando que os alunos desejam orientação ética, apesar de todas as dificuldades na sociedade atual. Além desse estudo, foram entrevistados 50 professores que atuam no Rio de Janeiro, sem escola de formação de professores e a descoberta não foi diferente: a maioria dos professores está disposta a (re) aprender ética. Como considerações finais, o autor demonstra que, apesar da boa vontade dos professores, é possível notar o descaso governamental devido à falta de políticas públicas, melhores condições de ensino, escolas e salários, além do não reconhecimento da classe dos professores. Todos esses são fatores desmotivadores e o futuro de todos os envolvidos é preocupante, caso nada seja feito.

Diante de tantos estudos sobre moral, ética e virtudes é possível perceber a importância da temática na sociedade atual, porém, não é pretensão desse trabalho esgotar o assunto, mas, levar a uma breve introdução das várias pesquisas existentes e da complexidade que apresentam.

Vale salientar que, observando as pesquisas apresentadas, não foram encontrados estudos específicos e focados em determinados grupos populares, nesse caso, líderes comunitários. Dessa forma, também foi necessário buscar novas pesquisas com os temas comunidade, líderes, lideranças, grupos populares, visando conhecer e reconhecer a existência de tais estudos, sua importância e restrição sobre o desenvolvimento moral em adultos, com ênfase no líder comunitário.

### **1.3 Lideranças comunitárias e redes sociais: situando o objeto de estudo**

As lideranças comunitárias tem sido objeto de cuidadosa reflexão por parte de estudiosos diversos. Diante da complexidade e da variedade de objetos de estudos que a questão suscita, bem como da importância dessas particularidades para este trabalho, é importante que observemos como alguns desses estudiosos debruçam sobre o assunto e quais são seus resultados.

Lima (2005) investigou nove lideranças ambientais do Estado de Rondônia, selecionadas através do método Bom Meihy (1996) para a construção de redes. Os critérios para a escolha das pessoas foram conhecimento teórico e prático sobre o assunto e militância na área da Ecologia. O foco de interesse da pesquisadora era compreender como líderes da defesa ambiental construíram sua consciência ecológica. Descrevendo sua tese de doutorado como consciência moral ecológica, o critério utilizado para a seleção dos componentes do

grupo adveio da contribuição teórica Meihy (1996), que define como colônia os padrões gerais de uma determinada comunidade. Segundo a autora, a indicação inicial para o início da rede partiu de uma professora da Universidade Federal de Rondônia que possui muito conhecimento sobre educação ambiental naquela localidade. Em seguida, os próprios entrevistados indicaram outras pessoas e formaram a rede. Ao todo, nove indivíduos foram entrevistados. Na pesquisa foram utilizados dois instrumentos: a entrevista-inquérito e os dilemas morais, na perspectiva de Piaget e Kohlberg. Os resultados demonstraram a existência de uma personalidade moral ecológica, denominada pela autora, como uma ética ecológica baseada na sustentabilidade, na análise subjetiva da justiça e em princípios éticos universais.

Em outro segmento, Santos (2005) estudou o Assentamento Reage Brasil, localizado no município de Bebedouro, composto por 84 lotes agrícolas onde o Sindicato de Empregados Rurais de Cosmópolis foi o responsável pela organização da ocupação da terra. O autor analisou as formas de cooperação gestadas em uma comunidade de assentamento como forma de superação das demandas e entreves. Tomou-se, também, como referência, as relações construídas pelos trabalhadores rurais, os sonhos que moveram a luta pela terra, o histórico de suas famílias, os espaços de cooperação e sociabilidade, que se contrapunham ao projeto de cooperativismo proposto pelo Estado. Para tanto, foram analisadas as diferenciadas formas de cooperação a partir do cotidiano das famílias, como a agricultura familiar, a formação do capital social e a economia moral como elemento de polarização do desenvolvimento das comunidades. Segundo considerações do próprio autor, a lógica de cooperação pode incorporar diferentes formas de racionalidade, num processo em que diferentes individualidades entram em relação, podendo conviver lado a lado com a competição e solidariedade, demonstrando que toda categoria histórica da lógica de cooperação não tem desfechos programados.

Já Velásquez (2002) analisou o processo do JUMAF (Jovens Unidos para a Mobilização da Fazenda Ipanema), grupo de jovens do Assentamento rural da Fazenda Ipanema, localizada no município paulista de Iperó, motivados pela busca de alternativas para geração de renda ambiental socialmente sustentável, sob a luz da Educação Ambiental. Segundo a autora, seria necessário construir uma análise a partir da visão de complementaridade de ações, da compreensão da lógica da ação coletiva dos grupos sociais existentes nas comunidades. Seria necessário também realizar uma análise comportamental sobre as iniciativas, histórias de formação dos grupos locais, das experiências coletivas

vividas pelos agricultores e principalmente das experiências dos jovens da organização JUMAFI.

Diante desse processo, o estudo analisou a formação do grupo e os aspectos da vida diária a partir da investigação qualitativa, utilizando-se entrevistas e a observação do participante. Como conclusão, a autora apresenta uma reflexão sobre os jovens que participam desse grupo, observando que eles estão situados em meio a um conflito, buscando construir novas possibilidades de agrupamento social e alternativas de geração de renda: de um lado, a dificuldade de conviver com uma história política em que foram criados, com a formação do assentamento rural MST e, também, o papel de jovem agricultor que busca se estabelecer economicamente; do outro lado, a força homogeneizadora existente na sociedade, ou seja, os “valores desejados pela sociedade”. Portanto, o processo de formação de grupos reflete esse conflito e os desafios da ação coletiva se deparam com dificuldades internas peculiares da vida juvenil.

No âmbito do desenvolvimento sustentável, Armelim (2002) apresentou a questão como sendo um conceito da atualidade que busca, além dos recursos naturais necessários, também a divisão dos lucros com a toda a sociedade. Porém, o que se vê hoje é a divisão dos problemas sócio-ambientais criados e, a partir dessa constatação, procurou-se conhecer um pouco mais as comunidades do Estado do Amapá para poder embasar as políticas públicas de desenvolvimento do, então, governo do estado.

Foi verificado que a demanda apresentada foi criada pelo próprio governo, ou seja, quando o governo em 1998 solicitou ao Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon) que fizesse um levantamento do setor madeireiro do Amapá. Dessa forma, a realização da pesquisa apoiou-se em dois métodos: o macro-zonamento, utilizando um sistema de informação Geográfica (SIG0) e o levantamento socioeconômico, por meio de entrevistas concedidas por líderes comunitários da área considerada economicamente viável para exploração florestal, no estado do Amapá.

Segundo o autor, a principal reflexão é que para resolução dos problemas encontrados junto à comunidade sobre sustentabilidade das famílias, visando manter as suas tradições e cultura, é necessário um esforço conjunto, por meio do apoio de várias instituições, governamentais ou não. Somente dessa forma, a comunidade poderá permanecer no mesmo lugar de onde vieram seus pais e avós.

No semi-árido paraibano, Leal (2002) caracterizou o Projeto Integrado de Conservação da Caatinga (PICC), desenvolvido no âmbito dos Projetos de Execução Descentralizada (PED), ao focalizar os seus resultados e avaliação a partir da percepção dos

atores sociais que estão ligados diretamente ao projeto, quais sejam: agricultores familiares, técnicos, professores, estudantes, empresários rurais, líderes comunitários, representantes políticos partidários e ONG's inseridos num contexto de desenvolvimento sustentável.

Segundo o autor, o estudo visa à identificação das possíveis contribuições do PICC enquanto Política Pública no gerenciamento ambiental e na qualidade de vida da população envolvida. Por meio do trabalho realizado, foi possível caracterizar a área de abrangência, considerando o meio natural, o processo histórico de ocupação e a organização atual do espaço. Além disso, foram observados o impacto socioeconômico e ambiental do processo histórico de ocupação e caracterizar os atores sociais envolvidos no projeto. Para coleta de dados, foi utilizado questionário com 122 perguntas que foram respondidas por 140 participantes nos municípios de Sousa, Uiraúna, Santa Helena e Triunfo, distribuídos em 32 comunidades. Em seguida, foram selecionados 23 participantes para serem entrevistados por meio do critério idade (50% entre os mais idosos e 50% entre os mais jovens). O instrumento foi um único roteiro.

Como reflexão, a autora apresenta dados que demonstram êxito parcial das metas propostas para o semi-árido paraibano através das atividades Silviculturais, Sistemas Agroflorestais (Silvipastoril, Silviagrícola, Agrossilvipastoril), Ecoturismo no Vale dos Dinossauros e o Programa de Educação Ambiental. Nesse sentido, conclui-se que os objetivos do PICC foram prejudicados devido a questões políticas locais e que o projeto só teve continuidade porque a sociedade civil, demonstrando a força mobilização social, se organizou, caso contrário, não existiria mais.

Em Belo Horizonte, Lima (2002) realizou uma pesquisa sobre a relação entre participação popular, cidadania e capital social, tendo como cenário a experiência de parceria entre governo e comunidade nos Centros de Apoio Comunitários da cidade, assim a pesquisa foi contextualizada na trajetória da participação popular no Brasil do final da década de 70 até os anos 90.

O estudo foi realizado a partir de pesquisa bibliográfica e documental e do estudo de caso de dois centros selecionados para observação e análise e também de entrevistas realizadas com líderes comunitários e agentes governamentais.

Segundo a autora, o foco do trabalho foi a disputa entre o poder público e a comunidade, em torno da criação de um instrumento político-institucional de parceria e procurando compreender como essa experiência tem contribuído para a reorganização dessa relação em modos mais "cívicos".

Como considerações finais, percebeu-se que, mesmo com os avanços alcançados na participação social na década de 90, os velhos vícios, como o clientelismo, o populismo e o corporativismo autoritário, ainda se fazem presentes no âmbito do Estado e da sociedade. Entretanto, a pesquisadora ressalta que somente através de iniciativas que adotem procedimentos solidários, cooperativos e legítimos, será possível desenvolver um processo de educação cívica capaz de superar os vícios autoritários do passado e melhorar a qualidade da democracia.

Perin (2003) estudou a atuação de duas associações em prol de uma cidade mais limpa e bonita junto às associações Recicladores da Esperança e Coletores de Materiais Reciclados. Essas associações são responsáveis pela realização da triagem de resíduos sólidos recicláveis e pela redução do volume de resíduos do aterro de Florianópolis; elas geram renda direta para mais de cem pessoas.

O estudo de Perin visou melhorar os resultados das duas associações e, como conclusão o autor apresenta várias sugestões de melhorias tanto financeiras, como também de saúde dos trabalhadores, segurança e normas de horário e funcionamento de trabalho, por meio do estudo junto às associações. O autor destaca ainda a importância de uma maior consciência e participação do poder público, junto a pessoas que estão à margem da sociedade.

Ainda em Florianópolis, Oliveira (2004) realizou um estudo sobre a Economia Solidária como movimento de resistência ao processo de acumulação flexível e seus reflexos. Abordou também a perspectiva de gênero como importante elemento de análise para a construção de um modelo de desenvolvimento com sustentabilidade e equidade. Nesse sentido, os sujeitos da pesquisa são mulheres e o principal objetivo foi identificar de que forma as iniciativas solidárias possibilitam empoderamento de mulheres. O autor utilizou a pesquisa qualitativa, por meio do método biográfico na modalidade conhecida como trajetória ocupacional, que procura identificar os locais de trabalhos de mulheres integrantes de empreendimentos de economia solidária até que ingressem no mercado de trabalho e gerem renda.

Como conclusão, o autor apresenta a importância de se assessorarem os referidos empreendimentos de Economia Solidária, dado a complexidade que se lhes impõem, bem como o desafio de construir uma proposta contrária a lógica capitalista e da ênfase à economia solidária como um novo espaço sócio-ocupacional para o serviço social.

Preocupada com as questões pertinentes aos Sem-Terra, Loera (2004) discute, em sua dissertação, a busca pelo território que pretendem ocupar e a significação desse território,

desse espaço pelos sujeitos do Sem-Terra. Os estudos, realizados no acampamento Terra Sem Males, chamam a atenção para as redes sociais que ultrapassam fronteiras, para os assentamentos e para a ocupação em massa da terra por meio da instalação de acampamentos. Da mesma forma, as redes sociais (de parentesco, de vizinhança, de amizade e afinidade) parecem sustentar esses assentamentos, uma vez que ultrapassam as fronteiras dos acampamentos e assentamentos organizados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Além disso, essas redes se constituem como estratégia fundamental de ocupação. Pela visão da pesquisadora, a instalação de acampamentos logo após a ocupação configura-se como um ato comunicativo, uma linguagem.

O estudo possibilitou o entendimento do acampamento, das trocas que ocorrem entre seus integrantes, dos processos de ajuda nos quais o principal pano de fundo é o discurso do sofrimento. Como considerações finais, o estudo apontou que os sem-terra aprendem a “linguagem e disciplina da terra” na busca de um projeto de autonomia, de um território, de um espaço próprio.

De outra forma, no complexo contexto social das Favelas da Rocinha e da Maré, D’Ávila (2005) realizou um estudo com a liderança comunitária através da análise do poder pelo referencial teórico de Michel Foucault, focalizando as relações cotidianas da prática da liderança nessas duas comunidades. Para coleta de dados, foram utilizadas entrevista e experiências a partir da convivência com as lideranças comunitárias desde 1997, além de documentos publicados em jornal. A autora reflete, em sua pesquisa, sobre os líderes comunitários, sobre os trabalhos sociais diversos que realizam e sobre o exercício da liderança com representatividade legalmente legitimada através do voto para as associações de moradores de favela. A função principal dessas associações é a de colaborar na mediação de conflitos entre os moradores, nas relações da comunidade e polícia, a influência do tráfico de drogas, do trabalho das ONGs e dos agentes do poder público. O trabalho desses líderes visa manter as forças que atuam entre estes agentes de forma política, evitando a violência e contribuindo para a paz na favela e na cidade<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> O Viva Rio é uma organização não-governamental, com sede no Rio de Janeiro, engajada no trabalho de campo, na pesquisa e na formulação de políticas públicas com o objetivo de promover a cultura de paz e o desenvolvimento social. Fundado em dezembro de 1993, por representantes de vários setores da sociedade civil, como resposta à crescente violência no Rio de Janeiro, o Viva Rio desenvolveu e consolidou uma ampla gama de atividades e estratégias bem sucedidas. O Balcão de Direitos é um projeto montado pela ONG MOVIMENTO VIVA RIO a partir de 1997 para facilitar o acesso à Justiça a comunidades de baixa renda da Cidade do Rio de Janeiro.

Outro estudo realizado no Rio de Janeiro foi o de Mendonça (2005), que investigou a mediação comunitária como ferramenta de acesso à justiça para a população de baixa renda no Brasil. A partir do estudo do funcionamento de três núcleos do “Balcão de Direitos” da ONG Viva Rio, o autor observa que a resolução de conflitos em ambiente institucional, caracterizada pela impositividade do direito, difere da disputa administrada em ambiente informal, no qual a vontade e a cooperação dos pares são os elementos que conduzem a efetividade da lei. O objeto do estudo conforma uma arena interacional, com características peculiares que comportam poder comunicacional, autoridade e legitimidade local.

Ao analisar a atividade dos núcleos de mediação do Balcão de Direitos, nesse contexto, observou-se a vocação para a valorização da cidadania e a mediação comunitária como processo multidisciplinar e transversal orientado para o “empoderamento” dos setores vulneráveis, através do investimento nas formas de “comunicação” entre os interlocutores das possíveis relações sociais. Mendonça conclui que o modelo pelo qual tal enfrentamento poderia ser conduzido, parece, ainda, uma hipótese sujeita a melhor verificação.

No estado da Paraíba, Lima & Moura (2005) analisaram o trabalho dos agentes comunitários de saúde vinculados a dois programas governamentais: o Programa de Agentes Comunitários de Saúde e o Programa Saúde da Família. Nesse trabalho, as agentes que integram as equipes estão voltados à atenção básica em saúde, cuja função é transmitir informações sobre higiene e saúde nas comunidades em que atuam, levantando dados sobre incidência de doenças na população e encaminhando os doentes para atendimento na Unidade de Saúde da Família.

Um dos critérios para que os agentes sejam admitidos no trabalho é que façam parte da comunidade, visto que isso possibilita o estabelecimento de laços mais estreito entre população e equipe.

Assim, a pesquisa contou com 53 Agentes Comunitários de Saúde de 12 equipes do Programa de Saúde na Família, nos municípios de João Pessoa, Campina Grande, Casserengue e Cacimba de Dentro. Foram realizadas entrevistas com lideranças sindicais, enfermeiras e médicos vinculados às equipes e gestores estaduais e municipais.

Diante dos resultados obtidos, o autor chama atenção para a situação de uma nova categoria de trabalhadores: os temporários, não formalizados. Esse tipo de trabalho reflete uma nova forma de implementação de políticas descentralizadas pelo Estado, fora do funcionalismo público tradicional, além do controle social que a comunidade exerce sobre esses agentes, ou seja, políticas públicas e controle social dentro de um novo formato proposto para relações de trabalho no aparelho estatal.

Em um diferente contexto, visando conhecer o perfil de atuação dos líderes comunitários da Pastoral da Criança, da região norte da cidade de Londrina-PR, Lima (2006) realizou um estudo em que foram entrevistados 74 líderes de duas Paróquias e constatou que dos líderes 97% são mulheres e apenas 3% são homens. Considerando aspectos de saúde pública, constatou-se que 59% receberam treinamento em saúde bucal e tiveram a prevenção; 35% foram orientados sobre higienização dos bebês. Nas visitas domiciliares, 62% conversavam sobre saúde bucal e 31% não sabiam como ensinar higienização. Apenas 21% sabem o que é Conselho Local de Saúde e 88% não participou de espaços decisórios de saúde.

De posse desses dados, o pesquisador fez algumas considerações sobre a importância da atuação dos líderes comunitários frente às ações da Pastoral da Criança como elo do processo de construção do capital social, que está sendo gerado, no país, como fruto da movimentação da sociedade civil pró-desenvolvida. Entretanto, existe a necessidade de capacitação política e em saúde bucal para esses líderes, objetivando ações efetivas dos líderes comunitários junto a sua comunidade e contribuindo para a promoção de saúde de forma integralizada.

No município de Magé, no Rio de Janeiro, Dulcetti (2006) mapeou os diferentes grupos que se formam na comunidade do Assentamento Cachoeira Grande e buscou entender as intenções dos grupos nestas formações, pesquisando as práticas sociais do assentamento rural Cachoeira Grande. Para tal, tomaram-se como ponto de partida as relações entre os moradores e as associações de moradores, analisando as relações de lazer e de religião, envolvendo futebol e a Igreja da Assembléia de Deus.

Como fundamentação teórica, utilizou-se o conceito de sociabilidade proposto por Georg Simmel e as interações entre os moradores e a Associação, por meio de entrevistas individuais, coletivas, observação e fotografia. Foram entrevistadas três pessoas, de acordo com a metodologia da pesquisa, porém, recebeu maior destaque a Sr<sup>a</sup> Francisca de Jesus, guardiã da igreja Assembléia de Deus, devido a representatividade em sua localidade.

A autora concluiu que existem duas formas de sociabilidade nesta comunidade. A primeira diz respeito ao ato de reunir a comunidade, seja para o lazer, seja para religião, seja para política, seja na família, etc. Percebe-se que há diferenças no âmbito das intenções, porém o objetivo comum a todos é a manutenção do grupo. E a segunda forma, que possui certa unidade, diz respeito às relações dos moradores com a associação. A autoridade exercida pelas lideranças é vista como forma de preservação da união do grupo e mesmo nas Igrejas mais ortodoxas, que é o caso da Assembléia de Deus, nota-se o respeito que a autoridade da Associação possui.



Considerando aspectos histórico-sociais, Fernandes (2007) buscou compreender como o espaço é construído e reconstruído socialmente por processos históricos constitutivos da dinâmica sociedade/natureza. Como ponto de partida utilizou a realidade vivida pelas comunidades de pescadores artesanais de Meleiras e Barreiras, no estuário do rio São Mateus, litoral norte do Espírito Santo, (Região Sudeste do Brasil). Essas comunidades tiveram seus territórios tradicionais inseridos na dinâmica econômica e nas políticas de conservação da região norte capixaba.

Segundo o autor, toda essa mudança promove a valorização da terra à beira mar e sua escassez, causando sérios impactos sócio-ambientais que alteram a reprodução dos recursos naturais estuarinos utilizados pelos pescadores artesanais, bem como a forma de uso tradicional. Outros agentes de transformação sócio-espacial de Meleiras e Barreira são as especulações imobiliárias, o turismo, a fruticultura e o Estado. Nesse sentido, o autor constatou que os danos socioeconômicos, espaciais, culturais e ambientais causados aos pescadores e à região, como um todo, são infundáveis aos pescadores e meio ambiente. Além da destruição, há também o conhecimento e técnicas historicamente construídas que carregam em si aspectos importantes sobre a relação homem e natureza a serem consideradas tanto na questão ambiental como também na questão da sustentabilidade que, nessa perspectiva, não são levados em consideração. Para Fernandes, o estudo com as comunidades pesqueiras se apresenta como um instrumento, junto à técnica e à ciência, para se pensar o ordenamento do território da zona costeira sob os pilares da proteção ambiental e do desenvolvimento econômico local; pilares estes tão caros à sociedade brasileira.

Interessado nas origens e nas motivações da ocupação irregular de terra, Silveira (2007) realizou uma pesquisa com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), surgido em 1984, como reação a exclusão social e econômica pela qual passavam os trabalhadores rurais. Em uma perspectiva, sobretudo, sociológica, alguns autores acreditam que os membros desse movimento não conseguiram acabar com a tutela do meio rural, contudo, mudaram sua forma e, além disso, acreditam na inexistência de um sujeito autônomo no movimento. Outros acreditam que o MST desenvolveu a própria forma de educar e gerar sujeitos sociais, conscientes de suas ações, entendendo que a luta transcende à questão da terra.

Dessa forma, a pesquisa procurou analisar como ocorre a construção do sujeito no movimento, levando em consideração as posições polarizadas, histórico das lutas e o camponês na sociedade brasileira atual. Assim, a observação se deu a partir das mudanças ocorridas nas vidas dos integrantes do MST, após se integrarem ao movimento, bem como

suas potencialidades, empoderamento, compreensão do significado pela luta. A pesquisa limitou-se a um estudo de caso do Assentamento Eldorado dos Carajás, na região do Leblon Régis, em Santa Catarina, não sendo representativo do movimento como um todo; apenas consistiu num esforço de entender os aspectos supracitados a fim de contribuir para a discussão e o avanço das pesquisas relacionadas ao tema, em especial a democratização rural.

Preocupados com a geração de renda nas comunidades carentes, Fabbri e Ribeiro (2007) analisaram a implantação do Programa Renda Familiar Mínima (PGRFM) na comunidade Guarani do Morro da Saudade (distrito de Parelheiros), município de São Paulo. A pesquisa foi realizada com 67 famílias indígenas da aldeia, inseridas no PGRFM, entre 2003 e 2004. Foi utilizada como instrumento a pesquisa qualitativa, por meio de observação participante, avaliação de documentos oficiais e correlatos e entrevista aberta com roteiro norteador.

Os autores observaram que, apesar da comunidade indígena estar inserida na sociedade do consumo, guarda valores coletivos e sociais incompatíveis com as características do PGRFM e concluíram que a Lei Básica de Cidadania seria mais adequada ao mundo indígena se adaptada e regulamentada e contando com a participação da própria comunidade indígena.

Finalmente, Dutra (2007) examinou a influência das atividades dos líderes voluntários da Pastoral da Criança no desenvolvimento local, de forma integrada e sustentável. O autor contextualizou o trabalho voluntário no Brasil e, em particular, no Estado do Paraná, identificando as principais características das organizações da sociedade civil que compõem o chamado Terceiro Setor (conjunto de organizações não governamentais, movimentos sociais, associações comunitárias, fundações e organizações filantrópicas). Além disso, também abordou temas ligados à sustentabilidade e ao desenvolvimento local. Nesse sentido, por meio de estudos de caso, descreveu e analisou as atividades desenvolvidas pelos voluntários da Pastoral da Criança nas comunidades em que atuam, utilizando observação, visita, entrevista e questionários com coordenadores de projetos e líderes voluntários.

Segundo o autor, foi possível inferir que houve influência positiva da atuação destes líderes no desenvolvimento das comunidades em que atuam com base nos indicadores de mortalidade e desnutrição infantis, bem como no número de gestantes acompanhadas por estes líderes. O pesquisador ressalta que a forma de gestão desse trabalho realizado com pessoas voluntárias é fator de sucesso dessa organização, enfatizando que a capacitação de líderes comunitários pertencentes às localidades contribui para o desenvolvimento local.

Percebe-se que os estudos apresentados tratam de líderes, agentes, assentamentos e grupos populares. Trazem sem dúvida, uma contribuição para o entendimento dos vários grupos, para melhoria de qualidade de vida de algumas comunidades, apresentam avaliações de programas públicos de emprego e renda, programas de organizações não governamentais, movimentos populares, impactos positivos e negativos de determinado programa implantado em comunidades tradicionais, visando o resgate de valores culturais e históricos, valorizando as comunidades pesquisadas. Entretanto, não localizamos, nessa extensa revisão de artigos, dissertações e teses, estudos específicos sobre os princípios éticos que regem a ação do líder comunitário, na perspectiva do desenvolvimento moral de Piaget e Kohlberg. No que se refere aos estudos sobre o desenvolvimento moral, realizados com adultos, encontramos várias contribuições, conforme descritas no tópico anterior, mas, em nenhuma delas, o sujeito é o líder comunitário.

#### **1.4 O problema de pesquisa e os objetivos do estudo**

O primeiro contato que estabeleci com os líderes comunitários ocorreu três anos depois que conclui o Curso de Licenciatura em Pedagogia em 2005; fui trabalhar com um projeto dentro do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), no município de Limeira, chamado Formatos Brasil, um Programa de Desenvolvimento Comunitário, cujo objetivo é formar atores sociais para o desenvolvimento comunitário. A idéia central desse projeto é que o participante construa sua formação, interagindo em Redes Sociais com seus pares, adequando os conhecimentos adquiridos à sua organização e comunidade.

É importante ressaltar que as comunidades citadas nesse estudo, e que integraram o Programa de Desenvolvimento Comunitário, sempre foram comunidades ativas e com lideranças ativas em suas localidades. O intuito do programa, na realidade, foi capacitar esses líderes, com objetivos de organização e gestão de seus projetos sociais, maior esclarecimento na busca de futuros parceiros éticos e responsáveis socialmente, além de torná-los aptos na negociação para captação de recursos físicos, humanos e financeiros, tão necessários ao bom andamento e manutenção dos projetos, uma vez que, o trabalho de todas as lideranças é voluntário. Entretanto, para que os projetos se mantenham, existem muitas necessidades materiais.

Partindo desse programa, colocamos em prática a Rede Social em janeiro de 2006, a fim de fortalecer os atores sociais na defesa de suas causas, na implantação de projetos e na

promoção de suas comunidades, visando construir novos compromissos alicerçados no interesse da coletividade. Iniciou-se, então, o trabalho com essas lideranças, por meio de reuniões mensais, nas quais sempre foram discutidos os mais diversos assuntos relativos às melhorias para o bairro, cidade e região, cujas quais eram (e ainda são) coordenadas pelas próprias lideranças.

A minha participação nesse projeto, enquanto pedagoga, colocou-me, portanto, em contato com os líderes comunitários, que recebem essa denominação não só por participarem de associações de moradores ou demais organizações de base mas, principalmente, pela representatividade deles na comunidade. O líder comunitário traz consigo a pluralidade cultural, as ricas experiências vividas no cotidiano das comunidades, bem como a escolha de representantes nas associações de bairro, nos conselhos de saúde ou de segurança da cidade, a participação nos projetos culturais, a geração de renda, a reivindicação de melhorias nas praças públicas (da escola que deveria ser construída em determinada região, do asfalto que não foi feito ou a criação de uma biblioteca no bairro). A ação do líder comunitário contempla, também, as atividades de incentivo à pesquisa e a divulgação de serviços públicos, os quais, muitas vezes, a população não tem acesso.

O fator que chamou minha atenção foi o fato de que líderes comunitários, em sua maioria, exercem uma atividade desvinculada de ações partidárias. Por pertencerem a classes sociais menos privilegiadas economicamente; diante de tantas desigualdades sociais, tornam-se ativos e motivados a agir pelo interesse de todos; pessoas que conversam, discutem e buscam estratégias, por meio do diálogo, para resolver o problema da comunidade na qual estão inseridos. O diálogo, ou dialogicidade, como dizia Freire (1982), é o princípio que rege as ações desses atores sociais. Esse diálogo que propicia à reflexão, o questionamento, a crítica e possibilita a mudança e/ou a transformação da comunidade.

Considerando essas reflexões, cabe observar que o líder comunitário exerce o papel de educador popular dentro de um contexto social marcado por injustiças e desigualdades, demonstrando, por meio das conquistas, das lutas, do engajamento social e político, que a existência de barreiras não é empecilho para que se faça a diferença no espaço de convivência.

Dessa forma, essa educação informal ou comunitária se apresenta enquanto um caminho para formação do sujeito ético, autônomo e livre para pensar, ou seja, na relação entre a educação popular e a comunidade é possível encontrar espaços em que a democracia se constitua enquanto um modo de vida e não apenas como um conceito formal.

Em uma sociedade em que “o apelo para a vida individualista é visto como o ideal de bem estar em nossa sociedade” (MILITÃO, 2003, p.6) e, por essa razão, prevalece o interesse particular e o lucro como objetivo principal, o trabalho coletivo é algo que foge dos padrões comportamentais. Entretanto, deparamo-nos com um grupo que tem algo em comum: a participação efetiva nos problemas da comunidade, partindo do princípio, ao que parece, de que a participação de todos é condição essencial para a melhoria da qualidade de vida e, de acordo com o autor: “a vida em comunidade [...] não suprime a pessoa em favor do grupo, mas respeita a contínua tensão entre o eu e o nós e, com isso, instaura, necessariamente o diálogo e o respeito como forma de convivência” (MILITÃO, 2003, p.6).

O fator intrigante é que a falta de oportunidade, de condições adequadas de vida, moradia, saúde e educação não os fazem desistir. Pelo contrário, servem para impulsioná-los à luta diária por melhores condições. Em outras palavras, eles organizam ações coletivas em prol do bem comum, submetendo, muitas vezes, os seus interesses particulares em função do interesse do coletivo, sem receberem nenhum tipo de remuneração. Essa inquietação despertou a necessidade de compreender não a ação em si, mas, o que move a ação dessas pessoas simples que, mesmo com pouca ou nenhuma escolaridade, são pessoas que doam o seu tempo para lutar pelo interesse da coletividade e transformar a realidade em que vivem; pessoas que conversam, discutem e buscam estratégias para resolver o problema da comunidade na qual estão inseridos.

Dessa forma, as questões de pesquisa propostas nessa dissertação são: O que move a ação do líder comunitário em prol do bem comum? Quais os princípios éticos subjacentes a sua ação?

Os objetivos que permearam a realização desse estudo foram, respectivamente:

- a. Desvelar as motivações que permeiam a ação dessas pessoas em prol da coletividade;
- b. Evidenciar, no discurso do colaborador, os princípios éticos subjacentes às ações do líder comunitário.

## CAPÍTULO II

### 2 QUADRO TEÓRICO

#### 2.1 A construção da noção de justiça enquanto conceito fundamental para a convivência democrática

Para Piaget (1994), a justiça é uma regra racional necessária para manter o equilíbrio entre as relações sociais. O autor detalhou todo o processo de construção da noção de justiça, explicitando suas etapas evolutivas e estabelecendo uma conexão entre a construção da noção de justiça e as etapas evolutivas da prática e da consciência da regra. Evidenciou também a existência da moral da heteronomia e a moral da autonomia, ambas construídas na e pela relação social.

Ele esclarece, ainda, que na moral da heteronomia a criança pequena acredita que, quando desobedece, é automaticamente punida por alguém superior ou por outras instâncias, como Deus, anjos, demônios, etc. Essa “justiça imanente” (PIAGET, 1994, p. 192) vai, aos poucos, sendo vista como insuficiente, na medida em que as crianças vão se tornando mais velhas e se desenvolvendo intelectualmente. Isso possibilita que elas compreendam que as conseqüências de seus atos não estão condicionadas a fatores “divinos”. A sanção automática evolui, então, para a sanção expiatória e dá origem a uma nova concepção de justiça: a justiça retributiva.

A sanção expiatória caracteriza-se por seu aspecto arbitrário, pois não há relação alguma entre o conteúdo da sanção e o ato a ser sancionado, ou seja, trata-se de punições que têm por objetivo fazer com que o sujeito não volte a repetir tal ato. Essa ausência de relação entre o tipo de sanção aplicada e o ato infracionário pode ser exemplificado nas situações em que ocorrem a retirada ou a proibição daquilo que o sujeito mais sente prazer: proibi-lo de participar de sua atividade preferida e/ou privá-lo de algo que não apresenta ligação direta com o ato cometido (como não ter festa de aniversário em virtude de um desempenho ruim na escola ou pelo fato de a professora tê-lo chamado a atenção durante as aulas).

A convivência com adultos que procuram pautar as interações sociais na e pela cooperação possibilita a evolução da sanção expiatória (primeiro nível evolutivo da justiça retributiva) para a sanção por reciprocidade que, embora ainda sendo parte da justiça retributiva, apresenta a coerência, a relação, entre a sanção e o ato infracionário. A sanção por reciprocidade caracteriza-se por possuir o mínimo de coerção, estabelecendo uma relação

natural ou lógica entre aquilo que a criança fez e a atitude que o adulto toma. Esse tipo de sanção está diretamente relacionado com o ato a que se deseja sancionar, como pedir a uma criança que riscou uma parede, que a limpe; para a criança que rasgou um livro, solicitar ajuda para recuperá-lo ou mesmo que o faça sozinho; deve-se considerar ainda, que a natureza do procedimento sofre variações de acordo com a faixa etária da criança, devendo, portanto, ajustar-se à idade do sujeito. Esse tipo de sanção parece mais adequada e mais positiva na construção da autonomia, pois, ao contrário da sanção expiatória, que reforça a heteronomia, esta vai ao encontro da cooperação e da igualdade propiciando as condições adequadas para a evolução da justiça retributiva para a justiça distributiva.

A justiça distributiva, ao contrário da retributiva, implica na construção do conceito de igualdade, conceito este que apresenta duas características evolutivas distintas: igualdade enquanto direito e igualdade enquanto equidade.

Segundo Piaget, a criança, por volta dos sete e/ou oito anos, constrói a noção de igualdade enquanto direito, concebendo-a enquanto tratamento igual a todos, sem considerar as circunstâncias pessoais dos indivíduos. Isso fica claro quando o pesquisador utiliza um dilema hipotético, cujo enredo aborda uma situação na qual a mãe dá um pedaço de pão a cada filho e um deles derruba o alimento na água. O autor questiona o seguinte: é justo dar outro pedaço de pão à criança que o derrubou? Entre as respostas emitidas, as que elucidam esse nível evolutivo de justiça são aquelas que consideram injusto dar outro pedaço de pão à criança que o derrubou na água. Argumentam que todos receberam, igualmente, um pedaço de pão e, nesse caso, se a mãe der outro pedaço a essa criança, ela terá recebido dois pedaços, ao invés de um.

A noção de igualdade enquanto equidade implica na construção da capacidade de enxergar o outro, de compreender e respeitar as diferenças individuais analisando a situação particular de cada um. Essa evolução no conceito de igualdade propicia, segundo a nossa perspectiva, as condições adequadas para a construção das virtudes. E como definir virtude?

Aristóteles (1973) a definiu como disposição para fazer o bem. Assim, a virtude (em grego, *aretê*) é a própria condição humana voluntária que visa a excelência, a superação e a perfeição. Assim, as virtudes envolvem sentimento e ação. E, é somente o exercício que pode possibilitar a construção das virtudes, é necessário então, que ocorra uma educação para as coisas consideradas corretas, esse é um ponto fundamental que interessa, tanto a educação formal, quanto a informal.

A excelência da moral, então, está relacionada com o “meio termo” ou “mediania”, como apresenta a teoria aristotélica, e, pensando nas virtudes, é importante preservar o

equilíbrio para que o indivíduo possa realizar as melhores ações, as corretas, e para que seja um homem feliz em sua plenitude (*eudaimonia*). O fim de todos os nossos atos, portanto, deve ser à procura do bem, a felicidade que se identifica com o próprio bem; o fim de todas as suas instituições nada mais é que meios para tal fim. Pensando nesse excelência é possível uma tentativa de aproximar a máxima Kantiana “ Age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na tua pessoa, como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca como na pessoa de qualquer outro, sempre simultaneamente como fim e nunca simplesmente como um meio.” (Kant, 1995, p.69). Esse é um pensamento que demonstra a importância do agir pensando no outro, ou seja de forma autônoma e recíproca, desde que existam condições para que a reciprocidade aconteça.

Segundo Alasdir MacIntyre (2001), a noção que existe uma relação, quase simbólica, entre as tradições culturais e éticas da comunidade e do indivíduo demonstra que as virtudes só podem prosperar em comunidades que favoreçam a sua promoção, uma vez que, em muitas comunidades este incentivo não existe.

Dessa forma, o tema “virtudes” é universal e humano, pois, são as virtudes que possibilitam uma leitura de valor ao homem, seja dele próprio ou dos outros, apontando para qualidades nos homens que são apreciadas por todos. Para esse trabalho, se fez necessário a apresentação de um quadro sobre as possíveis virtudes subjacentes às ações do líder comunitário. Para tanto, sentiu-se a necessidade de organizar os conceitos e idéias das virtudes, baseando-se em Conte-Sponville (1995), em seu livro “Pequeno tratado das grandes virtudes”. É válido lembrar que o quadro apresenta uma síntese do conceito desenvolvido no trabalho em questão, pensando nos princípios éticos que regem a vida em comunidade e as virtudes que foram brotando nas falas das lideranças.

#### QUADRO 01 — VIRTUDES MORAIS

VIRTUDES MORAIS	COMO ELAS SE DÃO?
<b>Coragem</b>	A coragem se torna uma virtude, quando está a serviço de outrem ou de uma causa geral e generosa. A coragem é pessoal e é necessário coragem para sofrer, para lutar, para suportar as adversidades, para enfrentar e para perseverar.
<b>Justiça</b>	Como valor de igualdade e equidade, não apenas como justiça de fat da legalidade.



<b>Generosidade</b>	Generosidade é agir não em função de um texto ou de uma determinada lei, mas além das leis, do interesse e em prol do humano, de acordo com as exigências do amor, da partilha.
<b>Compaixão</b>	Compaixão significa participar do sentimento do outro, sem julgamento de que razões levam a esse sofrimento, se boas ou más; é a recusa em considerar o sofrimento humano, a crueldade e ficar indiferente a ele.
<b>Misericórdia</b>	A misericórdia, no sentido de perdão, triunfa sobre o ressentimento, sobre o ódio, rancor, desejo de vingança ou punição.
<b>Gratidão</b>	A gratidão é dom, é partilha, é amor; dá alegria a quem o alegra, nutre a generosidade. É o amor e a crença em Deus, em um amigo, no mundo, em um desconhecido, se regoziza com o agradecer.
<b>A boa-fé</b>	A boa-fé é uma fé no duplo sentido do termo, isto é, uma crença e, ao mesmo tempo, uma fidelidade no que se crê. É o querer que exista entre os homens e dentro de cada um deles o máximo de verdade possível.
<b>Amor</b>	O amor existe além de qualquer dever e coerção, é o próprio bem, o amor ao próximo, é a prática do bem de forma espontânea.
<b>Pureza</b>	A pureza é o amor sem cobiça, é amar a beleza de uma paisagem, a fragilidade de uma criança; não existe como propriedade do real, mas como modalidade do amor.
<b>Tolerância</b>	A tolerância é uma virtude que exige, de quem a pratica, um ato de bravura, heroísmo ou mesmo a paciência e compreensão do outro em questões cotidianas e o uso da argumentação no lugar da força física ou psíquica, respeitando a dignidade humana.

## 2.2 A contribuição de Kohlberg

Os trabalhos de Lawrence Kohlberg (1929-1987) são considerados uma continuidade dos estudos realizados por Piaget. O pesquisador entrevistou crianças e adolescentes de 10,13

e 16 anos, aprofundou a teoria do desenvolvimento moral identificando três níveis evolutivos e seis estágios desenvolvimento do raciocínio moral: nível pré-convencional (estágio 1 e 2), convencional (estágio 3 e 4) e pós-convencional (estágios 5 e 6).

No Nível pré-convencional, os indivíduos ainda não chegaram a entender e a aceitar as regras da sociedade, mas para que haja esse entendimento é necessário que os indivíduos aceitem os princípios morais que sustentam essas regras. Ao não compreendendo as regras e as expectativas da sociedade, o indivíduo pré-convencional entende que as regras sociais são algo externo a ele. Assim, segundo Kohlberg (1989), nesse nível encontram-se a maioria das crianças com menos de nove anos, alguns adolescentes e muitos criminosos adolescentes. O estágios 1 e 2 correspondentes a esse nível são: Estágio 1 (Orientação para punição e obediência (moralidade heterônoma) e Estágio 2 (Hedonismo instrumental relativista).

O Estágio 1 é o mais básico dos estágios: os sujeitos entendem que os atos punidos estão moralmente errados, mas se tais atos não forem punidos é porque os mesmos estão moralmente corretos. Essa orientação não considera as conseqüências dos atos em detrimento da ação, não percebe a diferença de interesse e não coordena dois pontos de vista. O Estágio 2, é um estágio no qual os indivíduos defendem sempre os próprios interesses e desejam sempre que o outro faça o mesmo, percebendo, dessa forma, que todos tem interesses a conquistar. Assim, a cooperação é entendida como divisão de tarefas, ou seja, a cooperação existe desde que cada um faça a sua parte. Esse estágio apresenta-se como um estágio egoísta, no qual a moral é relativa e o ato moral é visto para satisfazer as suas próprias necessidades.

Dentro dessa perspectiva da moralidade heterônoma, a reciprocidade não é entendida como partilha, mas sim como troca, no sentido de que “eu só farei por você, se você fizer por mim”. O bem, nesse sentido, é relativo e a ação correta é a que satisfaz as necessidades próprias do sujeito e não do coletivo.

Quanto ao nível convencional, “o eu se identifica com as regras e expectativas dos outros, e especialmente das autoridades, ou até as interioriza” (KOHLBERG, 1989, p. 74, tradução nossa). Isso significa que a ação moral se encontra no comportamento que está de acordo com a ordem social. Também de acordo com o pesquisador, os sujeitos pertencentes à faixa etária de nove a vinte anos de idade, aproximadamente, apresentam argumentos que identificam raciocínio moral dentro deste nível evolutivo; para esses indivíduos existe a preocupação de respeitar a lei em uma perspectiva de membro da sociedade, pois as leis e as normas sociais devem proteger a sociedade em seu conjunto. Nesse caso, os indivíduos no nível convencional, entendem que “ir contra a lei” pode colocar a ordem social em perigo e, nessa perspectiva, o indivíduo é obrigado a cumprir seus contratos sociais, dentre os vários

papéis que exerce na sociedade (como bom marido, bom profissional, enfim, “bom” cidadão). Este nível apresenta os seguintes estágios: Estágio 3 (Moralidade do bom garoto, de aprovação social e relações interpessoais) e o Estágio 4 (Orientação para a lei e para ordem).

No Estágio 3, a visão do indivíduo é egocêntrica e realiza a ação correta implica em agir conforme as normas para obter a aprovação alheia. A moralidade aqui é a do conformismo e da visão egocêntrica. Nesse tipo de moralidade, o indivíduo é capaz de assumir o papel das pessoas com as quais ele possui mais ligação, mas não é capaz de resolver um conflito. Para o indivíduo deste estágio evolutivo, ser bom significa manter relações mútuas de confiança, lealdade, respeito e igualdade. Nesse contexto, “o indivíduo é consciente dos sentimentos, acordos e expectativas comuns, que prevalecem sobre os interesses individuais. Dessa forma, relaciona pontos de vista, mas, não considera uma perspectiva do sistema generalizado”. (KOHLBERG, 1989, p. 80, tradução nossa).

O Estágio 4 caracteriza-se pela orientação para lei e para ordem. Nesse estágio, o indivíduo deve cumprir o dever, pois existe o respeito pelas regras, pelas autoridades e pela ordem social. Segundo Kohlberg, a lei é defendida e mantida pelo indivíduo desse estágio desde que não entre em conflito com os outros deveres sociais estabelecidos. Dessa forma o indivíduo nesse estágio “considera e adota o ponto de vista do sistema que define as regras e os papéis e considera as relações individuais em função de seu lugar no sistema” (KOHLBERG, 1980, p. 80, tradução nossa). De outra forma, o indivíduo considera a si mesmo e aos outros como parte de um sistema social mais amplo, onde todas as pessoas devem cumprir seus deveres, o que difere do estágio 3 é que no estágio 4 o indivíduo “não considera uma perspectiva generalizada do sistema”. (KOHLBERG, 1989, p. 80, tradução nossa).

Sobre o Nível Pós-Convencional, o estudioso faz uma explicação e um paralelo entre diferenças básicas existentes, quando apresenta que os indivíduos no nível pré-convencional não são capazes de compreender as regras, expectativas convencionais ou sociais e, nem as defende; ele afirma que “o nível III é de uma pessoa pós-convencional, que diferencia seu eu das regras e expectativas dos outros e define seus valores em função dos princípios escolhidos por ela, sem pressão da autoridade, e das regras”. (KOHLBERG, 1989, p. 74, tradução nossa).

Dessa forma, algumas pessoas que estão no nível pos-convencional compreendem e aceitam as regras da sociedade. No entanto, antes de decidir por essa aceitação, existe uma reflexão sobre em que se baseia essa formulação e a compreensão e aceitação dos princípios morais de caráter geral que estão por trás dessas normas são fundamentais para tal decisão. Em alguns momentos, esses princípios entram em conflito com as normas da sociedade e,

nesse caso, o “indivíduo pos-convencional julgaria por um princípio, mais que por uma convenção”. (KOHLBERG, 1989, p. 73, tradução nossa).

Isso significa que esses indivíduos passam a julgar de acordo com seus princípios, em uma reflexão consciente e não apenas pelo que é convenção da sociedade. Dessa maneira, essa reflexão sobre a moralidade em nossa sociedade é analisada de forma crítica por esses indivíduos de acordo com os princípios e valores universais e não por princípios e valores apresentados por determinado grupo como regras sociais. Nesse nível, as leis são entendidas pelos indivíduos, enquanto instrumentos para aprofundamento dos valores morais. Segundo Kohlberg (1989), encontra-se nesse nível de julgamento uma minoria de adultos com idade aproximada de vinte a vinte e cinco anos, que tem a conduta considerada correta .

Quanto à perspectiva social, a pessoa que está do nível pos-convencional é “um indivíduo que considera os pontos de vista morais e legais; reconhece que às vezes entram em conflito e que resulta na dificuldade em integrá-los” (KOHLBERG, 1989, p. 80, tradução nossa). Nesse contexto, esse sujeito tem compromisso moral, respeita as normas, desde que seja baseada em uma sociedade justa e igualitária; assim, alguns valores e direitos não podem ser relativos: valores como a vida e a liberdade devem ser defendidos, pensando no bem de todos. Os Estágios que correspondem a esse nível são dois: Estágio 5 (Orientação para o contrato social) e o Estágio 6 (Princípios universais de consciência).

No Estágio 5, os indivíduos compreendem que os costumes e leis que não são justos e, por isso, podem ser modificados. O simples fato de ser lei não a considera válida, uma vez que, para tal, a lei deve ser justa. Assim, os meios legais e contratos democráticos são procurados visando mudanças. Os indivíduos compreendem que as pessoas têm costumes variados, bem como valores e opiniões variados e relativizados ao grupo social ao qual pertencem. Esses indivíduos são capazes de pensar o julgamento moral e discutir a questão filosófica “do que é moral”, questionando conceitos de Lei e de Obrigação e Moralidade da Lei. Além disso, eles possuem condições de definir o esboço de uma sociedade ideal e a obediência à Lei é vista como parte de um contrato entre o cidadão e a sociedade, prevalecendo a igualdade, o direito, os deveres e a responsabilidade. Segundo Kohlberg, nesse estágio o indivíduo adota a perspectiva para além da perspectiva da sociedade e, dessa forma, ele é consciente de que alguns valores e direitos são anteriores aos laços e contratos sociais (KOHLBERG, 1989, p. 21). É com base nessa reflexão que o sujeito no estágio 5 compreende as leis e a sociedade.

O Estágio 6 é o mais avançado dentre os apresentados. É nesse estágio que o indivíduo reconhece os princípios morais universais. Caso as leis não possam ser modificadas, ele

continua resistindo às leis injustas. Nesse sentido, age por princípios construídos por ele mesmo e o julgamento moral é pautado pela equidade e pela reciprocidade na distribuição dos direitos e deveres. Ele apresenta, portanto, a moralidade da desobediência civil, na qual o pensamento pós-convencional atinge seu nível mais elevado. Assim, se as leis forem injustas e não puderem ser modificadas pelos canais democráticos, ainda sim os indivíduos nesse nível resistem. Esses indivíduos são todos aqueles que não se conformam com os poderes estabelecidos e com a autoridade, permanecendo fiéis aos seus princípios, de justiça para todos. Alguns exemplos de pessoas nesse estágio são apresentados. Kohlberg cita “pessoas como Martin Luther King, Gandhi como líderes morais que representariam esse nível superior de moralidade baseada nos princípios irrenunciáveis da justiça e direitos das pessoas, na qual se busca atuar em coerência com esses princípios” (KOHLBERG, 1994, p. 134, tradução nossa). Segundo o autor, é nesse estágio que o indivíduo representa o nível de pensamento mais elevado, mas apenas um número muito reduzido de pessoas é que apresenta tal raciocínio.

É importante lembrar que Kohlberg em seus estudos sempre afirmou que esses princípios não devem ser vistos como regras concretas, mas sim devem ser vistos como um orientador, ou um guia moral abstrato que deve ser aplicado em todas as situações em que surgem conflitos morais.

Em síntese, nos estágios iniciais do nível pré-convencional 1 e 2 não existe ainda uma internalização de princípios morais. Os atos são julgados pelas conseqüências e não pelas intenções. No estágio 3 do nível convencional, o indivíduo age para obter aprovação alheia, enquanto, no estágio 4, ele respeita as leis estabelecidas. É apenas no nível pós-convencional que o indivíduo começa a questionar se as leis são justas ou não. O estágio 6, que alude ao pensamento moral mais elevado, representa também uma orientação moral mais universalista.

A avaliação do estágio de Kohlberg é feita por meio da análise de respostas a dilemas morais. O autor procurou, em suas pesquisas, analisar como as pessoas usavam raciocínio para elaborar uma posição diante de questões ou problemas morais. Colocou como foco fundamental de seu trabalho diversas histórias hipotéticas destinadas a crianças, jovens e adultos, considerando nessas hipóteses (ou dilemas morais) o posicionamento do indivíduo, no qual o texto contemplava o conflito entre dois princípios éticos. As pessoas colocadas frente a esses dilemas morais obrigatoriamente deveriam tomar uma decisão e optar por um dos princípios de modo que efetuassem, nesse sentido, o julgamento moral e justificassem o porque dessa escolha.

O objeto de investigação de Kohlberg foi exatamente argumentar e entender as razões que levavam o indivíduo a optar por determinado princípio ou por outro. Esse estudo possibilitou a identificação do nível do raciocínio moral utilizado pelo indivíduo. Assim, o autor apresenta os estágios de moralidade, que também perpassam pela dimensão da heteronomia-autonomia e explica que “para compreender o estágio moral, convém situá-lo em uma seqüência de desenvolvimento da personalidade. Sabemos que os indivíduos passam pelos estágios morais, de um em um avançando desde o nível mais baixo (estágio 1) até o mais alto (estágio 6)” (KOHLBERG, 1989, p. 71, tradução nossa). Dessa forma, a preocupação de Kohlberg está na estrutura de raciocínio moral do sujeito, analisando o discurso e não o conteúdo de suas argumentações.

### 2.2.1 A comunidade justa

A partir desse trabalho, Kohlberg e outros pesquisadores começaram a discutir a importância de se complementar a técnica dos dilemas morais utilizando dilemas morais reais do cotidiano escolar, pois a capacidade de raciocinar e chegar a decisões morais não poderiam ser garantia de comportamento moralmente responsável. Kohlberg, em 1974, planejava realizar um programa para professores na escola Cambridge com diversos planos de estudo sobre moral baseados na discussão e outro programa, um ano depois, para que pudesse criar um sistema de “comunidade justa”. As escolas de Cambridge eram consideradas atrativas pela diversidade racial e social do público escolar, porém, alguns acontecimentos na escola levaram Kohlberg a uma mudança de planos: “por sugestão do inspetor das escolas de Cambridge, um grupo de pais convidou Kohlberg para assessorar o planejamento de uma nova escola alternativa”. (REIMER apud KOHLBERG, 1997, p. 82).

O trabalho teve início devido ao aumento do número de estudantes da escola Pilot Scholl, de 60 para 180 alunos, sendo que 55 candidatos estavam na lista de espera. Um grupo de pais se organizou e propôs a comissão para essa escola alternativa. Assim, quando Kohlberg se reuniu com esses pais, alunos e professores, apresentou suas idéias sobre a comunidade justa e todos se interessaram pelo tema e ele foi convidado para fazer parte da comissão de governança. Foram organizados alguns princípios para o regimento da nova escola e em setembro do mesmo ano tem início a nova escola de Cluster – com reuniões democráticas, comissões permanentes integradas por pais, alunos e professores, contrato

social com as responsabilidades e direito de cada um, a liberdade de expressão e o respeito mútuo. Dessa forma, são iniciados os trabalhos com dilemas reais.

O ponto central dessa teoria é a transformação social, enfatizando a questão da democracia e aprofundando os estudos sobre dilemas morais. Kohlberg visitou, em Israel, o Kibutz Sassa, uma escola de segundo grau para crianças pobres, e pôde testemunhar o forte senso de comunidade e socialização dos jovens. A partir disso, desenvolveu um método de práticas democráticas, observando que a ligação social e o cuidado com os outros eram fundamentais para a educação moral.

Segundo Reimer, de acordo com os pressupostos kohlberguianos na teoria da comunidade justa, todos os membros devem ter o sentido de pertencimento e é o valor da solidariedade do grupo que faz com que o grupo entre pares funcione como uma autoridade moral para seus membros (REIMER apud KOHLBERG, 1997). Dessa forma, apresenta-se a idéia de democracia e de igualdade para todos os membros e que, na comunidade justa, o que todos têm em comum é a construção da própria comunidade. É importante perceber que o fundamental é o trabalho realizado pelo grupo e para o grupo, com objetivos e propostas comuns em benefício da coletividade e não com objetivos individuais. Pode-se afirmar, portanto, que o valor comunitário está ligado ao valor que a comunidade dá ao seu grupo, valorizando a solidariedade e o comprometimento das pessoas com a vida de todos. Em outras palavras, além de uma consciência de grupo, há também objetivos comuns, uma vez que, os grupos só surgem a partir desses objetivos.

Nessas reuniões, existem os fóruns para a tomada de decisões democráticas, algo que configura o maior ritual para construção e elaboração de normas, valores e ideais que servem para fortalecer o senso de comunidade. E, sobre as normas que são estabelecidas, é importante enfatizar o que elas representam nesse contexto, assim:

as normas coletivas de comunidade são o cuidado, a confiança, a integração, a participação, a publicidade, a responsabilidade, coletiva e o vínculo com a comunidade. Essas normas sustentam o valor intrínseco da comunidade; essa decisão tem por objetivo a criação da harmonia dentro do grupo como comunidade. As normas coletivas da comunidade valorizam as relações entre indivíduos com o grupo e do grupo com o indivíduo (REIMER apud KOHLBERG, 1997, p. 143, tradução nossa)

É percebido que o ideal da comunidade justa, se aplicado ao dia a dia, com objetivos claros e bem definidos, contribuiria demasiadamente para a construção de um cenário educacional e social diferente, no qual todos os seres humanos ganhariam com um projeto em comum e vivenciaríamos a democracia como membros de direitos e deveres iguais. Todos os

envolvidos ganhariam, aprenderiam e ensinariam por meio do respeito mútuo e da cooperação. Quando todos os envolvidos trabalham em conjunto e cooperam entre si, são criados laços de solidariedade e fraternidade e são valorizados os princípios éticos, morais e democráticos. Dessa forma, “todos os grandes educadores, desde Platão em diante, tem reconhecido que as comunidades justas são necessárias para o desenvolvimento moral das pessoas e para o futuro de uma sociedade baseada na equidade e na amizade cívica”. (BERKOWITZ, 1997, p. 335, tradução nossa).

Da mesma forma, no que diz respeito aos ideais de uma comunidade justa e democrática e às decisões democráticas, é válido lembrar o que princípios éticos e morais são o real significado da democracia. Conforme diz John Dewey, a democracia é um regime político, um sistema de governo que, inúmeras vezes, tem o significado à máxima de que “vivemos em um país democrático” (DEWEY, 1939 apud FRANCO; POGREBINDCHI, 2008, p. 133). No entanto, compreende-se que o direito de voto, eleições, a liberdade de expressão, de crença, o direito a escolha, a troca de chefes políticos nos governos e a liberdade de organização social e política encerram a significação da democracia. Assim, a democracia significa muito mais que votar, é um processo de “comunicação moral” que implica avaliar os próprios interesses e necessidades, escutar e tratar de entender aos demais e conciliar pontos de vista conflitivos de maneira justa e cooperativa” (REIMER, 1997, p. 46, tradução nossa).

Ao pensar em uma democracia que vá além do seu significado teórico, no sentido da idéia e que não conste apenas em documentos e papéis, reflete-se sobre a democracia que conduz a outro modo de organização e de vida. Assim como no discurso, o livre pensamento e as oportunidades seriam iguais para todos, uma vez que não seria possível pensar em liberdade de pensamento se não existissem condições nem oportunidades para isso.

Não se nega a validade do regime democrático, muito menos a sua organização política, até porque, para que se possa questionar, é necessário existir uma base institucionalizada. Entretanto, é válido questionar os princípios que norteiam esse regime atualmente. Se os direitos não são para todos, mas apenas para poucos, é válido questionar sobre que conceito democracia a atualidade está calcada. Para que se pense em democracia além das velhas barreiras e muros democráticos, John Dewey, em seu texto sobre Democracia Criativa, define democracia como

um modo de vida guiado por uma fé ativa nas possibilidades da natureza humana. A crença no homem comum é um item familiar ao credo democrático. Tal crença seria infundada e sem significância a não ser que signifique fé nas potencialidades da



natureza humana, visto que essa natureza é exibida em todo ser humano, independente de raça, cor, sexo, nascimento, família, de riqueza material ou cultural. Essa fé pode ser promulgada em leis, mas ela se encontra apenas no papel a não ser que seja materializada nas atitudes que os seres humanos exibem uns para os outros em todos os incidentes e relações do cotidiano. (DEWEY, 1939 apud FRANCO; POGREBINDCHI, 2008, p. 138).

Ao dar continuidade ao seu raciocínio, Dewey continua a reflexão, dizendo que a atual fronteira da democracia é moral e não física. Além disso, cabe a cada um pensar que os recursos não aproveitados são humanos e não materiais. Quando é observada uma sociedade que não valoriza o capital humano, compreende-se que o objeto e o material são valores. Não existe oportunidade para que as pessoas entendam que impera uma forma camuflada de democracia ao invés de seu sentido real.

## CAPÍTULO III

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 História oral de vida

Várias foram as discussões sobre os problemas metodológicos acerca da história oral e, de modo geral, os historiadores resistiram muito tempo em usar fontes orais como pesquisa. Essa relutância sobre a adoção dessa metodologia deve-se à posição de documentos escritos para o historiador, à consolidação da disciplina de história e à profissionalização do historiador no século XIX. Naturalmente isso favoreceu, por muito tempo, os fatos e não a memória, excluindo, dessa forma, a tradição oral. Existia, nesse sentido, uma via paralela: a tradição oral era comparada a anedotas, sociedades populares e sem escrita. De acordo com o autor

[...] no século XIX [...] a história política era voltada a grandes circunstâncias sociais, acidentes, eventos com causas mais profundas pareciam ser esquecidos. Era o exemplo típico da história dita *évènementielle*. Uma história dita restrita a uma descrição linear e sem relevo, que concentrava sua atenção nos grandes personagens, desprezando as multidões trabalhadoras. (FERREIRA, 1998, p. 1)

Continua seu raciocínio esclarecendo que a história antiga e a medieval receberam maior atenção e, dessa forma, tornaram-se objeto de reflexão mais aprofundado. Dentro dessa lógica, a história contemporânea foi marginalizada e definida apenas como apêndice cronológico. Em outras palavras, a história somente deveria ser identificada como passado, fato esse que levaria a exclusão do período mais recente. Deste modo, “a história contemporânea tornou-se uma história sem objeto, sem estatuto e sem definição” (FERREIRA, 1998, p.1)

Esse modelo de história começa a entrar em declínio com a Fundação da Revista de *Annales*, em 1929, na França, e da *École Pratique des Hautes Etudes*, em 1948, que impulsionou um movimento de transformação no campo da história. A *École de Annales* fora fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre, especialistas do século XVI que inauguraram a noção de “história como problema”, assim, o importante seria problematizar o próprio fazer histórico e as fontes documentais deixariam de ser por si só verdadeiras. De outro modo, diria-se que “[...] as realidades de trabalho e da produção, e não mais os regimes políticos e os eventos, deveriam ser objeto da atenção dos historiadores”. (FERREIRA, 1994, p. 2)

A *École de Annales* trouxe uma nova geração de historiadores que questionavam a

história política, definindo-a como elitista, individualista, factual, subjetiva, psicologizante. Defendiam uma nova leitura da sociedade, visando também o setor econômico e o social e, não apenas uma história política alienante e teve papel fundamental na constituição de um novo modelo de historiografia. Essa visão crítica marcou toda a primeira geração da *Annales*.

Com períodos mais alargados, a nova história sustentava que estruturas duráveis são mais reais e, por isso, fenômenos inscritos em uma longa duração são mais significativos do que movimentos de fraca amplitude. Para Bloch (1997), as representações e comportamentos coletivos têm mais importância que os individuais. Em outras palavras, o importante era o que estava por trás do manifesto: o estudo das estruturas é que fazia sentido e não o contrário.

Entretanto, as grandes transformações que se operaram no campo da história a partir do movimento que surgiu na França (e que se disseminou rapidamente para outros países) não abalaram o domínio absoluto das fontes escritas. Pelo contrário, as fontes escritas foram reafirmadas por essas transformações, haja vista que, valorizando os processos de longa duração, atribuiu-se importância fundamental às fontes técnicas de quantificação.

Esses fatos contribuíram severamente para a desvalorização da análise do papel do indivíduo, dos aspectos culturais e políticos e desqualificou-se o uso dos relatos, das histórias de vida e das biografias. Conseqüentemente, a subjetividade foi condenada sob o argumento de que "os depoimentos pessoais não podiam ser considerados representativos de uma época ou um grupo, pois a experiência individual expressava uma visão particular que não permitia generalizações". (FERREIRA, 1994, p. 3). A partir disso, os próprios historiadores da escola de *Annales* deixaram de usar as fontes orais. Apesar desses problemas a história, após Marc Bloch

[...] não seria mais entendida como uma "ciência do passado", uma vez que, segundo Bloch "passado não é objeto de ciência". Ao contrário, era no jogo entre a importância do presente para compreensão do passado e vice-versa que a partida era, de fato, jogada. Nessa formulação pretensamente simples estava exposto "o método regressivo": temas do presente condicionam e delimitam o retorno, possível, ao passado. Tal qual um "dom de fadas", a história faria com que o passado retornasse, porém não era a ciência do passado, também não poderia ser definida como uma "ciência do homem. (SCHWARCZ, 2001, p. 7)

Apesar da postura dos profissionais da história oral, com constantes questionamentos sobre a fidedignidade dos relatos e dúvidas sobre visões distorcidas, nada disso se constituiu como empecilho e/ou impedimento ao interesse pelos relatos orais. Pelo contrário, os avanços tecnológicos abriram possibilidade de registro. O jornalista Allan Nevins, na década de 40, estrutura um programa de entrevistas voltado para recuperação de informações e arquivos dos

grupos norte-americanos dominantes. Inicia-se a coleta de depoimentos por meio de entrevistas, cujo instrumento de registro foi o gravador. O objeto específico de Nevins era registrar a atuação dos grupos dominantes norte-americanos. Desse programa surgiu o *Columbia Oral History Office*, que acabou por servir como modelo para outros centros na década de 50 em várias bibliotecas e arquivos dos EUA, constituindo a história oral das elites e a formação dos arquivos.

Houve, nos Estados Unidos, nas décadas de 60 e 70, uma significativa ampliação dos centros de história oral: os 89 centros existentes multiplicaram-se e, no final da década de 70 totalizavam 1.000 unidades. Em 1967, a história oral, embora não aceita nos meios acadêmicos, se consolida com a criação do *American Oral History Association*, cujo enfoque deteve-se nos relatos sobre a

[...] guerra do Vietnã e as lutas pelos direitos civis, travados pelas minorias de negros, mulheres, imigrantes etc., seriam agora as principais responsáveis pela afirmação da história oral, que procurava dar voz ao excluídos, recuperar as trajetórias dos grupos dominados, tirar do esquecimento o que a história oficial sufocara durante tanto tempo. A história oral se afirmava, assim. (FERREIRA, 1994, p. 4)

Com a oficialização da história oral, inaugura-se a chamada “moderna” história, uma vez que foi a aceitação pública que determinou o sucesso da história oral, pois, logo após a Segunda Guerra Mundial, houve a necessidade de coletar experiências vividas por familiares e vítimas de conflitos de guerra, ou seja, “a história oral nasceu vinculada à necessidade do registro de experiências que tinham repercussão pública. Os efeitos e a aceitação coletiva dessas narrativas determinaram seu sucesso independente do registro oficial. Isso equivalia a uma nova noção de cidadania”. (MEIHY, 2005, p. 92). O autor continua a sua argumentação esclarecendo que

[...] a história oral não só oferece uma mudança do conceito em história, mas, mais do que isso, garante sentido social à vida dos depoentes e leitores, que passam a entender a seqüência histórica e se sentir parte do conceito em que vivem. (MEIHY, 1996, p.19)

Outro fator fundamental para divulgação dos depoimentos, e, por consequência, popularizando as entrevistas, foi o avanço tecnológico no pós-guerra. O rádio, como importante meio de comunicação, foi fundamental pela divulgação da história oral, bem como as demais formas de jornalismo. Os programas de rádio recebiam personalidades de destaque na sociedade, com entrevistas que valorizavam relatos pessoais. Nesse sentido, valorizar o

indivíduo, fatos e locais de interesse coletivo, significou outra forma de viver socialmente, causando grande impacto de melhoria da auto-estima da comunidade, pois, o sujeito passa a se sentir ativamente parte da história.

Torna-se necessário esclarecer que a história oral não se origina com entrevista, afinal, a entrevista sempre foi um recurso utilizado nas diversas culturas, para transmissão de conhecimento entre familiares, de geração em geração, com o intuito, entre outras coisas, de transmitir experiências diversas. Contudo, as narrativas ganham importância, após a Segunda Guerra Mundial, quando o caráter científico ou histórico passa a ser valorizado e seus argumentos são organizados e arranjados sistematicamente.

Em 1975, Ronald Gelre publicou um livro intitulado “*Envelopes of Sound*”, no qual propôs uma avaliação das diversas iniciativas de coleta de depoimentos pelo EUA, voltada à trajetória dos excluídos, pontuando a importância dos bancos de dados e catálogos na organização da história oral preocupando-se, também, com assuntos metodológicos. Entretanto, foi somente em 1978, devido à publicação de, “*The voice of the past*”, de Paul Thompson, que se radicalizou a história oral com a função democratizar a história em si mesma. (FERREIRA, 1994, p. 4)

De acordo com o autor, nos anos 80, a história cultural ganhou novo impulso e várias transformações foram percebidas nos diferentes campos da pesquisa histórica. Surgem, então, novos interesses pelas experiências individuais e pela análise qualitativa. Outro fator bastante importante foram as discussões sobre o Estado e domínio político que abriram espaço para o surgimento de novos objetos de estudos. A articulação social e sua representação revitalizaram as ações dos atores sociais e de suas estratégias, contribuindo, assim, para o reconhecimento do sujeito na sua história, de forma que depoimentos, relatos pessoais e a biografia passaram a ser vistas como possibilidade de assegurar a transmissão de uma experiência coletiva. Atualmente, com as transformações ocorridas no campo da história

o retorno do político e a revalorização do papel do sujeito estimulam o estudo dos processos de tomada de decisão. Esse novo objeto de análise, por seu turno, também da maior oportunidade ao uso dos depoimentos orais. Os arquivos escritos dificilmente deixam transparecer os tortuosos meandros dos processos decisórios. (FERREIRA, 1994, p. 7)

Consolida-se, então, outra linha de história no século XX: a representação do imaginário social, ou seja, história e memória. Nesse sentido, torna-se necessário citar importantes autores que realizam trabalhos nessa linha da história, Maurice Agullon, Pierre Nora e Henry Rousso. Seus estudos permitiram que os historiadores pudessem repensar as

relações entre passado e presente, possibilitando o uso do estudo do passado na história do tempo presente “onde a memória é também uma construção do passado [...] pautada em emoções e vivências; ela é flexível e os eventos são lembrados a luz da experiência subsequente e das necessidades do presente” (FERREIRA, 1994, p. 2). Dessa forma, tornou-se possível uma construção identitária que rompesse com a visão determinista e deixando os homens livres como sujeitos de sua história.

No Brasil não foi diferente. A questão documental da tradição francesa ligada aos documentos escritos e à cultura formal teve forte influência em nosso país, evitando a abertura da oralidade nas universidades e também nas instituições não acadêmicas, que não desenvolveram projetos para registros das histórias locais, culturais e populares. Somente em 1975 as experiências foram sistematizadas no Brasil, especialmente no campo da história oral, a partir de cursos na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, ministrados por especialistas mexicanos e americanos (FERREIRA, 1994, p. 9). Com a realização desses estudos e demais iniciativas, como Seminários Nacionais de História Oral, surgiram, na Universidade Federal de Santa Catarina e no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, os primeiros programas de História Oral no Brasil. Contudo, esses estudos foram dedicados à política regional e às elites políticas brasileiras.

O uso do gravador para diversos pesquisadores sociais não era novidade. O que se modifica com a história oral e a criação desses programas no Brasil é a organização dos acervos de depoimentos orais de vida e da elite política brasileira. Isso também contribuiu para abertura de novas práticas de pesquisa. Os principais estudos realizados no Brasil, por meio dos cursos universitários, concentravam-se no estudo do Brasil Colonial do século XIX, período republicano até a revolução de 30. A partir de 1976 com o desenvolvimento de uma política nacional científica e tecnológica e, com investimentos do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, esses investimentos proporcionaram um crescimento considerável, possibilitando a institucionalização.

Nos anos 80, vários programas de pós-graduação em história e ciências sociais, multiplicaram dissertações de mestrado e teses de doutorado, aumentando o número de pesquisadores e incorporando novos objetos e temas de pesquisa nos quais “[...] jovens pesquisadores autônomos passaram a produzir suas pesquisas com a história oral explorando temáticas com a classe trabalhadora brasileira, a história de bairros, as minorias, os grupos discriminados, como negros e mulheres”. (FERREIRA, 1994, p. 11)

Dessa forma, é necessário salientar a importância dessa fase, com as novas pesquisas

realizadas, com a abertura dos estudos em História Oral e, com o conhecimento que se pôde ter da sociedade brasileira socialmente desfavorecida. Mas mesmo com apresentação desses trabalhos nos meios universitários, não houve um aprofundamento no debate metodológico. Nesse meio tempo, outras universidades procuraram estabelecer esse dialogo metodológico, mas, foi somente na segunda metade dos anos 80, devido à aprovação da Nova Constituição Brasileira, em 1988, que houve um impulso, pois o

[...] processo de redemocratização, a elaboração da nova Constituição brasileira em 1988, a comemoração do centenário da Proclamação da República em 1989 e a realização de eleições diretas para presidente da República, depois de mais de 20 anos de regime militar, atuaram como elementos dinamizadores para a pesquisa sobre nossa história recente, com reflexos sobre a História Oral [...] (FERREIRA, 1994, p. 13)

Nesse ínterim, o autor completa o raciocínio, dizendo que houve a preocupação de produzir balanços referentes à vida do país e apresentar as barreiras que impediam o acesso da população aos direitos de cidadão, motivando a abertura de novos centros de pesquisa, novos estudos, documentação e recuperação dos centros já existentes. Tudo isso, motivou o desenvolvimento do campo de história oral e levou à organização de acervos e arquivo, permitindo a abertura de novos centros. Não só a Universidade teve interesse pelos estudos de história oral, como também, outras instituições não acadêmicas. Exemplo disso foi a criação do Centro de Memória da Eletricidade no Brasil, da Eletrobrás, em 1986, que abriu campo para história oral. A Petrobrás, Banco Central, Ministério das Relações Exteriores e demais instituições criaram programas próprios. Mesmo com todo esse avanço nas discussões metodológicas, a história oral continuou restrita nos currículos de pós-graduação e em cursos de ciências sociais e história.

Foi apenas nos anos 90, mais especificamente em 1993, com a realização do Encontro Nacional de História Oral, em São Paulo, devido ao intercâmbio realizado com vários programas, que ocorreu a institucionalização da área e o reconhecimento, resultando na criação da Associação Brasileira de História Oral. Por todo esse movimento é que a história oral estabelece uma interface com vários programas e várias disciplinas, se apresentando como multidisciplinar, respeitando a voz de quem fala, democratizando as relações com histórias que devem ser construídas a partir da igualdade, do diálogo e das diferenças.

### 3.1.1 A História Oral enquanto metodologia

A História Oral pode ser definida, como

[...] um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e que continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a ser entrevistadas. O projeto prevê planejamento da condução das gravações; transcrição; conferência da fita com o texto; autorização para uso; arquivamento e, sempre que possível, publicação dos resultados, que devem em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (MEIHY, 1996, p. 18)

A organização de um projeto de pesquisa que faça uso da história oral deve ser organizado e planejado com a possibilidade de retorno ao grupo, caracterizando-se o sujeito da pesquisa como colaborador que faz parte e pertence a sua própria história e não um ator isolado ou um mero expectador.

A escolha pela história oral de vida para a realização desse estudo justifica-se pelo posicionamento de que outra prática ou procedimento não permitiria um estudo único com histórias únicas. A idéia de utilizar o método de história oral foi para tentar entender a construção do sujeito da pesquisa ou, leia-se, dos líderes comunitários. Por isso, entendemos que a história oral possibilita a recuperação da história de vida dos colaboradores dessa pesquisa, memórias de atuação, despertados e iluminados pelas questões dos princípios éticos subjacentes a ação desse líder comunitário. O relato oral implica na memória vivida e a memória é “fundamental também para confirmar o presente, pois sem ela não podemos garantir as regras da vida social que se baseiam em repetições de atitudes definidas no passado” (MEIHY, 1996, p. 75)

Dessa forma, as entrevistas em profundidade, perpassando os vários momentos vividos, desde o nascimento, até a idade atual, mesclando a presença do passado e do presente, permitem compreender como a participação social, o exercício da democracia e a consciência da cidadania interferem, ou não, na construção de princípios éticos.

## 3.2 A trajetória da pesquisa

### 3.2.1 Procedimento para coleta dos dados

As etapas metodológicas para a coleta dos dados foram organizadas em seis momentos distintos: preparação da entrevista; pré-entrevista; preparação do roteiro; realização das



entrevistas; processamento das entrevistas; diário de campo/observações. As entrevistas foram filmadas segundo as orientações necessárias para sua operacionalização: agendamento, segundo a disponibilidade do colaborador e a seleção do local de realização da mesma.

A pré-entrevista é uma etapa muito importante, pois é nela que o entrevistador entra em contato com o sujeito da pesquisa e elucida as questões éticas que envolvem esse trabalho, bem como recebe a autorização e consentimento do sujeito. Dessa forma, antes de iniciar a entrevista, cada participante foi informado sobre a importância da participação nesse estudo e sobre o trabalho a ser realizado. Foi explicado ao sujeito que ele poderia participar ou não desse estudo e, esclarecemos, ainda, que lhe era assegurado o direito de deixar de participar do processo, em qualquer momento que desejasse. Após os esclarecimentos e a aceitação do grupo em participar da pesquisa, foi lido, juntamente com o participante, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Em seguida, o termo foi assinado e o colaborador ficou com uma cópia do documento.

O local da entrevista foi definido com o grupo de colaboradores considerando as dificuldades que tínhamos em transportar o equipamento, em encontrar um local que não houvesse muito ruído externo, assim como interrupções por outros agentes sociais. Deliberou-se que seriam realizadas individualmente, no SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), em horário e dia a ser agendado de acordo com a disponibilidade do entrevistado.

Em outubro de 2007, fizemos a tentativa de realização da entrevista, sem a elaboração de um roteiro pré-estabelecido. A idéia que permeou essa tentativa foi propiciar um espaço no qual o entrevistado pudesse contar sua própria história sem interferência do mediador, deixando-o livre para verbalizar os momentos mais significativos de sua história de vida. A questão norteadora para esse primeiro momento foi: “*Poderia contar um pouco sobre sua história de vida?*”. Diante dessa questão, muitos respondiam: “— *Minha história é muito simples*” ou, “— *Tenho muito pouco a contar*” e, assim, relatavam muito pouco da grande experiência que possuíam. Outros se perderam em divagações as quais pouco, ou nada, contribuíram para a elucidação da nossa questão de pesquisa.

Tendo em vista a dificuldade do colaborador em expressar o pensamento diante de uma questão ampla, foi necessário pensarmos na elaboração de um roteiro que pudesse apresentar a história de vida do sujeito desde o nascimento até a fase atual de vida. Encontramos vários materiais sobre entrevistas, roteiros e documentos sobre oralidade, que enfatizavam a importância da elaboração de perguntas descritivas que possibilitavam a recuperação de detalhes de movimento. Naturalmente, esse material deveria incentivar o

entrevistado a relatar sua história, portanto, o roteiro não poderia rígido, mas sim, um instrumento facilitador no processo de organização das idéias, valorizando-as.

Utilizamos, nessa etapa, as sugestões do roteiro utilizado no projeto Memória Social, Senac-SP e no Museu da Pessoa, em 2008, o qual consta em publicação, perguntas simples como, nome, data, local de nascimento para colaborar com o entrevistado permitindo que fique mais a vontade para responder; origem da pessoa (pais, avós, infância usando dessa maneira a ordem cronológica); desenvolvimento com apresentação das várias fases da vida e, para finalizar, a relação entre presente e futuro (Lopez, 2008, p, 40). O roteiro da entrevista seguiu a seguinte estrutura:

- a) Identificação — Para começar, gostaria que dissesse seu nome completo, data e local de nascimento. Qual o nome de seu pai e de sua mãe? E de seus avós? O(a) senhor(a) tem irmãos? Qual o nome deles?
- b) Família — O que o(a) senhor(a) sabe sobre a origem de sua família? Fale um pouco de seus pais, avós, de sua família? Qual atividade de seus pais?
- c) Infância — Quando o(a) senhor(a) nasceu, onde a família estava morando? Poderia descrever um pouco fatos marcantes da sua infância? E, da casa, o que o(a) senhor(a) lembra? Quais as brincadeiras favoritas? E, dentro da casa, como era a rotina?
- d) Escola — O(a) senhor se lembra da primeira escola? Poderia descrever?(prédio, pátio, sala). E dos professores, o(a) senhor(a) se lembra? Algum foi marcante? Por quê? O(a) senhor(a) estudou até que série?
- e) Juventude — Onde o(a) senhor(a) passou sua juventude? Qual era a principal diversão da época? E seu(sua) esposo(a), como a conheceu? O(a) senhor(a) se lembra como foi o noivado e o casamento? O(a) senhor teve filhos?
- f) Desenvolvimento — Qual foi seu primeiro emprego? Como o(a) senhor(a) começou a trabalhar? Qual a idade e o que exatamente o(a) senhor(a) fazia? Quais as principais dificuldades no início? Qual sua profissão hoje?
- g) Comunidade — Em que ano o(a) senhor(a) chegou ao bairro em que mora? Qual o nome do bairro? Como você foi morar nesse bairro? Por quê? Quais foram as principais dificuldades no início? Como era o bairro nessa época? De onde as pessoas vinham e como vinham? Como eram as ruas, casas no início? Houve alguma grande crise, algum fato marcante nessa época? O que aconteceu? O que mudou depois disso?
- h) Comunidade/Trabalhos desenvolvidos — Como e quando iniciou seus trabalhos na comunidade? Que dificuldades você encontrou? Qual o fato marcante? Qual sua visão sobre o trabalho que já realizou na comunidade? Você foi influenciado por alguém para realizar esse trabalho?
- i) Atualidade — Onde o(a) senhor(a) mora hoje? Muita coisa mudou no bairro hoje? O senhor poderia dar um exemplo? Quais os trabalhos que realiza na comunidade hoje? Por que o(a) senhor(a) realiza tantos trabalhos na comunidade? Qual o número de pessoas que o senhor beneficia direta ou indiretamente? O(a) que o(a) senhor mais gosta de fazer?
- j) Futuro — Qual é hoje o seu maior sonho? O que o(a) senhor(a) achou de contar um pouco de sua história? Existe alguma coisa que o(a) senhor(a) não contou e gostaria de contar?

Em dezembro de 2007, com o roteiro em mãos, realizamos a entrevista e foi possível perceber maior facilidade de interação por parte dos entrevistados. Para alguns colaboradores o roteiro foi fundamental, entretanto, devido à subjetividade dos entrevistados, alguns sintetizaram a fala, enquanto outros foram mais prolixos.

Ao final de cada sessão, registramos, por meio de anotações, as informações referentes a emoções (tom de voz, voz embargada, lágrimas, expressão facial e corporal) que auxiliaram os elementos de análise para as etapas posteriores.

O processamento das entrevistas envolveu quatro etapas: transcrição absoluta, conferência fiel dos registros, textualização, conferência final e análise das entrevistas.

- a) Transcrição absoluta — As entrevistas foram transcritas pelo pesquisador com todas as verbalizações, ruídos, risos e erros de linguagem, registrando, assim, a entrevista da forma mais fiel possível;
- b) Conferência das entrevistas — Com a transcrição em mãos, lemos e ouvimos todos os relatos novamente, para correções, organização de pontuações e saneamento de eventuais dúvidas, tais como dialetos regionais e enunciados que envolviam um conhecimento de mundo diverso daquele do pesquisador. Isso que exigiu que agendássemos outros momentos em que os sujeitos pudessem retornar para esclarecimentos. Esse passo foi de fundamental importância para o entendimento das narrativas;
- c) Textualização — Em seguida, as entrevistas foram textualizadas, permanecendo transcritas apenas as respostas. Durante esse período, cada sujeito foi chamado novamente para autorizar o texto final. Os textos foram lidos individualmente na presença dos entrevistados, em respeito às suas histórias e aos dados coletados. Essa etapa foi encerrada com a conferência final e com a análise das mesmas.

Desde o momento da preparação das entrevistas, percebeu-se a necessidade de um instrumento como o diário de campo, uma vez que o contato com os sujeitos são elementos muito ricos e por diversas vezes, surpreenderam o pesquisador.

A utilização do diário e as observações mantidas foram de extrema importância e colaboraram efetivamente para o desenvolvimento do estudo. Nesse instrumento, foram registradas dúvidas, questões da entrevista, agendamentos de encontros e reuniões da

comunidade, além de momentos em que os sujeitos faziam algum tipo de declaração importante relacionado ao tema estudado. Para organizar as informações, criou-se um roteiro, como estratégia de observação, com descrição da comunidade (bairros, casas, ruas, espaços usados), atividades realizadas, diálogos, características da população e lideranças.

A metodologia de história oral sugere conhecer o local onde estão os colaboradores, pois as histórias contadas são vividas por eles também e isso fez com que a nossa participação nas reuniões se tornasse uma exigência para melhor conhecer as localidades.

Portanto, todas as comunidades, integrantes deste estudo, foram visitadas com o objetivo de conhecer a infra-estrutura. Em janeiro de 2008, a pesquisadora frequentou as reuniões realizadas nas próprias organizações de base, nas associações de moradores ou, ainda em suas próprias residências, visto que muitas dessas organizações não têm sede própria por falta de recursos financeiros, o que nos possibilitou constatar que há pessoas organizadas em torno de ideais e, a estrutura física dos locais onde essas reuniões ocorrem, não faz muita diferença nas lutas que se estabelecem diariamente. É óbvio que uma sede seria importante, mas, sem ela percebe-se que os ideais continuam vivos. Nas reuniões, procurou-se observar as lideranças em seus bairros, nos próprios locais onde atuam.

Os instrumentos de registro das observações em campo foram câmera fotográfica e diário de campo para anotações. A filmagem e o gravador foram utilizados somente nas entrevistas individuais. Estabeleceu-se um cronograma para as visitas nos bairros e também para as reuniões que ocorreram, durante os meses de janeiro a novembro de 2008. Os dados coletados durante esse processo foram utilizados para a caracterização do bairro.

### 3.2.2 Os colaboradores da pesquisa

A seleção dos colaboradores para esse estudo ocorreu por meio do contato com uma liderança, com a qual agendamos uma entrevista individual, para explicar o projeto de pesquisa a ser desenvolvido, ressaltando a importância dos depoimentos dos líderes comunitários para uma melhor compreensão sobre as razões que movem as suas ações. Assim, o colaborador aceitou participar do estudo e indicou outras pessoas, do próprio grupo Rede Social. Os sujeitos indicados eram os mesmos que se encontravam nas reuniões da Rede Social. Percebeu-se que eles se dirigiam uns aos outros como “companheiro” e a conotação dessa palavra refere-se a uma trajetória de luta, de conversas, de discussões. Portanto, o que era uma idéia inicial de entrevista dessas lideranças, tornou-se uma colônia regida pelo

próprio grupo que se enreda.

No início da pesquisa, tínhamos trinta lideranças da Rede Social Limeira, entretanto, no decorrer do trabalho, percebeu-se que devido às entrevistas serem conduzidas em profundidade não haveria tempo hábil para as etapas posteriores (como transcrição absoluta, textualização e conferência), devido ao prazo de cumprimento do programa de pós-graduação. Diante deste fato, embora, tenhamos realizado as entrevistas com as trinta lideranças, tivemos de eleger alguns critérios para selecionar os depoimentos que seriam inseridos no texto da dissertação. Os critérios estabelecidos foram: lideranças que tivessem mais de dois anos em trabalhos realizados na comunidade; associações ou organizações sem fins lucrativos; sustentabilidade nos trabalhos locais; organização comunitária; disponibilidade de tempo para entrevista e para outros encontros necessários durante a pesquisa; disponibilidade de fontes, documentos, fotos e jornais para pesquisa. Estabelecidos os critérios, reduzimos os estudos para vinte lideranças.

Deparamo-nos, aqui, com alguns líderes que faziam parte da mesma comunidade e, por isso traziam os mesmos fatos de histórias: uns mais detalhados, outros mais sucintos. Dentre eles, procuramos selecionar aqueles que apresentavam diferenças mais significativas: gênero, idade, escolaridade, início do trabalho na comunidade, característica do bairro. Ressaltamos que a seleção dessas variáveis tornou-se necessária para a exequibilidade desse estudo. Em momento algum, estamos afirmando que uma história de vida é mais significativa que outra.

Dessa forma, após os critérios apresentados, participaram dez colaboradores desse estudo, os quais são lideranças que realizam trabalhos em sete bairros, no município de Limeira-SP, sendo seis pessoas do sexo masculino (ASM58, ASM53, ASM65, ASM50, ASM23, ASM54) e quatro pessoas do sexo feminino (ASF43, ASF48, ASF60, ASF39). Os colaboradores foram identificados da seguinte forma: AS (ator social) + M ou F (masculino-feminino) + numeral relativo à idade do entrevistado.

Com o intuito de clarificar a caracterização dos atores sociais que contribuíram para a realização desse trabalho, organizamos os dados em tabelas e gráficos. Torna-se necessário informar que esses dados foram obtidos junto aos entrevistados, por meio da entrevista.

Tabela 1 — Caracterização das lideranças envolvidas na pesquisa

<b>AS /Naturalidade</b>	<b>Atividade dos pais</b>	<b>Irmãos</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Início dos trabalhos em comunidade</b>	<b>Local de residência e de atuação</b>
ASM58 Rubiaça -SP	Pais Agricultura	04	Primeiro grau incompleto	1993	Jd Vitório Lucato
ASF43 Limeira-SP	Pai-Metalúrgico Mãe – lar	09	Primeiro grau completo	1996	Pq Residencial Ernesto Kuhl
ASF48 Brauna-SP	Pais Agricultura	04	Superior Completo	1991	Jd Ouro Verde
ASF60 Pena Forte-CE	Pai - Marchante Mãe (lar)	15	Sabe ler	1995	Jd Dom Oscar Romero
ASM53 Água Boa – MG	Pais Agricultura	06	Primeiro grau completo	2000	Parque Residencial Ernesto Kuhl
ASM65 Ipirá-BA	Pai Agricultura e pecuária Avó- Agricultura	06	Primeiro grau completo	1957	Jardim Anavec I
ASM50 Limeira-SP	Pais – papeleiros	02	Segundo grau incompleto	1983	Parque Victor D’Andréa-
ASF39 Uricuri-PE	Pai - agricultura Mãe - agricultura e costura	07	Segundo grau completo	2000	Jardim Roseira
ASM23 Limeira-SP	Pai – comércio	03	Segundo grau completo	2005	Jardim Nova Europa (mora) Jardim Vitório Lucato (atua)
ASM54 Pompéia-SP	Pais Agricultura	06	Primeiro grau completo	1982	Jardim Ouro Verde

Os dados apontam que apenas três lideranças nasceram na cidade de Limeira. As demais nasceram em três diferentes cidades do interior do estado de São Paulo, enquanto outras quatro nasceram em estados diferentes: Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Ceará.

No item escolaridade, 90% declararam ter cursado a escola: quatro sujeitos têm ensino fundamental completo, um tem primeiro grau incompleto, dois sujeitos têm segundo grau completo, um tem segundo grau incompleto e apenas ASF48 possui nível superior completo, na área de Ciências Contábeis.

Quando perguntados sobre a escola, nove sujeitos lembraram muito bem dessa etapa, descrevendo-a. Apenas um sujeito não frequentou assiduamente a escola, mesmo assim, lembrou-se do professor. Todos tiveram a percepção marcante da atuação de seus professores, do carinho dispensado a eles e até mesmo a autoridade em sala de aula. Entre os dados sobre esse bloco, chamou-nos a atenção o depoimento de três colaboradores:

- a) ASF60 nunca frequentou escola, entretanto, como desde criança seu sonho era aprender a ler e escrever: [...] “era um sonho meu estudar e ir para escola, mas, naquela época só filho de coronel podia estudar, menina pobre do interior não tinha direito a estudar, principalmente mulher, mulher

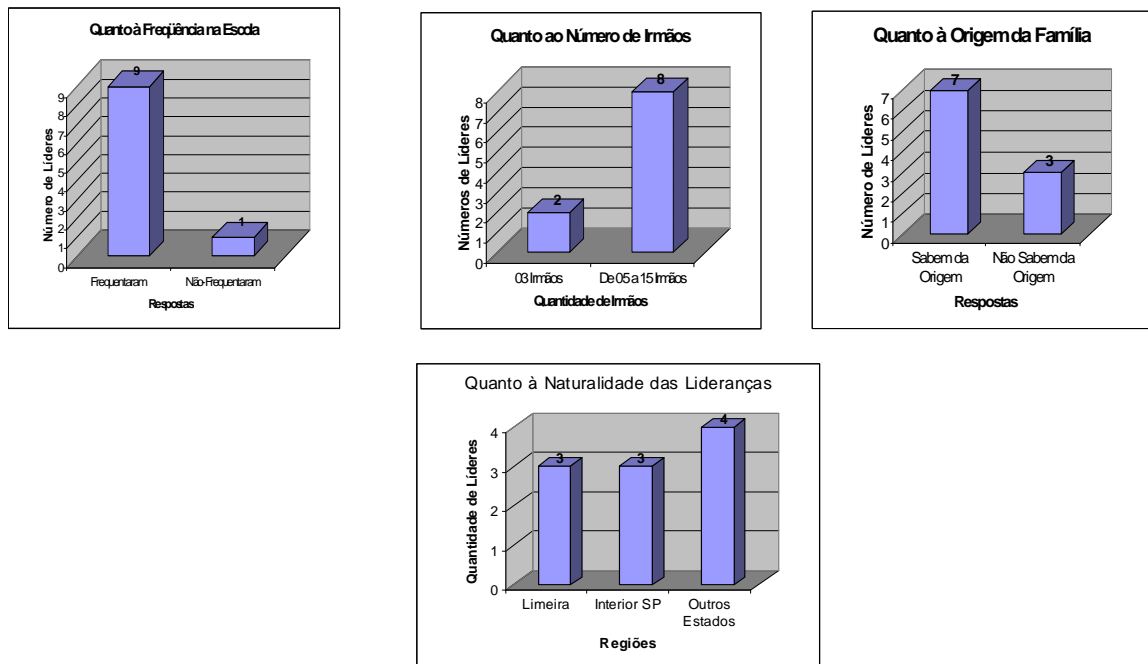
não podia estudar”. Conversou com a professora para pedir que a ensinasse e esta a presenteou com um caderno e um lápis e lhe ensinou as vogais e desse dia em diante, segundo ela, foi juntando as letras e aprendeu a ler sozinha, mas não sabe escrever.

- b) ASF43, que ao passar por problemas familiares, encontrou apoio e orientação na figura do professor: “Eu tive uma professora, que chamava Madalena, e essa professora foi muito marcante na minha vida e ela ajudou muito quando meus pais se separaram. Era uma pessoa generosa, tinha muito amor, conversava muito comigo. Cheguei a morar na casa dela, fui convidada a morar lá quando meus pais se separaram e, ela me ensinou o diálogo. O que eu trago muito dessa professora é o ensinamento, o conhecimento de amor ao próximo, me deu lições de amor e carinho. Ela se aproximou e me ensinou que os valores na nossa vida vêm do amor ao próximo”.
- c) ASM23 identificou no educador ações que ultrapassavam o dever para evidenciar o ser: “o Rogério porque era uma pessoa muito boa, muito bom professor e, explicava várias vezes a matéria, me orientava, orientava os outros alunos, conversava muito com todos e ainda me ofereceu várias oportunidades , mostrou novos caminhos na ocasião”.

No bloco referente à família, dois sujeitos tiveram três irmãos; os demais tiveram de cinco a quinze irmãos. Nesse caso, três depoimentos se diferenciam dos demais, no que se refere ao papel que os pais e/ou o adulto responsável por sua educação tiveram em suas vidas. Uma característica comum em suas falas é a disponibilidade do adulto-educador, responsável por sua formação, ao diálogo: “*Minha avó, uma pessoa muito carinhosa, conversava muito comigo, muito bondosa, era uma pessoa que gostava de ajudar o próximo, minha mãe também gostava muito de ajudar o próximo*” — ASM50. Percebem-se, em outros momentos, por meio da fala de um dos depoentes, os princípios éticos que permeavam a relação interpessoal: o respeito ao outro: “*não foi um pai que batia nos filhos, sempre foi um pai de sentar conosco, quando nós fazíamos uma arte*” – ASM58. Em outro momento, deparamo-nos com o desvelar do conceito de respeito a si mesmo, entendido aqui, como dignidade, ser digno: “zelar pelo nome, que é o maior bem que o ser humano tem e que nós sempre respeitássemos as pessoas” – ASF39.

Sobre a origem da família, sete colaboradores falaram sobre países ou cidades de origem; três não sabem a origem, sendo que desses, apenas dois mencionaram como “boa origem” e apenas um respondeu que o avô não falava sobre o assunto. No que se refere às necessidades materiais na família, os dez sujeitos apresentaram algum tipo de dificuldade. Quanto à vida familiar atual, nove deles são casados e um, ASM23, é solteiro, sendo também o mais jovem entrevistado. Sobre os filhos, ASM60 teve quinze filhos, tendo falecido cinco deles. Apesar disso, ela ainda adotou outros cinco; hoje todos eles estão “*muito bem criados*”. As oito lideranças restantes têm de dois a quatro filhos, o que significa que a média entre eles é de três filhos por família.

Figura 01 — Perfil dos entrevistados quanto à naturalidade, a freqüência escolar, ao numero de irmãos e a origem familiar



Sobre a infância, oito sujeitos falaram sobre as brincadeiras prediletas e sobre os bons momentos vividos. Dois sujeitos não tiveram infância, um por ter realizado um casamento muito cedo e outro por ter apenas trabalhado. Em relação às brincadeiras e bons momentos vividos, alguns depoimentos chamam a atenção:

ASM58 — Na época, as principais brincadeiras eram estilingue, bodoque que fazíamos de madeira, bolinha de meia e, pescar naqueles rios muito limpos, de águas limpas e no campo. Era uma região de campo, tinha muitas frutas, na hora que nós tínhamos um tempinho que os pais deixavam, a gente ficava no campo comendo frutas.

ASM39 — Nossa eu lembro como se fosse hoje, nós morávamos no sítio lá e tinha um pé de mamão bem grande na frente da minha casa, ficava carregadinho e tinha também as árvores, assim, no caminho onde agente descia para o açude, onde agente ia pegar água e agente ficava subindo em cima daquelas árvores, agente vivia no meio do mato mesmo, a minha infância foi uma infância maravilhosa, então, era em cima de árvore, era brincando no meio do mato, era tomando banho em açude, era comendo frutas tiradas do pé, então, eu hoje sinto dos meus dos meus filhos não poderem ter a infância que eu tive.

ASM50 — A coisa que eu mais gostava aqui dentro de Limeira é que nós tínhamos um bosque, um barco a remo e a motor, então, isso é muito marcante porque nós brincávamos direto no cipó das árvores, de vez em quando, abusávamos e passávamos na linha do trem, eu também brincava muito com pipa, jogava bola, eram coisas que eu gostava muito de fazer na infância.

Uma característica comum entre as falas de todos os sujeitos é a liberdade que o local



onde viviam evoca: liberdade para brincar, correr, um espaço para o desenvolvimento e criatividade. Com relação às casas, todos demonstraram lembram com muito afeto e descrevem paredes, tipo de mobília utilizada, estrutura, tamanho da casa, vizinhança, localidade e organização da casa. Nesse sentido, destacam-se outros depoimentos interessantes:

ASF39 — Minha casa era uma casa de barro, bem simples, mas, bem grande, cômodos grandes, chão batido e, eu lembro assim, que tinha no fundo um poleiro de galinha, então, nós brincávamos de casinha no poleiro de galinha, nós espantávamos todas as galinhas para brincar lá dentro, era uma casa bem simples, mas nós sempre fomos muito felizes.

ASM65 — A casa da minha avó era uma casa muito aconchegante, assim, para época. Tinha de tudo, móveis da época e, uma casa muito grande e, muito visitada, para você ter idéias, minha avó tinha cento e cinquenta pessoas, só de afilhados, e na semana santa todos iam para lá, filho, vó, neto. Imagine como era essa casa, não precisa nem falar da casa né?.

ASM48 — A casa tinha uma sala bem grande com uma mesa no meio né, ao invés de piso era tijolo, os quartos ficavam em volta da sala, havia um fogão de lenha, poço para tirar água, na casa não tinha bomba no poço, na outra, que nós mudamos tinha aqueles cabides de puxar água, tinha um espaço bem grande onde o café era colocado para secar, local de guardar trator, essas coisas, paiol, era casa simples, mas aconchegante.

Na fala de todos os sujeitos é comum associar casa a aconchego e felicidade, independentemente de quão simples a moradia pudesse ser. O que parece estar subjacente às falas é a acolhida, o carinho e o respeito entre as pessoas, fato esse que demonstra viverem em um ambiente propício à afetividade. No que diz respeito à juventude, dois sujeitos afirmaram não tê-la tido, oito deles classificam a juventude como passeios na praça, bailes, cinema. Outros oito sujeitos casaram-se e tiveram filhos e apenas um sujeito é solteiro. Nesse caso apresentamos a fala de três sujeitos sobre essa fase:

ASM58 — Era o futebol, baile, na época saiam muito mais das fazendas para a cidade e o cinema da época com o alto falante na praça.

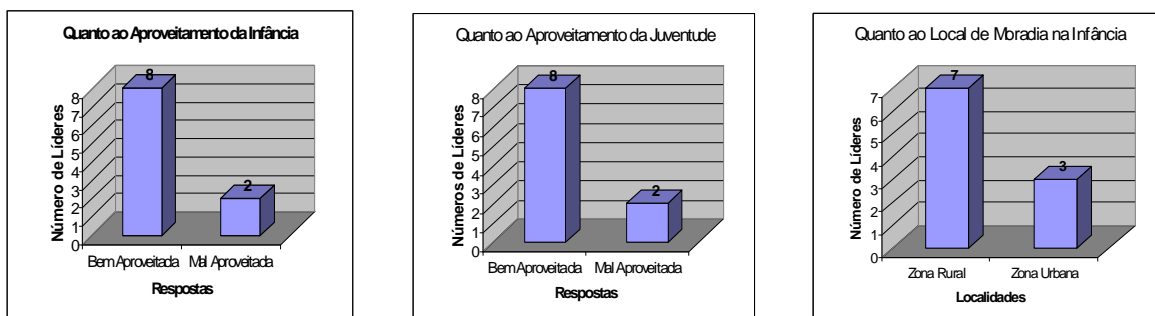
ASM48 — ...era mais ir ao jardim (praça central da cidade), ficávamos dando voltas em volta da fonte para paquerar, as mulheres rodavam para um lado, os homens para outro lado, eu ia nos bailinhos, tinha bailinho na casa dos colegas ou no próprio clube. Na época de quaresma ficava todo mundo doido esperando o baile de aleluia, às vezes, vivia até em função desses bailes, esperando alguma ocasião especial, mas, a diversão mesmo era sair na praça do jardim.

ASM50 — Em dois lugares, na Bahia até os dezenove anos e o restante da juventude no Paraná. Na minha juventude a principal diversão da época era o samba de roda, brincadeira de roda e o boi roubado. O boi roubado é o seguinte: Você tem uma lavoura, ou uma roça para carpir e, não pode carpir por alguma razão, está doente, com algum problema, então, vai uma pessoa, um vizinho, conhecido e convida um

pessoal e, chegam por volta de quatro horas da manhã, na cerca, o dono da fazenda, dono da terra não sabe. E, chega com vinte ou 30 homens e aí, anuncia que chegou aquela turma, que se chamava na época boi roubado, uma coisa muito gostosa.

A fala de todos apresenta o contexto vivido na época de forma feliz, pois, os passeios na praça, no cinema e a dança apresentam-se como uma fase bastante saudável na juventude, uma vez que demonstra não ter havido impedimento dos pais para a diversão dos filhos, favorecendo, dessa forma, um sentimento de liberdade entre os envolvidos. É importante notar que esses sujeitos apresentam traços do período da juventude, muito semelhantes, devido ao contexto social da época e pela liberdade de consentida pelos pais.

**Figura 02 — Perfil dos entrevistados quanto ao aproveitamento da infância, juventude e local de moradia**



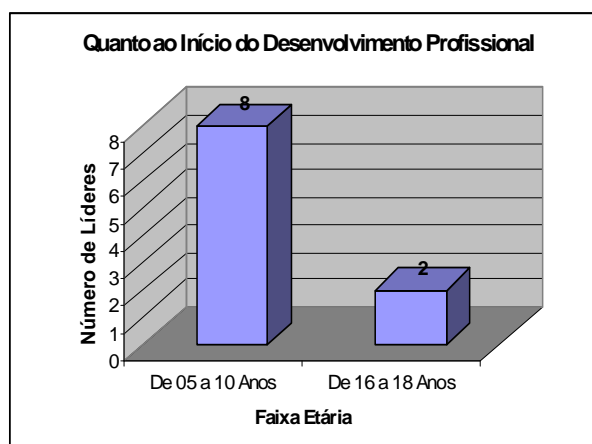
No que se refere ao início do desenvolvimento profissional, percebe-se que todos os sujeitos iniciaram atividade remunerada muito cedo, muitas vezes, durante a infância, com objetivo de ajudar a família (cerca de 70% deles exerceram atividades ligadas à agricultura enquanto os demais atuaram em atividades diversas). Nesse sentido, foram eleitos três depoimentos, conforme vemos a seguir:

ASM58 — Comecei a trabalhar aos sete anos, trabalhei na agricultura e estudava. A maior dificuldade era à distância da escola, eu tinha que ir e voltar a pé, eu estudava de manhã e a tarde, ia para a lavoura e esse trabalho de lavoura é pesado, mesmo meu pai não forçando a gente a carpir e pegar na enxada, a gente fazia o que podia fazer. E o pai dizia nem que for um pé de mato, já ajuda o pai. Hoje sou vendedor ambulante.

ASM60 — Eu com sete anos de idade, já trabalhava em casa de família.

ASM50 — Meu primeiro emprego foi trabalhar na roça [...]. Comecei trabalhar com 7 anos [...].

Figura 03 — Perfil dos entrevistados quanto ao desenvolvimento profissional



Transparece claramente na fala desses sujeitos a necessidade de participarem ativamente do orçamento familiar, seja por meio de atividades agrícolas, trabalhos domésticos e/ou trabalhos informais, sem fonte de renda segura. Quanto aos depoentes masculinos, 40% trabalham e 30% são aposentados. Quanto aos depoentes femininos, 30% são do lar, sendo que ASF48 ajuda o marido na própria casa com organização das contas a pagar e receber, pois, o marido possui um pequeno empreendimento de venda e entrega de leite. Todos os entrevistados são pessoas de pequeno poder aquisitivo, exceto por dois sujeitos, que apresentam melhor condição financeira. Um deles é ASM65 que, conforme depoimento, por ter se aposentado na Volkswagen, em São Paulo, possui uma boa aposentadoria. O outro sujeito que apresenta condições financeiras mais favoráveis é ASF48.

Por outro lado, percebe-se, pela fala dos envolvidos, que a falta de recursos não é empecilho para realização dos trabalhos em comunidade, pois, quando precisam ir até uma reunião ou realizar algum trabalho e não têm dinheiro, emprestam de algum vizinho ou vão a pé mesmo. O fato de realizarem o trabalho quase que predominantemente pela comunidade, os deixam muito felizes, conforme é facilmente constatado. Ainda, é importante que se ressalte a inexistência de qualquer remuneração no trabalho que realizam.

Quanto à idade dos entrevistados e ao tempo em que já se dedicaram aos trabalhos comunitários, temos o seguinte: o sujeito ASM65 conta que iniciou seus trabalhos na Bahia aos 14 anos e, portanto, além de ser o mais velho, também é o sujeito mais experiente nos trabalhos realizados: são 51 anos de dedicação. O segundo sujeito ASM54 iniciou os trabalhos aos 28 anos de idade e tem hoje 26 anos de atuação. O terceiro sujeito, mais experiente, é ASM50; ele tem 25 anos de trabalhos na comunidade e iniciou aos 25 anos de

idade. Em seguida, ASF48, com 17 anos de atuação e início dos trabalhos quando estava com 31 anos de idade. ASF60 atua a 13 anos no bairro e iniciou aos 47 anos. ASF43 se dedica há 12 anos a comunidade e iniciou aos 31 anos. ASM58 tem 9 anos de trabalho e atua há 12 anos. ASF39 com dedicação de oito anos e início aos 31 anos. ASM53 atua há oito anos e iniciou os trabalhos aos 47 anos. Finalmente, ASM23, que é o mais jovem, atua há três anos e iniciou aos 20 anos. Todos iniciaram os trabalhos ao perceberem algum tipo de necessidade no local onde se encontravam e falam do processo como algo muito natural. Apesar das dificuldades, eles iniciaram os trabalhos e pretendem permanecer.

### 3.2.3 Caracterização da comunidade

As sete comunidades que participaram da pesquisa estão localizadas nas regiões Leste, Oeste, Norte e Sul da cidade de Limeira, situada a 154 km da cidade de São Paulo, na região leste do Estado. Todas as comunidades apresentadas têm em comum, lideranças que realizam o trabalho por seus bairros. Esses chamados líderes comunitários são eleitos pela comunidade por meio de uma eleição que ocorre a cada dois anos, podendo ser prorrogada para quatro anos, dependendo dos dizeres que regem o estatuto.

A associação é constituída por presidente, vice-presidente, tesoureiro, primeiro secretário, segundo secretário e conselho fiscal, com três titulares ou apenas um titular e dois suplentes. Em média, entre sete e 11 membros podem fazer parte da associação; tudo depende do que foi estabelecido no estatuto. Ao final de dois ou quatro anos, é realizada uma nova eleição, mediante a publicação nos jornais de maior circulação na cidade, de um comunicado estabelecendo normas para o processo eleitoral informando sobre dia, mês, hora e local em que ocorrerá a eleição.

A chapa deve ser apresentada no período de dez dias. Após a data de publicação nos jornais, e também conforme o estatuto somente os cidadãos, membros associados da Associação de Moradores e amigos de bairro podem apresentar chapas e concorrer.

Em meio a todo esse processo, após publicação no jornal, os membros da associação também fazem a divulgação por outros meios de comunicação: jornal comunitário, panfletos, rádio, além da comunicação realizada nas igrejas, postos de saúde, escolas, centros comunitários, supermercados e demais comércios do bairro e região. A divulgação é feita por meio de cartazes, nos quais consta convite para eleição, data e local.

De um modo geral, as lideranças dos bairros contidos no quadro 1, trabalham pelo seu

bairro e, em muitas ocasiões, fazem solicitações em prol de toda a cidade. O ponto comum entre as lideranças comunitárias é que todas, com exceção de uma, residem em suas comunidades.

Duas comunidades apresentam alto índice de pobreza, falta de acesso a serviços de saúde pública, condições precárias de moradia e, coincidentemente, tiveram sua origem por meio de assentamento, são elas: Bairro Dom Oscar Romero e Parque Residencial Ernesto Kuhl. Nessas comunidades encontramos muitas famílias trabalhadoras, mas, também muitas famílias sem emprego e sem perspectiva de futuro. A maioria dos moradores não tem escolaridade e a única fonte de renda resume-se na coleta de reciclados na rua. A maioria das casas é de alvenaria, porém sem acabamento: não tem calçadas, muitas não têm portão e nenhum tipo de segurança; e há, ainda, algumas residências ainda são de madeira e papelão. As comunidades também não possuem locais de lazer e contam apenas com um centro comunitário. A segurança é feita por alguns moradores que monitoram a entrada e saída de pessoas da comunidade. Não possuem escolas e as crianças freqüentam as escolas de bairros vizinhos. Segundo os próprios moradores, as crianças, jovens e adolescentes dos outros bairros não costumam ter amizade com as crianças e adolescentes oriundas dos bairros cuja origem é o assentamento.

Os demais bairros Jardim Ouro Verde, Jardim Residencial Vitório Lucato, Jardim Roseira, Anavec I, Parque Victor D'Andréa (Cecap), têm em comum problemas diversos, tais como: ausência de pavimentação nas ruas, transporte coletivo, falta de lazer para comunidade, falta de escolas, praças públicas, problemas de preservação ambiental, falta de capacitação para adolescentes e adultos desempregados. Entretanto, a origem desses bairros não teve como ponto inicial o assentamento, características dos dois bairros descritos inicialmente (Bairro Dom Oscar Romero e Parque Residencial Ernesto Kuhl), cujos moradores vivenciaram os problemas relacionados com luta pela terra e, conseqüentemente, invasão da polícia, tratores derrubando a moradia dos "sem casa", trabalhadores, que além de não ter onde morar, ainda se envolviam em conflitos com a polícia.

As características dos bairros e a identificação dos colaboradores que participaram desse estudo estão especificados no quadro a seguir:

**QUADRO 02 — IDENTIFICAÇÃO DO BAIRRO E DO LÍDER COMUNITÁRIO X  
CARACTERÍSTICAS DA COMUNIDADE**

<b>Identificação</b>	<b>Características</b>
<b>Bairro: Dom Oscar Romero</b> <b>Líder: ASF60</b>	280 habitantes pertencem à região Leste da cidade de Limeira, a economia centra-se basicamente no trabalho informal (solda, colagem e montagem de bijuterias), coleta de recicláveis. É um bairro com muitas necessidades, ainda não tem asfalto, porque teve início em 1995 com um assentamento. A área foi invadida por famílias sem casa, o bairro não consta no mapa do município de Limeira e nem nos cadastros da prefeitura porque é considerado irregular.
<b>Bairro: Jardim Ouro Verde</b> <b>Líderes: ASF48 e ASM54</b>	3.245 habitantes pertencem à região Oeste da cidade de Limeira, a economia centra-se basicamente no ramo da confecção de bijuterias e pequenos comércios, que tiveram início com a venda de lotes e casas residenciais, em 1984.
<b>Bairro: Jd. Residencial Victório Lucato</b> <b>Líderes: ASM58 e ASM23</b>	1.700 habitantes pertencem à região Oeste da cidade de Limeira. É um bairro periférico da cidade, a economia centra-se basicamente em pequenos comércios; teve início com a venda de lotes residenciais em 1993.
<b>Bairro: Jardim Roseira</b> <b>Líder: ASF39</b>	1.885 habitantes pertencem à região Sul da cidade de Limeira, a economia centra-se basicamente no ramo de construção civil, da confecção de bijuterias e pequenos comércios, teve início em 1994.
<b>Bairro: Anavec I</b> <b>Líder: ASM65</b>	3.000 habitantes pertencem à região Norte da cidade de Limeira, a economia é baseada em pequenos comércios.
<b>Bairro: Parque Victor D' Andréa (Cecap)</b> <b>Líder: ASM50</b>	Possui 1.195 casas e a economia centra-se em vários comércios. O início do bairro ocorreu em 1983; as casas são da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU). O bairro, apesar de ter sido implementado por uma instituição governamental, ainda não tem suas inscrições e residências regulamentadas. Por isso, recebe também o nome de Cecap.
<b>Bairro: Parque Residencial Ernesto Kuhl</b> <b>Líderes: ASF43 e ASM53</b>	Possui 7500 habitantes; pertencem a região sul da cidade de Limeira, a economia centra-se basicamente em pequenos comércios, trabalhos informais no setor de jóias e demais serviços de empresas que terceirizam produtos. Teve início em 1992, por meio de um assentamento. A área foi invadida por diversas famílias que não tinham mais onde morar.

Fonte: Prefeitura Municipal de Limeira.

## CAPÍTULO IV

### 4. ANÁLISE DOS DADOS

Após o final das entrevistas, junto dos colaboradores, retomamos a fase da textualização com o intuito, desta vez, de buscar aspectos que possibilitem o desvelamento do conceito e/ou princípio ético subjacentes à ação do colaborador, por meio do agrupamento de idéias.

Finalizada a fase da textualização, iniciamos a fase da transcrição, cuja característica é o aprofundamento do sentido da fala do depoente por meio da inter-relação fala-reflexão teórica, de modo a identificar as categorias de análise à luz do referencial de Piaget e Kolberg. Após a identificação das categorias de análise, cruzamos os dados com a história de vida do depoente para verificar a relação entre a história de vida do colaborador e os princípios éticos que permeiam a sua ação.

Dessa forma, organizamos a apresentação deste capítulo situando a transcrição da fala do líder comunitário contida nos quatro últimos blocos do roteiro de entrevista. As questões inseridas no roteiro de entrevista foram as seguintes:

- a) **(bloco 07)** — em que ano o(a) senhor(a) chegou ao bairro em que mora? Qual o nome do bairro? Como você foi morar nesse bairro? Por quê? Quais foram as principais dificuldades no início? Como era o bairro nessa época? De onde as pessoas vinham e como vinham? Como eram as ruas, casas no início? Houve alguma grande crise, algum fato marcante nessa época? O que aconteceu? O que mudou depois disso?
- b) **(bloco 08)** — Como e quando iniciou seus trabalhos na comunidade? Que dificuldades você encontrou? Qual o fato marcante? Qual sua visão sobre o trabalho que já realizou na comunidade? Você foi influenciado por alguém para realizar esse trabalho?
- c) **(bloco 09)** — Onde o(a) senhor(a) mora hoje? Muita coisa mudou no bairro hoje? O(A) senhor(a) poderia dar um exemplo? Quais os trabalhos que realiza na comunidade hoje? Por que o(a) senhor(a) realiza tantos trabalhos na comunidade? Qual o número de pessoas que o senhor beneficia direta ou indiretamente? O que o(a) senhor(a) mais gosta de fazer?
- d) **(bloco 10)** — Qual é hoje o seu maior sonho? O que o(a) senhor(a) achou de contar um pouco de sua história? Existe alguma coisa que o(a) senhor(a) não contou e gostaria de contar?

## 4.1. Apresentação dos dados

### Transcrição da entrevista

#### Colaborador 01: ASM58

##### Bloco 07

“Cheguei em 1996 e moro no Jardim Vitória Lucato. Fui morar nesse bairro porque vim direto do Paraná para Itirapina e meus pais vieram para Limeira em 1980. O trabalho que consegui na época em 1993 foi em Itirapina, aí comprei um terreno nesse bairro em Limeira, pois minha intenção era um dia ir morar em Limeira. No início várias dificuldades, eu trabalhava numa empresa que não fazia o acerto adequado, trabalhei por quatro anos nessa empresa, vim com pouco dinheiro para Limeira, na época era quatro mil reais, já tinha comprado o terreno que eu estava pagando em parcelas, mas quando vim para Limeira, tive que comprar material para levantar três cômodos e trabalhar muito. E fui eu mesmo quem fez. Na época trabalhei como servente de pedreiro de dia e de noite em casa, sábado e domingo construindo a casa. O bairro até que tinha muitas casas iniciadas, mas todas inacabadas, algumas pessoas construíam um ou dois cômodos e já moravam, só com a lajota montada. Então, rapidamente dentro de um ano construíram muitas casas, mas só depois de três a quatro anos foram terminando. As pessoas, uma grande parte, vinham do interior, principalmente do Paraná, outras famílias já moravam em outros bairros de Limeira e foram comprando os terrenos e mudando para lá. Algumas pessoas chegavam de caminhonete, caminhão, um pouquinho de cada vez. As ruas eram de terra, o terreno muito arenoso, tinha dificuldade quando chovia, só era bom para os carros andarem, mas, quando estava seco, os carros encalhavam na areia, era muito difícil. As casas não tinham segurança nenhuma, embora as famílias fossem todas de longe, as casas não tinham muro e nem portão. Na época a crise era no transporte, não havia transporte coletivo no bairro e a preocupação que nós tínhamos na época era com as biqueiras (ponto de tráfico) nas esquinas, o tráfico de drogas dava medo e para nós que não somos desse mundo, ficava bastante difícil, ficávamos assustados, esse é um fato muito marcante. Hoje essas biqueiras, ainda existem, mas, não são mais tão visíveis e o bairro cresceu, 95% dos lotes estão todos construídos.”

##### Bloco 08

“Comecei o trabalho com esporte né, no ano de 1999 por uma necessidade de carências no bairro, não tinha lazer, esporte, área comunitária, não tinha nada no bairro. A dificuldade de começar esse trabalho foi porque algumas pessoas usavam drogas nesse local. Era um campinho onde essas pessoas batiam uma bolinha para disfarçar o comércio de drogas e, eu comecei um trabalho com as crianças ali, eu fui percebendo que algumas dessas pessoas ficavam agitadas, se alguma bola ali tocasse em alguém, era perigoso eles criarem uma confusão com a minha pessoa, mas como eu tenho muita fé em Deus, o trabalho foi sendo compreendido e essas pessoas foram se afastando e saindo, então, eu estou no trabalho até hoje. Um dos fatos marcantes, que foi o que fez eu começar esse trabalho, foi que eu tinha alguns amigos, famílias que vieram do Paraná e moravam no bairro Teixeira Marques, eles não tinham telefone, me mandaram um recado, que queriam fazer uma partida de futebol nesse campinho. E, então, eu tinha um bar na época e falei vamos marcar, marcamos para o domingo seguinte às nove horas da manhã. Meus amigos chegaram e convidei também os meus fregueses do bar para jogarem, fomos para essa área do campinho e, tinha quatro pessoas sentadas lá, nos trocamos e fomos jogar futebol. Eu fui para apitar essa partida, nesse campo e alguém me disse, seu Airton o pessoal que está lá sentado, não vai deixar nós jogarmos bola, então, perguntei: O por quê?. Quando olhei para o gol, tinha um rapaz pendurado na trave, fui até ele e perguntei: O que está acontecendo? Ele disse: “Nós que vamos jogar!” Eu disse, mas como vocês vão jogar em apenas quatro pessoas, não dá um time e o



time adversário de vocês também não chegou, então, vamos fazer o seguinte, você deixa nos jogarmos de cinco a dez minutos e, na hora que todos chegarem, você nos avisa e nós paramos. Ele não aceitou. Eu disse vamos conversar primeiro, falei quantos homens tem aqui? Você é meu vizinho, sabe que sou uma pessoa de paz, não seria melhor você deixar nós jogarmos do que causar problema? Ele pensou um pouco e disse eu deixo vocês jogarem, mas só que eu vou levar a rede. Aí, fui lá, tirei a rede, dobrei e quando fui entregar, a hora que ele pegou, eu segurei a rede e falei: “Nenê, você sabe o que o ASM58 está fazendo?, O que eu estou fazendo não é medo de você não, estou fazendo por respeito a sua pessoa, então, no momento que você achar que é homem, a primeira coisa que você deve começar a fazer é respeitar o direito de cada um.” Nesse momento, o direito é meu e, nós vamos jogar. Foi esse fato que marcou e, fez com que eu começasse esse trabalho. A visão que eu tenho, que eu me sinto até orgulhoso, que eu percebo e tenho certeza que as pessoas fizeram uma integração, tem união, que as pessoas se respeitam hoje. E esse local hoje se transformou numa área de lazer, nós passamos o domingo com quinhentas a setecentas pessoas, fazendo uma coisa que irrita, porque o futebol tem contato físico, e nunca tivemos um problema de alguém empurrar alguém, tocar em alguém com brigas. Por que sempre falo para todos eles: “Nós somos a autoridade no momento em que cada pessoa respeitar o próximo, nós somos a autoridade.” Nunca fui influenciado por ninguém para fazer o trabalho que faço, é preciso doar um pouco de nós para as pessoas.”

## **BLOCO 09**

“Moro no mesmo endereço. O bairro mudou muito, além da amizade familiar no esporte, mas não é só os homens que participam, a parte feminina também, famílias inteiras participam. Essa relação de amizade, onde as pessoas se conhecem e, passam a se conhecer mais rápido. O bairro também na parte da estrutura comercial mudou muito, temos vários mercados, farmácias e outros comércios. Além da organização do esporte, temos também na associação o artesanato e a informática para comunidade, os ofícios com solicitações de transporte coletivo, limpeza do bairro, além de uma luta que estamos fazendo a muitos anos e que agora se tornou realidade, a prefeitura está construindo nosso posto de saúde, foram muitos anos de reuniões e solicitações para que isso ocorresse. Olha, a visão que tenho é que nós temos que pensar no amanhã, no próximo e nessas crianças. Se nós sentimos que temos vocação, precisamos doar um pouquinho de si para o próximo, ter amor ao próximo, é muito bom. Porque se nós, não tentarmos mudar alguma coisa, por mínimo que seja, o amanhã dessas crianças será bem mais difícil do que hoje. O número de pessoas que são beneficiadas, diretamente no esporte umas três mil pessoas, no bairro todo, umas sete mil pessoas. O que eu mais gosto de fazer é, além de estar em casa com minha família, é estar ao lado de alguém, falando com alguém, ouvindo as pessoas falarem, adquirindo informações, tendo contato com o povo.”

## **BLOCO 10**

“O maior sonho é ter uma comunidade diferenciada e, criar um espaço para que as pessoas venham a ter um conhecimento dos direitos sociais, que elas tenham conhecimento para que a gente possa se unir, para conseguir o direito de ir e vir livremente. Muito bom. Não.”

## **Textualização e transcrição do depoimento**

O colaborador ASM58 informou ter vindo do Paraná para Itirapina, onde conseguiu um trabalho que possibilitou a compra de um terreno no bairro, onde mora atualmente – ele sempre desejou morar em Limeira, talvez, para ficar perto dos pais, uma vez que estes vieram

em 1980 do Paraná para Limeira.

Entretanto, após quatro anos de trabalho em Itirapina, ele se desvinculou da empresa (não se sabe se pediu demissão ou se foi demitido). O dinheiro que recebeu no processo de rescisão foi utilizado para construir três cômodos no terreno, os quais foram construídos pelo próprio colaborador, em 1996. Segundo ele, o dinheiro era pouco e ainda havia as prestações do terreno para saldar mensalmente.

O bairro apresentava sérios problemas de infra-estrutura, entretanto, o que chamou a atenção de ASM58 foram os pontos de tráfico de drogas. Mesmo depois de quatro anos, desde a chegada de ASM58 ao bairro, os problemas de infra-estrutura e os pontos de tráfico de drogas ainda persistiam. Uma área, denominada como “campinho de futebol”, era utilizada para a venda e o consumo de drogas. Foi exatamente nesse local que o colaborador iniciou um trabalho voluntário com as crianças do bairro, provavelmente alguma ação relacionada ao esporte, especificamente o futebol.

Segundo a fala de ASM58, o ambiente era perigoso e os frequentadores do local, violentos. Apesar disso, o colaborador enfrentou a situação em benefício das crianças e da comunidade. Diante disso, pode-se inferir que este ator social preocupou-se em interferir no aliciamento de crianças pelos traficantes de drogas, uma vez que o bairro não possuía área comunitária.

A partir disso, é possível inferir que as crianças seriam facilmente enredadas para a marginalidade. Essa preocupação deveria ser do poder local, que tem o dever de combater a criminalidade, assim como propiciar um local com qualidade de vida para os seus munícipes. Mesmo ciente de que não era responsável por esse tipo de trabalho, o sujeito assumiu o trabalho voluntário junto das crianças do bairro no local do tráfico. Ele não queria somente ocupar o tempo livre das crianças como uma forma de mantê-las ocupadas e longe dessa influencia negativa (não fosse isso, teria desenvolvido seu trabalho em outro local). Num ato de coragem – e coragem aqui é o princípio moral, pois, ele coloca em risco sua vida em prol da comunidade, das crianças – ele enfrenta os traficantes, organiza o trabalho com as crianças e com a comunidade e transforma o local em uma grande área de lazer. O tráfico não acabou, mas esse local, não se constitui mais como um ponto de drogas.

O depoente atribui os resultados positivos de sua ação à fé em Deus, entretanto, essa fala não caracteriza o raciocínio de alguém pertencente ao nível mais elementar da noção de justiça, ou, justiça imanente. Talvez por conta da religião que professe ou, ainda, talvez por não conseguir expor verbalmente as razões que o impeliram a agir dessa forma – visto que ele sequer demonstra noção de se tratar de um princípio ético – o depoente tenha verbalizado essa

justificativa. O fato é que o conteúdo das suas ações é muito mais elaborado que suas argumentações. Esse sujeito consegue enxergar o outro, colocar-se em seu lugar e respeitá-lo além de elaborar estratégias para a resolução de um problema sem que seja necessária a imposição da força física.

Em 2008, nove anos depois, o depoente encontra-se ainda no mesmo bairro. Quanto ao seu projeto esportivo, incluíram-se as mulheres no processo de conhecimento do saber jogar. A preocupação do colaborador continua sendo as crianças, o próximo. “Amor ao próximo” na fala de ASM58 significa gostar do outro, “gostar de gente” e não simplesmente, “de gente pelo qual sou responsável”, como filhos, por exemplo. Pensar na qualidade de vida e no bem estar “é obrigação”. Mas, quando o colaborador manifesta o sentimento de afeto e de cuidado, com aqueles que não estão sob sua responsabilidade de pai/marido/filho, ocorre uma generalização desse afeto: ele gosta do ser humano e isso fica claro ao afirmar: “O que eu mais gosto de fazer é, além de estar com minha família, é estar ao lado de alguém, falando com alguém, ouvindo as pessoas falarem, [...]”. Pode ser que estejamos aqui diante do que Kohlberg chama de benevolência (como gostar do gênero humano).

### **Transcrição da entrevista Colaborador 02: ASF43**

#### **Bloco 07**

“Em 1992 eu cheguei no bairro, né, que foi a primeira conquista, em 1993 nós demos o primeiro empurrão no bairro. O nome do bairro é Ernesto Kuhl, eu fui morar nesse bairro, porque eu morava de favor na casa de um cunhado, ele sempre me ajudou muito, mas eu tinha um sonho, ter a minha própria casa e, como eu trabalhava de enfermeira, eu não sabia nem o que era uma ocupação, um movimento, mas, uma amiga minha me convidou para conhecer, convidou para conhecer aquele lugar. Ela pediu para mim orar para ela, porque ela queria conseguir um terreno e, eu fiz uma campanha de oração para Lourdes e a Lourdes conseguiu um terreno, depois de 15 dias a Lourdes me chamou que meu terreno também estava lá. Aí, eu fui para esse bairro. Eu sofri muito, porque, eu não conseguia buscar água, meus baldes caíam todos no chão, não tinha luz, eu quase coloquei fogo no meu armário, porque eu não sabia acender uma vela direito, não sabia onde colocava a vela. Nós pegávamos água no início em uma mina bem longe de onde estávamos morando, depois nós fizemos um acordo com a prefeitura municipal, porque nós não poderíamos mais ficar sem água né, que na época foram 46 famílias que acamparam primeiro e, aí começaram a chegar mais famílias e com isso a prefeitura instalou pontos de água. No mesmo ano a gente vivia embaixo de lona e de madeirite, eu mesma fiquei um ano morando num barraco de madeirite, eu fiquei morando. Enchia muito de água, porque na verdade aquilo ali era um barranco e uma lagoa. Quem não morava no barranco, morava na lagoa “ O sapo ficava lá cantando”. Então é uma história mesmo e nós vivemos. Eram pessoas que tinham o sonho da casa própria, pessoas que, já não conseguiam mais pagar aluguel, pessoas que chegaram assim, em um nível que não tinha mais moradia, os cadastros dessas pessoas vinham para o bairro e foram chegando e o bairro cresceu muito. Era tudo barraco de lona e madeirite. Houve uma grande crise, teve uma luta muito grande, que eu lembro, todos nós da associação de moradores, do movimento nos unimos,

por uma criança que se chamava Daniele Cristina Norato, hoje ela tem até o nome de uma das ruas do bairro, ela tinha acabado de nascer né, e por um descuido, uma fatalidade a vela caiu e essa criança morreu queimada. Essa foi uma coisa que marcou muito a minha vida naquela rua, onde eu moro, a mãe perdeu a menina assim, dentro de poucos minutos, porque o barraco dela era de madeira e, ela não teve tempo de socorrer, nem os vizinhos tiveram tempo de socorrer a criança, então, a criança morreu queimada. Então, depois desse fato, que essa criança morreu, fomos de encontro com o poder público né, na época fizemos o símbolo de um caixão, que foi uma coisa muito marcante, nós temos até o jornal, nós guardamos tudo e, quando o poder público viu que nós íamos chegar até eles, porque a prefeitura não era muito longe de onde estávamos, era mais perto do local, eles vieram de encontro conosco, a prefeitura estava instalada perto do banco Bradesco no centro de Limeira e, quando nós estávamos descendo o postinho de saúde do Jardim Aeroporto, eles vieram, na época era o Prefeito Pedro Kuhl né, ele desceu do carro, estávamos eu a Julia e a Maria Rita, e nós estávamos com o caixão na mão, que nós fizemos ,então, o prefeito atravessou o canteiro, veio de encontro conosco, para nós não chegarmos até o centro da cidade, porque o movimento estava descendo, e ele perguntou: ‘O que é aquilo?’ Simplesmente eu e as outras companheiras, falamos que ‘aquilo’ era o símbolo de uma criança que tinha sido queimada, que nós só queríamos os nossos direitos de ter energia elétrica e água no bairro. Foi uma coisa assim, que marcou muito a vida de todos nós. E toda vez que eu encontro esse prefeito, ele também comenta que esse fato também marcou a vida dele.”

## Bloco 08

“O meu trabalho iniciou desde o início do bairro, meu trabalho já tem 12 anos, e eu comecei a me envolver com aquelas pessoas, não conhecia tanta pobreza, claro que eu tive uma vida difícil, uma vida que eu tinha que trabalhar, mas não sabia que existiam pessoas mais pobres do que eu, e quando eu comecei a ver aquilo, tudo que eu tinha eu doava. Toda minha comida ia embora, dentro de uma semana, quinze dias, fui muito criticada pelas pessoas por fazer isso, mas Deus não deixava faltar. E eu conheci uma mulher que está até hoje dentro do bairro, que é a doutora Helena e, ela entrou dentro do bairro servindo sopa em uma perua Kombi e, ela precisa de voluntários nas ruas, para levar sopa, então, desde esse dia eu nunca mais parei de trabalhar. Nós encontramos muitas dificuldades na época e até hoje encontramos pelo poder público, pelas pessoas que não queriam ajudar as pessoas lá dentro, então, houve oposição, as pessoas criticavam porque nós dávamos a sopa, que a nós levávamos pão, achavam que era política, mas, na verdade não era política, o trabalho continua até hoje. Teve um fato marcante desse trabalho, tinha um senhora, ela chama Dona Josefa, ela é viva ainda, bem velhinha, é uma guerreira e ela chegou na perua com três vasilhas de sopa, eram três vasilhas de pote de sorvetes e nós entregávamos uma vasilha de sopa. E ela pediu para encher as três aquele dia e aí, a Helena disse: ‘Não dá para encher, porque vai faltar para as outras pessoas’, porque nós fazíamos apenas um tambor de sopa. Dona Josefa falou: ‘Então está bom!’, mas a sopa que ela pegava para comer a semana inteira, ela não tinha comida, guardava aquela sopa, não tinha nem geladeira, ela ia fervendo a sopa e nós perguntávamos a ela: ‘Como a senhora guarda a sopa?’. Porque nós não fazíamos muito mesmo para não estragar. Dona Josefa respondia: ‘Eu vou fervendo’. Ela fervia e deixava na panelinha no chão para a sopa não estragar para ela poder comer todos os dias da semana, para sobreviver à fome que doía. A minha visão sobre o trabalho que já realizei na comunidade, eu posso falar que foi uma conquista, não foi fácil, não é fácil até hoje, tem muitas barreiras, mas, também tem muita conquista. O porquê eu tenho conquistas, eu tenho visto jovens e adolescentes bem encaminhados, conquistando seu espaço, conquistando o centro comunitário dentro do nosso bairro, nós conquistamos a força, a água, tudo isso foi uma conquista de um trabalho que não foi só meu, ele é um conjunto de todas as pessoas que trabalham comigo, é uma conquista muito grande. Não, eu não fui influenciada por ninguém.

## Bloco 09

“Eu moro no bairro, Jardim Ernesto Kuhl. Muita coisa mudou no bairro, hoje eu posso ver assim, é um bairro que tem bastante preconceito ainda, foram quebrados vários tipos de preconceitos, nós temos conquistado o nosso espaço, como eu já citei centro comunitário, eletricidade, nós conquistamos cursos profissionalizantes no Senac, parceiros, a Elektro, uma parceira que trouxe benefícios para a população dentro do bairro, beneficiou 480 pessoas, com a eletricidade, que arrumou todos os conduítes das casas que poderiam pegar fogo e forneceu 48 geladeiras. Isso é uma conquista. Nossos jovens e adolescentes eu tinha uma preocupação muito grande com eles e tenho ainda, porque, na verdade nosso bairro ele é conhecido por tráfico e prostituição, então, hoje nós conseguimos administrar e trazer as crianças para rede social e trabalhar com elas, tirando, muitos adolescentes das ruas, não são todos, mas os que permanecem conosco, já são uma conquista. Hoje tem a Frente Jovem né, nós trabalhamos também com várias parcerias, trabalhamos em rede dentro do bairro, a associação de moradores, que é um grupo que trabalha bastante. Eu sou vice-presidente da associação e, estamos agora iniciando nossa biblioteca comunitária para atender a população que tanto necessita de educação, leitura e preparo para o mercado de trabalho. Eu vou contar sobre o PEPE, na Rua Canudos número 180, nós tivemos uma grande conquista também, nós conseguimos dentro do nosso bairro uma Pré-Escola, para tirar as criancinhas da rua, porque nós realizamos e conquistamos esse trabalho, por ver muitas mães necessitando trabalhar e não tinham como trabalhar, aí nós conseguimos recursos de empresários para comprar uma casa e colocar essas crianças, hoje é uma escola, muito bem formada, as crianças no início estudavam meio período, hoje elas estudam período integral, hoje nos contamos com 80 crianças dentro do PEPE e é uma escola maravilhosa, as mães que não podem olhar as crianças, porque trabalham, as crianças estudam cedo e no período da tarde e também fizemos uma parceria com a escola municipal, para ficar trabalhar junto com o PEPE, para ficar auxiliando, aquelas crianças que estudam só meio período e, ficam na escola nós ajudamos, para que elas não fiquem nas ruas. Eu acredito que seja um dom de Deus, um dom de amor, eu sou uma pessoa que amo muito. Eu tenho um amor muito grande, uma facilidade para amar. Eu acho que aconteceram muitas coisas ruins na minha vida e para não permanecerem coisas ruins na minha vida, eu transformei em coisas boas, então, eu procuro sempre ajudar as pessoas. Em torno de sete mil e quinhentas famílias dentro do bairro, fora as pessoas que ajudamos, fora do bairro também, né. Às vezes, tem pessoas do bairro Nossa Senhora das Dores que nos procuram, precisam de leite, porque nós não podemos pensar só no nosso bairro, as pessoas muitas vezes ligam querendo leite, alimento, então, nós procuramos também ajudar a cidade, o entorno, porque hoje está muito difícil. O poder público não tem ajudado, tudo é muito difícil, as pessoas vão procurar uma cesta básica e não tem, sempre é não, então, nós fazemos o possível para ajudar, o que eu arrecado é para doar. Gosto muito de fazer esse trabalho. O que mais gosto de fazer é uma pergunta difícil, porque eu gosto de fazer de tudo, sempre pensando em ajudar, mas, o que eu mais gosto de fazer é trabalhar com jovens e adolescentes.

## Bloco 10

“Sonhos para comunidade temos muitos, que a discriminação do nosso bairro acabe, que um dia nossos filhos, que todos aqueles jovens e adolescentes, aquelas pessoas mais velhas, que procuram emprego, não sejam discriminados, o nosso maior sonho é poder um dia chegar no posto de saúde e ser tratado por igual. Não ter discriminação, trazer vários projetos para o bairro e mostrar que todos nós temos capacidade de trabalhar. Espaço nós temos, o bairro inclui 7500 famílias, 4.000 crianças, 1.500 jovens e adolescentes, então, é um público alto, não é fácil de ser trabalhado, mas dá para trabalhar, o nosso maior sonho é esse, é quebrar a discriminação do bairro. Foi muito gratificante contar minha história, porque eu sinto também que tem pessoas, que se preocupam com a história do outro. Eu quero falar que dentro do nosso bairro, tudo foi uma conquista muito grande e eu tenho muito a realizar ainda, nós temos que conquistar nosso espaço, nós temos que

trabalhar muito. Eu vou contar sobre o Programa Pré-escolar (PPE), na Rua Canudos número 180, nós tivemos uma grande conquista também, nós conseguimos dentro do nosso bairro uma Pré-Escola, para tirar as criancinhas da rua, porque nós realizamos e conquistamos esse trabalho, por ver muitas mães necessitando trabalhar e não tinham como trabalhar, aí nós conseguimos recursos de empresários para comprar uma casa e colocar essas crianças, hoje é uma escola, muito bem formada, as crianças no início estudavam meio período, hoje elas estudam período integral, hoje nos contamos com 80 crianças dentro do PEPE e é uma escola maravilhosa, as mães que não podem olhar as crianças, porque trabalham, as crianças estudam cedo e no período da tarde e também fizemos uma parceria com a escola municipal, para ficar trabalhar junto com o PPE, para ficar auxiliando, aquelas crianças que estudam só meio período e, ficam na escola nós ajudamos, para que elas não fiquem nas ruas. Vou contar também sobre a conquista da biblioteca comunitária do Ernesto Kuhl, que vem mudando a nossa imagem, mudando o clima do bairro. Esqueci também de contar uma conquista eu o Chico Silva, a Maria Rita Cruz que também é uma grande guerreira, ela hoje também não está no nosso meio, mas é uma mulher que não pode ser esquecida, veio do movimento sem casa e do MST, eu já atuei nos dois movimentos, mas hoje só estou atuando no bairro mesmo, na associação. Mas foi uma coisa que marcou muito as nossas vidas, quando nós entramos no movimento e enfrentamos polícia, cachorro grande, apanhamos muito dos policiais, o policial vinha e batia mesmo e não tinha dó não, quem estava na reta, apanhava mesmo, liderança ia preso, três ou quatro dias, depois vinha o advogado tirava e foi muito marcante e nós ganhamos um curso em Pontal do MST, o movimento sem casa ganhou o curso. Nós fomos, quando chegou em Pontal, era uma fazenda que o INCRA tinha dado, e chegando lá aconteceu uma coisa muito interessante, nós fomos aprender a atirar eu que nunca tinha visto uma espingarda na minha vida, eu falei meu Deus o que estou fazendo nesse lugar, mas, aprendi atirar com a espingarda, nós dormíamos todos no chão, aquele “mundo” de gente, dormíamos um pertinho do outro, porque na verdade nós olhávamos dos lados aquilo era uma sede, como era uma ocupação e estava no início, então, havia aqueles homens com metralhadoras, com espingardas grandes e nós aprendemos a atirar, até isso eu aprendi, atirar com uma espingarda junto com nossos companheiros, com a Maria Rita, com o Chico, com o Luizão que também é um grande companheiro, ele não é do nosso bairro, mas, nos ensinou muito, ele é do movimento sem terra, as lideranças também, nos ensinaram bastante, então, na verdade nossa conquista vem desde o início, é uma coisa que eu não posso deixar de falar. Porque nessa viagem para o Pontal eu conheci até o presidente Lula, dancei forró com ele, ele não era presidente ainda e, tinha ido para lá também, pelo INCRA, pelo movimento sem casa, pelo MST ele também estava lá. E teve nesse local uma barraquinha com a terra solta, e nós dançamos forró, depois de muitos anos, o Lula se tornou presidente. É uma história que as pessoas podem até não acreditar, mas é verdadeira, aconteceu na minha vida, foi uma experiência muito boa, eu deixava toda minha família em casa. O movimento chegava na minha porta, buzina, falava vamos e, aí eu deixava todo mundo na casa da minha sogra e ficava quinze dias no pontal, aprendendo a como ser liderança, aprendendo a cada dia mais, a como lutar pelo nosso povo, essa foi a nossa conquista, um fato que eu não poderia deixar de relatar.”

### **Textualização e transcrição do depoimento**

A colaboradora ASF43 informou que nasceu em Limeira, casou-se muito cedo, separou-se do primeiro marido e, após alguns anos, conheceu outra pessoa e casou-se novamente. Nesse casamento, morava de favor na casa de um cunhado e contou que o seu sonho era ter sua casa própria.

Em 1992, trabalhava como enfermeira e uma das colegas de trabalho comenta com ela sobre um loteamento, na verdade, um assentamento onde estava esperando um lote e a convidou para conhecer. Ela, que nunca havia participado de uma ocupação, ficou interessada, quinze dias depois foi chamada e ganhou um lote naquele local. Segundo a fala de ASF43, ela sofreu muito, pois não existia nenhum tipo de infra-estrutura naquele espaço (água, luz, asfalto).

Era um assentamento com vários acampamentos, barracos feitos de lona e madeirite e nem mesmo existiam ruas. Todas as pessoas que estavam ali tinham o sonho da casa própria, eram pessoas que não podiam mais pagar aluguel, que não tinham nenhum tipo de moradia. Relatou que nessa época houve uma grande crise no bairro: não havia rede elétrica e a iluminação das casas era improvisada pelos moradores, que utilizavam velas.

Uma das moradoras teve de se ausentar de casa para buscar água e deixou uma criança no barraco. A vela estava acesa e não se sabe exatamente o que aconteceu, mas, o barraco incendiou-se, com a criança dentro. Em pouquíssimo tempo, tudo estava destruído e a criança, morta. Diante dessa tragédia, os moradores organizaram-se em passeata e dirigiram-se ao poder público com o intuito de solicitar (exigir) providencias. A depoente levava em suas mãos uma caixa de papelão simbolizando um caixão e a morte daquela criança que havia sido queimada. De acordo com a fala da colaboradora, o poder público percebeu a extensão e a gravidade do fato e, ao saber sobre o movimento que se organizou e dirigia-se rumo à prefeitura, o responsável pela administração municipal antecipou-se e dirigiu-se ao encontro dos manifestantes. Ao se deparar com a cena de algumas pessoas carregando a caixa de papelão, indagou sobre o seu significado. A entrevistada relatou: “simplesmente eu e as outras companheiras, falamos que “aquilo” era o símbolo de uma criança que tinha sido queimada, que nós só queríamos os nossos direitos de ter energia elétrica e água no bairro”.

Em seguida, relatou que sua atividade na liderança comunitária ocorreu quando conheceu uma pessoa, Dr<sup>a</sup> Helena, que distribuía alimentos aos mais necessitados. Ao tomar ciência do trabalho realizado, a depoente se voluntariou no trabalho realizado pela doutora. Na verdade, essa preocupação com o outro teve início muito antes, com movimento dos moradores do bairro exigindo seus direitos de ter acesso a rede elétrica e a rede de abastecimento de água.

A existência de pessoas que passavam fome por não ter como conseguir alimentos também foi algo que sempre perturbou a depoente. Em um dos momentos, em seu relato, explicita que, diante da miséria alheia, doava todo o alimento que tinha em sua casa, aos mais necessitados. Isso fica claro na afirmação:

não sabia que existiam pessoas mais pobres do que eu, e quando eu comecei a ver aquilo, tudo que eu tinha eu doava. Toda minha comida ia embora, dentro de uma semana, quinze dias. Fui muito criticada pelas pessoas por fazer isso, mas Deus não deixava faltar.

A depoente declarou que foi muito criticada dentro da própria comunidade porque começou a trabalhar com a doação de sopa e pão. Muitas pessoas acreditavam que ASF43 estava ali trabalhando com interesses políticos, mas, segundo ela, isso não era verdade. Apesar dos comentários maldosos continuou com o seu trabalho, que ainda perdura.

Nessa tarefa de auxiliar na distribuição de sopa e pão, lembra-se de um fato marcante:

[...] tinha uma senhora, ela chama Dona Josefa, ela é viva ainda, bem velhinha; é uma guerreira e ela chegou na perua com três vasilhas de sopa, eram três vasilhas de pote de sorvetes e nós entregávamos uma vasilha de sopa. E ela pediu para encher as três aquele dia e aí, a Helena disse: 'Não dá para encher, porque vai faltar para as outras pessoas', porque nós fazíamos apenas um tambor de sopa. Dona Josefa falou: 'Então está bom!', mas a sopa que ela pegava para comer a semana inteira, ela não tinha comida, guardava aquela sopa, não tinha nem geladeira, ela ia fervendo a sopa e nós perguntávamos a ela: 'Como a senhora guarda a sopa?'; porque nós não fazíamos muito mesmo, para não estragar. Dona Josefa respondia: 'Eu vou fervendo'; ela fervia e deixava, na panelinha, no chão para a sopa não estragar para ela poder comer todos os dias da semana, para sobreviver à fome, que doía.

É visível, pela expressão do rosto da depoente, que a situação de miséria a que estava exposta Dona Josefa a incomodara. Teve-se a impressão de que ela, a depoente, conseguia sentir a dor da fome relatada por Dona Josefa. A entrevistada, diante dessa situação, poderia ter entregado, naquele momento, a quantia de sopa a que Dona Josefa tinha o direito de receber e ter esquecido o fato, ter apagado de sua memória a fala do outro, mas não o fez. A fala de Dona Josefa estava viva na lembrança dessa colaboradora da pesquisa.

Considerando que o fato de estar diante da penúria do outro foi um fato extremamente marcante, a depoente poderia ter desistido desse trabalho voluntário e ter se ocupado com outras tarefas e, novamente, não desistiu.

Acreditamos que ASF43 não tenha consciência da forma que encontrou para tentar minimizar o estado de miséria daquelas pessoas. Isso foi possível de identificar por meio da fala da depoente sobre o bairro hoje, onde relata a conquista de parceiros e benefícios para a comunidade sob a forma de:

- a) Cursos profissionalizantes para os jovens, visando sua inserção em outros ambientes distintos daquele a que estão habituados a conviver, diariamente. Isso fica claro na fala da colaboradora:



Nossos jovens e adolescentes eu tinha uma preocupação muito grande com eles e tenho ainda, porque, na verdade nosso bairro ele é conhecido por tráfico e prostituição, então, hoje nós conseguimos administrar e trazer as crianças para rede social e trabalhar com elas, tirando, muitos adolescentes das ruas; não são todos, mas os que permanecem conosco, já são uma conquista. Hoje tem a Frente Jovem, né. Nós trabalhamos também com várias parcerias, trabalhamos em rede dentro do bairro, a associação de moradores, que é um grupo que trabalha bastante.

*b) A implantação de uma unidade de educação infantil, no bairro:*

[...] nós conseguimos, dentro do nosso bairro, uma Pré- Escola, para tirar as criancinhas da rua, porque nós realizamos e conquistamos esse trabalho, por ver muitas mães necessitando trabalhar e não tinham como trabalhar, aí nós conseguimos recursos de empresários para comprar uma casa e colocar essas crianças; hoje é uma escola muito bem formada; as crianças no início estudavam meio período, hoje elas estudam período integral; hoje nos contamos com 80 crianças dentro do PEPE e é uma escola maravilhosa, as mães que não podem olhar as crianças, porque trabalham, as crianças estudam cedo e no período da tarde e também fizemos uma parceria com a escola municipal, para poder trabalhar junto com o PEPE, para ficar auxiliando aquelas crianças que estudam só meio período e ficam na escola nós ajudamos para que elas não fiquem nas ruas.

A depoente ainda falou de muitos sonhos para sua comunidade, em 2008, como a ampliação de projetos para adolescentes e a criação de uma biblioteca comunitária para o bairro. Ela diz:

[...] que a discriminação do nosso bairro acabe, que um dia nossos filhos, que todos aqueles jovens e adolescentes, aquelas pessoas mais velhas, que procuram emprego, não sejam discriminados; o nosso maior sonho é poder um dia chegar no posto de saúde e ser tratado por igual. Não ter discriminação, trazer vários projetos para o bairro e mostrar que todos nós temos capacidade de trabalhar. Espaço nós temos, o bairro inclui 7.500 famílias, 4.000 crianças, 1.500 jovens e adolescentes, então, é um público alto, não é fácil de ser trabalhado, mas dá para trabalhar, o nosso maior sonho é esse, é quebrar a discriminação do bairro.

Ao falar de seu trabalho, diz acreditar que seja divino: “eu acredito que seja um Dom de Deus, um dom, de amor, eu sou uma pessoa que amo muito. Tenho um amor muito grande, uma facilidade para amar”. É possível inferir, pelas palavras de ASF43, que acredita em um ser supremo, mas, também, em seu depoimento, o que aparece é a religiosidade de forma generalizada. Entretanto, em momento algum, há a manifestação de crenças ou religião, possivelmente devido ao tipo de trabalho que realiza.

E perceptível, no discurso da colaboradora, os princípios de justiça, direito, igualdade, respeito mútuo e dignidade, mas ao longo do texto, foram aparecendo outros princípios, tais como: amor ao próximo, compaixão, generosidade, coragem.

## **Transcrição da entrevista Colaborador 03: ASF48**

### **Bloco 07**

O Ouro Verde foi em 1984, foi por ter casado, então, nós adquirimos a casa no bairro enquanto nós estávamos namorando, casamos em janeiro 1984 e mudamos para lá. No início, dava impressão que tudo era longe, porque não tinha asfalto eram poucas casas, linha de ônibus eram poucas, então, o ônibus é meio demorado, tinha que depender do ônibus, dava impressão que era tudo longe, não tinha mercado no bairro, só tinha umas merceariinhas, né; depois, com tempo, foi melhorando, mas no início era mais complicado. Então, todas sem asfalto, muito pasto, poucas casas, as casas bem simples, sem asfalto, escola só tinha uma, igreja era pequena, igreja no caso da minha religião da católica ainda era um barracão de tábuas, hoje graças a Deus tem a igreja grande, mas era bem simples ainda. Como não é um bairro assim de casas populares, as pessoas foram chegando aos poucos, então vinham de Minas, do Paraná de várias regiões. Então sem asfalto mesmo, bem simples. Que eu me lembre não.

### **Bloco 08**

Eu comecei a trabalhar na comunidade assim que meu filho entrou na pré-escola; na escola eu já comecei a fazer parte da organização, porque precisavam de pessoas para ajudar na APM, então comecei a participar da APM; depois fiquei sabendo das associações de moradores e entrei como secretária da associação e fomos desenvolvendo nossos trabalhos, foi em 91. No começo, foi difícil porque as pessoas preferem e gostam mais de pedir e criticar do que fazer as coisas, geralmente gostam mais de cobrar, essa foi a grande dificuldade no início. Então, o que mais nós tínhamos trabalho era com os bairros ao lado do nosso, que não tinham asfalto e nós fomos auxiliando todos eles; também tinham muitas casas que, na época, o prefeito acabou dando para algumas pessoas que não tinham documentação, então, nós corremos atrás desses documentos, solicitamos por meio de ofício e, depois também, um outro bairro que não tinha escola; a escola era para ter sido construída dentro de um bairro num local de difícil acesso, onde ficaria muito longe dos outros bairros, além de ser em um buraco e próximo a uma zona de proteção ambiental; através de muitas lutas da associação, várias solicitações por ofício, eu também participando do conselho da educação (01/12/1997 até 30/11/1999), então, com tudo isso nós conseguimos que essa escola fosse construída em um local mais apropriado, próximo dos outros bairros; assim a escola ficou em um lugar, bem melhor localizado, foi necessário chamarmos o engenheiro da prefeitura e o departamento de obras, para mostrarmos os prejuízos futuros que a escola poderia ter, no caso, até de estrutura, porque ficava em um buraco, para que eles vissem a gravidade da obra que eles mesmos iam construir; fora o gasto que teriam durante a obra e depois, esse foi o fato mais marcante, conseguir a escola. É assim, eu fico muito satisfeita, contente de ver que eu consegui ajudar as pessoas e é gratificante saber que muitas pessoas foram beneficiadas com aquilo que você fez. Não, não fui influenciada por ninguém.

### **Bloco 09**

Eu continuo morando no mesmo bairro na mesma casa. Hoje já não se vê nenhum terreno vazio, o movimento do bairro aumentou bastante, o comércio, a questão do tráfego de veículos está bem movimentado, devido ao aumento dos bairros adjacentes, então, o bairro ficou bem mais movimentado. Então, o nosso bairro não tem tanta carência né, muita pobreza, mas o que nós procuramos fazer para aqueles que mais necessitam é o cadastramento de CPF, orientações, informações, festas, porque as pessoas não têm tanto poder aquisitivo; apesar de não ser um bairro tão

carente, não tem como pagar um clube, não tem tanta diversão, então, nós fazemos vários tipos de festas, junina, festa do sorvete, cursos de capacitação para as pessoas socialmente desfavorecidas, as exposições dos cursos, então, é isso que nós procuramos desenvolver no bairro. Agora estou organizando um projeto de geração de renda, juntamente com os vicentinos, para as pessoas que estão sem emprego e pegam cesta básica, nesse sentido, participarão dos cursos como um meio para qualificá-los, mesmo que não retornem ao mercado de trabalho poderão ganhar seu sustento e ter uma condição melhor de vida. A pela satisfação de ver nas pessoas aquilo que elas almejam que precisam e acho que assim, nós que temos disposição, temos vontade, talvez, para nós seja mais fácil do que para eles, então, eu me satisfaço em ajudar. Direta, cerca de duas mil pessoas mais ou menos pela questão de linhas de ônibus, as coisas que nós solicitamos, corremos atrás, os cursos que são feitos, as festas é por ai mais ou menos. Indiretamente a região ali, ela abrange umas dez mil pessoas mais ou menos. É ajudar as pessoas mesmo, estar a serviço da comunidade, ajudar nas festas, correr pra um lado, para outro e ver a satisfação das pessoas.

## **Bloco 10**

Nós temos um sonho, é um sonho meu antigo, né, de fazer uma cooperativa de salgados, doces e também de resgatar as famílias que vieram de fora e fazer uma integração entre todos eles; almoços comunitários, um almoço mineiro, uma comida paranaense, de acordo com cada região que está presente no bairro, para integrar essas famílias cada vez mais, valorizando as culturas, o que cada um gosta de fazer, juntando, unindo mais essas pessoas. É interessante, é como uma viagem de volta ao passado, muito bacana e também de poder passar aquilo que nós já fizemos e o que pretendemos fazer para comunidade. De imediato é isso mesmo.

## **Textualização do depoimento**

A colaboradora ASF48 declarou ter nascido em Brauna-SP e, aos dezesseis anos, ter se mudado para Limeira. Em janeiro de 1984, casou-se e adquiriu uma casa no Jardim Ouro Verde. No início o bairro não tinha muita infra-estrutura, nenhuma rua tinha asfalto, havia muito pasto, poucas casas – casas simples – e uma única igreja e escola.

Nas palavras de ASF48, apesar de não ser um bairro de casas populares (se referindo a habitações financiadas pelo governo), as pessoas que ali chegavam eram de várias regiões do país como Minas Gerais, Paraná e demais regiões próximas à cidade de Limeira.

ASF48 relatou que, depois de sete anos que estava morando nesse bairro, iniciou os seus trabalhos junto a APM (Associação de Pais e Mestres da Escola), quando o filho entrou na pré-escola. Em seguida, ficou sabendo da existência da Associação de Moradores do bairro, onde atuou como secretária desenvolvendo os trabalhos junto da comunidade.

A colaboradora declarou ter enfrentado várias dificuldades, inclusive a crítica de pessoas que poderiam fazer algo pela comunidade. Entretanto, isso não foi empecilho para que continuasse.

Segundo ASF48, os bairros vizinhos é que sempre precisavam de mais assistência:

Então, o que mais nós tínhamos trabalho era com os bairros ao lado do nosso, que não tinham asfalto e nós fomos auxiliando todos eles; também tinham muitas casas que na época, o prefeito acabou dando para algumas pessoas que não tinham documentação, então, nós corremos atrás desses documentos, solicitamos por meio de ofício e, depois, também um outro bairro, que não tinha escola; a escola era para ter sido construída dentro de um bairro num local de difícil acesso, onde ficaria muito longe dos outros bairros; além de ser em um buraco é próximo de uma zona de proteção ambiental; através de muitas lutas da associação, várias solicitações por ofício, eu também participando do conselho da educação (01/12/1997 até 30/11/1999), então, com tudo isso, nós conseguimos que essa escola fosse construída em um local mais apropriado, próximo dos outros bairros; assim a escola ficou em um lugar bem melhor localizado; foi necessário chamarmos o engenheiro da prefeitura e o departamento de obras, para mostrarmos os prejuízos futuros que a escola poderia ter, no caso, até de estrutura, porque ficava em um buraco, para que eles vissem a gravidade da obra que eles mesmos iam construir, fora o gasto que teriam durante a obra e depois, esse foi o fato mais marcante, conseguir a escola.

A depoente claramente conhecia os direitos das pessoas e lutou por eles; o fato de conhecer os direitos e o local onde moravam possibilitou que argumentasse com o engenheiro sobre a troca do local da escola e sobre os fatores negativos do local, que era próximo da zona de proteção ambiental (fato desconhecido do técnico do poder público) e que apontasse as desvantagens da distância da escola para as crianças. Dessa forma, inferimos que por conhecer os bairros, a colaboradora sabia onde se encontrava a maior concentração de crianças naquela localidade.

A depoente informou-nos, também que, durante o período de 1997 a novembro de 1999, fez parte do Conselho da Educação e que ainda trabalha pela comunidade motivada pela satisfação que tem em as pessoas conquistarem aquilo que elas almejam e/ou precisam. Ela diz: “nós que temos disposição, temos vontade, talvez, para nós seja mais fácil que para elas, então, eu me satisfaço em ajudar”. Ela reforça, ainda, que fica satisfeita em ajudar o próximo, beneficiando direta e/ou indiretamente entre duas mil e dez mil pessoas.

Em 2008, ainda morando no bairro, declarou ter vários sonhos para aquela comunidade, como fazer uma cooperativa de salgados, resgatar a cultura da comunidade local, valorizar as pessoas e integrá-las.

ASF48 demonstra em suas palavras o pensar no próximo, no coletivo e na partilha. Diante disso, é possível inferir que coragem, generosidade e justiça são princípios morais, subjacentes a essa colaboradora social.

## **TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA**

### **Colaborador 04: ASF60**

#### **Bloco 07**

Eu cheguei na cidade de Limeira, morei sete anos em um bairro e depois nesse

bairro que eu hoje eu moro, faz doze anos; cheguei dia 05/01/1995. Bairro Dom Oscar Romero. Eu fui morar nesse bairro, porque tive que entrar no movimento sem teto, porque não tinha casa, tinha que pagar aluguel, não tinha condições de pagar, veio o desemprego, veio a fome, a miséria, então, eu tive que entrar no movimento sem casa de Limeira e foi onde eu consegui o meu terreno e, hoje, eu tenho a minha casa; faz doze anos que eu moro nesse bairro. Todas as dificuldades possíveis, não fui bem aceita no bairro porque, quando cheguei, as famílias estavam com três meses que moravam nesse bairro e aí eu não fui aceita porque eu não acompanhei o movimento do início; mas cheguei e fui morar no bairro debaixo de uma lona, fiz um barraco e fiquei morando lá; foi muito difícil, fui rejeitada não fui aceita, fui excluída dos excluídos, porque quando cheguei, como eu não conhecia ninguém, ninguém conversava comigo, quando chegava mantimento, comida, verduras, frutas, eu não recebia, só recebia se sobrasse e em frente do meu barraco havia um buraco com água e era água limpa e eu sempre via todos eles conversando sobre a mina e comecei a pegar água ali para fazer comida, lavar roupa, tomar banho e eu tinha uma vizinha que não me aceitava, porque entrei no movimento sem casa três meses depois, então, ela me via pegando a água e não falava nada, até que um dia, uma outra mulher que morava no bairro me disse: ‘A senhora não pega água?’. Eu disse: ‘A mina passa na frente da minha casa’; ela disse: ‘Não, o que passa em frente da casa da senhora é o esgoto, a mina fica no final do bairro, lá embaixo e eu nunca vi a senhora na fila’. Nesse dia eu descobri que bebi água de esgoto por três meses, mas eu continuei de cabeça erguida e hoje eu tenho a minha casa. Essa mulher não mora mais no bairro, depois de alguns anos vendeu a casa, separou do marido, começou a beber, hoje ela está no sem terra de Limeira, em uma situação muito difícil e como eu sei que ela lutou por esse bairro no início e não tenho mágoa dela; hoje eu sempre a ajudo. Pego a carriola deço aqui no bairro e vou pedindo alimentos, comida para mandar para ela, vou de porta em porta e monto uma cesta básica e mando porque ela está em uma situação muito triste. Não tinha água, não tinha força, não tinha rede de esgoto, não tinha nada; só tinha mato e barraco, lona preta para tudo quanto é lado. De várias cidades, pessoas que já moravam em Limeira há mais de vinte anos e não tinha casa para morar e chegaram a ficar desempregados, e a única solução era invadir terreno e morar, ou voltar para cidade natal, mas, não tinha dinheiro para voltar, então, nós tivemos que enfrentar, que ficar e invadir o terreno e, hoje é onde nós estamos. No início, não tinha rua, era tudo mato, depois de uns seis meses que nós estávamos lá, a igreja católica se compadeceu, tomou conta do projeto e mandou abrir ruas; hoje tem ruas, tem água, rede de esgoto, tem força, mas até hoje o bairro ainda está sem asfalto. Houve vários fatos marcantes, mas a pior de todas as nossas dificuldades que nós passamos no Dom Oscar Romero foi quando o nosso padre, que dava todo apoio, toda assistência, deixou de ser padre, tirou a batina e foi viver a vida dele, então, nós ficamos sozinhos, sem ninguém para ajudar, mas, mesmo assim, nós não deixamos à peteca cair; alguém tinha que fazer alguma coisa e eu fui uma das líderes que falei que eu não ia deixar acabar e hoje eu continuo lá e resolvi tocar aquele bairro até o dia que Deus quiser. Mudaram muitas coisas, nós começamos a trabalhar, arrumamos parceiros, mostramos os trabalhos que nós tínhamos capacidade de fazer, com toda dificuldade, sem dinheiro, sem recursos e, depois de oito anos batalhando, conhecemos a rede social e fizemos muitas parcerias, muita coisa mudou.

## **Bloco 08**

Desde quando mudei para o bairro em 1995, eu iniciei um trabalho que chamava “Caminho da Escola” com as crianças; na época ainda era junto com o padre, depois que ele saiu, eu continuei os trabalhos; conseguimos construir nosso Centro Comunitário e retornamos a fazer os projetos dentro do nosso bairro. Todas as dificuldades para fazer o projeto e trabalhar; fazíamos um projeto, levávamos para um empresário, levávamos para outras entidades, principalmente para o poder público, né, mas infelizmente eles estão muito ocupados para olhar os nossos projetos, foi muito difícil, enquanto nós não tivemos um parceiro de verdade para nos apoiar e nos estender a mão, ensinando como deveríamos trabalhar; nós não conseguimos; hoje nós estamos desenvolvendo muito bem os projetos, graças a

várias parcerias. Sim, muitos fatos marcantes; um dos principais foi nesse período, no início do assentamento em 1995, para nós podermos colocar nossas crianças na escola, porque não eram aceitas; eram meninos que vinham do movimento sem casa e, na cabeça da alta sociedade, das pessoas de um nível superior ao nosso, nós estávamos ali porque éramos todos bandidos, porque não queríamos trabalhar, éramos vagabundos, mas não é bem isso. Nós estávamos ali naquele movimento por não termos recursos, não termos para onde ir; nossas crianças foram muito humilhadas, nossas crianças não tinham escola, era difícil nós encontrarmos uma escola para elas, fomos a várias escolas e nenhuma escola aceitava as crianças; a escola mais próxima estava sempre cheia, nunca tinha vaga. Foi quando eu resolvi juntar todas as crianças; nós demos banho, trocamos todos de roupa, arrumamos chinelos, sapatos para quem não tinha e fiz um mutirão com todos eles: 56 crianças. Levei para escola e chegando lá, entrei e coloquei todos eles sentados em uns bancos de cimento que havia no pátio e olhei para a diretora da época e disse: 'Olha eles vão ter que estudar e se vira.' A diretora disse: 'Não é assim que as coisas funcionam'. Eu disse: 'Na minha cabeça é'; eu volto para buscar todos eles no final da aula'. No mesmo dia eles tiveram que dar um jeito, porque apareceu jornal, rádio, assistência social, defesa civil e tiveram que conseguir as vagas. No outro dia, a diretora me chamou e falou: 'Não é só deixar as crianças aqui não, onde estão os documentos, registros para fazer matrícula?'. Eu disse: 'Eu arrumo', e fui atrás da assistência social, do conselho tutelar, que estava começando na cidade de Limeira, e do centro de promoção social que me ajudou e eu consegui os registros e documentos que faltavam, porque, naquela época, ainda, pagavam os registros e nós não tínhamos dinheiro para pagar nenhum, quanto mais 56. As crianças, então, estavam estudando, tudo estava indo bem, até que eles começaram a me dizer que não queriam mais ir para escola e eu disse: 'O que está acontecendo?' e eles responderam: 'Os alunos da escola nos chamam de bandidos, trombadinhas, vagabundos'. Eu disse: 'Eu vou lá nessa escola'. Chegando na escola, eu conversei com a diretora e falei que ela podia convocar uma reunião geral de pais e mestres, a diretora novamente me disse: 'Dona Francisca as coisas não funcionam assim'. E eu disse novamente na minha cabeça: 'Funciona, amanhã eu estou aqui para essa reunião'. No dia seguinte, no pátio da escola peguei o microfone e disse aos pais: 'Meu nome é Francisca Felex, eu sou líder comunitária do bairro Dom Oscar Romero, somos do Movimento Sem Casa e as crianças estão aqui para estudar, elas não pediram para nascer e têm os mesmos direitos que os filhos de vocês; porque não têm as mesmas oportunidades, não significa que sejam bandidos; são crianças que precisam das mesmas coisas e das mesmas oportunidades que os filhos de vocês; todos aqui têm direito a educação; espero não precisar voltar aqui e ensinar para vocês o que devem ensinar aos seus filhos em casa. Desse dia em diante, não tivemos mais problemas e todos passaram a nos respeitar e eu continuei, durante cinco anos, levando todas as crianças para escola, em dois períodos: manhã e tarde; no período da manhã, eu levava 22 crianças que entravam às 7:00h da manhã e voltava para buscar 12:00h essas mesmas crianças; eu esperava trocar o uniforme e levava para o centro comunitário do outro lado do bairro para participar dos projetos. No período da tarde; eu levava 34 crianças e voltava para buscar no final da aula; essas mesmas crianças, eu também levava para o centro comunitário no período da manhã. Foram cinco anos fazendo oito viagens a pé e hoje ainda participo das reuniões na escola, participo das reuniões no centro comunitário, na creche, mas só que hoje são as diretoras e assistentes sociais que me chamam. Hoje eu tenho uma visão muito grande do trabalho e, se tiver que voltar atrás e fazer tudo de novo, vou fazer bem feito, porque agora eu sei trabalhar com o povo, aprendi com muito sofrimento. Mas, a visão que eu tenho hoje é que mudou, que nós não podemos abaixar a cabeça e nem deixar de fazer o que temos que ser feito; devemos ir à luta e procurar ajuda porque ninguém faz nada sozinho. E mudou muito porque hoje nós temos ruas, temos as nossas casas, temos o próprio centro comunitário do bairro, onde nós trabalhamos com muitas crianças, temos um grupo de capoeira que foi apoiado pela rede social, temos um grupo de mães que trabalham, temos em torno de trinta mães matriculadas, mas que estão indo mesmo com transparência, que nós lidamos ali, no dia a dia; são dezessete mulheres que estão trabalhando e já estão tendo um pouco de renda do trabalho delas; e outro projeto que nós temos é o Eco coletor dos Catadores, onde

aquelas senhoras de idade, hoje, trabalham e têm melhores condições de vida e um lugar para trabalhar. Não, eu nunca fui influenciada por ninguém, eu já nasci com esse dom, já nasci com essa coisa na minha cabeça; como eu não tive mocidade, eu não tive infância, eu acho que alguém tem que fazer alguma coisa, não só por nós mesmos, temos que fazer por nós e pelos outros, então, é uma coisa minha mesmo, que eu quero fazer, continuo fazendo e vou fazer sempre. E agora, eu acho que vou fazer muito mais porque agora eu tenho mais conhecimento, eu tenho ajuda e eu tenho a rede social do meu lado.

## **Bloco 09**

Eu moro no Dom Oscar Romero. Endereço é rua 2, número 290. Muita coisa mudou hoje no bairro; é aquilo que eu volto lá trás e penso para quem morava em um barraco de lona e hoje tem a própria casa, casinha de tijolo, acabadinha, não tem asfalto, ainda, mas tem rua, tem um centro comunitário que nós construímos, onde tem atividades com 50 crianças; nós temos um grupo de mães que funciona dentro desse bairro, tem o Eco, coletor dos catadores, e tem atividade; nós temos 205 pessoas que são todas beneficiadas com tudo que acontece de bom dentro do bairro, quem é beneficiada é a população. No começo, no início do bairro, nós tínhamos uma olaria ecológica que infelizmente, nós tivemos que levar para prefeitura, porque nós não tínhamos condições de manter por termos muitos gastos, mas o Projeto é do Dom Oscar Romero, da associação de moradores e eu continuo trabalhando com a olaria, atuando no Jardim Aeroporto; mas esse projeto é do Dom Oscar Romero. Temos mais esses projetos, que eu já acabei de falar, que é a capoeira, o grupo de mães, esse outro grupo que nós estamos formando e temos vários outros projetos e, que se Deus quiser, vamos continuar. Direto, dentro do nosso bairro, nós temos duzentas e cinco pessoas, sendo noventa e cinco crianças que são beneficiadas com tudo o que acontece e, indireto, nós temos mais de mil pessoas, porque nós damos apoio; nós trabalhamos não só com o nosso bairro, porque o nosso bairro tem inclusão social, nós incluímos no trabalho mais cinco bairros, que dependem de nós, porque é o único bairro que tem uma associação de moradores, que atua em nível de cinco bairros e tem bairro que tem duas mil pessoas e pelo menos umas mil dessas pessoas são beneficiadas com o nosso trabalho. Da olaria, é na cidade toda; até hoje, depois que eu estou lá, que faz cinco anos, nós já temos mais de 2.000 pessoas beneficiadas, com sua casa própria, então, no geral é a cidade toda. Por semana trabalham oito famílias; o trabalho dura quinze dias, fazem cinco mil tijolos e são beneficiados com esse material para construção da casa; eles constroem dois cômodos com um banheiro. Só no bairro Ernesto Kuhl são mais de trinta famílias, fora os outros bairros; ao todo, no geral no período desses cinco anos, duas mil famílias já foram beneficiadas com o projeto Olaria. As famílias vão até a Olaria e eu ensino a fazer o tijolo; tem o tempero certo, eles ficam comigo quinze dias; na maioria são mulheres que fazem os tijolos e constroem as suas casas; tem muita mulher que o marido está preso, então, elas precisam de um lugar para ficar com a família e as pessoas que vão fazer os tijolos, não tem lugar para ficar, é baixa renda mesmo. Olha, eu gosto de fazer o meu trabalho, que eu sempre fiz, gosto de fazer com transparência, gosto de fazer tudo, para ajudar o meu povo, eu costumo chamar meu povo as pessoas pobres, de baixa renda, pessoas que não tem emprego, pessoas que estão na mesma situação que eu já estive um dia, então, é a coisa que eu mais gosto de fazer ajudar e, enquanto eu viver, vou continuar fazendo.

## **Bloco 10**

O maior sonho que eu tenho para realizar é ver aquele bairro asfaltado, regularizado e ver todas as crianças estudando, com um bom emprego. O sonho que eu tenho para essa cidade, se fosse uma coisa do meu alcance, era transformar tudo, acabar com as drogas, acabar com a prostituição, ver todo mundo trabalhando, ver todas nossas crianças em uma escola e todos saindo com seu bom emprego; essa é a cidade que eu sonho. Ah! Eu achei muito bom lembrar o passado, a idade vai chegando e nós

vamos esquecendo algumas coisas; e tem coisas que eu nem gosto de contar porque são muito doídas. Não, agora no momento não, porque eu acredito que meu sonho está se realizando e vai se realizar junto com a rede social; daqui para frente, eu só tenho histórias bonitas para contar.

### **Textualização do depoimento**

A colaboradora ASF60, que nasceu em Pena Forte, Ceará, relatou que teve 15 filhos, mas morreram 12. Ela veio para Limeira em busca de melhores condições de vida, morou sete anos em um bairro da cidade pagando aluguel e finalmente foi para o Dom Oscar Romero em 1995.

Declarou que foi morar no bairro porque teve de entrar no movimento sem teto, por não ter mais condições de pagar aluguel. Disse que com o desemprego veio a fome, a miséria e o que a única alternativa foi unir-se ao movimento sem casa de Limeira. Contou que passou por todas as dificuldades possíveis e imagináveis, morando em um barraco de lona, sem água, sem energia elétrica, foi a excluída dos excluídos até pelos próprios assentados por ter chegado ao movimento três meses depois.

Segundo ASF60, as pessoas daquele local não falavam com ela e, em frente ao seu barraco existia um buraco com água. Por acreditar que aquela fosse utilizada pelas pessoas, começou a usá-la para beber, cozinhar, lavar roupa, dar as crianças, entretanto, água era do esgoto. Ao lado de seu barraco, vivia uma vizinha que não gostava dela por achar que ela não merecia estar ali e, por isso, assistia todos os dias ASF60 tomar aquela água e permanecia calada. Passado algum tempo, uma outra senhora que estava morando ali estranhou que ASF60 não aparecia na mina para buscar água limpa, assim como faziam as outras mulheres e a informou que a água que ela estava usando era de esgoto.

Mas, isso também não a fez desistir. Ela diz:

Nesse dia eu descobri que bebi água de esgoto por três meses, mas eu continuei de cabeça erguida e hoje eu tenho a minha casa. Essa mulher não mora mais no bairro, depois de alguns anos, vendeu a casa, separou do marido, começou a beber. Hoje ela está no Sem-Terra de Limeira, em uma situação muito difícil e, como eu sei que ela lutou por esse bairro no início e não tenho mágoa dela, hoje eu sempre a ajudo. Pego a carruola, desço aqui no bairro e vou pedindo alimentos, comida para mandar para ela. Vou de porta em porta e monto uma cesta básica e mando, porque ela está em uma situação muito triste.

Pelas palavras de ASF60, nota-se que a colaboradora superou uma situação austera e qualquer outro sentimento de mágoa ao perdoar a pessoa que lhe causou desconforto, tornando-se ainda uma benfeitora a quem lhe ignorou. Nesse caso, infere-se que o princípio



moral aqui é o da misericórdia, no sentido de perdoar alguém que a excluiu, perdoar alguém que omitiu uma informação importante sobre a água contaminada que poderia ter levado essa família a contrair alguma doença, alguém que não teve piedade e nem misericórdia de ASF60, que também não tinha casa, emprego e nem mesmo água para banhar-se, beber e preparar os alimentos. Entretanto, nada disso foi suficiente para que ASF60 cultivasse algum outro tipo de sentimento, conforme consta em seu depoimento, diferente da misericórdia, considerada, nesse caso, uma virtude.

Segundo ASF60, quem foi viver naquele bairro foram pessoas que moravam em Limeira, cuja única solução para sobrevivência foi invadir aquela área. Ela reforça que vários fatos foram marcantes para ela, porém o mais difícil foi quando um padre que lutava com a comunidade deixou a batina. Nesse momento, ASF60 diz: “[...] nós não deixamos a peteca cair; alguém tinha que fazer alguma coisa, e eu fui uma das líderes que falei que eu não ia deixar acabar e hoje eu continuo lá e resolvi tocar aquele bairro até o dia que Deus quiser”. A ausência do padre frente à comunidade não esmoreceu o ânimo de ASF60. Ao assumir o bairro, segundo suas palavras, assumiu também todos os projetos e as famílias que ali estavam; desse dia em diante, a colaboradora cuida desse bairro. É possível, portanto, inferir que a coragem, aqui entendida, é a coragem de fazer o bem como princípio moral.

Quanto ao início dos trabalhos em comunidade, ela relatou que desde 1995, atuou com um projeto chamado “Caminho da Escola” e relatou como foi esse momento:

Desde quando mudei para o bairro em 1995, eu iniciei um trabalho que chamava “Caminho da Escola” com as crianças; na época ainda era junto com o padre, depois que ele saiu, eu continuei os trabalhos; conseguimos construir nosso Centro Comunitário e retornamos a fazer os projetos dentro do nosso bairro. Todas as dificuldades para fazer o projeto e trabalhar; fazíamos um projeto, levávamos para um empresário, levávamos para outras entidades, principalmente para o poder público, né, mas infelizmente eles estão muito ocupados para olhar os nossos projetos, foi muito difícil, enquanto nós não tivemos um parceiro de verdade para nos apoiar e nos estender a mão, ensinando como deveríamos trabalhar; nós não conseguimos; hoje nós estamos desenvolvendo muito bem os projetos, graças a várias parcerias. Sim, muitos fatos marcantes; um dos principais foi nesse período, no início do assentamento em 1995, para nós podermos colocar nossas crianças na escola, porque não eram aceitas; eram meninos que vinham do movimento sem casa e, na cabeça da alta sociedade, das pessoas de um nível superior ao nosso, nós estávamos ali porque éramos todos bandidos, porque não queríamos trabalhar, éramos vagabundos, mas não é bem isso. Nós estávamos ali naquele movimento por não termos recursos, não termos para onde ir; nossas crianças foram muito humilhadas, nossas crianças não tinham escola, era difícil nós encontrarmos uma escola para elas, fomos a várias escolas e nenhuma escola aceitava as crianças; a escola mais próxima estava sempre cheia, nunca tinha vaga. Foi quando eu resolvi juntar todas as crianças; nós demos banho, trocamos todos de roupa, arrumamos chinelos, sapatos para quem não tinha e fiz um mutirão com todos eles: 56 crianças.

Levei para escola e chegando lá, entrei e coloquei todos eles sentados em uns bancos de cimento que havia no pátio e olhei para a diretora da época e disse: ‘Olha eles vão ter que estudar e se vira.’ A diretora disse: ‘Não é assim que as coisas funcionam’. Eu disse: ‘Na minha cabeça é’; eu volto para buscar todos eles no final da aula’. No mesmo dia eles tiveram que dar um jeito, porque apareceu jornal, rádio, assistência social, defesa civil e tiveram que conseguir as vagas. No outro dia, a diretora me chamou e falou: ‘Não é só deixar as crianças aqui não, onde estão os documentos, registros para fazer matrícula?’. Eu disse: ‘Eu arrumo’, e fui atrás da assistência social, do conselho tutelar, que estava começando na cidade de Limeira, e do centro de promoção social que me ajudou e eu consegui os registros e documentos que faltavam, porque, naquela época, ainda, pagavam os registros e nós não tínhamos dinheiro para pagar nenhum, quanto mais 56. As crianças, então, estavam estudando, tudo estava indo bem, até que eles começaram a me dizer que não queriam mais ir para escola e eu disse: ‘O que está acontecendo?’ e eles responderam: ‘Os alunos da escola nos chamam de bandidos, trombadinhas, vagabundos’. Eu disse: ‘Eu vou lá nessa escola’. Chegando na escola, eu conversei com a diretora e falei que ela podia convocar uma reunião geral de pais e mestres, a diretora novamente me disse: ‘Dona Francisca as coisas não funcionam assim’. E eu disse novamente na minha cabeça: ‘Funciona, amanhã eu estou aqui para essa reunião’. No dia seguinte, no pátio da escola peguei o microfone e disse aos pais: ‘Meu nome é Francisca Felex, eu sou líder comunitária do bairro Dom Oscar Romero, somos do Movimento Sem Casa e as crianças estão aqui para estudar, elas não pediram para nascer e têm os mesmos direitos que os filhos de vocês; porque não têm as mesmas oportunidades, não significa que sejam bandidos; são crianças que precisam das mesmas coisas e das mesmas oportunidades que os filhos de vocês; todos aqui têm direito a educação; espero não precisar voltar aqui e ensinar para vocês o que devem ensinar aos seus filhos em casa.

Esse problema não era de ASF60; era um problema do poder público local e demais autoridades como conselho tutelar, serviço de promoção social, enfim, outros órgãos e organismos públicos. No entanto, ASF60 agiu de acordo com a necessidade daquela população, daquelas crianças, enfrentou o poder público e lutou para que o direito de todos fosse igual. Segundo sua fala, todas as crianças são iguais, necessitam das mesmas oportunidades e têm direito à educação e ao respeito:

Desse dia em diante, não tivemos mais problemas e todos passaram a nos respeitar e eu continuei, durante cinco anos, levando todas as crianças para escola, em dois períodos: manhã e tarde; no período da manhã, eu levava 22 crianças que entravam às 07:00h da manhã e voltava para buscar 12:00h essas mesmas crianças; eu esperava trocar o uniforme e levava para o centro comunitário do outro lado do bairro para participar dos projetos. No período da tarde; eu levava 34 crianças e voltava para buscar no final da aula; essas mesmas crianças, eu também levava para o centro comunitário no período da manhã. Foram cinco anos fazendo oito viagens a pé e hoje ainda participo das reuniões na escola, participo das reuniões no centro comunitário, na creche, mas só que hoje são as diretoras e assistentes sociais que me chamam.

Nesse ano, a colaboradora relatou que o bairro mudou muito, mas se tivesse que fazer tudo novamente faria: “[...] a visão que eu tenho hoje é que mudou, que nós não podemos abaixar a cabeça e, nem deixar de fazer o que temos que ser feito devemos ir a luta e procurar

ajuda, ninguém faz nada sozinho”. Ela atribui o trabalho a um “Dom Divino” e diz fazê-lo porque assim quer e assim continuará “até quando Deus quiser”.

ASF60 trabalha em benefício de uma população de três mil pessoas – entre moradores do seu bairro, dos bairros próximos e da Olaria, na qual é voluntária na fabricação de tijolos. Ela gosta de fazer o que faz para ajudar “o seu povo”, designação essa que ela dá àqueles que, igualmente, estão ou estiveram na mesma situação que ela, ou seja, pessoas pobres, de baixa renda, desempregados. Portanto, é possível inferir nas verbalizações de ASF60 que ela se coloca no lugar do outro, sai de sua perspectiva o tempo todo, demonstrando generosidade, misericórdia e amor ao próximo.

### **Transcrição da entrevista**

#### **Colaborador 05: ASM53**

#### **Bloco 07**

Moro no Ernesto Kuhl, mudei depois de um ano que foi invadido, comprei só o terreno, o antigo proprietário queria ir embora, então, acabei comprando e construí minha casa. Porque a situação não dava mais para pagar aluguel, né, eu tinha um carro velho, uma Brasília, né, o antigo dono se interessou muito e eu acabei trocando com ele o terreno que tinha sido invadido. No início, foi construir, porque não tinha dinheiro para nada; as pessoas falam que sobra o dinheiro do aluguel, mas nunca sobra para construir; eu morei bem dizer em um barraco; foi levantado quatro paredes, um cômodo, né; fiquei uns três anos, morando ali dentro, sem muro, sem água; quem me dava água era a vizinha. Nessa época, era muito mato, muito bandido, muita coisa ruim tinha; não tinha luz, sempre no escuro. Vinham das vilas próximas, as pessoas diziam: “Vamos lá que estão invadindo”, e invadiam também, faziam uns barracos de lona e já entravam ali mesmo para morar; eram todas pessoas que não conseguiam mais pagar aluguel, desempregados que não tinham para onde ir. No início, não tinha rua, fazíamos um grupo de doze barracos, um ao redor do outro, para ficarem todos perto, com uma distância de dois metros um do outro; mais doze barracos e fomos montando o bairro; depois, com o bairro praticamente montado, abrimos as ruas; nós mesmos que resolvemos; a prefeitura mandou um engenheiro que orientou mais ou menos e abriu as ruas e colocou luz. As casas não existiam, o que existiam eram barracos de lona preta. Sim, porque o nosso ex-prefeito, Jurandir Paixão, mandou o trator passar em cima de todo mundo lá no bairro; quem escapou foi quem correu para fora do barraco, mas ele mandou passar em cima de tudo. Isso aí foi uma coisa que marcou muito no nosso bairro. Mudou porque desse dia em diante, as pessoas resistiram e começaram a construir casas de alvenaria, mais rápido, da noite para o dia, cobriam e não tinha mais como derrubar.

#### **Bloco 08**

Eu trabalho nessa comunidade desde o início, mas com trabalho, com associação mesmo, foi no ano de 2000. Muita pobreza, todos que chegavam na porta, começavam a conversar e já pediam alguma coisa para você: ‘tem como o senhor me dar um pó de café, um açúcar? Eu não tenho nada’. Eu ia até a casa da pessoa e via aquela criança deitada ou sentada no chão, todos sujos, sem água para tomar banho, isso foi muito marcante também. Mais marcante é você ver crianças com fome, pedindo comida. Muito bom, né, algumas coisas que foram feitas no bairro; até hoje, graças a Deus, as pessoas que encontramos nas ruas nos agradecem e dizem: ‘Vocês fizeram um bom trabalho aqui, que nos ajudou muito’. Muita coisa

nós fizemos, por exemplo: o centro comunitário mesmo, se não é nós trabalharmos, solicitarmos, não teríamos até hoje; e funciona bem, tem duas assistentes sociais, tem um curso para as crianças e tem doação de algumas cestas básicas e roupas usadas para quem está sem nada; ajuda muito. Não, lá na comunidade, não, porque juntei um grupo e falei: ‘Vamos fazer?’; ‘Vamos’, e estou lá até hoje. Mas, eu não posso esquecer do que eu tive exemplo, meu pai, que ajudava demais as pessoas, meu pai era um homem muito bom, né; lembro que juntava uns trinta ou quarenta rapazes na roça, meu pai organizava e ia para o sítio ou para fazenda, com um mutirão de homens para limpar roça, carpir, plantar, para ajudar alguém que estava precisando, com o mato muito alto ou que estava doente, porque não podia fazer o serviço, todos iam para ajudar.

## **Bloco 09**

Moro no mesmo bairro, Jardim Ernesto Kühl. Rua Canudos nº 120. Mudou sim, depois de muita luta, hoje nós temos as ruas, asfalto, água, temos eletricidade, enfim, várias conquistas. No ano de 2007, conseguimos curso para 97 adolescentes, de preparação para o mercado de trabalho e, depois do curso, a maioria deles estão empregados, com carteira assinada e isso para nós é uma vitória, porque os empresários não contratavam nem adultos no bairro, quanto mais adolescentes. As mães, as mulheres do bairro, nos encontram nas ruas e dizem: ‘Meus filhos estariam na rua hoje, usando drogas, não fosse pelo trabalho de vocês’. Eu sou da Associação de Moradores, sou 2º secretário, agora estamos com um projeto muito bom que é da Biblioteca Comunitária para comunidade; tem um projeto Socioambiental, também para a praça do bairro de revitalização. Para ajudar, né, porque existe muita coisa que poderia ser feita e ninguém faz, o poder público fecha os braços. Fizemos a associação para fazer alguma coisa pelo bairro e, graças a Deus, melhorou muito. O bairro inteiro, hoje, tem umas sete mil pessoas e também tem pessoas que ajudamos fora do bairro. Eu gosto, para falar a verdade para você, de tudo, né; quando você começa a fazer um trabalho e você visita as pessoas, que você chega nas casas e pergunta: ‘Seu fulano como o ser está, como está sua saúde?’ Eles falam: ‘ASM53, estou precisando disso, daquilo’; você começa a se envolver e você acaba fazendo tudo, tentando resolver tudo que as pessoas precisam.

## **Bloco 10**

O maior sonho que eu tenho hoje é ver todos os nossos jovens trabalhando, é montar a sede da nossa associação e a biblioteca comunitária e, se Deus quiser, nós vamos esse ano realizar esse sonho. Muito bom. Posso falar que o trabalho em rede abriu nossa visão, que nós pretendemos levar mais cursos para comunidade porque todos os dias as pessoas fazem fila na porta da minha casa, procurando uma oportunidade e, se eu puder, vou ajudar.

## **Textualização do depoimento**

O colaborador ASM53 informou que nasceu em Água Boa, Minas Gerais, passou pelo Paraná e que alguns anos depois chegou a Limeira, chegando ao bairro onde mora, um ano depois da invasão. Segundo ASM53, a situação era muito difícil e ele não tinha mais como pagar aluguel, portanto, trocou um veículo que tinha por um terreno e, ainda assim, encontrou muita dificuldade em construir, pois não sobrava dinheiro. Morou em um barraco durante três anos, antes de construir sua casa e só bebia água porque a vizinha lhe fornecia. Além disso, a situação no bairro era muito difícil devido à falta de infra-estrutura básica; as pessoas que

moravam ali chegavam de todos os lugares. As ruas foram abertas contando os barracos de lona de doze em doze.

Dentre os vários momentos em que viveu nessa situação, não se esqueceu do trator enviado pelo poder público para derrubar os barracos e houve, nessa ocasião, uma mudança de postura por parte dos moradores, que passaram a construir suas casas de tijolos como forma de resistência às máquinas.

O depoente afirmou que iniciou seus trabalhos na comunidade desde o início de formação do bairro, entretanto, as atividades na associação iniciaram no ano 2000, certamente motivado pela pobreza:

Muita pobreza, todos que chegavam na porta, começavam a conversar e já pediam alguma coisa para você: Tem como o senhor me dar um pó de café, um açúcar, eu não tenho nada'. Eu ia até a casa da pessoa, e via aquela criança deitada ou sentada no chão, todos sujos, sem água para tomar banho, isso foi muito marcante também. Mais marcante é você ver crianças com fome, pedindo comida.

Apesar de a situação não ser responsabilidade dele, as dificuldades do outro levou esse cidadão comum a tentar fazer alguma coisa por aquela comunidade. Nesse sentido, procurou lutar por oportunidades para aquela localidade. Ainda hoje muitos moradores reconhecem o bom trabalho realizado na comunidade. Dessa forma, o colaborador lutou por um local que pudesse atender, mesmo que precariamente, a população, ajudando-a nas necessidades primária; algo que fez muita diferença para uma comunidade que não tinha emprego, oportunidades e muito menos alimentação. ASM53 informou que nessa caminhada não se esqueceu do exemplo de luta e benfeitorias de pai, “um exemplo até hoje” para ele.

No ano de 2008 declarou estar morando no mesmo bairro e falou das várias conquistas que obtiveram como a abertura de novas ruas, a pavimentação delas, instalação de água e eletricidade, vagas para cursos de capacitação para o trabalho. Naturalmente, a imagem do bairro com esses trabalhos e das oportunidades dos projetos que ainda acontecem, mudou a imagem do bairro.

ASM53 diz fazer o que faz para ajudar as pessoas, mesmo sabendo que não é responsável por melhorar a vida daquela comunidade; sempre trabalha em prol do coletivo e luta por benefícios para todos. Luta pela igualdade, mas acima de tudo, tem coragem de enfrentar muitas vezes malfeitores em busca de um lugar melhor para os adolescentes. Ainda informou que o seu sonho é ver todos os jovens trabalhando e a biblioteca comunitária organizada para atender a comunidade. Três grandes categorias estão presentes em sua fala, coragem, generosidade e compaixão, além da justiça pela igualdade.

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

### Colaborador 06: ASM65

#### Bloco 07

Praticamente, quatro anos, né, O nome do bairro é Anavec I. Força do destino, não conhecia ninguém, não tinha parente aqui, eu me aposentei, fui para Bebedouro, lá fiquei um ano, não deu certo. Ficou muito longe para os filhos entrarem em contato pessoalmente. Assim, fui atrás de uma casa, tenho uma sobrinha aqui em Itacemópolis e vim para cá e consegui essa casa. E tem um anjo que eu não posso nunca desprezar, é o seu Benedito de Cordeirópolis, que eu conhecia também e foi o principal elo de eu estar aqui em Limeira; foi esse senhor e a mulher dele, Dona Soraia. Falta de conhecimento, essa foi uma das principais dificuldades no início do bairro; quando cheguei, fui conhecendo aos poucos; agora sempre digo assim: 'quem chega em algum lugar é que tem que fazer a vizinhança, porque quem está, já tem', não é isso? Sabe selecionar qual é aquele que é bom, aquele que não é porque quem chega é que tem que fazer a sua amizade. Porque se eu for para o bairro, as pessoas vivem; e se eu não for, as pessoas vivem também. Normal, porque na época, já era formado, né? Agora, precisando de muita coisa, mas, era um bairro onde o básico já tinha; a gente foi ampliando, né. Era um bairro de loteamento aberto, então, as pessoas compraram os terrenos e construíram as casas. O bairro já estava formado. Não teve grande crise não, porque nós fomos aos poucos aconchegando com o povo e fazendo amizade. E nós fomos mostrando que nós precisávamos de amizade e de ambas as partes e não teve, assim, uma crise marcante não.

#### Bloco 08

Aí, é uma longa história, com catorze anos na Bahia, eu já tomava conta de um time de futebol. Tomava conta do jogo de futebol; nunca recebi um tostão de salário pelo meu trabalho, sempre de livre e espontânea vontade; se eu ponho do bolso alguma coisa, o povo que esteja ao meu redor que diga. Eu, que não vou dizer isso. Mas nunca recebi. Agora, fui para o Paraná; lá também era minha vida trabalhar com futebol, igreja, escola; fui diretor de escola, diretor administrativo, não diretor com os professores, não. Quando eu, nas vilas onde eu passava, já percebia que precisavam de alguma coisa, eu já entrava pelo meio para ajudar, sempre bem recebido, graças a Deus, no Paraná; todo lugar que eu morei, formava um campo de futebol, formava uma comunidade, trabalhava na igreja e, tudo isso, eu sempre fiz com muito amor. E, em São Paulo, nem se fala, São Paulo o berço principal do meu trabalho foi ali, igreja, onde eu tenho uma casinha em São Paulo, tudo que tem hoje, tem asfalto, luz, água, esgoto, tem sempre, tem um dedo meu pelo meio, tem. A prova está quando eu vou lá e o povo lembra, e a igreja foi um trabalho muito bonito, eu cheguei, tinha uma casinha em São Paulo em 1982, eu entrei na comissão da igreja como vice, depois fui a presidente do trabalho e fiquei quinze anos. Sempre eleito, toda vez, era automaticamente, já falava meu nome e, era por votação, era oito ou dez, as vezes eu ganhava pelos oito ou dez, não sei porque? Como? Mas, era assim. E aí, nós fomos atrás de um terreno em 1983, quando formou o bairro, a imobiliária do Dr. Raul deu a área para igreja, mas, bem no fundo do bairro. E, os bairros foram aumentando e aquele terreno ficou no fundo e, nós fomos atrás de um terreno mais central para fazer uma negociação e essa negociação nós fomos a prefeitura, em 1983, conversamos com o prefeito da época, o padre, mais a comissão e, ali com três, quatro reuniões, as pessoas começaram a desanimar, por achar que não estava certo o que o prefeito estava fazendo e, somente eu continuei de 83 até 1991 foi o ano em que eu peguei a escritura, foram 220 viagens, atrás desse terreno, mas, hoje está uma belíssima igreja. O que me marcou muito um dia desses, aquele padre Luiz que toma conta lá, ele me chamou na sacristia, começamos a conversar e eu falei "A igreja que está bonita, está linda, está pintadinha." O padre falou: "Não, bonito foi o dia em que você fez a primeira viagem, atrás do terreno, esse foi o mais bonito." Me marcou muito, a lembrança né.

Em Bebedouro foi o trabalho mais bonito e mais rápido que eu já fiz na minha vida, Bebedouro foi dentro de um ano, quando nós fomos morar na vila Santa Terezinha, a igreja lá era coberta de lona, plástico e cercada de bambu, e tinha um quartinho para o padre se trocar e um banheiro pequeno. E, dentro de um ano, nós desmanchamos aquilo tudo, fizemos o alicerce, cobrimos, fizemos dois banheiros, fizemos tudo e deixamos pronto, dentro de um ano, ali foi um trabalho muito bonito e a comunidade ajudou demais. Só que o meu trabalho é sempre transparente, não existe nada de escondido, quando eu faço festa assim, eu digo amanhã vai ser o balanço quem quiser participar a casa esta aberta, aqui estão às contas, ganhamos ou perdemos está tudo aqui, para todos verem. Agora aqui eu sou muito pequeno, sou o Zezinho lá do canto da praia, estou começando agora. Em Limeira, foi interessante a Associação de Moradores Ordem e Progresso de Limeira, nasceu lá em casa, tem um senhor, meu vizinho, que disse que estava com um problema com uma árvore que estava quebrando a calçada, e, a raiz estava entrando para o quintal dele e, futuramente entraria no quintal dos outros também é tudo pertinho, né. Ele disse: “Seu Zé eu estou com essa árvore aqui para arrancar, já estou pedindo para prefeitura retirar a muito tempo, dois anos e não aparece ninguém para retirar, corpo de bombeiros, sei lá, não vem ninguém. Eu disse para ele, mas, o senhor o que é que faz? Ele respondeu: “Eu ligo pra eles.” Aí eu fui na prefeitura, pagar um imposto e conheci um rapaz, aí conversando, dessa conversa que nós tivemos essa idéia, o rapaz me disse: “Porque é que o senhor não forma uma associação?”; “Eu falei, eu estou no bairro há oito meses, eu vou chegar lá tem homens de vinte ou trinta anos que são moradores, e eu chego com essa proposta, que vou fazer uma associação, se os homens forem muito educados, vão me chamar no mínimo de exibido.” Se você quiser, eu posso ceder a casa, convidar as pessoas, não sei quantas pessoas vão, porque sou desconhecido. Você faz a proposta e todos escolhem uma diretoria, uma comissão, futuramente e, assim foi feita a primeira reunião. Foi três, quatro reuniões, a primeira reunião já tinha dez ou doze pessoas, começou no dia 25/03/2005, a primeira reunião lá em casa. Eu sei que quando foi dia 25/08 formou uma comissão, já formou uma diretoria e dia 09/03/2006 foi feito, já, através de documentações. Aí, o Miltinho um amigo da associação do Santina, foi secretariar a primeira reunião da diretoria, escolhida através de voto e, naquela época foram convidadas 200 pessoas, votaram como se fosse eleição mesmo, com documentos, papéis organizados e, assim, foi, criou-se essa associação. Depois de quinze dias foi cortada essa árvore e, agora estamos trabalhando por uma praça, que nós não temos, não existe uma praça naquela região. A idéia daquela praça, estamos a dois anos planejando e, até agora na prefeitura só está no papel, na prática não teve nada ainda. Agora, o esperar não é perder tempo, né, é paciência. Teve um Eco Ponto, um espaço que o bairro precisava para reciclagem, onde fiz a solicitação, e foi feito um trabalho muito ruim no começo, nós reclamamos e hoje, está muito bom, também foi um dos trabalhos da associação, eu já pedi para cortar umas cinquenta árvores condenadas e, plantamos mais ou menos umas cinquenta árvores em dois ou três lugares, a associação também tem sua participação, até tem a história da estrada que vai para o bairro Santa Vitória, fica do outro lado da cidade, estrada rural, já foi arrumada duas vezes, agora a um ano e meio atrás, fiz o pedido, uma solicitação para secretaria de obras, que arrumou a estrada e, ficou muito bonita e, o morador falou nossa: “Nós estamos aqui a cem anos e, nunca vimos essa estrada rural tão bonita” Então, eu não falei que fui eu que pedi, o tempo fala né, não é verdade, o tempo fala? A visão do trabalho que eu tenho é que é um dom, tem dificuldades, tem, mas, só que a dificuldade lá na frente ela é superada pela vitória. Eu sempre uso dizer: “As minhas derrotas vendo muito caro e, as minhas vitórias não tem preço”. Teve vários, mas, um dos principais é eu chegar hoje em São Paulo, ver aquela igreja linda e a gente ter uma pequena participação no início, outra foi lá em Bebedouro também, né, quando eu chego lá sou muito bem recebido e, aqui também né, passando lá onde nós plantamos aquelas trezentas árvores e ver aquilo bonito, assim. Agora tem uma coisa marcante ali, que me gravou muito. No dia em que nós plantamos as árvores, foram muitas crianças e, por ironia do destino eu passei uma semana ou duas por ali e, estava uma mãe e uma criancinha de quatro anos e a menina pequena chorando, desesperada, coincidência e eu conhecia a mãe, perguntei: “Por que essa criancinha está chorando?” A mãe: “O senhor não sabe porque, a árvore que estava o nome

dela, ela acha que morreu”. Eu digo, porque morreu? “Porque ela esta sequinha”, Não é que ela estava seca, caíram as folhas normal né, então, eu passei a minha mão, assim, e vi que estava verde a madeira, mas para ela havia morrido, criança de três, quatro anos. Aí, eu falei para ela olha menina, vou fazer o seguinte, vou trazer uma árvore aqui e você vai me ajudar a plantar amanhã. E, levei no outro dia, ela me ajudou a plantar, arranquei aquela e plantei em outro lugar, porque aquela estava boa, mas, na idéia dela tinha morrido. Isso me marcou muito, não é verdade? Uma criança chorando por uma árvore em um local que antes de fazermos o plantio era jogado lixo. Uma visão muito boa, uma pessoa me perguntou uma vez, porque eu faço esse trabalho, se já sou aposentado, tenho uma aposentadoria, tenho uma casa para morar e aí, eu respondi para uma pessoa assim: “A minha casa tem dois metros de altura, na rua ninguém me vê e quando estou dentro de casa eu também não vejo ninguém, mas parece que no meu ouvido ecoa a voz de uma pessoa que está lá fora: “Seu Zé vem me ajudar que eu estou com peso de cem quilos, e eu não posso sozinho.” E, eu não tenho jeito de deitar e escutar aquele eco, então, nem que seja, para que eu carregue só um quilo, mas, vai ficar só noventa e nove quilos para essa pessoa carregar, então, meu trabalho é esse, de poder ajudar e ver alguém feliz. Agora minha maior felicidade do mundo é ver nosso país ainda, livre da ganância humana, livre dos maus políticos e dos maus empresários e, se eu ver alguma coisa assim, eu vou morrer mais feliz. Eu tive exemplo né, da minha avó que ajudava as pessoas, quando ela diz: “Abre a porteira e deixa o gado beber, se o meu gado tem sede, o dos outros também tem, e a hora que acabar a água, acaba para todo mundo.” Isso é um exemplo que ela me deixou. E, quando eu vejo as necessidades, eu não consigo ver e ficar parado, às vezes eu esqueço até das minhas próprias necessidades porque, muitas vezes eu também preciso né, mas, me parece que tem sempre alguém que precisa mais um pouquinho do que eu.

## **Bloco 09**

No Anavec I em termos de trabalho social o bairro já mudou, não tinha o Eco Ponto, hoje tem, não tinha quinhentas árvores plantadas, hoje tem, estou planejando para plantar árvores ao redor da escola Ary Leite, também não tem árvores, tem um trabalho no centro comunitário, onde está começando a reforma que nós solicitamos, já houve uma mudança grande, e o povo é quem vê, o povo já percebe as mudanças, a linha de ônibus mudou para melhor, eu vou trabalhando aos poucos, devagar mais não posso parar. Trabalho normal do dia a dia, alguma pessoa me chama seu Zé preciso cortar uma árvore aqui, preciso de esgoto, nós passamos a ser um centro para ajudar o povo, como se fosse assim, uma válvula de escape. E eu estava em uma reunião no bairro um dia e um senhor me falou uma coisa interessante, ali antigamente nos anos oitenta, teve uma associação, mas, dizem que ela durou pouco, e na reunião esse senhor disse assim: “Nós aqui, ascendemos um fogo a uns anos atrás e esse fogo não apagou, criou cinzas e chegou alguém, soprou e o fogo está acendendo de novo.” Uma grande frase né, então, acho que eu me baseio nisso aí, não é verdade? Falou bonito né? Também sempre que alguém me procura precisando ir ao médico, precisando de exames, eu levo para consultar, espero, acompanho, estou sempre pronto a ajudar. Consegui esse ano a reforma do centro comunitário, fiz os ofícios, os documentos necessários, solicitei, demorou eu fui lá na prefeitura, aí de tanto eu insistir estão reformando, um espaço bonito daquele e estava abandonado, com tanta criança na rua. Realizo os trabalhos na comunidade porque gosto, é uma coisa que faço com carinho e com amor, eu ver alguém, ou tratar alguém, ou fazer alguma coisa que a pessoa se sintam bem, para mim, eu me sinto melhor ainda. Não sei, eu acredito que nós ajudamos cerca de vinte mil pessoas. Aquilo que eu mais gosto de fazer é ver as pessoas felizes.

## **Bloco 10**

O meu maior sonho é de ver a praça do bairro pronta e, quem quiser ajudar a associação é só chegar, esse é meu sonho. E ainda acredito em Deus e nos homens. Muito Bom. Acho que contei tudo, tem uma história sobre a bebida que eu gostaria de contar, em 1961 vindo da Bahia fomos para casa de minha avó. Eu tenho um fato



marcante, sobre a bebida, foi muito interessante, em 1961, eu era um rapaz novo, tinha dezessete anos e, nos embebedamos eu e mais cinco na venda, eu e Manoel fomos para casa da minha avó, deixei o quarto em petição de miséria. Envergonhado sai e fiquei pela casa dos vizinhos. Quando voltei a tarde para casa, na boca da noite, minha avó pôs comida no meu prato, comeu também, me recebeu normalmente. Na cozinha da minha avó, tinha uns bancos largos, aí, eu sentei e ela sentou junto, e disse: “Olhe Zé, você é uma pessoa de boa família, novo, menino, para que beber?, para ficar bêbado, bebe só um pouquinho.” Ela me deu aquele sermão gostoso né, eu fiquei ouvindo, ouvindo. E, quando ela terminou, eu disse: “Quem me viu beber, viu! Quem não viu, não verá mais, não!” Aquilo marcou a minha vida. E da comunidade quando vou para São Paulo e vejo 100, 200, 300 pessoas, naquela igreja me; sinto feliz e realizado. Na Bahia uma senhora veio e me disse: “Seu Zé, o que vou fazer agora, minha casa queimou?”, a casa era de madeira, fiquei chocado e disse: “Vou ajudar a senhora a construir outra, fui em uma fazenda próxima pedi madeira, aqueles troncos grandes, ganhei a madeira, fui em uma serraria próxima e pedi para o dono se poderia serrar as toras de madeira e o dono serrou, arrumei um caminhão, carregamos a madeira até o terreno, arrumei os pregos que faltavam, o resto das coisas, arrumei uns homens para ajudar e construí essa casa, ficou uma bela casinha, eu não me esqueço é um fato marcante para mim, ela era viúva e morava com um filho, não tinha para onde ir. No Paraná, fazíamos um torneio e eu era juiz, tinha um rapaz que trabalhava comigo e ele era meio atrapalhado das idéias, estavam brincando com o boné dele, foram me chamar, disse para parar e não pararam, ele ficou nervoso e tirou uma faca e veio para cima de mim, como eu era muito conhecido, mais de duzentos homens que estavam no campo correram para pegar esse rapaz, eu corri na frente e disse se for para matar, que me matem e não ele e todos os homens recuaram e foram para o jogo e tudo correu normal. A noite eu fui para casa e bateram em minha porta, a mãe, os irmãos e o pai desse rapaz que vieram chorando pedir desculpas do que tinha acontecido, isso também me marcou muito. Uma mãe agradecendo para mim o filho que estava vivo, né. É um prazer contar minhas historia para você.

### **Textualização do depoimento**

O colaborador ASM65 é natural da Bahia e morou em várias regiões do país antes de chegar a Limeira. Após ter se aposentado, procurou uma cidade para morar e viveu em Bebedouro, vindo, em seguida, para Limeira, motivado pelo fato de ter uma sobrinha radicada em Iracemápolis e um amigo em Cordeirópolis.

A principal dificuldade encontrada quando da chegada ao bairro, no ano de 2004, foi o fato de não conhecer os vizinhos; problema esse que, aos poucos, buscou resolver fazendo amizades.

Segundo o colaborador, ao chegar no bairro, já o encontrou formado, organizado, pois, não era um bairro novo. Sobre o início das atividades na comunidade, relatou que começou a trabalhar aos catorze anos, na Bahia, onde tomava conta de um time de futebol. Fez questão de informar que sempre foi voluntário e que nunca recebeu nada pelos trabalhos:

Agora, fui para o Paraná, lá também era minha vida trabalhar com futebol, igreja, escola, fui diretor de escola, diretor administrativo, não diretor com os professores,

não. Quando eu nas vilas onde eu passava, já percebia que precisavam de alguma coisa, eu já entrava pelo meio para ajudar, sempre bem recebido, graças a Deus no Paraná, todo lugar que eu morei, formava um campo de futebol, formava uma comunidade, trabalhava na igreja e, tudo isso, eu sempre fiz com muito amor.

Ao finalizar, destaca que sempre trabalhou com muito amor. Sempre que percebia que alguma localidade precisava de auxílio, ele prontamente se disponibilizava. É possível inferir que esse indivíduo se coloca na perspectiva do outro, no lugar do outro, demonstrando generosidade.

A sequência de seus relatos demonstra que atuou também em São Paulo, no bairro onde morou. Disse que tivera uma participação ativa no processo de instalação de água, luz elétrica e na pavimentação do bairro. Participou ativamente também da construção de uma igreja, cuja construção demandou duzentas e vinte visitas à prefeitura, num período de nove anos. Em Limeira, o depoente explica o surgimento da Associação de Moradores, da qual faz parte, destacando que todo o processo teve início em sua casa, vindo a se consolidar em março de 2006.

Depois de quinze dias foi cortada essa árvore e, agora estamos trabalhando por uma praça, que nós não temos, não existe uma praça naquela região. A idéia daquela praça, estamos a dois anos planejando e, até agora na prefeitura só está no papel, na prática não teve nada ainda. Agora, o esperar não é perder tempo, né, é paciência. Teve um Eco Ponto, um espaço que o bairro precisava para reciclagem, onde fiz a solicitação, e foi feito um trabalho muito ruim no começo, nós reclamamos e hoje, está muito bom, também foi um dos trabalhos da associação, eu já pedi para cortar umas cinquenta árvores condenadas e, plantamos mais ou menos umas cinquenta árvores em dois ou três lugares, a associação também tem sua participação, até tem a história da estrada que vai para o bairro Santa Vitória, fica do outro lado da cidade, estrada rural, já foi arrumada duas vezes, agora a um ano e meio atrás, fiz o pedido, uma solicitação para secretaria de obras, que arrumou a estrada e, ficou muito bonita e, o morador falou nossa: “Nós estamos aqui a cem anos e, nunca vimos essa estrada rural tão bonita” Então, eu não falei que fui eu que pedi, o tempo fala né, não é verdade, o tempo fala?

ASM65 deixa transparecer em sua fala que os trabalhos que desenvolve na comunidade são sempre em benefício do próximo, “de um grande numero de pessoas” e “não ganha nada por isso”, conforme suas próprias palavras. A aposentadoria não impediu que a melhoria da qualidade de vida da população deixasse de fazer parte do seu dia-dia. Ele acredita ser portador de um “dom” e afirma existirem dificuldades, entretanto, são sempre superadas pela vitória; ele completa o pensamento ressaltando o exemplo herdado da avó:

Eu tive exemplo, né, da minha avó que ajudava as pessoas, quando ela diz: “Abre a porteira e deixa o gado beber, se o meu gado tem sede, o dos outros também tem, e a hora que acabar a água, acaba para todo mundo”. Isso é um exemplo que ela me deixou. E, quando eu vejo as necessidades, eu não consigo ver e ficar parado, às

vezes eu esqueço até das minhas próprias necessidades porque, muitas vezes eu também preciso né, mas, me parece que tem sempre alguém que precisa mais um pouquinho do que eu.

ASM65 declara, novamente, que o fato de sempre haver alguém que precise de mais recursos do que ele próprio faz com que se coloque no lugar do outro. Relatou que todos os seus trabalhos foram marcantes, especialmente em Limeira:

[...] tem uma coisa marcante ali, que me gravou muito. No dia em que nós plantamos as árvores, foram muitas crianças e, por ironia do destino eu passei uma semana ou duas por ali e, estava uma mãe e uma criancinha de quatro anos e a menina pequena chorando, desesperada coincidência e eu conhecia a mãe, perguntei: “Por que essa criancinha está chorando?” A mãe: “O senhor não sabe porque, a árvore que estava o nome dela, ela acha que morreu”. Eu digo, porque morreu? “Porque ela esta sequinha”. Não é que ela estava seca, caíram as folhas normal, né, então , eu passei a minha mão, assim, e vi que estava verde a madeira, mas para ela havia morrido, criança de três , quatro anos. Aí, eu falei para ela olha menina, vou fazer o seguinte, vou trazer uma árvore aqui e você vai me ajudar a plantar amanhã. E, levei no outro dia, ela me ajudou a plantar, arranquei aquela e plantei em outro lugar, porque aquela estava boa, mas, na idéia dela tinha morrido. Isso me marcou muito, não é verdade? Uma criança chorando por uma árvore em um local que antes de fazermos o plantio era jogado lixo.

O depoente informou que o fato de ter encontrado a menina chorando por acreditar que a árvore tivesse morrido o marcou muito; o choro daquela criança, associado ao fato de que há algum tempo aquela área ter sido utilizada como depósito de lixo o motivou a levar outra árvore para ser plantada no local. ASM65 não tinha o dever de fazer isso e, no entanto, acabou replantando cerca de cinquenta mudas diferentes, ou seja, fez sua parte, como cidadão.

Assim, pelo depoimento desse sujeito, é possível inferir que exista algo que está além até mesmo de suas histórias e atitudes perante a vida: o mesmo homem que corre em socorro das pessoas, que ajuda construir igrejas e que faz tantas outras ações em prol do coletivo tem, ainda, tempo para reparar no choro de uma criança. Infere-se, diante desse, relato que podemos estar diante de uma pessoa que apresenta uma rara virtude: a pureza no sentido de amar uma paisagem ou até mesmo a fragilidade de uma criança, demonstrando uma sensibilidade pela vida (COMTE-SPONVILLE, 1995, p. 200).

O colaborador também relatou, detalhadamente, um caso de uma luta para a construção de uma residência, ocorrido na Bahia:

Na Bahia uma senhora veio e me disse: “Seu Zé, o é que vou fazer agora, minha casa queimou?”, a casa era de madeira, fiquei chocado e disse: “Vou ajudar a senhora a construir outra, fui em uma fazenda próxima pedi madeira, aqueles troncos grandes, ganhei a madeira, fui em uma serraria próxima e pedi para o dono se poderia serrar as toras de madeira e o dono serrou, arrumei um caminhão,

carregamos a madeira até o terreno, arrumei os pregos que faltavam, o resto das coisas, arrumei uns homens para ajudar e construí essa casa, ficou uma bela casinha, eu não me esqueço é um fato marcante para mim, ela era viúva e morava com um filho, não tinha para onde ir.

ASM65 declarou ter ficado muito sensibilizado com a situação da senhora que lhe procurou pedindo ajuda. Novamente, além de ajudá-la pessoalmente, ainda buscou ajuda de parceiros para construção da casa. Na realidade, esse trabalho e essa preocupação não deveriam ser dele, mas do poder público local. Contudo, o senhor ASM65 não procura responsáveis; ao invés disso, sai em busca de quem possa colaborar com a situação. Segundo ASM65, muitas vezes, as pessoas perguntam por que ele realiza os trabalhos na comunidade; ele respondeu:

A minha casa tem dois metros de altura, na rua ninguém me vê e quando estou dentro de casa eu também não vejo ninguém, mas parece que no meu ouvido ecoa a voz de uma pessoa que está lá fora: “Seu Zé vem me ajudar que eu estou com peso de cem quilos, e eu não posso sozinho.” E, eu não tenho jeito de deitar e escutar aquele eco, então, nem que seja, para que eu carregue só um quilo, mas, vai ficar só noventa e nove quilos para essa pessoa carregar, então, meu trabalho é esse, de poder ajudar e ver alguém feliz.

Seu depoimento demonstra clareza ao se colocar na perspectiva do outro, permitindo inferir, em todo o seu discurso, que existe amor ao próximo. ASM65 diz que realiza os trabalhos na comunidade porque gosta: “é uma coisa que faço com muito carinho e com amor, ver alguém, ou tratar alguém, ou fazer alguma coisa que a pessoa se sinta bem, para mim, eu me sinto melhor ainda”.

Em 2008, por exemplo, beneficiou, com seus projetos e ações, cerca de vinte mil pessoas. Ele relata que seu maior sonho é ver a praça do bairro pronta e aceita a colaboração de quem quiser ajudar. Nesse caso, inferimos tratar-se da manifestação de um princípio moral, de uma virtude: “a boa-fé, que representa, ao mesmo tempo, uma crença e uma fidelidade”, segundo COMTE-SPONVILLE (1995, p. 213).

Finalmente, ASM65 conta um episódio ocorrido com ele, no Paraná:

No Paraná, fazíamos um torneio e eu era juiz, tinha um rapaz que trabalhava comigo e ele era meio atrapalhado das idéias, estavam brincando com o boné dele, foram me chamar, disse para parar e não pararam, ele ficou nervoso e tirou uma faca e veio para cima de mim, como eu era muito conhecido, mais de duzentos homens que estavam no campo correram para pegar esse rapaz, eu corri na frente e disse se for para matar, que me matem e não ele e todos os homens recuaram e foram para o jogo e tudo correu normal. A noite eu fui para casa e bateram em minha porta, a mãe, os irmãos e o pai desse rapaz que vieram chorando pedir desculpas do que tinha acontecido, isso também me marcou muito. Uma mãe agradecendo para mim o filho que estava vivo, né.

Diante do fato ocorrido, é possível perceber que o colaborador ASM65 poderia, de forma vingativa, deixar que a pessoa que o ameaçou com a faca fosse agredida pelas outras, porém não o fez; em um ato de coragem para salvar a vida de outra pessoa, enfrentou vários homens e pediu para morrer no lugar dele.

Podemos dizer que ASM65 apresenta, em seu relato, princípios morais que nos levam a considerar algumas categorias, tais como: coragem, generosidade, pureza, compaixão, misericórdia; e o que permeia todo seu depoimento é: justiça, respeito ao próximo, igualdade, cooperação com o outro.

## **TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA**

### **Colaborador 07: ASM50**

#### **Bloco 07**

Eu cheguei, em 1983, no Parque Victor D'Andréa, conhecido como Cecap. Foi sorteio, eu fui premiado, porque é um bairro de casa própria, então, nós fomos morar lá. A principal dificuldade antes de chegar no bairro era o sorteio, você não fosse sorteado não ganhava a casa e não tinha onde morar. A era muito barro, não tinha muro nas casas, não tinha iluminação nas ruas, mas, depois foi melhorando, porque era uma escuridão. As pessoas vinham de sorteio da casa própria, algumas vezes, compravam de outras pessoas que foram sorteadas e não iam morar lá e, assim as pessoas foram se organizando e o bairro Parque Victor D'Andréa foi formado. Era barro, não era asfaltado, era difícil principalmente para ir ao centro da cidade, tinha que usar saquinho de plástico no pé, para não lambuzar, sujar de barro. Nessa época o que aconteceu, é que nós tivemos que lutar pelo posto de saúde, que não tinha naquela região, existia uma associação que lutou muito por esse posto de saúde, não tinha médico, não tinha medicamento, então, um bairro por ser carente, ele necessita muito desse atendimento, e isso era uma dificuldade muito grande. Conseguimos ter o posto de saúde, conseguimos ter um posto policial, porque a demanda de vândalos era grande, então, tinha que ter um posto policial, surgiu a igreja e, aí o bairro foi crescendo. Hoje em dia é um bairro muito nobre, muito bom, mas, tudo foi que conseguimos foi por meio de solicitação, de luta, de correria.

#### **Bloco 08**

Comecei os trabalhos na comunidade em 1983, com outras pessoas da associação, e em 1987, iniciei como vice-presidente do bairro. Encontrei muitas dificuldades no bairro, principalmente, porque as mães não queriam levar as crianças na EMEI (Escola municipal de educação infantil), porque tinha trinta, quarenta viciados e, eles entravam até dentro da sala de aula, então, tinha uma ou duas crianças só que freqüentavam a sala de aula e, depois que eu comecei a trabalhar no bairro, consegui orientar as famílias sobre o direito das crianças de estudar naquela escola infantil, hoje temos 120 crianças freqüentando e mais, noventa na lista de espera. O fato mais marcante do bairro foi quando a natureza levou a ponte do nosso bairro, choveu muito e a água levou a ponte e, nós tivemos que fazer uma luta junto com o promotor público e aí, nós conseguimos, unimos as associações para trabalhar juntos, a associação do bairro Santina e a Associação do Cecap e, então, nós conseguimos rapidamente essa ponte, onde doze bairros necessitavam dessa passagem, para trabalhar, estudar e, viver normalmente. É muito gratificante tudo o que nós conseguimos, com a união das duas associações, nós conseguimos campo de Bocha, a quadra coberta, a pista de bug e o estacionamento em frente da igreja.

Uma coisa que eu fico muito contente de ter colaborado com a cidade inteira, foi de ter conseguido uma farmácia de manipulação para a cidade, porque eu trabalhei pelo conselho local de saúde e fiz várias solicitações, juntamente com outras pessoas, conseguimos trazer uma farmácia que beneficia a população. Outra coisa muito gratificante é quando nós estávamos no conselho municipal de saúde, nós conseguimos doar uma ambulância, doar o resgate para o corpo de bombeiros de Limeira, porque eles não tinham, eles tinham um veículo, mais era muito pequeno, uma pessoa com mais de 1,70 se colocasse uma pessoa mais alta, a pessoa ficaria com a cabeça ou os pés para fora. Então, foi uma luta muito grande e nós precisamos até ser rudes, em alguns momentos com o próprio conselho, para podermos conseguir essa ambulância para o resgate. Outra coisa que a cidade toda ganhou com isso, foram os aparelhos que a UTI da Santa Casa e da Humanitária receberam, quando eu estava no conselho, fiz as solicitações em 2003 e a cidade recebeu. Sobre o trabalho que já realizei em comunidade, eu penso que tudo que serve para mim, serve também para a população, para beneficiar as pessoas, assim, nós conseguimos várias coisas e, principalmente a aprovação de uma ambulância de resgate para atender cidade toda. Não fui influenciado por ninguém, eu sempre fiz de coração porque as pessoas necessitam de muita ajuda.

## **Bloco 09**

Moro no Parque Victor D'Andréa há 25 anos. Posso dar vários exemplos de mudança no bairro, mudou muito, quando nós assumimos, quando pegamos o bairro mesmo, os bueiros eram todos entupidos, então, a água passava por cima das ruas trazia sujeira e mal cheiro, ninguém podia sair de casa, então, nós conseguimos desentupir todos esses bueiros, fazendo solicitações e ofícios, pedindo a limpeza, lembro que saíram uns doze caminhões de sujeira, hoje pode chover, que está tudo bem. As árvores estão todas podadas, porque quando as árvores balançavam batiam nos fios e, nós ficávamos sem energia elétrica, então, hoje está diferente. Hoje nós fazemos uma luta com promotor público, porque aquelas pessoas incompetentes que são da prefeitura, só trabalham quando mandamos os documentos, os ofícios e fazemos as solicitações, os pedidos e, algumas vezes perdem nossos documentos. Hoje, eu sou presidente do bairro, então, eu faço o que eu posso tudo o que está ao meu alcance para poder ajudar as pessoas, eu estou sempre à disposição. Um exemplo são as pessoas que necessitam de um exame, eles não têm a quem recorrer, vem e pedem para mim e, eu corro atrás de cirurgias, remédios e até por fazer parte do conselho municipal de saúde, nós temos que correr pelas pessoas e fazer esse trabalho para quem necessita. Realizo os trabalhos em comunidade, porque preciso ajudar o meu próximo, realizo porque acredito e, tenho muita fé em Deus. Eu benefico o bairro todo, uma grande região, em torno de quatro mil pessoas, fora os outros bairros e a cidade também. Amo o que eu faço, porque estou fazendo para o meu próximo. Eu que eu mais gosto de fazer? Eu amo, adoro tudo isso.

## **Bloco 10**

Hoje o meu maior sonho é construir uma creche para os idosos, já fizemos a solicitação do terreno, a carta está na mão do governador, mas, não conseguimos ainda a continuidade do trabalho e, não é só fazer o prédio e deixar parado, queremos que o governo faça e, por meio das entidades, empresários, prefeitura, a creche funcione. O meu maior sonho é que o idoso que fica em casa, quando os filhos saem para trabalhar e ficam sozinhos tenham um lugar para ir, é diferente do idoso que vai em baile, passeia, temos que pensar no idoso debilitado. Assim, o filho deixa o idoso de manhã na creche e volta para buscar a tarde e nessa creche ele vai ter atenção, atendimento, remédios na hora certa, alimentação, cuidados, terapias, brincadeiras, fisioterapia, médicos, vai ter todo cuidado que precisa e sem pagar nada. Porque hoje em dia com o que o idoso ganha já é um sacrifício cuidar dele e, às vezes da família, os cuidados tem que ser gratuitos. O outro sonho que eu tenho é um ginásio de esportes, junto com o centro comunitário, eu consegui a quadra, mas, não consegui ainda a reforma de tudo para ser transformado no ginásio, a quadra nós

conseguimos cobrir e a comunidade inteira desfruta disso. Eu adorei, eu amei. Eu benefico o bairro todo, uma grande região, em torno de quatro mil pessoas, fora os outros bairros e a cidade também.

### **Textualização do depoimento**

Inicialmente, o ator social ASM50 informou que chegou ao Parque Victor D'Andréa, conhecido também como CECAP, em 1983, por meio de um sorteio. Segundo, ele o bairro não possuía infra-estrutura, como iluminação, pavimentação, as casas não eram muradas, dentre outras coisas. Os demais moradores, igualmente a ele, também vieram por meio de sorteio da casa própria, ou porque compravam de quem havia sido sorteado. Contou que, em 1983, existia uma associação que lutara muito por um posto de saúde, uma vez que não dispunham de médicos e medicamentos.

ASM65 iniciou seus trabalhos na comunidade juntamente com outras pessoas e, em 1987, assumiu a vice-presidência da associação do bairro. Enfrentou várias dificuldades, conforme o seguinte depoimento:

Encontrei muitas dificuldades no bairro, principalmente, porque as mães não queriam levar as crianças na EMEI (Escola municipal de educação infantil), por que tinha trinta, quarentas viciados e, eles entravam até dentro da sala de aula, então, tinha uma ou duas crianças só que freqüentavam a sala de aula e, depois que eu comecei a trabalhar no bairro, consegui orientar as famílias sobre o direito das crianças de estudar naquela escola infantil, hoje temos 120 crianças freqüentando e mais, noventa na lista de espera.

O que deveria ser um dever dos órgãos competentes tornou-se trabalhado para esse cidadão comum. Dentre as dificuldades enfrentadas, desafiou “viciados”, orientou as famílias sobre a importância de ocupar o espaço e alertou a comunidade sobre o direito de educação para as crianças. Há, ainda, outro fato que considera marcante:

O fato mais marcante do bairro foi quando a natureza levou a ponte do nosso bairro, choveu muito e a água levou a ponte e, nós tivemos que fazer uma luta junto com o promotor público e aí, nós conseguimos, unimos as associações para trabalhar juntos, a associação do bairro Santina e a Associação do Cecap e, então, nós conseguimos rapidamente essa ponte, onde doze bairros necessitavam dessa passagem, para trabalhar, estudar e, viver normalmente.

As pessoas estavam impossibilitadas de viverem suas vidas e de exercer o direito de ir e vir devido às intempéries. Ao invés de presenciar tudo passivamente, reuniu os moradores e juntos reivindicaram providências do poder público, através do promotor público, a fim de

minimizar a burocracia, que em casos dessa natureza compromete o início dos reparos necessários. Através de seu trabalho frente à comunidade conquistou também outras benesses:

[...] nós conseguimos campo de Bocha, a quadra coberta, a pista de bugue e, o estacionamento em frente da igreja. Uma coisa que eu fico muito contente de ter colaborado com a cidade inteira, foi de ter conseguido uma farmácia de manipulação para a cidade, porque eu trabalhei pelo conselho local de saúde e fiz várias solicitações, juntamente com outras pessoas, conseguimos trazer uma farmácia que beneficia a população. Outra coisa muito gratificante é quando nós estávamos no conselho municipal de saúde, nós conseguimos doar uma ambulância, doar o resgate para o corpo de bombeiros de Limeira, porque eles não tinham, eles tinham um veículo, mais era muito pequeno, uma pessoa com mais de 1,70m se colocasse uma pessoa mais alta, a pessoa ficaria com a cabeça ou os pés para fora. Então, foi uma luta muito grande e nós precisamos até ser rudes, em alguns momentos com o próprio conselho, para podermos conseguir essa ambulância para o resgate. Outra coisa que a cidade toda ganhou com isso, foram os aparelhos que a UTI da Santa Casa e da Humanitária receberam, quando eu estava no conselho, fiz as solicitações em 2003 e a cidade recebeu. Sobre o trabalho que já realizei em comunidade, eu penso que tudo que serve para mim, serve também para a população, para beneficiar as pessoas, assim, nós conseguimos várias coisas e, principalmente a aprovação de uma ambulância de resgate para atender cidade toda.

Dessa forma, cerca de quatro mil pessoas são beneficiados diariamente com seus trabalhos. No que se refere à saúde da comunidade, relatou a luta constante para conseguir remédios, exames, cirurgias e outras garantias médicas para a população.

Diante das afirmações de ASM50 é possível identificar a importância da partilha com o próximo, da visão de cooperação e ajuda mútua, de direitos e igualdade. Por causa de seu trabalho, o bairro mudou muito, pois, quando as reivindicações são feitas por intermédio da promotoria, as soluções são rápidas e legislação é cumprida.

ASM50 afirmou que realiza os trabalhos em comunidade porque precisa ajudar o seu próximo e porque tem muita fé e acredita em Deus; é, ainda, importante que se ressalte no discurso do colaborador o fato de “amar” o que faz. Ele mora no bairro há 25 anos e declarou que seu maior sonho é construção da creche para idosos; disse já ter feito a solicitação do terreno e espera que possa, em breve, prover os cuidados necessários que a pessoa idosa necessita.

Ao que parece, as preocupações que deveriam ser todas do poder público, foram preocupações que sempre nortearam suas ações em benefício da comunidade. Suas argumentações são claras quanto a esse novo projeto e seus objetivos também. Diante do citado, afirmamos que o ator social ASM50 apresenta princípios morais que nos levam a inferir a possibilidade da existência de um sujeito corajoso, generoso e que tem compaixão pelo outro.



## Transcrição da entrevista Colaborador 08: ASF39

### Bloco 07

Eu mudei em 1997, no Jardim Residencial Roseira. Eu morava em Osasco né, e aí saiu o loteamento no Roseira, meu pai ligou e falou: - “Olha saiu um loteamento na cidade, em um bairro bom e vão parcelar em três anos os terrenos”, nós ainda não tínhamos casa própria, então, falamos para o meu pai comprar o lote e, é onde eu moro hoje, nós pagamos em três anos, quitamos. Depois de um tempo nos preparamos, construímos nossa casa e mudamos para Limeira. Foi quando meu esposo não veio comigo de São Paulo para Limeira, por ter um emprego estável, ele acabou ficando e trabalhando mais três anos em São Paulo, só vinha para casa nos finais de semana e eu tinha os meus filhos Gustavo com quatro anos e Victor com três anos, então, fui mãe, pai, foi uma época muito difícil e de muita responsabilidade. Nessa época o bairro não era asfaltado, as pessoas estavam começando a construir, os novos moradores chegando, muitas famílias novas, muitos não tinham como construir a casa de uma vez, então, construíam um cômodo para duas, três pessoas e ficavam morando até que desse para ampliar a casa. Hoje o bairro está bonito, as casas são grandes, no início quando não tinha asfalto, é engraçado, eu lembro quando chovia, na época inclusive estava começando o processo para asfaltar, então, nós colocávamos as sacolas de plásticos de supermercado nos pés, amarrávamos nas pernas, para não atolar no barro, encontrávamos o lugar mais firme para pisar no chão e devagar chegávamos ao ponto de ônibus. Foi bom porque na verdade nós acompanhamos todo o processo, depois começaram as sarjetas, foi a maior festa e, em seguida começou o asfalto, nossa ficou um bairro muito bonito, eu gosto muito do meu bairro. A crise que eu vejo mesmo, foi na época do asfalto, como tudo na nossa cidade tem sempre a questão da política, então, veio um político e começou todo o processo para ver quem queria o asfalto e nós vimos que a prestação que eles queriam cobrar, nós moradores não tínhamos condições de pagar. Então, fomos para um bar, um bar mesmo, bar do Ceará no bairro, onde foram feitas as reuniões com todos os moradores para ver se haveria um consenso entre empresa que ia fazer o asfalto, a prefeitura que estava pleiteando e os moradores, qual seria o patamar que daria para todos pagarem, houve várias discussões, sérias discussões, até que fomos chegando a um consenso e todo mundo assinou e viu que aquela prestação seria possível para os moradores pagarem. Tudo sem dúvida nenhuma melhorou, porque o bairro Jardim Roseira ele fica em um local, onde a água que vem do bairro Graminha e do bairro Vitória Lucato, desce muito forte, enxurrada mesmo, então, como não tinha asfalto, nós tínhamos constantemente muito buraco na frente das casas, os carros atolavam para as crianças irem para escola, era muito complicado, então, isso melhorou muito, o visual do bairro melhorou, as ruas são largas, o bairro está arborizado, então, ficou muito mais bonito o bairro, sem dúvida nenhuma o saneamento trouxe melhores condições e as casas começaram a se preocupar em melhorar mais as suas moradias também.

### Bloco 08

Na verdade no ano de 2000, porque eu participava na comunidade e, comecei a ser catequista, fui catequista cinco anos e coordenadora por uma no, então, na verdade eu comecei a conhecer todos os pais e as crianças do bairro, por eu ser catequista. Quando eu comecei no bairro, a dificuldade era a questão das pessoas, ainda terem aquela cultura de “vamos esperar que o vereador fulano ou político beltrano vai resolver nosso problema”, que surgiria um Salvador da Pátria e que resolveria os problemas do bairro, então, nós tivemos que trabalhar para as pessoas entenderem que quem muda a situação do local somos nós mesmos, quem vem soma, mas, as coisas tem que acontecer de dentro para fora e, não de fora para dentro, então, a maior dificuldade era essa e, na igreja também, eu não vou dizer que foi diferente, não foi, porque se o padre não tem uma visão ampla, ele também fica ali. Fato

marcante foi em 2004, quando inaugurou a Biblioteca Comunitária, no bairro onde eu moro. Eu tenho muito orgulho de falar sobre isso e, sou muito feliz por isso, porque um sonho que era de ter livros para comunidade, hoje nós temos mais de cinco mil livros e acervo, nós atendemos uma região, não é mais um bairro, então, eu me orgulho muito, fato marcante é a biblioteca Comunitária no meu bairro, que é um projeto pioneiro na cidade de Limeira, porque só existe biblioteca no centro da cidade e muitos adultos, jovens, crianças e adolescentes não tem condição de freqüentar a biblioteca no centro da cidade. Iniciou a partir do problema de nós vermos que nossas crianças não tinham nenhuma opção de lazer, cultura, nada ou era rua ou televisão. A rua nós sabemos que hoje, já não é possível mais as crianças ficarem na rua e, a televisão se não tem um adulto para orientar qual o programa ela deve assistir, é até pior. Então, nós ficamos pensando, temos uma comissão de moradores no bairro, quais os projetos que nós desenvolveríamos para o bairro, e a biblioteca era um sonho meu, eu queria montar em minha casa, mas, nunca consegui e aí colocando no papel como projeto futuro, eu fui apresentada a um empresário da cidade, ele adotou esse projeto, é ele quem paga o aluguel desse prédio e nós fomos para mídia e conseguimos doações, hoje, nós estamos com mais de cinco mil livros em acervo, todos os títulos e, para mim é um filho, um terceiro filho que eu tenho. Eu sou grata a Deus primeiro, acredito que isso é um dom e, vejo o quanto eu cresci, eu já dediquei tantos da minha vida para as pessoas, mas quanto mais eu dedico, mais eu aprendo. Certamente, eu já ajudei muitas pessoas a crescerem também, mas, eu cresci muito mais. É uma troca tão legal, que quanto mais você se doa, mais você aprende, talvez, porque eu seja muito aberta a aprender também e, porque eu vejo como uma coisa boa mesmo e, eu tenho sede de aprender, quando eu vejo que tem alguém que sabe mais do que eu, que é sábio, que quero escutar, quero correr atrás, saber o que está falando, é um aprendizado que depois eu posso passar para muitas outras pessoas. Olha influenciada por alguém, não, porque eu nunca fui de me deixar influenciar, isso é verdade, eu acho que tenho uma personalidade muito forte, mas eu volto a minha primeira fala, no dia em que chegamos do Norte em São Paulo, minha mãe foi me colocar na escola e, eu não pude entrar na escola, porque vinha do norte e não tinha roupa, não tinha sapato, então, a diretora falou: “Sua filha só pode entrar o ano que vem”. E eu disse: “No dia em que eu entrar na escola, eu farei o meu melhor”, então, primeiro a influência vem de mim mesma e, depois dos meus pais, porque o que eu sou eu devo a eles. Então, quanto melhor eu fizer ainda é pouco para compensar tudo que eles passaram, que eles abriram mão por mim e pelos meus irmãos. Eu não tenho riqueza para oferecer para os meus pais, mas, eu sei que eles têm orgulho da minha atuação hoje e nada melhor do que deixar para os nossos pais, nossos filhos, tudo aquilo que construímos no dia-dia, a nossa história. E sem dúvida nenhuma, minha fé, o que me leva a levantar todos os dias e acreditar nas pessoas e na mudança das coisas, a fé que tenho em Jesus, se não do que adiantaria ter fé.

## Bloco 9

Hoje eu moro na Rua Ângelo Formigari, nº. 137, Jardim Roseira. Sim, a questão do asfalto, a questão da Biblioteca, hoje o que me alegra é ver as crianças no mês de Janeiro que é período férias da biblioteca, as crianças vão bater em minha porta e, perguntam quando é que a biblioteca vai abrir, porque eles querem pegar os livros para ler, antes da biblioteca essas crianças só tinham a rua para ficar. Isso para mim é uma recompensa, ver as crianças mesmo em um país onde não há incentivo da leitura e, onde é um bairro simples, as crianças buscando um livro para ler, é cultura, é conhecimento. Aquele primeiro foco, aquele primeiro sonho que nós tivemos, nós já alcançamos. Nossas crianças têm uma opção a mais, ou talvez a única opção e, hoje elas entendem como é bom ler, fora as outras coisas, a questão de ajudar nos trabalhos escolares, hoje eles tem um lugar para ir e fazer um bom trabalho, os cursos nós ajudamos a desenvolver e desenvolvemos, mas, ainda fico nisso, uma criança de cinco, seis, sete, oito, dez anos, me fala: “Tia que dia vai abrir a biblioteca?” é uma grande mudança no país, eu vejo isso no país, eu não vejo isso só no meu bairro. Hoje o reforço escolar, alfabetização de adultos, desenvolvimento

local e o Programa Educação para o Trabalho, um trabalho realizado com jovens e adolescentes, que são experiências maravilhosas. Para os jovens, eu sempre falo que tenho orgulho deles, porque quando fala da periferia do bairro, igual ao meu bairro, as pessoas da sociedade acham que nós não temos nada de bom e, quando nós começamos a trabalhar com esses jovens, nós vemos que eles têm tudo de bom, então, eu fiquei muito feliz desse projeto ser desenvolvido no meu bairro, a alfabetização de jovens e adultos, que é um projeto maravilhoso, uma experiência que não tem como explicar, os próprios trabalhos que são desenvolvidos com as crianças dentro da biblioteca, ensinamos as crianças a fazer um trabalho de escola, como se monta um trabalho de escola, uma bibliografia, que eles não sabem e, falando assim, parece ser uma coisa tão simples, mas, que no bairro não é simples, é tudo para eles poderem se desenvolver. Agora nós estamos lutando por um terreno aqui no bairro, nos reunimos com a comissão da associação, com engenheiros, advogados e já apresentamos o projeto para o poder público, nós demos a entrada nos documentos já há dois anos e agora veio uma resposta positiva, eles vão ceder os terrenos, agora a construção vai ficar por nossa conta, para podermos manter o mesmo trabalho para comunidade, um trabalho sério e digno de todos. Por que eu amo, porque está dentro de mim, porque se hoje alguém chegasse e dissesse Neuda, você faz na comunidade, você vai para dentro de uma grande empresa, você vai ganhar um salário maravilhoso, o dia inteiro em uma mesinha, só no telefone, eu não trocaria, porque não sei viver sem esse contato com pessoas. Porque as pessoas crescem, quando elas trocam com outras pessoas, isso é a minha vida e, eu não saberia viver sem isso. Porque eu sou isso. Só de carteirinha na biblioteca, dos frequentadores são 700 carteirinhas circulando constantemente, olha hoje beneficiamos só no meu bairro, 2000 pessoas, mas, nós atendemos toda a região, acredito que hoje umas 5000 pessoas. Para sintetizar, nosso relatório de atendimentos de 2007 da biblioteca encerrou com 6000 atendimentos, atendimentos diários que ao longo do ano tiveram essa somatória, fora às visitas e outros trabalhos que nós fazemos em outros bairros e lugares, esses nós nem contabilizamos, porque não passa pelo registro da biblioteca. Eu amo o que eu faço. Sentar lá na biblioteca, atender o povo, ouvir o que eles precisam, depois pensar o que eu posso fazer para melhorar, mudar aquela situação, fazer um projeto, pensando na melhora daquelas pessoas, daquele local. Isso eu não sabia que eu sabia, é até engraçado, mas é verdade, porque eu só tenho até o colegial e o meu sonho sempre foi fazer uma faculdade, então eu pensava, vou fazer psicologia ou serviço social e, depois eu vi que atuo nisso. E, se você me perguntar se eu gosto de ficar dentro de casa, eu não gosto, eu gosto de ficar no meio do povo e, depois pensar o que eu posso fazer para melhorar aquela situação, eu amo fazer isso. E eu nem sabia, que eu sabia fazer tudo isso.

## **Bloco 10**

Meu maior sonho para comunidade é ver as crianças, os jovens e adolescentes do bairro, progredindo em conhecimento, em informação, saindo daquele “mundinho”, que parece ser bom, mas, não é bom. O mundo não se acaba naquilo, nós temos que progredir, para progredir nós temos que ter conhecimento, para termos conhecimento, nós temos que conhecer gente nova, pessoas novas, coisas novas, eu quero que o bairro progrida, não somente materialmente, porque às vezes se progride materialmente. Mas. Não se progride como humano. Eu quero que as pessoas, que o povo, tenha educação, que queiram progredir, queiram estudar, se formar, queiram revolucionar o bairro primeiro, porque quando isso acontece dentro de casa, do bairro, a sociedade é consequência e aí, nós vamos poder mudar essa realidade da nossa sociedade que é tão fechada em si própria, nela mesma e na individualidade. Muito bom para nós mesmos, eu voltei toda minha história, da uma vontade enorme de chorar quando lembro da minha terra, mas, hoje eu vejo que foi um ganho para todos.

### **Textualização do depoimento ASF39**

A colaboradora ASF39 informou que mudou para o Jardim Residencial Roseira, em 1997, após ter comprado um terreno, financiado em três anos. Nasceu em Pernambuco, mudou-se para São Paulo com os pais, que buscavam melhores condições de vida. Após algum tempo construiu a casa e mudou-se, com dois filhos, para Limeira – o marido não pode ir naquele momento devido ao emprego estável em outra localidade, podendo encontrar-se com a família apenas nos finais de semana.

Segundo ASF39, ao chegar, o bairro não era asfaltado, as pessoas estavam começando a construir as casas lentamente devido às dificuldades financeiras. Para agravar a situação, os moradores passaram por uma crise relacionada ao preço cobrado pelo asfalto, uma vez que aumentou muito o valor das prestações, impossibilitando muitos moradores de arcar com a dívida. Após muitas reuniões entre moradores, poder público e a empresa responsável pelo asfalto, chegou-se a um consenso.

Após a aplicação do asfalto, as condições de vida melhoraram significativamente. ASF39 relatou ter iniciado os trabalhos em comunidade no ano 2000, como catequista, fato que possibilitou que conhecesse toda a comunidade e suas necessidades. Disse que uma das maiores dificuldades enfrentadas no bairro foi lidar com a cultura de se acreditar que aparecerá um político que resolverá todos os problemas:

[...] nós tivemos que trabalhar para as pessoas entenderem que quem muda a situação do local somos nós mesmos, quem vem soma, mas, as coisas têm que acontecer de dentro para fora e, não de fora para dentro, então, a maior dificuldade era essa e, na igreja também, eu não vou dizer que foi diferente, não foi, porque se o padre não tem uma visão ampla, ele também fica ali.

Mas, isso não foi impedimento para que ASF39 desistisse de lutar por algo melhor para comunidade local: resgatou um sonho antigo de ter uma biblioteca. Inicialmente havia pensado em algo modesto, em sua própria casa, mas depois buscou parecerias entre moradores do bairro e doações e iniciou o projeto, em 2004, considerado, para ASF39, como um fato marcante. Ela afirma:

[...] iniciei a partir do problema de nós vermos que nossas crianças não tinham nenhuma opção de lazer, cultura, nada ou era rua ou televisão. A rua, nós sabemos que hoje já não é possível mais as crianças ficarem na rua e a televisão se não tem um adulto para orientar qual o programa ela deve assistir, é até pior.

Nesse sentido, ASF39 preocupou-se com a problemática das crianças nas ruas.

Consciente da ausência do poder público, procurou mobilizar as pessoas em prol de uma ação que fosse efetiva para comunidade e, como não existia no bairro espaços para lazer ou cultura, essa foi uma das alternativas encontradas por essa liderança.

Assim, demonstrou que o seu interesse não era somente afastar essas crianças do perigo e riscos das ruas (drogas e/ou exploração), mas buscar meios e formas que pudessem levá-los à educação, principalmente à leitura. De acordo com a depoente, só existia uma biblioteca no centro da cidade e muitos adultos, jovens, crianças e adolescentes não dispunham de condições de frequentá-la devido a questões financeiras e transporte coletivo.

Dessa forma, é possível inferir que essa liderança lutou por justiça e igualdade de direitos para aquela população, não se preocupando com obstáculos. Contudo é importante destacar que fez isso de forma democrática, para que crianças, adolescentes e adultos pudessem ter acesso ao conhecimento em sua localidade.

Informou também “ser grata a Deus”, “a sua fé em Jesus” que a motiva todos os dias e a seguir adiante com sua luta:

Eu sou grata a Deus primeiro, acredito que isso é um dom e, vejo o quanto eu cresci, eu já dediquei tantos da minha vida para as pessoas, mas quanto mais eu dedico, mais eu aprendo. Certamente, eu já ajudei muitas pessoas a crescerem também, mas, eu cresci muito mais.

ASF39 informou que não foi influenciada por ninguém, mas que não pode se esquecer de mencionar a gratidão pelos pais, por tudo que fizeram por ela. Nesse sentido, é possível inferir que uma das questões que a levam a ajudar o próximo pode ser essa gratidão; o que não deixa de ser um princípio da moralidade: a gratidão na forma de partilha.

Ainda em 2008, continua a morar no bairro se alegra em ver as crianças no mês de Janeiro, que é período férias da biblioteca, batendo em sua porta perguntando sobre os livros e se a biblioteca “vai abrir”. Em um país em que não há incentivo da leitura, especialmente em um “bairro simples”, o fato de as crianças buscarem um livro para ler é um fato notável. Nesse mesmo ano, iniciou uma luta por um terreno para manter um trabalho digno e sério para toda população e, para isso, mobilizou pessoas, advogados e engenheiros para realizar a solicitação do terreno ao poder público. ASF39 diz que ama o que faz porque gosta de estar no meio do povo, portanto sua conduta reflete o amor ao próximo.

Atualmente, cerca de seis mil pessoas em toda região, conforme encerramento do relatório de atendimentos da biblioteca, são beneficiadas; sem contar as orientações e visitas que recebem de outras comunidades e até empresas interessadas no trabalho que realizam.

Finalmente, é relevante citar o sonho da colaboradora:

Meu maior sonho para comunidade é ver as crianças, os jovens e adolescentes do bairro, progredindo em conhecimento, em informação, saindo daquele “mundinho”, que parece ser bom, mas, não é bom. O mundo não se acaba naquilo, nós temos que progredir, para progredir nós temos que ter conhecimento, para termos conhecimento, nós temos que conhecer gente nova, pessoas novas, coisas novas, eu quero que o bairro progrida, não somente materialmente, porque às vezes se progride materialmente. Mas. Não se progride como humano. Eu quero que as pessoas, que o povo, tenha educação, que queiram progredir, queiram estudar, se formar, queiram revolucionar o bairro primeiro, porque quando isso acontece dentro de casa, do bairro, a sociedade é consequência e aí, nós vamos poder mudar essa realidade da nossa sociedade que é tão fechada em si própria, nela mesma e na individualidade.

Diante de tudo, afirma-se que suas verbalizações apresentam quatro grandes categorias: coragem, generosidade, gratidão e boa-fé; além disso, deve-se mencionar também a Justiça, que permeia todas as suas afirmações.

## **TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA**

### **Colaborador 08: ASM23**

#### **Bloco 07**

O bairro em que moro é o Jardim Nova Europa, moro no bairro desde em que nasci 1985. No caso meu pai, saiu da Vila Rocha para casar com a minha mãe, e eles se mudaram para esse local que fica na Rua Manoel Toledo de Arruda. Tinha muitas dificuldades, o bairro não era asfaltado como todo início de loteamento, tinha muito barro, não tinha água e esgoto adequados, então, era mais essas dificuldades quando criança. Geralmente a maioria das pessoas vinha de outras cidades e, principalmente de outros estados. As ruas sem asfalto e as casas muito simples, é complicado falar sobre isso, mas, eram pessoas simples que se sentiam muito pressionados, com dificuldades de pagar os aluguéis e precisavam ter o seu próprio local para morar. Não me recordo.

#### **Bloco 08**

Na comunidade hoje, eu atuo na Associação Instituto Renovação Nova Esperança Vitório Lucato comecei em 2005, em junho. De início nós percebemos uma certa descrença da população, muitas pessoas que poderia nos ajudar se afastavam, então, essa era a nossa maior dificuldade no início, encontrar pessoas que acreditassem em nosso trabalho. Um fato marcante que eu vejo, nesse trabalho com a comunidade, foi conhecer três pessoas, o Alexandre, o Luis e o André, são três irmãos cegos que são muito felizes e que o fato de serem cegos para eles não é uma dificuldade, o que chamou minha atenção quando conheci os três irmãos que são muito ativos, estudam, trabalham, conversam, namoram, pegam ônibus, vão para escolas, para o centro da cidade, circulam, e freqüentam vários lugares, sem ajuda de ninguém, foi a alegria e a satisfação deles né, de lutar com a vida, sempre sorrindo, isso para mim foi e está sendo uma lição de vida, porque, muitas vezes nós acabamos reclamando das coisas e, nós temos tudo ao nosso alcance, nós enxergamos, nós somos perfeitos, então, o que me marcou muito é o espírito de luta desses três jovens, me ensinaram que eu posso fazer muito mais do que eu faço hoje pelos outros. A minha visão é de

que realizei muitas coisas boas, principalmente, quando se trata de compartilhar o conhecimento que eu tenho com outras pessoas, penso que por menor que seja o meu conhecimento ele sempre poderá fazer diferença na vida de alguém, é sempre muito bom compartilhar com as demais pessoas, seja um conhecimento, uma idéia, uma sugestão, ela pode mudar a vida de alguém. Posso dizer que não, efetivamente não, mas, o que me deu uma grande motivação, um incentivo foi conhecer o trabalho do senhor ASM58, que é um grande líder comunitário.

## **Bloco 09**

Moro no mesmo local que é no Jardim Nova Europa. O que mudou foram as ruas, casas, pessoas, a região no todo cresceu muito, onde era só mato, hoje podemos ver várias casas ,então, o bairro se expandiu. Na comunidade num todo eu ajudo, eu sou voluntário como professor de informática, onde ministro aulas aos sábados, para população carente do Victório Lucato, no período da noite eu treino meninas carentes, em um projeto de futsal feminino, em outro bairro da cidade, com esses projetos podemos tirar várias crianças e adolescentes das ruas. Também faço diversas solicitações para a comunidade por meio de ofícios e outro documento da associação, depende da necessidade da comunidade. É como eu disse: “Se eu tenho um conhecimento, uma idéia, eu tenho que compartilhar com as demais pessoas.” Diretamente podemos dizer umas 200 pessoas e indiretamente umas 5.000 pessoas. O que eu gosto de fazer, além de ajudar as pessoas é estar envolvido nos esportes, faço o que gosto e, por meio do esporte também posso ajudar.

## **Bloco 10**

O maior sonho para comunidade é que ela se torne cada vez mais unida, que cada pessoa tenha um pouco mais de comunhão entre si e mais amor no coração. Achei um pouco complicado, no início eu estava um pouco nervoso também, mas foi tudo tranquilo, foi bom. Acho que não, é isso mesmo.

## **Textualização do depoimento**

O colaborador ASM23 informou que não é morador do bairro Jardim Vitório Lucato; é morador do Jardim Nova Europa e atua na Associação Instituto Renovação Nova Esperança Vitório Lucato desde junho de 2005.

Segundo ele, no início, foi difícil lidar com a descrença da população, pois muitas pessoas que poderiam ajudar a comunidade se afastavam, então, a maior dificuldade era encontrar pessoas que acreditassem no trabalho deles. Um fato que marcou o entrevistado foi conhecer, na comunidade, três jovens cegos. Ele relatou:

[...] o Alexandre, o Luis e o André, são três irmãos cegos que são muito felizes e que o fato de serem cegos para eles não é uma dificuldade, o que chamou minha atenção quando conheci os três irmãos que são muito ativos, estudam, trabalham, conversam, namoram, pegam ônibus, vão para escolas, para o centro da cidade, circulam, e frequentam vários lugares, sem ajuda de ninguém, foi a alegria e a satisfação deles né, de lutar com a vida, sempre sorrindo, isso para mim foi e está sendo uma lição de vida, porque, muitas vezes nós acabamos reclamando das coisas e, nós temos tudo ao nosso alcance, nós enxergamos, nós somos perfeitos, então, o que me marcou muito é o espírito de luta desses três jovens, me ensinaram que eu posso fazer muito mais do que eu faço hoje pelos outros.

Segundo ASM23, esses jovens serviram de exemplo para lhe mostrar que ele pode fazer muito mais pessoas do que ele faz. Além disso, também citou que o que lhe deu uma grande motivação para realização dos trabalhos em comunidade foi conhecer o trabalho realizado por ASM58, que é um grande líder comunitário. ASM23 declarou que já realizou:

muitas coisas boas, principalmente, quando se trata de compartilhar o conhecimento que eu tenho com outras pessoas, penso que por menor que seja o meu conhecimento ele sempre poderá fazer diferença na vida de alguém, é sempre muito bom compartilhar com as demais pessoas, seja um conhecimento, uma idéia, uma sugestão, ela pode mudar a vida de alguém.

Ao compartilhar idéias e conhecimento, ASM23 demonstra preocupar-se com o bem estar da comunidade e justifica que o seu conhecimento, por menor que seja, pode “mudar a vida de alguém”, pode trazer uma melhoria na qualidade de vida para as pessoas.

Sobre os trabalhos realizados em comunidade, informou que é voluntário na associação como professor de informática aos sábados e também no período da noite. Ele ensina futsal para meninas carentes em outra região da cidade, além de fazer diversas solicitações para a comunidade por meio de ofícios e outros documentos da associação.

Informou que o que mais gosta de fazer, além de ajudar as pessoas, é se envolver com o esporte. Ele reforça essa idéia: “Se eu tenho um conhecimento, uma idéia, eu tenho que compartilhar com as demais pessoas”. São atendidas diretamente cerca de duzentas pessoas e, indiretamente, cerca de cinco mil em toda a região.

Seu sonho é que a comunidade se torne cada vez mais unida e que as pessoas compartilhem mais, que tenham “mais amor no coração”.

Assim, o amor ao próximo, coragem e generosidade são categorias presentes em suas declarações.

## **TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA**

### **Colaborador 08: ASM54**

#### **Bloco 07**

Eu cheguei em 1988 no Jardim Ouro Verde. Eu fui morar nesse bairro, porque foi o lugar que consegui comprar minha casinha, o lugar que eu achei a casa mais barata foi ali. A dificuldade no início foi a época que eu fui morar em três cômodos, tinha que reformar a casa e, tinha que aumentar, era pequena e uma época de muita chuva, então, foi muito difícil para mim, trabalhava durante o dia e a noite trabalhava na casa. O bairro mudou, mas, hoje ainda tem um pouco de dificuldade porque tem muitas pessoas, que não querem ajudar o outro, você convida as pessoas para fazer parte da associação, as pessoas não querem falar que não estão lá para ajudar ninguém, que todo mundo tem que se virar sozinho. Essa é nossa dificuldade dentro



do bairro. Muitas pessoas foram para o bairro com a mesma dificuldade que eu tinha, foram comprar suas casas, tinham dificuldades como a minha, então compraram seus terrenos e começaram a construir ali. Quando eu mudei, no Jardim Ouro Verde, já era tudo asfaltado, as casinhas pobres, hoje que os proprietários fizeram melhorias, mas, as casas eram bem simples. Não lembro.

## **Bloco 08**

Olha eu trabalho na comunidade, há muito tempo, comecei meus trabalhos no Jardim Santo André em 1982 e fiquei lá até 1988, quando mudei para o Jardim Ouro Verde e iniciei meus trabalhos, na associação de moradores. A maior dificuldade é conseguir dialogar com as pessoas, é muito difícil, as pessoas não querem o diálogo, tão necessário para boa convivência. O fato é marcante, sempre que conseguimos realizar alguma coisa para comunidade, porque a luta é diária, um evento, aumento de linha de ônibus, ajudar o próximo, conseguir medicamentos para os doentes, alimentos, lugar para ficarem. E, principalmente para mim, não posso deixar de falar de um fato marcante que é eu ter conhecido o Asilo CV em 2004, era um asilo clandestino, onde eu e mais alguns amigos denunciemos e assumimos a casa com muitas em dívidas, quinze idosos órfãos que eram roubados por uma mulher que se dizia diretora do asilo, descobrimos que ela desviava os cartões da aposentadoria dos velhinhos e que também não dava alimentos e nem remédios, a única coisa que ela dava para os velhinhos era uma sopa que parecia uma lavagem, muitos morreram nessa casa por falta de alimentação e de remédios, hoje nós conseguimos manter funcionários, enfermeiros na casa, alimentação e medicamento, mas, nossa luta é ainda é por um lugar mais adequado para eles, o poder público não se mobiliza, mas, todos nós da diretoria já acionamos a promotoria pública e estamos pedindo que não se cumpra somente a lei, porque o conselho do idoso visita a casa e diz que temos que adequar a ala feminina e masculina, temos que adequar portas, a vigilância sanitária faz uma série de exigências sobre as condições da cozinha, espaço, vaso sanitário, cumprindo o que está no papel, na lei, mas e a preservação da qualidade de vida, eles não tem para onde ir e o poder público prefere cumprir o que está no papel do que subsidiar melhores condições, ou mesmo até pagar o aluguel de uma casa mais adequada para eles, a entidade não tem fins lucrativos, luta apenas para manter um local para idosos que não tem lugar na sociedade. A minha visão é que eu sempre procurei ajudar a comunidade e, sempre tentei ajudar todos os bairros vizinhos ali, o Roseira, o Lucato, sempre ajudando, é uma boa visão. Olhar e ver que pessoas foram ajudadas e, hoje estão em melhores condições de vida. Não, eu nunca fui influenciado por ninguém, desde muito cedo achava importante ajudar as pessoas, depois conheci a associação de moradores, gosto do trabalho que faço aqui e em outros lugares e pretendo continuar trabalhando e ajudando as pessoas.

## **Bloco 09**

Moro no Jardim Ouro Verde. Mudou com os trabalhos que realizamos na associação, mas não temos o apoio principalmente do poder público. Hoje nós realizamos muitos trabalhos, na parte da manutenção das ruas, nós fazemos ofícios, solicitando o asfalto, porque vivem cheios de buracos, podem ocorrer acidentes, corte de árvores que trazem risco a população ou mesmo para rede elétrica, fazemos festas, do sorvete, festa Junina, porque a comunidade não tem lazer, também fazemos eventos para arrecadar dinheiro para a comunidade, trabalhamos com cadastramento de CPF muito tempo. E, também ajudo em um asilo que fica do outro lado da cidade, um pouco longe da minha casa, Associação Beneficente de Amparo ao Idoso Lar Fraternal Casa da Vovó e, as pessoas que estão precisando de ajuda, não só na minha comunidade, mas em outras também. Não tenho idéia do número de pessoas, acredito que seja umas 2.000 pessoas com ofícios e solicitações que fazemos todos são beneficiados, a região toda tem umas 7000 pessoas. Porque eu gosto muito de ajudar as pessoas, gosto demais de fazer isso.

## Bloco 10

O maior sonho hoje para comunidade é fazer nossa sala de aula no centro comunitário é ter a nossa área de lazer. Fazendo nossa sala, nós podemos trazer mais cursos para comunidade, podemos trazer mais pessoas para trabalhar conosco e ter um lugar certo para fazer nossas reuniões e trazer melhorias para o bairro, um outro sonho que eu tenho que nossos velhinhos da casa da vovó sejam melhores atendidos pelo poder público, para que eles tenham um lugar mais adequado para ficar, já que não tem família e nem condição. Foi muito bom. Não.

### Textualização do depoimento

O ator social ASM54 informou que chegou ao Jardim Ouro Verde, em 1988. Foi morar nesse bairro porque foi o lugar no qual conseguiu comprar sua casa. Contou que sua maior dificuldade, no início, foi morar em três cômodos: a casa precisava de reparos e também precisava ser ampliada. Isso representou grande dificuldade para ele, uma vez que trabalhava durante o dia e à noite em sua casa.

Quanto ao bairro, já possuía infra-estrutura quando ele chegou; havia algumas casas simples e outras no início da construção. Quanto às dificuldades para realizar o seu trabalho, declarou: “as pessoas não querem ajudar o outro, você convida as pessoas para fazer parte da associação, as pessoas não querem falar que não estão lá para ajudar ninguém, que todo mundo tem que se virar sozinho”.

Disse que trabalha na comunidade desde o ano de 1992, tendo começado no Jardim Santo André, em 1982 onde ficou até 1988 quando se mudou para o Jardim Ouro Verde.

Para ASM54 “a maior dificuldade é conseguir dialogar com as pessoas, é muito difícil, as pessoas não querem o diálogo, tão necessário para boa convivência”. Nota-se em seu discurso uma grande preocupação com a ajuda ao próximo e, principalmente, com o diálogo. Assim, pode-se afirmar que o colaborador está aberto a resoluções de problemas de forma democrática e participativa e considera os princípios de igualdade, “cooperação entre iguais” e o diálogo altamente necessários para a boa convivência.

Sobre as atividades realizadas, informou várias: despacho de ofícios para limpeza das ruas, manutenção e solicitação de asfalto, corte de árvores que traziam riscos à população ou mesmo para rede elétrica, além de promover festas para arrecadação de fundos para a comunidade.

Percebe-se, pelas declarações de ASM54, uma grande preocupação com o outro, seja por causa dos trabalhos de manutenção do bairro a orientações feitas à população. Isso permite que infirmos que seu trabalho apresenta princípios de virtude, como coragem para fazer e generosidade. Quando relatou sobre um fato muito marcante para ele, disse que:

“E, principalmente para mim, não posso deixar de falar de um fato marcante que é eu ter conhecido o Asilo CV em 2004, era um asilo clandestino, onde eu e mais alguns amigos denunciemos e assumimos a casa com muitas dívidas, quinze idosos órfãos que eram roubados por uma mulher que se dizia diretora do asilo, descobrimos que ela desviava os cartões da aposentadoria dos velhinhos e que também não dava alimentos e nem remédios, a única coisa que ela dava para os velhinhos era uma sopa que parecia uma lavagem, muitos morreram nessa casa por falta de alimentação e de remédios, hoje nós conseguimos manter funcionários, enfermeiros na casa, alimentação e medicamento, mas, nossa luta é ainda é por um lugar mais adequado para eles, o poder público não se mobiliza, mas, todos nós da diretoria já acionamos a promotoria pública e estamos pedindo que não se cumpra somente a lei, porque o conselho do idoso visita a casa e diz que temos que adequar a ala feminina e masculina, temos que adequar portas, a vigilância sanitária faz uma série de exigências sobre as condições da cozinha, espaço, vaso sanitário, cumprindo o que está no papel, na lei, mas e a preservação da qualidade de vida, eles não tem para onde ir e o poder público prefere cumprir o que está no papel do que subsidiar melhores condições, ou mesmo até pagar o aluguel de uma casa mais adequada para eles, a entidade não tem fins lucrativos, luta apenas para manter um local para idosos que não tem lugar na sociedade.”

É possível perceber que ASM54 em suas declarações falou de direitos, porque todos os cidadãos comuns tem direito de um lugar na sociedade, mas, ao que parece a sociedade não pratica essa teoria, uma vez que, os idosos estão a mercê de boas pessoas, mas não são nem parentes, nem agentes e técnicos do poder público, mas, são pessoas que estão lutando por melhores condições de vida, demonstrou também generosidade e coragem ao assumir tamanha responsabilidade, novamente por indivíduos que não são os seus, além de respeito, dignidade e amor ao próximo. Tudo isso nos leva inferir que esses são princípios morais subjacentes a sua ação, também declarou que sempre gostou de ajudar as pessoas e que desde muito cedo faz isso, não foi influenciado por ninguém e tem ainda muitos sonhos para comunidade:

“O maior sonho hoje para comunidade, é fazer nossa sala de aula no centro comunitário é ter a nossa área de lazer. Fazendo nossa sala, nós podemos trazer mais cursos para comunidade, podemos trazer mais pessoas para trabalhar conosco e ter um lugar certo para fazer nossas reuniões e trazer melhorias para o bairro, um outro sonho que eu tenho que nossos velhinhos da casa da vovó sejam melhores atendidos pelo poder público, para que eles tenham um lugar mais adequado para ficar, já que não tem família e nem condição.”

Dessa forma, ASM54 nos relata que as benesses devem visar o bem comum, não o individual, fato esse que nos permite inferir que existem, em suas declarações, quatro grandes virtudes: a justiça, a coragem, a generosidade e o amor ao próximo.

## 4.2 Apresentação: princípios éticos e motivação do ator social

Para melhor entendimento da análise das falas dos colaboradores, foi necessário organizar um quadro para apresentação dos princípios éticos subjacentes à ação do líder comunitário e às motivações que os levam a tais ações, na medida em que as leituras foram sendo realizadas, os valores e princípios éticos foram brotando do texto. Nesse sentido houve também a necessidade de buscar estudos sobre os sentimentos morais que são complexos, mas, importantes para a análise em questão. Optamos, então, pelos estudos de La Taille (2006) sobre o “querer fazer moral: a dimensão afetiva” elegemos três para esse trabalho e fizemos uma síntese dos sentimentos que serão aqui apresentados :

- Sentimento de amor, ligado a uma qualidade especial de respeito ao outro;
- Sentimento de simpatia, no sentido de sentir o que o outro sente, compenetrar-se nas idéias ou sentimentos do outro, “é a disposição afetiva capaz de propiciar a percepção das necessidades singulares do outro, e a generosidade é a virtude que corresponde a essa percepção.” (LA TAILLE, 2006, p. 119)
- Sentimento de indignação, em síntese

...sente-se indignação quando se é vítima de uma ação considerada imoral. Mas, também se pode senti-la quando é testemunha das ações imorais que vitimizam outrem: por exemplo, quando se condenaram inocentes, quando se assiste a uma humilhação, quando se fica sabendo que políticos fraudaram uma eleição, etc. (LA TAILLE, 2006, p. 123)

Vale lembrar que aos três sentimentos morais, foram acrescentadas inferências das leituras realizadas, com breves explicações sobre o significado desses sentimentos aos colaboradores apresentados. Seguem os quadros: Quadro 1: Início dos trabalhos desenvolvidos na Comunidade; Quadro 2: Fato marcante na Comunidade; Quadro 3: Sonho para Comunidade.

### QUADRO 3 — INÍCIO DOS TRABALHOS DESENVOLVIDOS NA COMUNIDADE

Categorias para as respostas “Como e quando iniciou seus trabalhos na comunidade?”

Ator Social	Verbalizações	Valores e Princípios éticos	O que move a ação?
ASM58	<p>“Comecei o trabalho com esporte, né, no ano de 1999 por uma necessidade de carências no bairro, não tinha lazer, esporte, área comunitária, não tinha nada no bairro. A dificuldade de começar esse trabalho foi porque algumas pessoas usavam drogas nesse local. Era um campinho onde essas pessoas batiam uma bolinha para disfarçar o comércio de drogas e, eu comecei um trabalho com as crianças ali”.</p>	<p>Direitos iguais Coragem Generosidade</p>	<p>Sentimento de indignação de perceber que pessoas envolvidas no tráfico usavam livremente o espaço, ao passo que os cidadãos de bem, crianças e adolescentes permaneciam sem direito ao lazer e qualidade de vida. Direito ao espaço público, a vida.</p>
ASF43	<p>“O meu trabalho iniciou desde o início do bairro, meu trabalho já tem 12 anos, e eu comecei a me envolver com aquelas pessoas, não conhecia tanta pobreza, claro que eu tive uma vida difícil, uma vida que eu tinha que trabalhar, mas não sabia que existiam pessoas mais pobres do que eu, e quando eu comecei a ver aquilo, tudo que eu tinha eu doava”. [...] “[...] e eu conheci uma mulher que está até hoje dentro do bairro, que é a doutora Helena e, ela entrou dentro do bairro servindo sopa em uma perua Kombi e, ela precisa de voluntários nas ruas, para levar sopa, então, desde esse dia eu nunca mais parei de trabalhar”.</p>	<p>Generosidade Coragem Direito iguais</p>	<p>Sentimento de indignação, compaixão humana, de se “olhar” em uma situação difícil e não suportar “olhar” para outros em situação pior, de miséria total.</p>
ASF48	<p>“Eu comecei a trabalhar na comunidade assim que meu filho entrou na pré-escola, na escola eu já comecei a fazer parte da organização, porque precisavam de pessoas para ajudar na (APM) então, comecei a participar da (APM), depois fiquei sabendo das associações de moradores e, entrei como secretária da associação e fomos desenvolvendo nossos trabalhos, foi em 91”.</p> <p>“[...] então, o que mais nós tínhamos trabalho era com os bairros ao lado do nosso, que não tinham asfalto e, nós fomos auxiliando todos eles, também tinham muitas casas que na época, o prefeito acabou dando para algumas pessoas que não tinham documentação, então, nós corremos atrás desses documentos, solicitamos por meio de ofício e, depois também um outro bairro que não tinha escola [...]”</p>	<p>Direito Coragem</p>	<p>Sentimento de simpatia, partilha das informações que possui em prol do outro e, de vontade de ajudar, de auxiliar as pessoas com informações e documentações.</p>
ASF60	<p>“Desde quando mudei para o bairro em 1995, eu iniciei um trabalho que chamava “Caminho da Escola” com as crianças, na época ainda era junto com o padre, depois que ele saiu, eu continuei os trabalhos, conseguimos construir nosso Centro Comunitário e, retornamos a fazer os projetos dentro do nosso bairro.”</p>	<p>Direito Coragem</p>	<p>Sentimento de indignação, por melhores condições de vida para comunidade, direito a escola, direito a cidadania (projetos).</p>

ASM53	“Eu trabalho nessa comunidade desde o início, mas com trabalho, com associação mesmo, foi no ano de 2000. Muita pobreza, todos que chegavam na porta, começavam a conversar e já pediam alguma coisa para você, tem como o senhor me dar um pó de café, um açúcar, eu não tenho nada.”	Direito Coragem Generosidade	Sentimento de indignação de ver a fome estampada no outro, sentimento de ajuda ao próximo, partilha.
ASM65	“Aí, é uma longa história, com catorze anos na Bahia, eu já tomava conta de um time de futebol.” [...] “Agora, fui para o Paraná, lá também era minha vida trabalhar com futebol, igreja, escola, fui diretor de escola, diretor administrativo, não diretor com os professores, não. Quando eu nas vilas onde eu passava, já percebia que precisavam de alguma coisa, eu já entrava pelo meio para ajudar, sempre bem recebido, graças a Deus no Paraná, todo lugar que eu morei, formava um campo de futebol, formava uma comunidade, trabalhava na igreja e, tudo isso, eu sempre fiz com muito amor.”	Generosidade Coragem Amor	Sentimento de simpatia, desejo de ajudar o próximo, de colaborar, de organizar e fazer parte dos espaços.
ASM50	“Comecei os trabalhos na comunidade em 1983, com outras pessoas da associação, e em 1987, iniciei como vice-presidente do bairro. Encontrei muitas dificuldades no bairro, principalmente, porque as mães não queriam levar as crianças na EMEI (Escola municipal de educação infantil), porque tinha trinta, quarenta viciados e, eles entravam até dentro da sala de aula, então, tinha uma ou duas crianças só que freqüentavam a sala de aula e, depois que eu comecei a trabalhar no bairro, consegui orientar as famílias sobre o direito das crianças de estudar naquela escola infantil, hoje temos 120 crianças freqüentando e mais, noventa na lista de espera.”	Direito Coragem Generosidade	Sentimento de indignação, luta pela situação de orientação das famílias, organização no sentido do direito das crianças freqüentarem a escola e dos pais entenderem esse direito.
ASF39	Na verdade no ano de 2000, porque eu participava na comunidade e, comecei a ser catequista, fui catequista cinco anos e coordenadora por uma no, então, na verdade eu comecei a conhecer todos os pais e as crianças do bairro, por eu ser catequista. Quando eu comecei no bairro, a dificuldade era a questão das pessoas, ainda terem aquela cultura de “vamos esperar que o vereador fulano ou político beltrano vai resolver nosso problema”, que surgiria um Salvador da Pátria e que resolveria os problemas do bairro, então, nós tivemos que trabalhar para as pessoas entenderem que quem muda a situação do local somos nós mesmos, quem vem soma, mas, as coisas tem que acontecer de dentro para fora e, não de fora para dentro	Direito	Sentimento de indignação com a forma política estabelecida, com a acomodação da comunidade e, sentimento de simpatia, ou seja, se colocar no lugar do outro e informar, orientar a comunidade sobre seus direitos, deveres e possibilidades, em prol da melhoria do local onde vive.
ASM23	“Na comunidade hoje, eu atuo na Associação Instituto Renovação Nova Esperança Vitória Lucato comecei em 2005, em junho [...] conhecer três pessoas, o Alexandre, o Luis e o André, são três irmãos cegos que são muito felizes “eu posso fazer muito mais do que eu faço hoje pelos outros.”	Coragem Generosidade Amor ao próximo	Sentimento de simpatia, olhar para seu próximo e partilhar o que sabe, informações, orientações; como forma de melhoria da vida das pessoas.

ASM54	“Olha eu trabalho na comunidade, há muito tempo, comecei meus trabalhos no Jardim Santo André em 1982 e fiquei lá até 1988, quando mudei para o Jardim Ouro Verde e iniciei meus trabalhos, na associação de moradores [...] a luta é diária, um evento, aumento de linha de ônibus, ajudar o próximo, conseguir medicamentos para os doentes, alimentos, lugar para ficarem.”	Direito Generosidade	Sentimento de simpatia, em prol do coletivo, ajuda ao próximo, direito do cidadão a ter medicamento, alimentação, moradia e transporte coletivo
-------	--	-------------------------	---

#### QUADRO 4 — FATO MARCANTE NA COMUNIDADE

Categorias para as respostas “Qual o fato marcante dos trabalhos desenvolvidos em comunidade?”

Ator Social	Verbalizações	Valores e Princípios éticos	O que move a ação?
ASM58	“[...] fomos jogar futebol (...) Eu fui para apitar essa partida, nesse campo e alguém me disse, seu Airton o pessoal que está lá sentado, não vai deixar nós jogarmos bola, então, perguntei: O por quê? (...) O que está acontecendo? (...) você deixa nos jogarmos de cinco a dez minutos e, na hora que todos chegarem, você nos avisa e nós paramos. Ele não aceitou. Eu disse vamos conversar primeiro (...)Ele pensou um pouco e disse eu deixo vocês jogarem, mas só que eu vou levar a rede. Aí, fui lá, tirei a rede, dobrei e quando fui entregar, a hora que ele pegou, eu segurei a rede e falei: “Nenê, você sabe o que o ASM58 está fazendo?, O que eu estou fazendo não é medo de você não, estou fazendo por respeito a sua pessoa, então, no momento que você achar que é homem, a primeira coisa que você deve começar a fazer é respeitar o direito de cada um.” Nesse momento, o direito é meu e, nós vamos jogar.	Direito Respeito mútuo Justiça Diálogo	Indignação por apenas alguns sujeitos utilizarem o espaço público que é de todos, a vontade de fazer justiça.
ASF43	Teve um fato marcante desse trabalho, tinha um senhora, ela chama Dona Josefa, ela é viva ainda, bem velhinha, é uma guerreira e ela chegou na perua com três vasilhas de sopa (...),a sopa que ela pegava para comer a semana inteirinha, ela não	Direito Compaixão	Sentimento de indignação, pela fome do outro e, e o sentimento de simpatia, desejo de partilha e ajuda.

	<p>tinha comida, guardava aquela sopa, não tinha nem geladeira (...) ela fervia e deixava na panelinha no chão para a sopa não estragar para ela poder comer todos os dias da semana, para sobreviver à fome que doía.</p>		
ASF48	<p>“[...] um outro bairro que não tinha escola, a escola era para ter sido construída dentro de um bairro num local de difícil acesso, onde ficaria muito longe dos outros bairros, além de ser em um buraco e próximo a uma zona de proteção ambiental, através de muitas lutas da associação, várias solicitações por ofício, eu também participando do conselho da educação (01/12/1997 até 30/11/1999), então, com tudo isso nós conseguimos que essa escola fosse construída em um local mais apropriado, próximo dos outros bairros, assim a escola ficou em um lugar, bem melhor localizado, foi necessário chamarmos o engenheiro da prefeitura e o departamento de obras, para mostrarmos os prejuízos futuros que a escola poderia ter, no caso, até de estrutura, porque ficava em um buraco, para que eles vissem a gravidade da obra que eles mesmos iam construir, fora o gasto que teriam durante a obra e depois, esse foi o fato mais marcante, conseguir a escola.</p>	<p>Direito Coragem</p>	<p>Sentimento de indignação, insatisfação com o planejamento realizado pelo poder público, luta pelos direitos da população, busca de avaliação técnica como forma de argumentação visando o benefício da comunidade.</p>
ASF60	<p>“...nossas crianças foram muito humilhadas, nossas crianças não tinham escola, era difícil nós encontrarmos uma escola para elas, fomos a várias escolas, e nenhuma escola aceitava as crianças, a escola mais próximas estava sempre cheia, nunca tinha vaga. Foi quando eu resolvi juntar todas as crianças, nós demos banho, trocamos todos de roupa, arrumamos chinelos, sapatos para quem não tinha e fiz um mutirão com todos eles, 56 crianças. Levei para escola e chegando lá, entrei e coloquei todos eles sentados em uns bancos de cimento que havia no pátio e olhei para a</p>	<p>Justiça Direito Igualdade Coragem Amor ao próximo</p>	<p>Sentimento de indignação, por ser excluída pela sociedade e discriminada, sentimento de insatisfação com o poder público local e com as escolas e creches da região. Sentimento de luta pelos direitos que devem ser iguais para todos.</p>



	<p>diretora da época e disse: “Olha eles vão ter que estudar e se vira.” A diretora disse: “Não é assim que as coisas funcionam.” eu disse na minha cabeça é, eu volto para buscar todos eles no final da aula.”</p>		
ASM53	<p>“Mais marcante é você ver crianças com fome, pedindo comida.”</p>	<p>Direito Igualdade</p>	<p>Sentimento simpatia, sensibilidade pela fome e miséria da comunidade. Desejo de ajuda ao próximo e, que todos pudessem comer.</p>
ASM65	<p>Na Bahia uma senhora veio e me disse: “Seu Zé, o é que vou fazer agora, minha casa queimou?”, a casa era de madeira, fiquei chocado e disse: “Vou ajudar a senhora a construir outra, fui em uma fazenda próxima pedi madeira, aqueles troncos grandes, ganhei a madeira, fui em uma serraria próxima e pedi para o dono se poderia serrar as toras de madeira e o dono serrou, arrumei um caminhão, carregamos a madeira até o terreno, arrumei os pregos que faltavam, o resto das coisas, arrumei uns homens para ajudar e construí essa casa, ficou uma bela casinha, eu não me esqueço é um fato marcante para mim, ela era viúva e morava com um filho, não tinha para onde ir. (...) tem uma coisa marcante ali, que me gravou muito. No dia em que nós plantamos as árvores , foram muitas crianças e, por ironia do destino eu passei uma semana ou duas por ali e, estava uma mãe e uma criancinha de quatro anos e a menina pequena chorando, desesperada, coincidência e eu conhecia a mãe, perguntei: “ Por que essa criancinha está chorando”? A mãe: “O senhor não sabe porque, a árvore que estava o nome dela, ela acha que morreu”. Eu digo, porque morreu? “Porque ela esta sequinha”, Não é que ela estava seca, caíram as folhas normal né, então, eu passei a minha mão, assim, e vi que estava verde a madeira, mas para ela havia morrido, criança de três,</p>	<p>Amor ao próximo Generosidade Coragem Pureza Tolerância</p>	<p>Sentimento de amor e simpatia.</p>

	<p>quatro anos. Aí, eu falei para ela olha menina, vou fazer o seguinte, vou trazer uma árvore aqui e você vai me ajudar a plantar amanhã. E, levei no outro dia, ela me ajudou a plantar, arranquei aquela e plantei em outro lugar, porque aquela estava boa, mas, na idéia dela tinha morrido. Isso me marcou muito, não é verdade? Uma criança chorando por uma árvore em um local que antes de fazermos o plantio era jogado lixo.(...) No Paraná, fazíamos um torneio e eu era juiz , tinha um rapaz que trabalhava comigo e ele era meio atrapalhado das idéias , estavam brincando com o boné dele , foram me chamar, disse para parar e não pararam, ele ficou nervoso e tirou uma faca e veio para cima de mim, como eu era muito conhecido, mais de duzentos homens que estavam no campo correram para pegar esse rapaz, eu corri na frente e disse se for para matar, que me matem e não ele e todos os homens recuaram e foram para o jogo e tudo correu normal. A noite eu fui para casa e bateram em minha porta, a mãe, os irmãos e o pai desse rapaz que vieram chorando pedir desculpas do que tinha acontecido, isso também me marcou muito.</p>		
ASF39	<p>“fato marcante é a biblioteca Comunitária no meu bairro, que é um projeto pioneiro na cidade de Limeira, porque só existe biblioteca no centro da cidade e muitos adultos, jovens, crianças e adolescentes não tem condição de freqüentar a biblioteca no centro da cidade.Iniciou a partir do problema de nós vermos que nossas crianças não tinham nenhuma opção de lazer, cultura, nada ou era rua ou televisão. A rua nós sabemos que hoje, já não é possível mais as crianças ficarem na rua e, a televisão se não tem um adulto para orientar qual o programa ela deve assistir, é até pior.”</p>	<p>Justiça Direito Igualdade Coragem Generosidade</p>	<p>Sentimento de simpatia, luta pelos direitos iguais de todos, direito ao lazer, cultura, informação e educação.</p>
ASM23	<p>Um fato marcante que eu vejo, nesse trabalho com a comunidade, foi conhecer três</p>	<p>Coragem</p>	<p>Sentimento de simpatia, poder fazer melhor o que faz e melhorar sempre em prol</p>

	<p>peessoas, o Alexandre, o Luis e o André, são três irmãos cegos que são muito felizes e que o fato de serem cegos para eles não é uma dificuldade, o que chamou minha atenção quando conheci os três irmãos que são muito ativos, estudam, trabalham, conversam, namoram, pegam ônibus, vão para escolas, para o centro da cidade, circulam, e freqüentam vários lugares, sem ajuda de ninguém, foi a alegria e a satisfação deles né, de lutar com a vida, sempre sorrindo, isso para mim foi e está sendo uma lição de vida, porque, muitas vezes nós acabamos reclamando das coisas e, nós temos tudo ao nosso alcance, nós enxergamos, nós somos perfeitos, então, o que me marcou muito é o espírito de luta desses três jovens...</p>		<p>do coletivo e a lição de vida de que é perfeito e pode partilhar, foi encorajado por saber que a cegueira é social e não física.</p>
<p>ASM54</p>	<p>“eu ter conhecido o Asilo CV em 2004, era um asilo clandestino, onde eu e mais alguns amigos denunciemos e assumimos a casa com muitas em dívidas, quinze idosos órfãos que eram roubados por uma mulher que se dizia diretora do asilo, descobrimos que ela desviava os cartões da aposentadoria dos velinhos e que também não dava alimentos e nem remédios, a única coisa que ela dava para os velinhos era uma sopa que parecia uma lavagem, muitos morreram nessa casa por falta de alimentação e de remédios, hoje nós conseguimos manter funcionários, enfermeiros na casa, alimentação e medicamento, mas, nossa luta é ainda é por um lugar mais adequado para eles, o poder público não se mobiliza, mas, todos nós da diretoria já acionamos a promotora pública e estamos pedindo que não se cumpra somente a lei, porque o conselho do idoso visita a casa e diz que temos que adequar a ala feminina e masculina, temos que adequar portas, a vigilância sanitária faz uma série de</p>	<p>Justiça Direito Igualdade Amor ao próximo Generosidade Coragem</p>	<p>Sentimento de indignação no tratamento destinado ao idosos que não tem lar, insatisfação com o poder público pela falta de apoio e políticas públicas, indignação pela forma que o idoso é tratado na sociedade, como algo descartável e sem utilidade.</p>

	<p>exigências sobre as condições da cozinha, espaço, vaso sanitário, cumprindo o que está no papel, na lei, mas e a preservação da qualidade de vida, eles não tem para onde ir e o poder público prefere cumprir o que está no papel do que subsidiar melhores condições, ou mesmo até pagar o aluguel de uma casa mais adequada para eles, a entidade não tem fins lucrativos, luta apenas para manter um local para idosos que não tem lugar na sociedade.”</p>		
--	--	--	--

### QUADRO 5 — SONHO PARA COMUNIDADE

Categorias para as respostas “Qual é hoje o seu maior sonho?”

<b>Ator Social</b>	<b>Verbalizações</b>	<b>Valores e Princípios éticos</b>	<b>O que move a ação?</b>
ASM58	<p>“O maior sonho é ter uma comunidade diferenciada e, criar um espaço para que as pessoas venham a ter um conhecimento dos direitos sociais, que elas tenham conhecimento para que a gente possa se unir, para conseguir o direito de ir e vir livremente.”</p>	Igualdade de direitos	Sentimento de simpatia, amor, indignação.
ASF43	<p>“Sonhos para comunidade temos muitos, que a discriminação do nosso bairro acabe, que um dia nossos filhos, que todos aqueles jovens e adolescentes, aquelas pessoas mais velhas, que procuram emprego, não sejam discriminados, o nosso maior sonho é poder um dia chegar no posto de saúde e ser tratado por igual.”</p>	Igualdade de direitos	Sentimento de simpatia, amor, indignação.
ASF48	<p>“Nós temos um sonho, é um sonho meu antigo, né de fazer uma cooperativa de salgados, doces e também de resgatar as famílias que vieram de fora e fazer uma integração entre todos eles, almoços comunitários, um almoço mineiro, uma comida paranaense, de acordo com cada região que está presente no bairro, para integrar essas famílias cada vez mais,</p>	Cooperação	Sentimento de simpatia, amor, indignação.

	valorizando as culturas, o que cada um gosta de fazer, juntando, unindo mais essas pessoas.”		
ASF60	“O maior sonho que eu tenho para realizar é ver aquele bairro asfaltado, regularizado e, ver todas as crianças estudando, com um bom emprego. O sonho que eu tenho para essa cidade, se fosse uma coisa do meu alcance, era transformar tudo, acabar com as drogas, acabar com a prostituição, ver todo mundo trabalhando, ver todas nossas crianças em uma escola e, todos saindo com seu bom emprego, essa é a cidade que eu sonho.”	Igualdade de direitos	Sentimento de simpatia, amor, indignação.
ASM53	“O maior sonho que eu tenho hoje, é ver todos os nossos jovens trabalhando, é montar a sede da nossa associação e a biblioteca comunitária e, se Deus quiser nós vamos esse ano realizar esse sonho.”	Igualdade	Sentimento de simpatia, amor, indignação.
ASM65	“O meu maior sonho é de ver a praça do bairro pronta e, quem quiser ajudar a associação é só chegar , esse é meu sonho .E ainda acredito em Deus e nos homens.”	Direito Boa-fé	Sentimento de simpatia, amor, indignação.
ASM50	“Hoje o meu maior sonho é construir uma creche para os idosos, já fizemos a solicitação do terreno, a carta está na mão do governador, mas, não conseguimos ainda a continuidade do trabalho e, não é só fazer o prédio e deixar parado, queremos que o governo faça e, por meio das entidades, empresários, prefeitura, a creche funcione. O meu maior sonho é que o idoso que fica em casa, quando os filhos saem para trabalhar e ficam sozinhos tenham um lugar para ir, é diferente do idoso que vai em baile, passeia, temos que pensar no idoso debilitado.”	Direito	Sentimento de simpatia, amor, indignação.
ASF39	“Meu maior sonho para comunidade é ver as crianças, os jovens e adolescentes do bairro, progredindo em conhecimento, em informação, saindo daquele “mundinho”, que parece ser bom, mas, não é bom. O mundo não se acaba		Sentimento de simpatia, amor, indignação.

ASF39	<p>naquilo, nós temos que progredir, para progredir nós temos que ter conhecimento, para termos conhecimento, nós temos que conhecer gente nova, pessoas novas, coisas novas, eu quero que o bairro progrida, não somente materialmente, porque às vezes se progride materialmente. Mas. Não se progride como humano. Eu quero que as pessoas, que o povo, tenha educação, que queiram progredir, queiram estudar, se formar, queiram revolucionar o bairro primeiro, porque quando isso acontece dentro de casa, do bairro, a sociedade é consequência e aí, nós vamos poder mudar essa realidade da nossa sociedade que é tão fechada em si própria, nela mesma e na individualidade.”</p>		
ASM23	<p>“O maior sonho para comunidade é que ela se torne cada vez mais unida, que cada pessoa tenha um pouco mais de comunhão entre si e mais amor no coração.”</p>	Amor Igualdade	Sentimento de simpatia, amor, indignação.
ASM54	<p>“O maior sonho hoje para comunidade, é fazer nossa sala de aula no centro comunitário é ter a nossa área de lazer. Fazendo nossa sala, nós podemos trazer mais cursos para comunidade, podemos trazer mais pessoas para trabalhar conosco e ter um lugar certo para fazer nossas reuniões e trazer melhorias para o bairro, um outro sonho que eu tenho que nossos velhinhos da casa da vovó sejam melhores atendidos pelo poder público, para que eles tenham um lugar mais adequado para ficar, já que não tem família e nem condição. “</p>		Sentimento de simpatia, amor, indignação.

**QUADRO 06 — COMPARATIVO DO TRABALHO DESENVOLVIDO  
NA COMUNIDADE PELO ATOR SOCIAL**

O Quadro 6, representa um comparativo entre os próprios atores sociais dos trabalhos desenvolvidos nas comunidades, a finalidade é apresentar a fala dos atores sociais sobre a existência de uma influência, ou não na realização desse trabalho, motivos que levam a realização desse trabalho, o que mais gostam de fazer e a quem atribuem ou referem-se quando tentam explicar o trabalho.

<b>Ator Social</b>	<b>Foi influenciado por alguém para realizar o trabalho na comunidade?</b>	<b>Porque realiza trabalhos na comunidade?</b>	<b>O que mais gosta de fazer?</b>	<b>Atribuição do Trabalho ou referência</b>
ASM58	Ninguém influenciou	Amor ao próximo	Ouvir as pessoas ter contato com o povo, ajudar.	Fé em Deus
ASF43	Ninguém influenciou	Facilidade para amar o próximo.	Ajudar e trabalhar com adolescentes	Dom de Deus
ASF48	Ninguém influenciou	Satisfação em ajudar	Ajudar pessoas	Não fez referência
ASF60	Ninguém influenciou	Ajudar o meu povo	Ajudar pessoas	Dom divino
ASM53	Pai	Ajudar as pessoas	Ajudar as pessoas no que precisam	Graças a Deus
ASM65	Avó	Ajuda ao próximo	Ver as pessoas felizes	Dom divino
ASM50	Ninguém influenciou	Amor ao próximo	Ama ajudar o próximo	Fé em Deus
ASF39	Meus pais, fé, Deus	Ama o que faz	Ficar no meio do povo, ajudar.	Fé em Deus
ASM23	Influenciado por ASM58	Compartilha conhecimento	Ajudar as pessoas e ajudar por meio do esporte	Não fez referência
ASM54	Ninguém influenciou	Ajudar as pessoas	Ajudar as pessoas	Não fez referência

No quadro anterior, seis líderes dizem não terem sido influenciados (ASM58, ASF43, ASF48, ASF60, ASM50, ASM54), apenas (ASM53, ASM65) dizem ter recebido influência da família. ASM39, o colaborador mais jovem, disse ter sido influenciado por ASM58; ASF39 disse ter recebido influência da família e pela fé em Deus.

Sobre a realização dos trabalhos em comunidade, oito colaboradores responderam que amam ajudar as pessoas e fizeram referência ao amor que dedicam às pessoas, à comunidade:

(ASM58, ASF43, ASF60, ASM53, ASM65, ASM50, ASF39, ASM54) e apenas ASF48 respondeu que é pela satisfação de ver as pessoas alcançando o que almejam.

ASM23, o mais jovem colaborador, respondeu que é importante compartilhar conhecimentos e idéias com as pessoas, como forma de ajuda. Quanto ao que mais gostam de fazer, a resposta dos dez atores sociais é unânime: ajudar as pessoas. Em sua maioria, reforçaram dizendo amar o que fazem, demonstrando satisfação e envolvimento no trabalho que realizam.

A questão sobre a quem se atribui o trabalho ou se faz referência apareceu nos depoimentos. Quando foi perguntado aos colaboradores “Por que o (a) senhor (a) realiza tantos trabalhos na comunidade?”, todos responderam o porquê, entretanto, sete colaboradores (ASM58, ASF43, ASF60, ASM53, ASF65, ASM50, ASF39), além de apresentarem as justificativas das realizações, também fizeram referência a Deus. Atribuíram “graças”, “fé” e “dom” pelos trabalhos. Apenas três colaboradores não fizeram nenhum tipo de referência ao divino, são eles: ASF48, ASF23, ASF54, talvez, por não ter sido perguntado ou porque realmente acreditam que o trabalho desenvolvido é apenas consequência de suas ações.

É possível inferir, portanto a existência de uma forte referência ao princípio ético do amor ao próximo nas questões analisadas no quadro comparativo e que a questão da religiosidade, também, é muito presente nos depoimentos, representando o maior número de entrevistados, ou seja, sete atores sociais.

Também é possível, por meio desse quadro, observar que não existem diferenças significativas nos depoimentos entre os atores sociais masculinos e femininos. Em relação ao que pensam sobre o trabalho que realizam, disseram se tratar daquilo que mais gostam de fazer.

O que nos chamou a atenção é a capacidade que todos tiveram, mesmo passando por momentos muito difíceis na vida, de transformar essas experiências em oportunidades para as pessoas. De todos os depoimentos, dois se destacaram e apareceram também como explicações do porque realizar os trabalhos em prol da comunidade. Para ASF60, tudo que passou, todas as dificuldades, fome, exclusão faz com que ela lute, porque sabe o que o povo sofre, pois já esteve na mesma situação outrora.

Também ASF43 declarou que “aconteceram muitas coisas ruins na minha vida, e para não permanecerem coisas ruins na minha vida, eu transformei em coisas boas, então eu procuro sempre ajudar as pessoas”. Por meio dessa fala, é possível inferir o quanto ASF43 se coloca no lugar do “outro” que não o “seu” e a capacidade de superação que apresenta, além, também da motivação de buscar por mudanças diariamente.



No depoimento informado por ASF39, ela relata sua luta por direitos e igualdade:

Mas eu volto a minha primeira fala, no dia em que chegamos do Norte em São Paulo, minha mãe foi me colocar na escola e, eu não pude entrar na escola, porque vinha do norte e não tinha roupa, não tinha sapato, então, a diretora falou: “Sua filha só pode entrar o ano que vem”. E eu disse: “No dia em que eu entrar na escola, eu farei o meu melhor, então, primeiro a influência vem de mim mesma e, depois dos meus pais, porque o que eu sou eu devo a eles”. E finalizou atribuindo a fé em Deus como a grande maioria. Nesse sentido, é possível notar que esses tre últimos atores sociais, fizeram das vivências de exclusão, o sentido para luta e da tristeza da discriminação, a alegria de poder viver novos dias e oportunizar novos caminhos para a comunidade.

É importante notar que os informantes disseram realizar trabalhos diversos em prol da coletividade, porém os bairros que possuem histórico de assentamento apresentam questões mais urgentes de fome, pobreza, discriminação e exclusão social. Esses são fatores que permitem uma diferenciação em relação aos trabalhos desenvolvidos pelos atores sociais, ainda que isso não minimize nem desmereça a importância dos trabalhos dos demais líderes. Entretanto, destaca-se a urgência na busca de melhorias e oportunidades para comunidade naqueles casos. Em relação à extrema pobreza e à fome, o “esperar” pode levar a uma fatalidade.

#### **4.3 Uma leitura dos atores sociais na família, infância e Juventude: fatores que influenciaram a construção do sujeito, ator social.**

No decorrer das histórias de vida, foi possível perceber que os atores sociais, quando crianças, apresentam algumas semelhanças em suas histórias em relação aos valores cultivados nas famílias e demais relações sociais. Percebeu-se, então, a necessidade de apresentar as respostas desses “adultos” sobre infância, família, escola e trabalho; essas categorias apresentam experiências vivenciadas pelos líderes que os marcaram de alguma forma, seja pelo exemplo, pela convivência, pela educação da época e pelos valores também cultivados naquele contexto. Nesse sentido, seguem as categorias:

#### **Diálogo**

Nessa categoria foram agrupadas as respostas que apresentavam momentos e experiências vividas que possibilitaram o diálogo.

**ASM58**

“... meu pai foi uma pessoa educativa, compreensivo, não foi um pai que batia nos filhos, sempre foi um pai de sentar conosco...”

“... quando a gente fazia uma arte e, principalmente naquele tempo nas fazendas os bancos eram de madeira, sentava todo mundo para conversar.”

“Então em todos os momentos meus irmãos falavam porque o pai não bate, seria muito melhor né, mas conversando dói mais...”

“Me lembro, de várias casas que a gente morou, mas uma casa deixou muitas lembranças, porque morávamos numa colônia, onde as demais famílias, a maioria das famílias era italiana. Uma dessas famílias tinha uma grande amizade com meus pais, eles conviviam muito na minha casa, conversavam muito comigo, me davam muitos conselhos”.

“... meu pai era calmo, uma coisa que podia deixar para amanhã, ele deixava.”

“A primeira professora que me marcou, eu tenho essa lembrança, foi por ser muito dedicada, era uma pessoa que falava muito com os alunos, muito bonita”. ...

**ASM 43**

“Eu tenho uma boa lembrança dos meus avós, quando eu era pequena, era uma família muito grande e bem unida, que era por parte do meu pai, morava na Vila Queiroz e a gente se reunia de domingo e vinham todos os primos, era muito bom.”

“A nos gostávamos de brincar de passar anel, a gente brincava muito de passar anel, esconde-esconde e de casinha, que os quatro irmãos brincávamos juntos.”

“Lembro, a minha primeira escola, eu estudei na Boa Vista, o nome da escola é Professor Leovegildo, até tinha um diretor que chamava seu Antonio, ele era muito bravo, mas tinha uma disciplina muito boa né.”

“Eu tive uma professora (...) ela me ensinou o diálogo...”

**ASM 48**

“... no dia do meu aniversário minha mãe fez um doce de mamão e falou que era para comemorar meu aniversário. Nossa! Aquilo para mim foi a melhor coisa da minha vida.”

“... então, isso não sai da cabeça né, de ter ido pela primeira vez num piquenique, junto com a professora.”

**ASM60**

“Dentro da casa era muito bom, meus pais eram muito bons, carinhosos, eu nunca vi

os dois brigando, uma educação que tinha que dar benção ao pai e a mãe, bom dia, toda hora era benção dentro daquela casa.”

### ASM53

“... Meus pais foram muito bons e, até hoje quando lembro me emociono...”

### ASM65

“Tem um fato muito interessante da minha avó, e tem um caso, que me marcou muito na fazenda que ela morava. Minha avó tinha um tanque muito grande feito pelos escravos, daqueles enormes de açude e, acabava a água e, ia acabando as águas daqueles mais pequenos e, ela abria a as porteiras do curral para o gado dos vizinhos beberem água. E, eu falava para minha avó: Mas porque você deixa o gado dos outros beberem água aqui? Minha avó respondia: “Ah! Se o meu gado tem sede, o dos outros também tem, e a hora que acabar a água, acaba para todo mundo”.

### ASM50

“... Minha avó, uma pessoa muito carinhosa, conversava muito comigo, muito bondosa...”

“O Sesi 149, a primeira escola que eu estudei. A Dona Luiza, no terceiro ano primário e a dona Dorotéia que era esposa do falecido ex-prefeito de Limeira Jurandir Paixão de Campos Freire, que era professora da segunda série, elas foram marcantes, porque eram duas pessoas que se dedicavam muito as crianças, ensinavam mesmo, falavam como deveria ser o estudo, o ensino para uma criança, davam muita atenção e carinho para todas as crianças.”

### ASM39

“Meu pai é uma pessoa muito sensata, eu amo meu pai, ele é uma pessoa de caráter e uma coisa que ele sempre nos ensinou é que o pobre ele tem que zelar pelo nome, que é o maior bem que o ser humano tem e que nós sempre respeitássemos as pessoas.”

“E da minha mãe eu lembro, assim, que eu guardo e que eu nunca esqueço que ela nos ensinou, nunca mentir, respeitar os mais velhos, tanto é que eu peço benção mãe, benção pai, meus irmãos, mesmo depois de casado e, eu eduquei os meus filhos assim, respeitar os mais velhos, pedir benção para mãe, para avó, para avô, para tio.”

“Tinha uma professora de português Dona Isabel, porque eu gosto de ler e de escrever e ela puxava muito os alunos, na época do ginásio e eu gostava muito dela, ela dava muita redação, ela pegava muito no nosso pé, e ela gostava muito de conversar sobre literatura...”

“... E nossa diversão era brincar na rua mesmo e meu pai sempre que podia nos levava ao Parque Vila Lobos, ao Ibirapuera para nós fazermos piquenique...”

**ASM23**

“... foi um professor de matemática chamado Rogério (...) muito bom professor e, explicava várias vezes a matéria, me orientava, orientava os outros alunos, conversava muito com todos e ainda me ofereceu várias oportunidades, mostrou novos caminhos na ocasião.”

**ASM54**

“... Meus pais foram para mim, muito bons...”

**Cooperação e Respeito**

As respostas enquadradas nessa categoria indicam as experiências cotidianas vivenciadas pelo sujeito e, que tiveram como princípio a cooperação no sentido de que as relações de cooperação constituem igualdade e respeito mútuo.

**ASM58**

“... Meus pais foram para mim muito importantes (...) Se eu Airton tinha feito a arte, os demais tinham que sentar também, eu tinha que contar para meus pais porque eu fiz tal arte (...) tinha que permanecer ali e, esclarecer para o pai, porque nós tínhamos feito aquilo.”

“Na época, as principais brincadeiras eram estilingue, bodoque que a gente fazia de madeira, bolinha de meia e pescar naqueles rios muito limpo, de águas limpas e no campo. Era uma região de campo, tinha muitas frutas, na hora que a gente tinha um tempinho que os pais deixavam, a gente ficava no campo comendo frutas.”

“... minha mãe excelentíssima, mas ela tinha um temperamento forte de fazer as coisas, vamos fazer, tinha que fazer.”

“... além de ser uma grande professora, era muito bonita. E desde, os sete ou oito anos de idade, eu imaginava assim, se um dia eu casar, se eu tiver uma filha, eu vou colocar o nome dessa professora, isso ficou na minha mente até hoje, enquanto eu tiver vida vou me lembrar dessa professora.”

“Meus pais sempre trabalharam na agricultura (...) um sítio que eu ainda me lembro, era de uma família japonesa, onde meu pai trabalhou para essa família por vinte anos. (...) mesmo meu pai não forçando a gente a carpir e pegar na enxada, a gente fazia o que podia fazer.”

“Nessa época era difícil estudar, a escola era longe e os filhos dessas famílias estudavam. Inclusive tinha um filho que chamava José e na época meu pai tinha uma bicicleta e de Palmeiras do oeste até Jales era uns 40Km, então esse rapaz estudava em Jales e meu pai emprestava a bicicleta pra ele e, ele me contava dos estudos, de como era, aconselhava a gente a estudar. Tenho uma lembrança muito viva disso aí.”

“Comecei a trabalhar aos sete anos, trabalhava na agricultura e estudava.(...) E o pai dizia nem que for um pé de mato, já ajuda o pai.

“Minha juventude, eu passei totalmente trabalhando na agricultura, precisava ajudar

os meus pais.”

“A maior dificuldade era a distância da escola, eu tinha que ir e voltar a pé, eu estudava de manhã e a tarde, ia para a lavoura .”

### **ASM 43**

“Eu tive uma professora (...). Era uma pessoa generosa (...). Cheguei a morar na casa dela, fui convidada a morar lá quando meus pais se separaram...

“... O que eu trago muito dessa professora é o ensinamento, o conhecimento de amor ao próximo, me deu lições de amor e carinho...”

### **ASM 48**

“O que me lembro é, quando já estávamos morando em Penápolis em uma chácara, nós plantávamos um pouco de tudo para sobreviver, então, ajudávamos na roça, ajudávamos a cuidar dos animais e uma coisa que eu sempre lembro da infância é que nós não tínhamos festa, dinheiro não tinha, então, no dia do meu aniversário minha mãe fez um doce de mamão e falou que era para comemorar meu aniversário.”

“Tinha um pátio enorme, onde era servido a refeição, a escola era famosa, eles chamavam o pessoal da caixa (pagamento de um valor para ajudar a escola) e aqueles que não tinham condição de pagar , tinham menos condições, levavam as coisas para ajudar a fazer a merenda, eu levava couve,mandioca, tudo que se plantava nós levávamos para ajudar na hora da merenda...”

“... mas eu comecei a trabalhar mesmo, desde que me entendo por gente, desde criança, ajudando, trabalhando na roça, ajudava a descascar café, carpir, cortar arroz, tudo o que se plantava nós ajudávamos, desde pequena o meu pai nos levava para trabalhar junto com ele.”

### **ASM60**

“... A professora que me deu aula, que escreveu em um caderno, A, E, I, O, U foi a Dona Lili, foi no ano de 1954, eu nasci em 1948, aos meus seis eu a conheci, e pedi para ela me ensinar, como ela não podia porque ela só dava aula particular, ela apenas me deu um lápis com um caderno e, eu comecei escrever A, E, I, O, U e, depois eu conheci as letras e aprendi ler sozinha.”

Eu com 7 anos de idade, já trabalhava em casa de família.

### **ASM53**

“... meus pais fizeram de tudo para nos criar, o que dependeu deles, eles deram de bom, em nossa família não temos bandidos, até hoje comento com meus irmãos, é gostoso falar, graças a Deus da nossa família, que é muito bacana, muito boa, demais, pelo número de homens que tem, né. E meu pai foi um homem bom demais né, sempre gostou muito de ajudar as pessoas.”

“Eu lembro de uma professora que eu tinha, chamada Maria Izabel(...) Mas, lembro de uma coisa que ela sempre dizia “Nunca mexam em nada que é de ninguém, que é dos outros”, ensinava valores, né, aquele tempo era outra educação...”

**ASM65**

“E ali a minha avó, uma pessoa muito bondosa e, não tinha dó de ajudar a pobreza não...”

“...Mas, era um professor, para época, de primeira linha. Era chamado na região inteira, para dar aulas. Eu fiz o Mobral, né...”

“Na minha juventude a principal diversão da época era o samba de roda, brincadeira de roda e o boi roubado. O boi roubado é o seguinte: Você tem uma lavoura, ou uma roça para carpir e, não pode carpir por alguma razão, está doente, com algum problema, então, vai uma pessoa, um vizinho, conhecido e convida um pessoal e, chegam por volta de quatro horas da manhã, na cerca, o dono da fazenda, dono da terra não sabe.”

“Eu trabalhava na Bahia por minha conta, na casa de minha avó e, aqui eu sempre trabalhei por conta na lavoura de café, chamado por centeio de café.”

“E, assim, foi minha infância, trabalhando, mas, também não era aquele trabalho, que como escravo que tinha que fazer, eu podia fazer outras atividades, que minha avó deixava. O aprendizado, né? Não sabe né? Pessoa quando não sabe, é como quem não viu não é verdade? Nós vamos aprendendo aos poucos, cada passo que nós damos na vida é um aprendizado.”

**ASM50**

“Minha avó, uma pessoa muito carinhosa, conversava muito comigo, muito bondosa, era uma pessoa que gostava de ajudar o próximo, minha mãe também gostava muito de ajudar o próximo.”

“Da casa, eu me lembro que, como todos trabalhavam e, eu já estava bem crescidinho eu preparava o almoço para eles, deixava o feijão cozido só para mãe temperar, para nós almoçarmos.”

“O primeiro emprego foi na roça, apanhar algodão com 8 anos de idade, o segundo emprego que eu me lembro nós fazíamos polimento, o SENAI dava as peças e nós políamos.”

**ASM39**

“Meu pai é uma pessoa muito sensata (...) é uma pessoa de caráter e uma coisa que ele sempre nos ensinou é que o pobre ele tem que zelar pelo nome, que é o maior bem que o ser humano tem e que nós sempre respeitássemos as pessoas.”

“E da minha mãe eu lembro, assim, que eu guardo e que eu nunca esqueço que ela nos ensinou, nunca mentir, respeitar os mais velhos, tanto é que eu peço benção mãe, benção pai, meus irmãos, mesmo depois de casado e, eu eduquei os meus filhos assim, respeitar os mais velhos, pedir benção para mãe, para avó, para avô, para tio.”

“Era assim, durante o dia meu pai ia para roça, minha mãe ficava cuidando de nós, eram vários filhos, quer dizer tinha sempre os pequenininhos, com sete anos de idade minha mãe me ensinou a varrer o terreiro e a dar banho nos meus irmãos pequenos e, fazer comida, porque depois ela ia também trabalhar para ajudar meu pai e quem cuidava das crianças e da casa era eu, então, um cuidava da casa e do outro na verdade.”

**ASM23**

“... meu pai trabalhava em uma construção, e minha mãe trabalhava fora também, então, ficávamos eu e meu irmão em casa, meu irmão ficava em casa fazendo os afazeres domésticos e, eu muito jovem não tinha idade para fazer nada, mas, com o passar do tempo veio a minha irmã, e eu e meu irmão começamos a dividir as tarefas em casa.”

“Professora Elaine foi minha primeira professora do primário, eu lembro até hoje né, na primeira série e tem um professor que me marcou muito na época da transferência do ensino fundamental para o ensino médio, foi um professor de matemática chamado Rogério. Primeiro a professora porque ela me deu os primeiros ensinamentos o Rogério porque era uma pessoa muito boa, muito bom professor e, explicava várias vezes a matéria, me orientava, orientava os outros alunos, conversava muito com todos e ainda me ofereceu várias oportunidades, mostrou novos caminhos na ocasião.”

**ASM54**

“Meus pais foram para mim, muito bons, deram tudo o que eu quis né, nós trabalhávamos na roça, o nosso ordenado era pouco, plantávamos amendoim, o ano que dava bem nós tínhamos dinheiro...”

“... Nós ficávamos em casa com nossos irmãos, e fazíamos todas as coisas da casa, não saíamos muito (...). A rotina era trabalhar, meus pais trabalhavam na roça, eu ficava em casa tomando conta das crianças, fazia comida e lavava roupa.”

“... Lembro, eu tive uma professora muito marcante para mim, foi a professora Maria, era uma professora brava conosco, foi a única que marcou, porque ela era muito brava, mas, só que ensinava muito, eu aprendi muito com ele, era uma pessoa muito honesta com os alunos, trabalhava muito na sala de aula, dava o seu melhor, ensinava tudo de correto para nós, não excluía ninguém, todos os alunos eram iguais para ela.”

“... Comecei trabalhar com 7 anos, na roça e depois casei com dezoito anos, aí eu passei a trabalhar com gado.”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO, ATOR SOCIAL: HISTÓRIAS DE QUEM APRENDEU NA INFÂNCIA E JUVENTUDE, RESPEITO, DIÁLOGO, COOPERAÇÃO E SENTIMENTOS MORAIS

A partir dos depoimentos apresentados, identificamos algumas características que fazem parte das lideranças: no caso, de AMS58, cujo relato indica que o pai sempre conversava muito com ele, observar-se a importância do diálogo, muito presente, também, em seu trabalho. Ao dizer que “o que mais gostava de fazer além de ajudar é ouvir as pessoas”, talvez, não tenha consciência da importância do exercício da escuta nas relações interpessoais e o quanto isso é significativo para as pessoas. Isso demonstra que ele se solidariza com elas, respeita e demonstra que o diálogo é possível.

Aprendeu muito do que aplica às suas atividades com as relações interpessoais: com a professora, com o vizinho italiano – quando morava em uma colônia, aprendeu a ouvir conselhos sobre a importância dos estudos –, com o pai, (aprendeu que a bicicleta não deveria ficar parada e sem utilidade, mas, deveria ser emprestada ao vizinho para que pudesse estudar, uma vez que a escola era muito distante).

Na infância, conheceu a importância do aconchego do lar e o valor de se unir as pessoas. Desde muito cedo, percebeu a necessidade de colaborar com o pai na roça, bem como de brincar nos momentos adequados. Certamente é a lição que aprendeu nessa fase de sua vida que vieram a refletir posteriormente no homem adulto que, generosamente, organizou um espaço de lazer para crianças brincarem, jovens e adultos se integrarem. A generosidade e o amor pelas coisas, certamente, encontra raiz no tipo de vida que esse homem teve.

Da mesma forma, ASF43 não se esqueceu da separação dos pais enquanto ainda era criança, entretanto, jamais se esqueceu do que aprendeu com sua professora: o carinho, o amor ao próximo e a determinação no momento de acolher alguém, de se colocar no lugar do outro e de ajudar. Ela diz: “Minha professora me ensinou amar e hoje essa liderança tem facilidade em amar e busca em suas realizações transpor esse amor, acolhendo crianças, jovens e adultos”.

Ela se lembra com carinho das brincadeiras com os irmãos e que gostava muito da escola: a mesma escola que a faz lembrar, diariamente, que as crianças do seu bairro devem



estar matriculadas e não podem permanecer nas ruas, diante de inúmeros perigos.

Relatou ainda que, desde muito cedo, teve de começar a trabalhar e que a vida nunca foi fácil, mas, isso não foi motivo para amargura, fez parte de seu aprendizado de amor, de oportunidade, de vida.

De forma semelhante, ASF60 resolveu lutar por melhores condições de vida desde a infância, por isso brincar, algo tão importante para o desenvolvimento da criança, nunca lhe foi permitido. Os brinquedos nunca fizeram parte de sua vida e dentre os seus sonhos, gostaria de ter tido uma boneca e aprendido a ler e escrever. O brinquedo foi trocado pelo trabalho o aprendizado foi resumido a algumas letras (a,e,i,o,u). Contudo, isso não a impediu de aprender ler, pois o fez sozinha.

Desejos desencontrados devido ao contexto de privações, de fome e de miséria possibilitaram, por outro lado, que aprendesse, desde muito cedo, que a vida para algumas pessoas era muito cruel.

Buscou forças para lutar e aprendeu que a vida pode ser diferente se houver luta pela igualdade. Assim, todas as crianças de seu bairro estudam, brincam, têm bonecas e brinquedos; e quando não têm, ela mesma produz. Transformou sua história de vida de dor, de uma infância e juventude sem oportunidades em um trabalho de luta, em prol dos excluídos.

De outro modo, ASF39 falou com muito carinho dos pais, da casa onde morava, das brincadeiras ao ar livre, das árvores, das frutas, quando morava “no norte”, mas, também falou de suas brincadeiras nas ruas em São Paulo, quando se mudou para Osasco.

Informou-nos, sem nenhum pesar que, desde muito cedo cuidou dos irmãos. Ainda, sobre a família, relatou a honestidade dos pais, com muita alegria. A dedicação e os ensinamentos que trouxe consigo, segundo suas palavras, vivem até hoje na educação que transmitiu aos seus filhos.

É possível afirmar que ASF39 coloca muito do que aprendeu na infância e juventude a serviço da comunidade: a coragem do pai ao sair do norte e ir para São Paulo, deixando tudo para trás em busca de novas oportunidades, os conselhos e orientações dos pais, a luta diária, as brincadeiras que fizeram parte de sua vida e, que hoje são negadas às criança de seu bairro, devido aos riscos e perigos da vida cotidiana.

A exclusão do primeiro dia de aula também motivou essa liderança a criar oportunidades para comunidade, transformando uma passagem negativa de sua vida em oportunidade para “outros” excluídos da escola e da vida. Atualmente, é responsável por uma biblioteca considerada pioneira na cidade de Limeira.

Outra colaboradora, ASF48, lembrou com muito carinho das brincadeiras com os

irmãos e primos, da escola que frequentava e, principalmente, do carinho da professora que a convidou para o piquenique – o primeiro piquenique de sua vida. Certamente, o piquenique não foi apenas uma oportunidade de recreação, mas uma oportunidade de partilha, de comunhão, afinal, todos comeriam juntos.

A colaboradora disse que para ir a escola, enfrentava diariamente o obstáculo da distância, uma vez que vivia em uma localidade muito distante. Aprendeu a ser responsável desde muito cedo, trabalhava na roça e em casa. Contudo, em sua fala não transparece pesar. A depoente falou sobre tudo, com muita alegria e satisfação, contou sobre sua casa, irmãos e da boa convivência com todos.

Transparece, em seu discurso, o carinho pela escola, pela professora, que a fez entender a importância da escola na vida das pessoas e talvez tenha sido esse um dos motivos que levaram ASF48 a lutar, hoje, por melhores condições e qualidade de vida para as pessoas, especialmente pela construção de uma escola mais próxima do bairro.

A convivência em colônia parece refletir em seus sonhos na atualidade: a busca de integração de várias pessoas da comunidade, que são de diversas regiões, o almoço comunitário e o resgate de valores culturais.

Já no caso de ASM65, é importante ressaltar a importância dos aprendizados com a avó – uma belíssima avó que deu exemplo de ajuda a pobreza. Isso, certamente, reflete na objetividade e clareza de seu trabalho. Ainda, no âmbito familiar, também ressaltamos ASM53, que disse não poder se esquecer do exemplo do pai, que ajudava demais as pessoas. Tanto a avó de ASM65 como o pai ASM53 ensinaram que a partilha e a ajuda são possíveis em todos os lugares.

ASM23, o mais jovem ator social, está iniciando seus trabalhos em comunidade e tem apenas três anos de trabalho. Ainda assim, em sua fala, é possível observar dois exemplos que o levou a realizar trabalhos comunitários, ao passo que ASM58 diz ter sido inspirado, entre outros fatores, pelos três rapazes cegos, que o fizeram refletir sobre as possibilidades que ele, considerado “perfeito”, tem.

Apesar do difícil histórico de vida, ASM54 contou de sua infância, de suas responsabilidades de trabalho na roça, da ajuda em casa e de outras inúmeras dificuldades. Não demonstrou ter sido influenciado especificamente por alguém, porém relatou que a família, principalmente os pais, sempre foram muito bons. Por isso, talvez se possa inferir que a bondade dos pais o tenha influenciado no cuidado que tem com as pessoas e na ajuda que oferece aos outros, afinal, demonstrou bondade em seu relato durante todo o tempo.

Finalmente, ASM50 relatou que teve uma infância muito boa, brincou muito e também

começou a trabalhar na roça muito cedo, além de ajudar nos afazeres da casa, onde todos trabalhavam.

Lembrou com carinho dos pais, principalmente da mãe e da avó, que também ajudavam muito o próximo. Mesmo não fazendo referência específica de alguém para a realização de seu trabalho comunitário, disse que os exemplos em sua casa forma importantes.

Pelas leituras realizadas, pela análise das respostas e pelas categorias encontradas é possível perceber, até mesmo pelo contexto das experiências vivenciadas em relação ao trabalho, desde a infância (diálogo de pais e professores, respeito pela família e responsabilidades familiares) permitiram a construção de uma história de vida diferenciada, que reflete hoje no trabalho realizado por esses atores sociais em suas comunidades. O que nos permite afirmar que o ensinamento das virtudes, desde muito cedo, acreditando na possibilidade de ver um mundo melhor cuidado, com pessoas melhores e com igualdade para todos é, indubitavelmente, relevante na formação básica de qualquer educando.

## REFERÊNCIAS

- ALESSANDRINI, E. A. **Desenvolvimento afetivo de crianças pré-escolares em classe de período integral e parcial**. 1997. 179 f. (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Campinas, Campinas, 1997.
- ARAUJO, V. A. A. **Cognição, afetividade e moralidade**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 26, n.2. p.137-153, Jul/Dez 2000.
- ARISTÓTELES. **Ética de Nicómaco**. São Paulo: Sumus, 1973.
- ARMELIN, Mauro J.C. **Identificação e caracterização de áreas e comunidades com potencial para o desenvolvimento de sistemas comunitários de produção florestal no estado do Amapá**. 2002. (Mestrado em Ciências Florestais) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba, 2002
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BIAGGIO, A.; KOLBERG, L. **Ética e educação moral**. São Paulo: Moderna, 2006.
- BLOCH, M. **Apologia da História ou Ofício de historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BEDIN, L. P. **A dimensão ética na formação dos médicos**. 147 p. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto: Porto Editora Ltda, 1994
- CARINA.S. C. **A gestão participativa num sistema educacional público** 2003. 129 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- D'ÁVILA. S. M. T. **Comunidades, Desenvolvimento, Meio Ambiente e Inclusão Social**. 2005. 2 v. 92 p. (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- DIAS, A.A. Educação moral e autonomia na educação e autonomia na educação infantil: o que pensam ao professores. In **Revista de Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2005. 18 (3) pp370-380.
- DULCETTI, L. G. G., **Assentamento Cachoeira Grande: Formas de Sociabilidade**. 2006. 109 p. (Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2006.
- DUTRA, I. M. **Terceiro Setor e voluntariado: a busca por um desenvolvimento local, integrado e sustentável na pastoral da criança em Curitiba – PR**. 2007, 129 p. (Mestrado em Organizações e Desenvolvimento) – FAE Centro Universitário Franciscano do Paraná, Curitiba, 2007.

FABRI, E. A., RIBEIRO, Helena. Programa de Renda Mínima na Aldeia Indígena Morro da Saúde em São Paulo, entre 2003 e 2004: análise de uma experiência. In **Revista Saúde e Sociedade**. São Paulo. v. 16. n. 2. p. 61-75, 2007.

FERNANDES, M.M.S. **Comunidades de pescadores artesanais de meleiras e Barras, Conceição da Barra – ES: Inserção dos territórios tradicionais na dinâmica econômica capixaba**. 2007. 196p. (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

FERREIRA, M. (Org.) . **Entre-Vistas: Abordagens & usos de história oral**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1994. v. 1. 172 p.

\_\_\_\_\_. **História Oral e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim Editora Ltda, 1994.

FRISANCHO, S. Jueces y corrupción: algunas reflexiones desde la psicología del desarrollo moral. In **Memória, Revista sobre cultura, democracia y derechos humanos**. nº 4, 2008. Instituto de Democracia y Derechos Humanos – Pontificia Universidade Católica de Peru, 2008.

GOMES, L.G.N. **Semânticas da amizade e suas implicações políticas, familiarismo e alteridade entre amigos nas classes populares**. 2005. 236 p. (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2005.

FRANCO, A.; POGREBINSCHI, T. (org). **Democracia Cooperativa: escritos políticos escolhidos de John Dewey**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 152.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P; NOGUEIRA, A. **Que fazer, teoria e prática na Educação Popular**. 8 ed Petrópolis: Vozes, 2005.

FREITAS, Sérgio Fernando Torres; KOVALESCKI, Douglas Francisco, BOING, Antonio Fernando. Desenvolvimento moral em formandos de um curso de odontologia: uma avaliação construtivista. In **Revista Ciências e Saúde Coletiva**, 10 (2): 453-462, 2005. Rio de Janeiro.

GONÇALVES, R.; LISBOA, T. **Sobre o método de história oral em sua modalidade trajetória**. Florianópolis, v. 10, n. esp., mai. 2007, pp. 83-92.

KOHLBERG, Lawrence; POWER, F. Clark; HIGGINS, Ann. **La educacion moral segun Lawrence Kohlberg**. Barcelona: Gedisa, 1989.

LA TAILLE, Yves. **Desenvolvimento moral: a polidez segundo as crianças**. Cadernos de Pesquisa, n. 114, p. 89-119, Novembro 2001.

LA TAILLE, Yves. **O sentimento de vergonha e suas relações com a moralidade**. **Psicologia e critica**, 2002, 15, pp. 13-25.

LA TAILLE, Yves. A importância da generosidade no início da gênese da moralidade da criança. In: **Psicologia Reflexão Crítica** (on line).2006, vol. 19, n. 1, pp. 9-17. ISSN 0102-7972. doi: 10.1590/S0102-79722006000100003.

LA TAILLE, Yves. **Moral e Ética: dimensões intelectuais e afetivas**. São Paulo: Artmed, 2006.

LA TAILLE, Yves. Para um estudo psicológico das virtudes morais. In: **Educação e pesquisa**, São Paulo, vol. 26 n. 2, jul/dez. 2000, pp. 109-121.

LEAL, M. S. **Estudo do Projeto de Conservação da Caatinga, percepção dos atores sociais envolvidos**. 2002. 1v. 157p. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, 2002.

LIMA, A. E. O. **A ética e o ensino de educação infantil: o desenvolvimento moral na pré-escola**. 2003, 146 p. (Dissertação de Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

LIMA, V. **Ecologia e Juízo Moral: Vozes da Liderança Ambiental em Rondônia**. 2005. p. 220. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

LIMA, J.C. Moura. M. C. Trabalho Atípico e Capital Social: os agentes comunitários de saúde na Paraíba. In: **Revista Sociedade e Estado**. Brasília, v. 20 n.1. p. 103-133. jun/abr. 2005.

LIMA, A. de. **Perfil dos agentes comunitários da Pastoral da Criança na região norte da cidade de Londrina – PR**. 2006, 1v. 107 p. (Mestrado em Odontologia Preventiva e Social) Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Araçatuba, 2006.

LIMA, N.M. **Do desenvolvimento Comunitário a participação popular – a trajetória da participação nos centros de apoio comunitário de Belo Horizonte: uma experiência de desenvolvimento do capital social**. 2002. 1 v. p.103 (Mestrado em Administração Pública) – Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, 2002.

LOERA, **A busca do território: Uma aproximação à diversidade do seu significado entre os Sem-Terra**. 2004, 155p. (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

LOPES, I. **Memória Social: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local**. 1 ed. São Paulo: Museu da Pessoa: Senac São Paulo, 2008.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas (temas básicos de educação e ensino)**. São Paulo: EPU, 1986.

LUKJANENKO, M.F.S.SP. **Um estudo sobre a relação entre o julgamento moral do professor e o ambiente escolar por ele proporcionado**. 1995, 180 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas 1995.

MARTINS, L.C. e BRANCO, A. U. Desenvolvimento moral: considerações teóricas a partir de uma abordagem sociocultural construtivista. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Mai-Ago. 2001, vol 17, n.2 , pp. 169-176.

MACINTYRE, A. **Depois da virtude**: um estudo em teoria moral. Bauru: EDUSC, 2001.

MEIHY, J. **Manual de História Oral**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MENDONÇA, A. H. B. **Mediação comunitária. Uma ferramenta de acesso à justiça?** 2006. 109 p. (Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, J.E.B.M., **A motivação ética de ensino/aprendizagem na formação de professores do ensino fundamental**. 2008. 243 p. (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

PERIN, A. **Geração de Renda a partir de resíduos recicláveis: análise de duas associações de Florianópolis**. 2003. p. 147. (Mestrado em Engenharia da Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Sumus, 1994.

RODRIGUES, C.; SOUZA, H. **Ética e Cidadania**. São Paulo: Editora Moderna Ltda, 1994.

RODRIGUES, N. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. In. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, n. 76, out 2001, pp. 232-257.

SANTOS, M.A.P. , **Lógicas de cooperação dos assentados: idealizações e realizações**. 2005. (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 2005.

SEVERINO, A. **Metodologia do trabalho Científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, J. **Educação comunitária**: estudos e propostas. São Paulo: Senac, 1996.

SILVEIRA, S.M.P., **A construção do sujeito no MST: assentamento Eldorado dos Carajás**. 2007. 88 p. (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SHIMIZU, Alessandra de Moraes. **Representações sociais e julgamentos morais de jovens**: um estudo intercultural comparando duas abordagens metodológicas. 2002. 1 v. 391 p. (Tese de Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas Julio de Mesquita Filho/Marília – Educação, 2002.

SOUZA, Costa.F.A.B. **Representações de si de Professores do ensino fundamental**: um estudo sobre a virtude do amor. 2007, 136p. (Tese de doutorado em psicologia) – Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SPONVILLE, C. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. **O capitalismo é moral?:** sobre algumas coisas ridículas e tiranias do nosso tempo. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SOUZA, L. K. HULTZ, C.S. Relacionamentos pessoais e sociais: amizade em adultos. In: **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 257-265, abr./jun. 2008.

SOUZA, L. L. **Modelos organizadores na resolução de conflitos morais:** um estudo com adolescentes autores de infração. 2003, 214 p. (Dissertação de Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita, Assis, 2003.

STRECK, D.; FREIRE, P. **Ética, utopia e educação.** Petrópolis: Vozes, 1999.

THIELEN I.B. Nascimento, C.F. HARTMAN, R.C. polli, g.m. Teste de Julgamento Moral: Investigando o estágio de desenvolvimento moral dos motoristas. In: **Revista de Psicologia & Trânsito**, v. 2., n. 1, p.37-44, Jan/Jun.2006.

TOGNETTA, L.; ASSIS, O. A construção da solidariedade na escola: as virtudes, a razão e a afetividade. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 01, p. 49-66, 2006.

TURIEL, Elliot; ENESCO, Ileana; LINAZA, Josetxu. **El mundo social em la mente infantil.** Madrid: Alianza, 1989.

VALE, L.G. e ALENCA, H. M. Generosidade versus Interesse próprio: Juízos morais de crianças e adolescentes. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Out-Dez 2008, vol. 24 n. 4. pp. 423-431.

VASQUEZ, A. **Ética.** 15 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

VELASQUEZ, C. **Da formação de grupos a ação coletiva:** Uma análise com grupos de Jovens do assentamento rural da Fazenda Ipanema – IPERÓ – SP. 2002. p. 164 (Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Piracicaba, 2002.

VINHA, T.P. **O educador e a moralidade infantil numa perspectiva construtivista.** 1997. v1. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.



# Anexos

## **ANEXO 01**

### **ROTEIRO PARA ENTREVISTA – LÍDERES COMUNITÁRIOS**

#### **Identificação**

Para começar, gostaria que dissesse seu nome completo, data e local de nascimento.  
Qual o nome de seu pai e de sua mãe? E de seus avós?  
O(a) senhor(a) tem irmãos? Qual o nome deles?

#### **Família**

O que o(a) senhor(a) sabe sobre a origem de sua família?  
Fale um pouco de seus pais, avós, de sua família?  
Qual atividade de seus pais?

#### **Infância**

Quando o(a) senhor(a) nasceu, onde a família estava morando?  
Poderia descrever um pouco fatos marcantes da sua infância?  
E, da casa, o que o(a) senhor(a) lembra?  
Quais as brincadeiras favoritas?  
E, dentro da casa, como era a rotina?

#### **Escola**

O(A) senhor se lembra da primeira escola? Poderia descrever?(prédio, pátio, sala).  
E dos professores, o senhor se lembra? Algum foi marcante? Por quê?  
O(A) senhor(a) estudou até que série?

#### **Juventude**

Onde o (a) senhor (a) passou sua juventude?  
Qual era a principal diversão da época?  
E seu ( sua) esposo (a), como a conheceu?  
O(A) senhor se lembra como foi o noivado e o casamento?  
O(A) senhor teve filhos?

#### **Desenvolvimento**

Qual foi seu primeiro emprego?  
Como o(a) senhor (a) começou a trabalhar? Qual a idade e o que exatamente o(a) senhor(a) fazia?  
Quais as principais dificuldades no início?  
Qual sua profissão hoje?

#### **Comunidade/Trabalhos Desenvolvidos**

Em que ano o (a) senhor (a) chegou ao bairro em que mora? Qual o nome do bairro?  
Como você foi morar nesse bairro? Por quê?

Quais foram as principais dificuldades no início?

Como era o bairro nessa época?

De onde as pessoas vinham e como vinham?

Como eram as ruas, casas no início?

Houve alguma grande crise, algum fato marcante nessa época? O que aconteceu?

O que mudou depois disso?

### **Comunidade/Trabalhos desenvolvidos**

Como e quando iniciou seus trabalhos na comunidade?

Que dificuldades você encontrou?

Qual o fato marcante?

Qual sua visão sobre o trabalho que já realizou na comunidade?

Você foi influenciado por alguém para realizar esse trabalho?

### **Atualidade**

Onde o(a) senhor(a) mora hoje?

Muita coisa mudou no bairro hoje? O senhor poderia dar um exemplo?

Quais os trabalhos que realiza na comunidade hoje?

Por que o(a) senhor(a) realiza tantos trabalhos na comunidade?

Qual o número de pessoas que o senhor beneficia direta ou indiretamente?

O(A) que o(a) senhor mais gosta de fazer?

### **Futuro**

Qual é hoje o seu maior sonho?

O que o(a) senhor(a) achou de contar um pouco de sua história?

Existe alguma coisa que o(a) senhor(a) não contou e gostaria de contar?

## ANEXO 02 — BLOCOS: ROTEIRO DE ENTREVISTA

Optamos por apresentar os dados: as informações referentes à caracterização do perfil do colaborador, as quais foram obtidas nos seis primeiros blocos do roteiro de entrevista, a saber: identificação, família, infância, escola, juventude, desenvolvimento. Organizamos essa apresentação da seguinte maneira: a transcrição da fala do líder comunitário, contida nos seis primeiros blocos do roteiro de entrevista; a transposição das informações que permitem traçar o perfil do colaborador (textualização).

As questões relativas aos seis primeiros blocos são: (bloco 1: identificação) Qual seu nome completo, data e local de nascimento? Qual o nome de seu pai e de sua mãe? E de seus avós? O(a) senhor(a) tem irmãos? Qual o nome deles? (bloco 2: família) O que o(a) senhor(a) sabe sobre a origem de sua família? Fale um pouco de seus pais, avós, de sua família. Qual atividade de seus pais? (bloco 3: Infância): Quando o(a) senhor(a) nasceu, onde a família estava morando? Poderia descrever um pouco fatos marcantes da sua infância? E, da casa, o que o(a) senhor(a) lembra? Quais as brincadeiras favoritas? E, dentro da casa, como era a rotina? (bloco 4: Escola) O(A) senhor(a) se lembra da primeira escola? Poderia descrever? (prédio, pátio, sala). E dos professores, o senhor se lembra? Algum foi marcante? Por quê? O(A) senhor(a) estudou até que série? (bloco 5: juventude) Onde o(a) senhor(a) passou sua juventude? Qual era a principal diversão da época? E seu(sua) esposo(a), como a conheceu? O(A) senhor(a) se lembra como foi o noivado e o casamento? O(A) senhor(a) teve filhos? (bloco 6: desenvolvimento) Qual foi seu primeiro emprego? Como o(a) senhor(a) começou a trabalhar? Qual a idade e o que exatamente o(a) senhor(a) fazia? Quais as principais dificuldades no início? Qual sua profissão hoje?

Com base nesse roteiro, iniciou-se a pesquisa com os colaboradores, conforme segue:

ASM58: colaborador 01

Identificação

Nasci em Rubiãça no dia oito de fevereiro de 1950. Tenho quatro irmãos.

Família

Minha mãe é de Araraquara, meu pai de Campinas, eles sempre trabalharam na agricultura, não me lembro a cidade que nasceram. Meus pais foram para mim muito importantes, meu pai foi uma pessoa educativa, compreensivo, não foi um pai que batia nos filhos, sempre foi um pai de sentar conosco, quando nós fazíamos uma arte e, principalmente naquele tempo nas fazendas os bancos eram de madeira, sentava todo mundo para conversar. Se eu LCM58 tivesse feito a arte, os demais tinham que sentar também, eu tinha que contar para meus pais porque eu havia feito tal arte. Então em todos os momentos meus irmãos falavam porque o pai não bate, seria muito melhor né, mas conversando dói mais, porque nós tínhamos que permanecer ali e, esclarecer para seus pais o porque nós tínhamos feito aquilo. Meus pais sempre trabalharam na agricultura, quando rapaz, meu pai antes de casar com

minha mãe, morou em Campinas, chegou a jogar na Ponte Preta na época, aí conheceu minha mãe, se casaram e continuaram na agricultura.

#### Infância

Morávamos em Rubiaca, era um sítio que eu ainda me lembro, era de uma família japonesa, onde meu pai trabalhou para essa família por vinte anos. Me lembro, de várias casas que nós moramos, mas uma casa deixou muitas lembranças, porque morávamos em uma colônia, onde as demais famílias, a maioria das famílias era italiana. Uma dessas famílias tinha uma grande amizade com meus pais, eles conviviam muito na minha casa, conversavam muito comigo, me davam muitos conselhos. Nessa época era difícil estudar, a escola era longe e os filhos dessas famílias estudavam. Inclusive tinha um filho que chamava José e na época meu pai tinha uma bicicleta e, de Palmeiras do Oeste até Jales era uns 40Km, então esse rapaz estudava em Jales e meu pai emprestava a bicicleta pra ele e, ele me contava dos estudos, de como era, e nos aconselhava a estudar. Tenho uma lembrança muito viva disso aí. Na época, as principais brincadeiras eram estilingue, bodoque que fazíamos de madeira, bolinha de meia e, pescar naqueles rios muito limpos, de águas limpas e no campo. Era uma região de campo, tinha muitas frutas, na hora que nós tínhamos um tempinho que os pais deixavam, a gente ficava no campo comendo frutas. A rotina não era tão saudável, minha mãe excelentíssima, mas ela tinha um temperamento forte de fazer as coisas, vamos fazer, tinha que fazer, já meu pai era calmo, uma coisa que podia deixar para amanhã ele deixava. Eles tinham um desentendimento e, de vez em quando ouvíamos eles discutirem, nós não podíamos nem se aproximar, porque naquela época era diferente, ouvíamos de longe. Nós percebemos que eles não tinham uma união assim saudável, como nós gostaríamos que tivessem, mas viveram 48 anos juntos, nunca se separaram, até virem a falecer, minha mãe e meu pai.

#### Escola

Quando eu tinha sete anos, a gente morava numa fazenda no município de Palmeiras do Oeste, no estado de São Paulo, a primeira escola que eu lembro muito bem, a caminhada que a gente fazia eu e meu companheiro, era muito longe. A primeira professora que me marcou, que eu tenho essa lembrança, foi por ser muito dedicada, era uma pessoa que falava muito com os alunos, muito bonita, além de ser uma grande professora era muito bonita. E desde os sete ou oito anos de idade, eu imaginava assim, se um dia eu casar, se eu tiver uma filha, eu vou colocar o nome dessa professora, isso ficou na minha mente até hoje, enquanto eu tiver vida, vou me lembrar dessa professora. Estudei até a 4ª série.

#### Juventude

Minha juventude, eu passei totalmente trabalhando na agricultura, precisava ajudar meus pais. Era o futebol, baile, na época saíam muito mais das fazendas para a cidade e o cinema da época com o alto falante na praça. Conheci minha esposa em um baile. Eu tinha combinado de encontrar uma outra moça, que chamava Benedita, eu já tinha visto minha esposa antes, os pais dela são de família gaúcha e até hoje eu respeito muito. Tinha visto ela na cidade, na missa, no campo de futebol, mas eu tinha mais intimidade com essa outra moça a Benedita, que me convidou para um baile na cidade e eu fui para se encontrar com ela. Naquele tempo existia um baile, onde as moças vendiam votos para serem Rainha da festa, aí como essa moça estava vendendo votos, me disse que depois nós conversávamos, aí eu vi a Letícia, hoje minha esposa, estava lá dançando, olhei e pensei, “acho que vou lá dançar e conversar com ela”, se der certo eu deixo a outra. Aí, acho que ela estava pensando em mim também, nesse dia a pedi em namoro e começamos a namorar. Noivamos em junho de 1971, o noivado foi um noivado simples, não fizemos festa, combinamos de comprar as alianças, na época tinha horário para namorar, só de sábado a noite, domingo de manhã e a tarde, num domingo de manhã ficamos noivos, só foi junto a família, nossos pais e irmãos. O casamento na época que foi no dia dois de junho de 1973, em proporção de festa foi uma das maiores festas da região, não por minha condição financeira, mas pela condição do meu sogro e o conhecimento que ele tinha, com várias pessoas. Ficamos muito felizes, muitos convidados, muita gente, uma grande festa, um momento especial. Tenho quatro filhos.

#### Desenvolvimento

Comecei a trabalhar aos 7 anos, trabalhei na agricultura e estudava. A maior dificuldade era a distância da escola, eu tinha que ir e voltar a pé, eu estudava de manhã e a tarde, ia para a lavoura e esse trabalho de lavoura é pesado, mesmo meu pai não forçando a gente a carpir e pegar na enxada, a

gente fazia o que podia fazer. E o pai dizia nem que for um pé de mato, já ajuda o pai. Hoje sou vendedor ambulante.

ASF43 : colaborador 02

Identificação

O meu nome é LCF43 eu nasci na cidade de Limeira, em 1960. Eu tenho quatro irmãos.

Família

Eu sei que a minha avó, mãe da minha mãe, era portuguesa, veio de Portugal e o meu avô era italiano e, também era português, veio de Portugal, e minha avó era alemã. Os meus pais viveram 20 anos juntos, depois eu estava numa fase de catorze anos, eles se separaram né, então, não tenho uma história bem familiar para contar não, do meu pai e minha mãe. Eu tenho uma boa lembrança dos meus avós, quando eu era pequena, era uma família muito grande e bem unida, que era por parte do meu pai, morava na Vila Queiroz e a gente se reunia de domingo e vinham todos os primos, era muito bom. A minha mãe hoje é do lar e meu pai é aposentado pela a União, companhia de açúcar (empresa da cidade).

Infância

Quando eu nasci morava no Jardim Hortência em Limeira. Fato marcante da minha infância, eu lembro, que eu brincava muito com meus irmãos, eu tinha um irmão e, ele não está mais entre nós, assim ele é um ano e um dia mais novo do que eu, então, nós tivemos uma vida, bem gostosa, estudávamos juntos, brincávamos juntos, nós éramos era muito unidos. E, assim que eu lembro também que foi muito marcante na minha vida, que foi uma fase boa, mas, também foi uma fase ruim, porque, quando eu tinha nove para dez anos, os meus pais já começaram a brigar para se separar, então, foi à fase pior. Eu lembro que tinha um pé de jabuticaba, não tinha luz na época no Jardim Hortência, não tinha asfalto, era um bairro novo, eu lembro que a minha mãe puxava água no poço. A nos gostávamos de brincar de passar anel, a gente brincava muito de passar anel, esconde-esconde e de casinha, que os quatro irmãos brincávamos juntos. A gente tinha uma vida até estável né, uma vida assim boa. É igual eu falei agente teve uma fase boa e uma fase ruim.

Escola

Lembro, a minha primeira escola, eu estudei na Boa Vista, o nome da escola é Professor Leovegildo, até tinha um diretor que chamava seu Antonio, ele era muito bravo, mas tinha uma disciplina muito boa né, as meninas tinham que ir de saia, que era uma época uma época boa também que eu gostava e os meninos não podiam ir com os cabelos compridos, era uma escola muito disciplinada. Eu tive uma professora, que chamava Madalena, e essa professora foi muito marcante na minha vida e ela ajudou muito quando meus pais se separaram. Era uma pessoa generosa, tinha muito amor, conversava muito comigo. Cheguei a morar na casa dela, fui convidada a morar lá quando meus pais se separaram e, ela me ensinou o diálogo. O que eu trago muito dessa professora é o ensinamento, o conhecimento de amor ao próximo, me deu lições de amor e carinho. Ela se aproximou e me ensinou que os valores na nossa vida vêm do amor ao próximo. Até a 8ª série.

Juventude

Eu não tive juventude, porque na verdade, devido meus pais se separarem muito rápido, eu casei muito nova. Eu pulei a adolescência e a juventude, eu me casei com catorze anos. Não tive diversão. O meu esposo atual, eu conheci trabalhando, na verdade eu já era separado do primeiro casamento, onde eu tive dois filhos. Eu estava trabalhando na rodoviária, de garçoneiro e o conheci. Eu fiquei um ano com ele sem casar, sem morar junto, depois a gente ficou 10 anos morando juntos e, hoje tem 9 anos que sou casada mesmo, eu casei no papel passado, eu casei dia 20/02/2000. Eu tenho dois filhos no segundo casamento, do primeiro casamento eu tenho mais dois.

Desenvolvimento

Meu primeiro emprego registrado foi como enfermeira aos dezoito anos, mas iniciei meus trabalhos com nove, dez anos, como babá. Eu tinha um sonho muito grande, porque eu tinha vontade de ser enfermeira, eu fiz um curso técnico, o básico na época na cidade de Americana, eu tinha uma vontade muito grande de ser enfermeira, eu sabia que eu ia ser enfermeira. E, eu fui até a Santa Casa de Limeira, foi um fato bem marcante, chegando lá a chefe do departamento, disse que não tinha vaga, porque eu ainda estava fazendo o curso, aí eu falei para ela que eu limpava até o chão, o nome dela era Vilma, hoje ela não está mais em Limeira, ela está em Campinas. Aí ela falou para mim; “Olha não tem como colocar você aqui para trabalhar” porque eu ainda não havia

terminado o curso. Só que eu não desisti, eu ia toda semana na Santa Casa, até que ela me deu uma vaga de maqueira, eu trabalhei quatro meses de maqueira dentro do centro cirúrgico, e terminei o curso. Como a Vilma viu que eu queria muito ser enfermeira, ela me deu um setor, onde eu trabalhei, no primeiro A na cardiologia. A minha dificuldade foi, vencer a barreira para chegar até lá, tive que insistir muito para realizar esse meu sonho, porque eu não conseguia emprego, eu queria me formar enfermeira, as portas estavam fechadas nos hospitais e, de tanto insistir, eu ganhei uma vaga. Hoje eu sou do lar.

ASF48: colaborador 03

Identificação

Eu nasci em Brauna estado de São Paulo, em 28 de agosto 1960, meu nome é LCF48. Nós éramos nove, uma faleceu, somos em oito.

Família

Então, eles vieram meus avós paternos da Espanha, meu avô veio em 1906 com 10 anos e, minha avó em 1907 com 10 anos também. Vieram de navio né, época de guerra, para tentar condições melhores de vida aqui no Brasil. Já meus avós maternos, são filhos de italianos, os meus bisavós vieram da Itália e de Portugal, mas os meus avós maternos já nasceram aqui no Brasil mesmo. Meus pais sempre trabalharam na roça, meus avós tinham sítio, depois meu pai também adquiriu sítio e, sempre trabalharam em roça, moravam sempre em colônias, próximo dos outros irmãos, minha mãe era empregada do pai do meu pai, aí acabaram se conhecendo e se casaram. Hoje só meu pai conseguiu se aposentar, minha mãe não conseguiu, mas sempre trabalhou na roça.

Infância

Nós morávamos em um sítio chamado Seribal na região de Penápolis Araçatuba próximo a Brauna. O que me lembro é, quando já estávamos morando em Penápolis em uma chácara, nós plantávamos um pouco de tudo para sobreviver, então, ajudávamos na roça, ajudávamos a cuidar dos animais e uma coisa que eu sempre lembro da infância é que nós não tínhamos festa, dinheiro não tinha, então, no dia do meu aniversário minha mãe fez um doce de mamão e falou que era para comemorar meu aniversário. Nossa! Aquilo para mim foi a melhor coisa da minha vida. A casa tinha uma sala bem grande com uma mesa no meio né, ao invés de piso era tijolo, os quartos ficavam em volta da sala, havia um fogão de lenha, poço para tirar água, na casa não tinha bomba no poço, na outra, que nós mudamos tinha aqueles cabides de puxar água, tinha um espaço bem grande onde o café era colocado para secar, local de guardar trator, essas coisas, paiol, era casa simples, mas aconchegante. Era esconde-esconde, brincava de pega-pega em cima do pé de manga, atravessava de um pé de manga para o outro, hoje se os meus filhos fizerem isso, eu morro de medo, quando eu era pequena não tinha medo, brincava de salva, de queimada, de amarelinha, pula corda, mão da rua, e como a família era grande e os outros tios tinham vários filhos né, então, chegava a noite juntávamos todos nós, brincávamos no meio do cafezal no escuro e, então, era bem família, bem reunida. Nós passávamos quase o dia todo fora né, só entrávamos para comer mesmo, eu chegava à noite, como todos da casa e todos tomavam banho, era aquele tal de puxar uma corda com aquele balde cheio de água em cima, esquentava a água cada um pegava um balde para tomar banho, depois nós jantávamos e todos iam para a sala rezar o terço inteiro né e, depois dormir.

Escola

Lembro, ela ficava uns quase sete quilômetros longe da chácara, nós íamos a pé para escola, era a maior festa, porque quando chovia nós íamos pela enxurrada chegávamos todos cheios de lama, e na escola nós nos lavávamos, o nome da escola era Augusto Pereira de Moraes, era uma escola com dois andares, então, era de 1ª a 4ª série né, de primeiro a quarta série como falava na época, então, os pequenos estudavam em baixo e, o terceiro e quarto ano, na parte superior. Tinha um pátio enorme, onde era servido a refeição, a escola era famosa, eles chamavam o pessoal da caixa (pagamento de um valor para ajudar a escola) e aqueles que não tinham condição de pagar, tinham menos condições, levavam as coisas para ajudar a fazer a merenda, eu levava couve, mandioca, tudo que se plantava nós levávamos para ajudar na hora da merenda, no quintal tinha um espaço bem grande para brincar, com muitas árvores, era a maior festa comunitária na hora do recreio. Lembro o que, mais marcou foi a primeira série mesmo, Dona Yolanda até hoje ela mora em Penápolis, ainda é viva, toda vez que eu vou para lá eu a visito, levei meus filhos para ela conhecer e, uma coisa que me marcou muito foi, que eu nunca tinha participado de um piquenique para crianças né, lá em Penápolis e, eu lembro que

minha mãe fez coxinha para eu levar de lanche né, minha mãe embrulhou em um jornal para eu levar , então, isso não sai da cabeça né, de ter ido pela primeira vez num piquenique, junto com a professora. Eu fiz até a faculdade toda, fiz ciências contábeis.

#### Juventude

Até os dezesseis anos em Penápolis e, depois nós mudamos para Limeira onde eu estou até hoje. Então, é que não era como hoje, que tem esses barzinhos, era mais ir ao jardim (praça central da cidade), ficávamos dando voltas em volta da fonte para paquerar, as mulheres rodavam para um lado, os homens para outro lado, eu ia nos bailinhos, tinha bailinho na casa dos colegas ou no próprio clube. Na época de quaresma ficava todo mundo doido esperando o baile de aleluia, às vezes, vivia até em função desses bailes, esperando alguma ocasião especial, mas, a diversão mesmo era sair na praça do jardim. Conheci assim que eu vim para Limeira, eu parava na casa da minha prima e, ele trabalhava junto com o marido dela, então, ele me viu e, perguntou quem eu era. Meu primo disse, que era prima da esposa dele, nós nos conhecemos naquele dia, aí depois, fui trabalhar na mesma firma que ele. Eu fui meio atrevida, eu que o pedi em namoro, eu marquei o casamento, foi muito bacana, nós ficamos noivos no dia do batizado de um sobrinho meu, batizamos e no mesmo dia ficamos noivos. O casamento foi em janeiro, dois anos e pouco depois do noivado, mas, também um casamento bem simples porque dinheiro não tinha, era a famosa batatinha no molho, bolo, guaraná e pãozinho com molho de carne moída, assim que eram as festas simples. Sim, um casal o Junior e a Juliana.

#### Desenvolvimento

Emprego mesmo de carteira assinada, foi com dezesseis anos quando eu me mudei para Limeira, mas eu comecei a trabalhar mesmo, desde que me entendo por gente, desde criança, ajudando, trabalhando na roça, ajudava a descascar café, carpir, cortar arroz, tudo o que se plantava nós ajudávamos, desde pequena o meu pai nos levava para trabalhar junto com ele. Então, como eu disse com a carteira assinada com dezesseis anos, desde criança cinco anos nós já íamos, porque desde pequenininho, nós ficávamos em baixo dos pés de café, desde bebezinho, a mãe colocava dentro de uma bacia e todos iam para roça, não ficava ninguém em casa. No caso desse trabalho na roça, as dificuldades eram as chuvas nós éramos pequenos, mesmo com frio nós íamos derrubar café, aqueles galhinhos gelados tinha até gelo nos galhos, então, era uma vida meio difícil mesmo porque nós, não pegávamos uma vara para bater no pé de café e simplesmente derrubar né, nós não, nós sempre cuidamos com carinho, então, era derricado o café todo na mão mesmo, com isso a mão ficava toda áspera, trabalhávamos até tarde, então, chegávamos a noite em casa estávamos todos cansados, tomávamos banho, rezávamos o terço e íamos dormir, bem puxado mesmo o trabalho. Hoje, eu só ajudo meu marido ele tem um pequeno negócio, e eu o ajudo na parte de contas a pagar a receber e, cuidar da casa também, eu faço em casa mesmo.

ASF60: colaborador 04

#### Identificação

Meu nome é LCM60 nascida no dia 07/09/1948. Eu Tive 15 irmãos, morreram 12 e criou-se três.

#### Família

Pouca coisa, meu pai morreu eu estava com sete anos, eu só conheci meus avôs maternos e minhas avós, e três tios, não sei muito, sei que meu pai era um homem muito rico, riquíssimo e que ficou pobre e, eu me criei bem dizer na miséria. A minha avó era uma senhora muito boa, era índia e a outra avó era alemã, era branca e meus avôs mesmo eram negros, minha mãe branca e meu pai negro. Meu pai era Marchante, tinha açougue e minha mãe era só dona de casa mesmo, só cuidava do lar.

#### Infância

Morava em Pena Forte Ceará, cidadezinha pequena do interior, tribo de índio. Infância eu não tive, nasci em berço de ouro, depois quando eu estava com meus sete anos meu pai faleceu, morreu novo, daí dos sete anos, eu não tive infância tive que trabalhar muito cedo em casa de família, lavava, passava, catava café na roça, então, não tive o direito nem de brincar, não tive infância, só trabalhei. Da casa eu lembro que era uma casa muito boa, de tijolo que não era rebocada, era de tijolo a vista como se chama hoje, com um terreiro grande com muito café. Era brincar de boneca, mas nunca brinquei de boneca, minha boneca era uma de espiga de milho,



quando ela saía a bonequinha, eu tirava e fazia boneca, apanhei muito por causa disso. Dentro da casa era muito bom, meus pais eram muito bons, carinhosos, eu nunca vi os dois brigando, uma educação que tinha que dar benção ao pai e a mãe, bom dia, toda hora era benção dentro daquela casa.

#### Escola

Não tive escola, nunca fui para escola, eu queria muito, era um sonho meu estudar e ir para escola, mas naquela época só filho de coronel podia estudar, menina pobre do interior não tinha direito a estudar, principalmente mulher, mulher não podia estudar. E, eu aprendi ler e não sei escrever, porque eu nunca fui para escola. A professora que me deu aula, que escreveu em um caderno, A, E, I, O, U foi a Dona Lili, foi no ano de 1954, eu nasci em 1948, aos meus seis eu a conheci, e pedi para ela me ensinar, como ela não podia porque ela só dava aula particular, ela apenas me deu um lápis com um caderno e, eu comecei escrever A, E, I, O, U e, depois eu conheci as letras e aprendi ler sozinha. Não fiz série nenhuma.

#### Juventude

Não tive juventude, não tive infância, minha juventude foi trabalhando em casa de família, catando algodão e carpindo na roça. Só ir para igreja, a missa era no sábado. Quando eu conheci o meu esposo eu tinha 14 anos e seis meses e, casei sem amor, eu achava que eu casando, encontrando um marido, eu ia ter tudo na vida, então, eu casei sem amor, até hoje eu estou vivendo a quarenta e quatro anos sem amor, casei por casar e, é a convivência acostumei com ele, e casei com ele, mas não teve namoro não, entre namoro e noivado, foram oito meses. Lembro, quando eu conheci esse rapaz, eu vinha vindo da igreja, falei para minha amiga que eu ia namorar com ele e casar, e quando eu cheguei em casa, eu falei para minha mãe, ela falou que eu era muito nova, me bateu muito, e depois que eu apanhei e, aí foi que eu quis mesmo namorar e casar, para não apanhar mais. E casei com ele, entre namoro e noivado nunca rolou beijo e nem pegar na mão. Tive quinze filhos com ele, morreram dez, eu adotei mais cinco de um irmão que ficou doente e a esposa abandonou, então, criei quinze filhos, fui educada para lavar, passar e cozinhar, cuidar do marido e viver com ele até que a morte nos separe.

#### Desenvolvimento

Eu com 7 anos de idade, já trabalhava em casa de família. Mas emprego mesmo, quando eu já estava com 35 anos, trabalhei no Banco do Brasil servindo cafezinho por cinco anos e, depois mais cinco anos na Casa de saúde da cidade, mas nunca fui registrada, porque mulher não tinha direito de registrar a carteira. Todas que um cristão possa imaginar, para começar, não sabia ler e, não sabia escrever, era difícil, os empregos eram só de faxineira e lavadeira de roupas. Depois que eu vim para o Estado de São Paulo, arrumei um emprego em uma farmácia, trabalhei como faxineira e saí dela como ajudante geral e, Hoje eu sou aposentada.

ASM53: colaborador 05

#### Identificação

Eu me chamo LCM53 nasci no dia 06/06/1955 em Água Boa Minas Gerais.

#### Família

Muita coisa, muito sofrimento no começo, muitos filhos, eram nove homens e duas mulheres, fomos criados na roça, desde quando me conheço por gente, é só sofrimento. Meus pais foram muito bons e, até hoje quando lembro me emociono, porque meus pais fizeram de tudo para nos criar, o que dependeu deles, eles deram de bom, em nossa família não temos bandidos, até hoje comento com meus irmãos, é gostoso falar, graças a Deus da nossa família, que é muito bacana, muito boa, demais, pelo número de homens que tem, né. E meu pai foi um homem bom demais né, sempre gostou muito de ajudar as pessoas. Meu pai sempre foi da roça e minha mãe também.

#### Infância

Eu estava morando em Água Boa em Minas Gerais. Não lembro muito não, eu me casei muito novo, a situação era difícil em casa, passava muita necessidade, só agora é que eu comecei viver a minha vida, porque de moleque, era só trabalhando né, trabalhava na roça. Uma casinha muito simples né, era rebocada a mão, eram aquelas telas de imbirá que chamavam na época, trançavam, pegavam o barro e batiam na mão para rebocar, para tapar o buraco. Brincava de carrinho feito de cera, pegava uma lata de cera limpava a lata, e enrolava o carrinho de linha com uma borracha, então começava a rodar, aquilo eram nossas brincadeiras ou fazíamos de lata de

óleo, o caminhão. Rotina boa né, móveis não tínhamos na época, né, tinha banco, a mesa nossa era de madeira, fogão a lenha e, algumas painelas.

#### Escola

Sim, era no Paraná né, em Campo Mourão no meio do mato, a escola era feita de madeira, tinha um porão grande embaixo, feita em cima de uns tocos, nós pedíamos licença para professora para poder sair lá fora, nos escondíamos no porão para não ter que entrar na sala de aula, muito simples, o quadro negro era feito em uma tábua. Eu lembro de uma professora que eu tinha, chamada Maria Izabel, ela não gostava de deixar nós sairmos, por causa disso mesmo, com medo de nós fugirmos da escola, nós corríamos para o banheiro e nos escondíamos embaixo da sala de aula. Ela nos colocava de castigo, em cima da tampinha de garrafa, em cima do milho, porque ela tinha medo que acontecesse alguma coisa com os alunos. Mas, lembro de uma coisa que ela sempre dizia “Nunca mexam em nada que é de ninguém, que é dos outros”, ensinava valores, né, aquele tempo era outra educação. Estudei até a 8ª série, terminei em Limeira no ano de 1964.

#### Juventude

Passei no Paraná. Montar a cavalo. Eu a conheci, quando ela chegou de Minas no Paraná. Não teve noivado né, namorei dois meses e, com dois meses eu casei. Teve uma festa muito grande, acho que foi maior a empolgação, por causa da festa, né. Eu tenho uma filha do primeiro casamento, né.

#### Desenvolvimento

Foi nas Máquinas Varga. Comecei a trabalhar com 23 anos, na fundição do Varga. Na roça comecei a trabalhar com 7 anos de idade. No início, as dificuldades foram por eu não conhecer nada aqui na cidade, na roça sempre foi tudo bem, fazia um pouco ali, você sentava um pouco, o pai dava uns gritos, mas aqui na cidade foi difícil, porque eu não sabia fazer nada, tanto, que eu entrei como ajudante de fundição. Hoje sou fiscal de loja.

#### LCM65: colaborador 06

##### Identificação

Meu nome é LCM65, eu sou natural da Bahia, Ipirá, nasci no dia 27/09/1943, 8h00 da manhã. Atualmente meus irmãos são sete comigo né, são três homens e quatro mulheres.

##### Família

Ah! Muito, minha família é uma família muito tradicional do norte, antiga, vieram quatro pessoas, quatro fazendeiros de Portugal e, se instalaram cada um em uma fazenda. Fazenda “Água Doce”, fazenda Mucambo, Fazenda Peixe, Fazenda Beto Valeu, essas fazendas tomava parte mais ou menos de uma 5 a 6 léguas de uma para outra, e ali originou essa família Carneiro da Silva, Souza Rios. Mais ou menos uns 400 anos, inclusive a Fazenda Água Doce, ainda existe, ela tem 400 anos, tem muita coisa da escravatura, ainda né. É uma família muito antiga e tradicional mesmo, só casava parente. Minha mãe era também da família dos Carneiros, era família mais ou menos bem de vida, uma vida normal né, e meu pai também né e, meus avós também tinham boas condições. Sou de uma família que não era muito pobrezinha não, tinha em que se apegar, não tinha muito sofrimento. Pai lavrador, meu pai era vaqueiro de primeira linha, vaqueiro de correr atrás de gado mesmo e, pegava. E quando não pegava, chorava.

##### Infância

Morava na mesma casa, minha mãe casou em 1936, dia 08 de outubro de 36. E morreu nessa fazenda. Saiu da casa do pai, para casar, então, nasci naquela fazenda, Quinzezeiro, de meu pai, então, com um ano, eu fui para casa de minha avó. Opa! Muito gostosa, minha infância foi feliz, gostosa mesmo, não tive sofrimento, fui criado com minha avó, uma belíssima avó, uma belíssima pessoa que me deu todo suporte, que eu precisava na infância, tudo, tudo aquilo que eu precisava na infância ela me deu. Da época né?, Não tive sofrimento da infância, graças a Deus. Da casa da minha avó? Lembro de tudo. A casa da minha avó era uma casa muito aconchegante, assim, para época. Tinha de tudo, móveis da época e, uma casa muito grande e, muito visitada, para você ter idéias, minha avó tinha cento e cinquenta pessoas, só de afilhados, e na semana santa todos iam para lá, filho, vó, neto. Imagine como era essa casa, não precisa nem falar da casa né? E ali a minha avó, uma pessoa muito bondosa e, não tinha dó de ajudar a pobreza não. Tem um fato muito interessante da minha avó, e tem um caso, que me marcou muito na fazenda que ela morava. Minha avó tinha um tanque muito grande feito pelos escravos, daqueles enormes de açude e, acabava a água e, ia

acabando as águas daqueles mais pequenos e, ela abria a as porteiras do curral para o gado dos vizinhos beberem água. E, eu falava para minha avó: Mas porque você deixa o gado dos outros beberem água aqui? Minha avó respondia: “ Ah! Se o meu gado tem sede, o dos outros também tem, e a hora que acabar a água, acaba para todo mundo.” Marcante né? Não era muito bonito? A minha brincadeira favorita era pegar boso, fazer curralzinho, alira a vaca para os menores, era o bezerrinho e, nós fazíamos assim, um cerco de 10, 12 rapaz , moça não entrava , que eram aquelas brincadeiras, que eram só de homem e, ali nós segurávamos uma pessoa, ali no meio, como se fosse uma criação, ele não conseguia sair, batia na cerca que éramos nós e voltava para trás, se ele saísse ali, aqueles dois que estavam de braços dados, tinham que correr atrás e trazer novamente. Você ia aprendendo com o tempo aquilo e, quando chegasse a idade dos quinze ou dezesseis anos, você já era um vaqueiro. E, era o que tinha na época de mais tradicional no Norte, mais aconchegante. Normal, graças a Deus. Eu não via muita confusão, minha avó era para nós, que é onde eu fui criado, né? Muito dada, muito amiga, muito bondosa, tinha seus defeitos como todos, mas era muito religiosa. Eu , quando tinha com cinco anos, ela me colocava na garupa do cavalo e, eu tinha que ir a missa do meu avô. Meu avô faleceu em 1947, no dia 22 de outubro e, ela tinha todo mês que celebrar uma missa e, era cinco léguas a cavalo. E, eu como tinha só cinco anos e, não podia andar sozinho, eu ia na garupa do cavalo para assistir a missa, quer dizer que eu tenho uma raiz muito forte nisso aí.

#### Escola

Lembro muito, da nossa escola, o primeiro prédio foi uma casa de farinha, no começo, não tinha escola, os filhos só estudavam daqueles pais que pudessem pagar o professor, professor pago pela prefeitura, pelo Estado, pelo menos na nossa região que era caatinga, um lugar isolado, não existia. E o meu primeiro professor chamava Justino Ribeiro, ele era um professor muito bom, ele vinha dar aula e minha avó pagava para aquele professor em uma casa de farinha. Uma coisa interessante é que aquele senhor, andava manco de um pé, ele pisou em um espinho de cobra e, ficou com um problema no do pé. Não foi a cobra que mordeu não, apenas a espinha da cobra. Mas, era um professor, para época, de primeira linha. Era chamado na região inteira, para dar aulas. Eu fiz o Mobral, né. E, agora eu estou fazendo o primeiro grau.

#### Juventude

Em dois lugares, na Bahia até os dezenove anos e o restante da juventude no Paraná. Na minha juventude a principal diversão da época era o samba de roda, brincadeira de roda e o boi roubado. O boi roubado é o seguinte: Você tem uma lavoura, ou uma roça para carpir e, não pode carpir por alguma razão, está doente, com algum problema, então, vai uma pessoa, um vizinho, conhecido e convida um pessoal e, chegam por volta de quatro horas da manhã , na cerca, o dono da fazenda , dono da terra não sabe. E, chega com vinte ou 30 homens e aí, anuncia que chegou aquela turma, que se chamava na época boi roubado, uma coisa muito gostosa. Quando era mais ou menos tarde, aquele que roubava o boi , que trazia aquele pessoal, era coroado com flores, papéis de seda e, depois de tarde, saía cantando, hoje acabou esse folclore, né?, Mais era assim, e de tarde ia cantando pelas casas e, ali fazia o samba de roda. Minha juventude, foi mais ou menos essa, ajudando as pessoas e, cantando. Ah! É uma coisa interessante, minha esposa é de Pernambuco, de Exu, cidade do nosso poeta Luiz Gonzaga e, ela veio do Paraná com dois anos, eu vim com dezenove anos. Ela já era mocinha e, na Fazenda São Luiz, ela foi trabalhar com o pai dela na lavoura de café , eu também trabalhava na lavoura de café, trabalhava para um rapaz , lá que não era nem casado. E, nós nos conhecemos e nos entrelaçamos e, já vai para quarenta e dois anos. Muito simples né, é o noivado normal, o pai dela para mim, nunca foi obstáculo, apesar de que no começo, ele tinha razão, eu era uma pessoa desconhecida, diferente. Já pensou, jogar sua filha para uma pessoa que não conhece, nunca viu? Como pai, com toda razão, né? Mas, depois ele foi percebendo que não era bem assim, eu também, acho que fui mostrando a minha capacidade, minha forma de trabalhar e, sempre me dei bem com ele, nunca teve discussão. Um noivado muito bom e um casamento muito bom. Quatro filhos, dois homens e duas mulheres, maravilhosos. Muito bom.

#### Desenvolvimento

Meu primeiro emprego com carteira assinada, foi na Volkswagen. Sem carteira, foi sempre na roça, eu nunca fui empregado. Eu trabalhava na Bahia por minha conta, na casa de minha avó e, aqui eu sempre trabalhei por conta na lavoura de café, chamado por centeio de café. Agora como empregado, foi na Volkswagen, vinte e cinco anos. Desde os quatro anos, que eu trabalho, quatro anos, na Bahia, naquela seca, a fazenda de minha avó , tinha mais ou menos, umas trezentas

cabeças de gado. Era uma fazenda grande e naquele tempo, num chovia, nós queimávamos mandacaru, palmatória, gravatá, coisas que o gado come né, cheio de espinhos, mas, nós tirávamos aqueles espinhos para dar para o gado, tirávamos água, quando secavam os tanques na cacimba nos rios. E, assim, foi minha infância, trabalhando, mas, também não era aquele trabalho, que como escravo que tinha que fazer, eu podia fazer outras atividades, que minha avó deixava. O aprendizado, né? Não sabe né? Pessoa quando não sabe, é como quem não viu não é verdade? Nós vamos aprendendo aos poucos, cada passo que nós damos na vida é um aprendizado. E, eu estou aprendendo até hoje. Eu sou aposentado.

ASM50: colaborador 07

Identificação

Eu me chamo LCM50, nasci em 12/11/1958, Limeira-SP. Tive uma irmã, já falecida, e um irmão.

Família

Origem muito boa, pessoas que sempre trabalharam, meu pai, minha mãe na empresa de papelão, eram muito trabalhadores. Minha avó, uma pessoa muito carinhosa, conversava muito comigo, muito bondosa, era uma pessoa que gostava de ajudar o próximo, minha mãe também gostava muito de ajudar o próximo. Minha mãe trabalhava no empacotamento da empresa Ribeiro e meu pai trabalhava nas máquinas do papelão também.

Infância

Morava em Limeira. A coisa que eu mais gostava aqui dentro de Limeira é que nós tínhamos um bosque, um barco a remo e a motor, então, isso é muito marcante porque nós brincávamos direto no cipó das árvores, de vez em quando, abusávamos e passávamos na linha do trem, eu também brincava muito com pipa, jogava bola, eram coisas que eu gostava muito de fazer na infância. Da casa, eu me lembro que, como todos trabalhavam e, eu já estava bem crescidinho eu preparava o almoço para eles, deixava o feijão cozido só para mãe temperar, para nós almoçarmos. A brincadeira favorita era jogar bola e brincar dentro da água de nadar. Como eles trabalhavam, eu ajudava nos afazeres domésticos, eles gostavam da casa limpa e eu deixava a casa limpa.

Escola

O Sesi 149, a primeira escola que eu estudei. A Dona Luiza, no terceiro ano primário e a dona Dorotéia que era esposa do falecido ex-prefeito de Limeira Jurandir Paixão de Campos Freire, que era professora da segunda série, elas foram marcantes, porque eram duas pessoas que se dedicavam muito as crianças, ensinavam mesmo, falavam como deveria ser o estudo, o ensino para uma criança, davam muita atenção e carinho para todas as crianças. Segundo grau completo no SENAI.

Juventude

Passei aqui dentro de Limeira mesmo, mas, brincando com bola, dançando, porque gostava muito de dançar também, pagode, essa era minha juventude. Ah! Sempre o pagode. Conheci no carnaval, ganhamos uma taça juntos em um dos bailes. O casamento, lembro, foi uma coisa muito marcante na minha vida, que é o amor da minha vida, até hoje, nós falamos muito um com o outro, faz trinta e sete anos que estamos juntos. Tive duas filhas, uma está comigo e outra está com Deus.

Desenvolvimento

O primeiro emprego foi na roça, apanhar algodão com 8 anos de idade, o segundo emprego que eu me lembro nós fazíamos polimento, o SENAI dava as peças e nós políamos. E, depois, eu trabalhei na empresa Lucato, onde fazíamos as máquinas de arroz. No primeiro emprego eu apanhava algodão e eu tinha oito ou nove anos, para ajudar em casa. Aprender a trabalhar com algodão era muito difícil, tinha que apanhar o algodão, pegar só ele, para não espinhar a mão. Hoje eu sou aposentado, mas a profissão mesmo é ponteiro, fazia aquelas pontes que servem para carregar cana e painéis de fundição.

ASF39: colaborador 08

Identificação

Eu me chamo LCF39, eu nasci em vinte e um de outubro de 1969 em Uricuri Pernambuco. Nós somos sete irmãos, nós éramos oito, uma faleceu. Engraçado é que até na escola o pessoal ria bastante de mim porque eu sou de Pernambuco, então lá tem o hábito dos pais colocarem os nomes dos filhos todos com a mesma letra.

### Família

Na verdade minha mãe nasceu no Maranhão, veio para Pernambuco, conheceu meu pai, ela foi adotada né por uma tia, minha avó faleceu e o meu avô foi embora, abandonou os filhos e, ela foi criada como filha mesmo dessa tia minha. E eu lembro que ela conta que ela trabalhou desde pequena na roça e para casar ela que costurou o vestido dela, fez o enxoval dela, ela é costureira desde que eu me entendo por gente.e sempre trabalhou de costureira para nos sustentar. Eu tenho muito orgulho dos meus pais. Meu pai quando veio do norte para o estado de São Paulo trabalhou de metalúrgico muitos anos, no norte trabalhava na roça né, agora ele é autônomo e minha mãe continua sendo costureira até hoje. Meu pai é uma pessoa muito sensata, eu amo meu pai, ele é uma pessoa de caráter e uma coisa que ele sempre nos ensinou é que o pobre ele tem que zelar pelo nome, que é o maior bem que o ser humano tem e que nós sempre respeitássemos as pessoas. E da minha mãe eu lembro, assim, que eu guardo e que eu nunca esqueço que ela nos ensinou, nunca mentir, respeitar os mais velhos, tanto é que eu peço benção mãe, benção pai, meus irmãos, mesmo depois de casado e, eu eduquei os meus filhos assim, respeitar os mais velhos, pedir benção para mãe, para avó, para avô, para tio.

### Infância

Nós morávamos em Pernambuco né, numa cidadezinha chamada Santa Filomena, lá inclusive não tinha hospital, alguns dos meus irmãos nasceram em casa, foram parteiras que fizeram o parto, no meu caso eu nasci em Petrolina, eu sou registrada em Uricuri, mas, eu nasci em Petrolina porque lá naquela época tinha esse problema, demorava registrar os filhos por causa da distância, da falta de recursos e é uma cidade bem pequena, hoje já tem energia elétrica, água encanada, mas, na época não. Nossa eu lembro como se fosse hoje, nós morávamos no sitio lá e tinha um pé de mamão bem grande na frente da minha casa, ficava carregadinho e tinha também as árvores, assim, no caminho onde agente descia para o açude, onde agente ia pegar água e agente ficava subindo em cima daquelas árvores, agente vivia no meio do mato mesmo, a minha infância foi uma infância maravilhosa, então,era em cima de árvore, era brincando no meio do mato, era tomando banho em açude ,era comendo frutas tiradas do pé, então, eu hoje sinto dos meus dos meus filhos não poderem ter a infância que eu tive.Minha casa era uma casa de barro, bem simples, mas, bem grande, cômodos grandes, chão batido e, eu lembro assim, que tinha no fundo um poleiro de galinha, então, nós brincávamos de casinha no poleiro de galinha, nós espantávamos todas as galinhas para brincar lá dentro, era uma casa bem simples, mas nós sempre fomos muito felizes.Nossa lá no norte as brincadeiras que nós mais gostávamos, era de tomar banho no açude, nós fazíamos a maior festa, lembro que nós quebramos a cuia da minha mãe, apanhamos até, porque nós descíamos para o açude, ao invés, de tomar banho, nós íamos brincar com as cuias e pular em cima das árvores mesmo, que era o que nós mais gostávamos, tirar manga no pé, Embu no pé, eram brincadeiras assim, bem simples, mas que eram muito legais.Era assim, durante o dia meu pai ia para roça, minha mãe ficava cuidando de nós, eram vários filhos, quer dizer tinha sempre os pequenininhos, com sete anos de idade minha mãe me ensinou a varrer o terreiro e a dar banho nos meus irmãos pequenos e, fazer comida, porque depois ela ia também trabalhar para ajudar meu pai e quem cuidava das crianças e da casa era eu, então, um cuidava da casa e do outro na verdade.

### Escola

Lembro, na verdade eu não tive oportunidade de estudar na minha terra, aí foi uma das coisas que meu pai pensou muito e que não dava mais para nós ficarmos no norte e, perguntou para minha mãe, o que a minha mãe achava de nós irmos para cidade de São Paulo trabalhar, primeiro porque ele via que ali não tinha condição de dar uma vida melhor para os filhos, financeiramente, não tinha como nós estudarmos, porque era muito longe e, porque foi uma época de seca, uma época muito difícil. A minha mãe respeitou, ele veio, trabalhou três anos aqui em São Paulo né, aí com três anos, ele escreveu para nós dizendo que ele já tinha o dinheiro para nós irmos, então, foi uma decisão muito difícil para minha mãe, para todos nós, assim eu lembro com muita tristeza, mas, hoje eu vejo que foi a melhor coisa que eles fizeram, então, nós vendemos tudo que dava para vender, só não a casa, a casa ficou, nós trouxemos as malas, os sacos, o que dava para trazer e, eu lembro que foi a primeira vez que nós entramos em um ônibus, nós nunca tínhamos viajado e nós vomitamos os três dias, eu e meus irmãos quase morremos, porque para gente aquele balançar do ônibus era uma coisa horrível e nós chegamos aqui em São Paulo, fomos morar na casa de uma tia nossa. E aí, eu entrei na escola com oito anos, eu não fiz parquinho e no ano que eu cheguei minha

mãe foi procurar vaga e elas falaram que eu não podia entrar porque já tinha iniciado a aula. E eu fiquei triste sabe, chorei, falei porque que eu não podia, aí no outro ano, minha mãe foi fez minha matrícula e eu entrei na primeira série com oito anos e, eu falei que eu nunca ia repetir, foi propósito ia ser a melhor estudante da escola e fui realmente, nunca repeti, nunca fiquei de recuperação, nunca dei dor de cabeça para minha mãe, porque aquilo para mim, era questão de orgulho mesmo, entrei atrasada, mas eu vou dar conta. Tinha uma professora de português Dona Isabel, porque eu gosto de ler e de escrever e ela puxava muito os alunos, na época do ginásio e eu gostava muito dela, ela dava muita redação, ela pegava muito no nosso pé, e ela gostava muito de conversar sobre literatura, sobre livros e eu amava muito a aula dela e, depois no colegial foi uma professora de química, o nome dela é Choko ela é japonesa, ela era muito autoritária e eu tinha dificuldade em matemática, química, física, mas de tanto que ela pegava no nosso pé, nós acabamos deslanchando e, eu aprendi a ver química com os olhos diferentes do que eu via na época. Eu fiz o segundo grau completo.

#### Juventude

Eu passei em Osasco São Paulo, quando nós viemos do nordeste, nós fomos para São Paulo. E lá eu cresci e, naquela época era diferente do que é hoje, quando nós chegamos não tinha asfalto, era um bairro novo, simples, e nós nos reuníamos as crianças da rua, que eram várias crianças da mesma idade e nós ficávamos até nove, dez horas da noite brincando na rua, escondendo, pega-pega, relou está pego, queimada, nós não parávamos nem para comer, os pais tinham que sair no meio da rua nos procurando. Como era um bairro novo tinha uns buracos, que nós colocávamos papelão e nós escorregávamos ali, acabávamos rasgando toda a roupa, mas, era muito legal. E foi na época que eles começaram a colocar aquelas manilhas para poder fazer o esgoto, nós brincávamos dentro das manilhas, de casinha, mas era muito legal, então, naquela época os hábitos eram diferentes, nós ainda podíamos brincar nas ruas, subir no pé de jambo na casa da vizinha, comer pitanga, ameixa, aquela época era muito diferente. Brincar nas ruas, engraçado né, hoje nós temos todo um cuidado e, até medo de deixar nossas crianças brincarem nas ruas, por causa do perigo e, naquela época não, os pais ficavam nas calçadas conversando, as mães e nós ficávamos brincando, no meio da rua, aquele monte de criança descalço, as ruas não tinham asfalto ainda, tinha bastante árvore, onde nós subíamos, eu lembro como se fosse hoje. Eu voltei nesse lugar e os hábitos estão bem diferentes, hoje mudaram as casas, são diferentes as pessoas. E nossa diversão era brincar na rua mesmo e meu pai sempre que podia nos levava ao Parque Vila Lobos, ao Ibirapuera para nós fazermos piquenique. Meu esposo chama Luiz Carlos e eu o conheci em Osasco na escola Semearte, eu estudava de dia, mas teve uma hora que eu fui trabalhar de tanto eu pegar no pé dos meus pais, para eles deixarem eu estudar a noite e estudando a noite eu conheci o Luiz, nesse colégio e assim, foi amor à primeira vista, eu tinha dificuldade em matemática e ele tinha dificuldade em português e aí, quando eu precisava que alguém me ajudasse em matemática eu pedia ajuda para ele e, quando ele precisava de ajuda em português ele pedia para mim. Só que nós vimos que tínhamos algo mais, era muito bom quando eu estava perto dele, meu coração parecia que ia sair pela boca, meus olhos brilhavam era uma sensação muito boa e, aí um dia fui no corredor da escola, não ia ter aula, a professora faltou, nós íamos recuperar a aula e, ele falou: "Você vai entrar?", respondi: "Eu não sei" e ele falou: "Eu também não sei" e ninguém falou mais nada e, ele me beijou e eu beijei ele. Naquela noite ele me pediu em namoro e fomos falar com meus pais, porque eu sempre respeitei meus pais, falei para ele que eu não ia namorar sem a permissão dos meus pais, ele foi me pediu em namoro, meus pais aceitaram. Depois de dois anos me pediu em noivado, noivamos, um ano e depois de dois anos e meio nós casamos. E aí já casamos com nossas coisas, trabalhamos, tudo direitinho e depois de quatro anos e meio, nós tivemos nosso primeiro filho, engravidei tive nosso primeiro filho, que é o Gustavo de catorze anos e, depois veio o Victor que tem treze anos. Então, nós fomos amigos de escola primeiro.

#### Desenvolvimento

Eu trabalhei de balconista numa tapeçaria lá em Osasco, não foi muito boa a experiência não, porque na verdade minha mãe conhecia o dono, mas, a sobrinho dele tinha muito ciúmes de mim, eu tremia lá dentro, o serviço mais difícil ele jogava para cima mim, e ele sabia que eu dava conta de uma certa forma, porque eu sempre fui responsável no que eu faço, então, foi muito complicado, não foi uma boa experiência não. Eu tinha dezesseis anos. A dificuldade de ver, as pessoas que já estão no trabalho, como ele que era sobrinho do dono, parece que tinha medo de

perder privilégio ou cargo, não sei e como ele viu que eu cheguei e, eu dava conta do serviço, e eu queria progredir e subir, usou do que ele tinha para me oprimir, eu era muito perseguida lá dentro, até uma hora que eu falei para os meus pais que não dava e daí eu saí. Na verdade hoje eu sou só coordenadora da biblioteca comunitária do meu bairro e, hoje eu entendo que eu sou uma educadora, porque é o que eu gosto de fazer e dificilmente eu não estou educando, porque se eu não estou na biblioteca, eu estou em algum projeto na igreja, ou estou em outro lugar, onde estou ajudando alguém a aprender um pouco mais.

ASM23: colaborador 09

Identificação

Meu nome é LCM23, nasci no dia 03/11/1985 sou natural daqui mesmo da cidade de Limeira. Tenho dois irmãos.

Família

Meu pai é goiano natural da cidade de Rio Quente, Caldas Novas, minha mãe é do estado de Paraná próximo a cidade de Bandeirantes e eles vieram para cidade de Limeira muito jovens. Então, da parte do meu pai eles vieram muito jovens para Limeira, moravam em fazendas e, devido a problemas familiares acabaram se desfazendo daquelas fazendas e vindo para cidade, escolheram o estado de São Paulo e a cidade de Limeira, para morar e no início foram morar na Vila Rocha, depois Vila Claudia, alguns familiares retornaram para as cidades de origem, outros casaram e ficaram na cidade. Da parte da minha mãe, a família era da cidade do Paraná e vieram bem jovens para Limeira e se estabeleceram no jardim Ouro Branco eles moravam numa pequena casa onde meu avô mora até hoje e dali surgiu a vida da minha mãe como criança começo a trabalhar muito jovens. O meu pai hoje trabalha no ramo de materiais de construção no caso o proprietário, minha mãe é uma doméstica.

Infância

Eu nasci no mesmo local em que eu resido é no Jardim Nova Europa. Quando criança eu ficava muito na casa da minha tia, na casa vizinha e, até hoje também, depois quando moleque pulava de um lado para o outro, corria, brincava na rua, jogava futebol na rua também. Lembro da casa sim, pela história que meu pai conta, a casa tinha quatro cômodos, mas só utilizavam dois porque, os outros dois cômodos não estavam terminados, então, com o passar dos anos meus pais foram reformando aos poucos, sempre usava dois, para terminar os outros dois e, como eu e meus irmãos éramos muito pequenos, o meu pai conta essa história até hoje. Eu sou muito ligado ao esporte, eu gosto muito, e que eu me recordo minha paixão maior, sempre foi o futebol. A na época meus pais trabalhavam, meu pai trabalhava em uma construção, e minha mãe trabalhava fora também, então, ficávamos eu e meu irmão em casa, meu irmão ficava em casa fazendo os afazeres domésticos e, eu muito jovem não tinha idade para fazer nada, mas, com o passar do tempo veio a minha irmã, e eu e meu irmão começamos a dividir as tarefas em casa.

Escola

Lembro da creche São Vicente de Paula que fica próximo ao centro da cidade de Limeira, uma creche muito boa, onde eu fiquei três anos desde o jardim até entrar para escola primária e, escola mesmo lembro da escola Major José Levy Sobrinho que fica na Vila Esteves. Professora Elaine foi minha primeira professora do primário, eu lembro até hoje né, na primeira série e tem um professor que me marcou muito na época da transferência do ensino fundamental para o ensino médio, foi um professor de matemática chamado Rogério. Primeiro a professora porque ela me deu os primeiros ensinamentos o Rogério porque era uma pessoa muito boa, muito bom professor e, explicava várias vezes a matéria, me orientava, orientava os outros alunos, conversava muito com todos e ainda me ofereceu várias oportunidades, mostrou novos caminhos na ocasião. Eu terminei o ensino médio e, depois fiz um curso técnico no Senai, porém não sou técnico porque não fiz o estágio.

Juventude

Estou passando aqui mesmo na cidade de Limeira, uma parte do tempo ocupado com o trabalho e, alguns a fazeres na comunidade e também os projetos no qual eu atuo com a comunidade. Minha principal diversão, é estar envolvido no esporte e passo o maior tempo possível, o máximo possível, do meu tempo é para tentar ajudar aquele que precisa, respeitando acima de tudo a capacidade de cada um. Eu sou solteiro e, não namoro.

Desenvolvimento

Meu primeiro emprego foi com meu pai na loja de materiais para construção, estou até hoje

, e iniciei em dezembro de 2003. Eu estava com dezoito anos. Por trabalhar em um ramo que é de materiais para construção, a minha primeira dificuldade foi com a questão de peso, é um serviço pesado e, você fica muito exposto ao sol, então, para uma pessoa franzina como eu, atrapalhava um pouco, mas hoje, já estou mais acostumado com o trabalho. Eu trabalho como auxiliar geral no ramo de materiais para construção.

ASM54: colaborador 10

Identificação

Meu nome é LCM54 nasci em Pompéia - SP no dia 24/11/1954..Tenho 5 irmãos.

Família

Origem da minha família, eu sei muito pouco, o pessoal antigo não falava muito, nós não sabemos muito deles, meu avô ficava muito na roça, era muito fechado, não falava muito com os próprios filhos. Meus pais foram para mim, muito bons, deram tudo o que eu quis né, nós trabalhávamos na roça, o nosso ordenado era pouco, plantávamos amendoim, o ano que dava bem nós tínhamos dinheiro, o ano que dava prejuízo, nós passávamos por crise. Meu pai para mim, foi muito bom, ótima pessoa. Hoje meu pai é aposentado e minha mãe falecida. Meu pai sempre trabalhou na roça, nunca trabalhou em firma, só na roça e minha mãe sempre foi do lar.

Infância

Estava morando em Pompéia. Minha infância foi muito pouca, não tive quase infância, minha infância era estudar a noite e trabalhar de manhã, também, casei novo com 18 anos. Nós ficávamos em casa com nossos irmãos, e fazíamos todas as coisas da casa, não saíamos muito, quando eu saía era só para jogar bola. Minha brincadeira favorita era jogar futebol, a minha era só isso. A rotina era trabalhar, meus pais trabalhavam na roça, eu ficava em casa tomando conta das crianças, fazia comida e lavava roupa.

Escola

Lembro, eu tive uma professora muito marcante para mim, foi a professora Maria, era uma professora brava conosco, foi a única que marcou, porque ela era muito brava, mas, só que ensinava muito, eu aprendi muito com ele, era uma pessoa muito honesta com os alunos, trabalhava muito na sala de aula, dava o seu melhor, ensinava tudo de correto para nós, não excluía ninguém, todos os alunos eram iguais para ela. Até a 8ª série.

Juventude

Passei minha juventude no sítio e na roça. Era o futebol. Conheci na fazenda, onde nós morávamos, porque as casas eram todas uma perto da outra, na época e, além de tudo a minha esposa é minha prima. Não foi noivado, no dia que eu pedi a mão dela em casamento, estávamos eu, meu sogro e minha sogra, nem ela estava lá, na hora, eu perguntei para o meu sogro se podia casar e, ele quase morreu de tanta alegria, depois ele saiu da casa dele e, foi contar para meu pai. O meu casamento foi muito bom, teve uma festa muito grande, começou sete horas da noite e foi até seis horas da manhã, muita comida e baile. Foi uma festa muito boa. Tenho 3 filhos.

Desenvolvimento

Meu primeiro emprego foi trabalhar na roça, depois com registro em carteira, foi trabalhar com o gado. Comecei trabalhar com 7 anos, na roça e depois casei com dezoito anos, aí eu passei a trabalhar com gado. Não tinha quase emprego, todo lugar que você procurava para trabalhar não dava certo, então, foi difícil essa época, a dificuldade dói demais. Hoje eu sou forneiro.



**ANEXO 03****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - (TCLE)**

Conselho Nacional de Saúde, Resolução 196/96

Através deste termo, convidamos o (a) senhor(a) a fazer parte desta pesquisa, a ser desenvolvida por mim, Alexandra Joana Zorzin Nicolau, cujo objetivo é fazer um levantamento de dados, registrar sua história de vida e ações realizadas na comunidade para saber o que move a ação do (a) senhor (a) em benefício da coletividade. Esses dados coletados serão analisados e farão parte de uma pesquisa que será desenvolvida na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Instituto de Biociências – Campus de Rio Claro no Departamento de Educação sob a orientação da Profa. Dra. Áurea Maria de Oliveira no Programa de Pós-Graduação em Educação situado a avenida 24-A nº 1515, cep 13506-900 –Rio Claro-SP, Telefone (19) 3526-4245 – Fax (19) 3526-4246.

A sua participação nesta pesquisa será de permitir que eu faça entrevista com o (a) senhor (a) sobre esse assunto.

As informações coletadas serão divulgadas, mas o nome do senhor (a) será mantido em sigilo. Essa participação na pesquisa não representará nenhum tipo de risco para o (a) senhor (a) a sua integridade física, psíquica e moral, sendo seu direito recusar-se a responder qualquer pergunta que julgue constrangedora ou desconfortável.

O (A) senhor(a) terá garantia de esclarecimentos a respeito do pesquisa a qualquer momento e poderá abandona-la em qualquer ocasião, sem que isso signifique prejuízo financeiro.

Os resultados desta pesquisa serão divulgados por meio da defesa de Dissertação de Mestrado, publicações, e apresentações em congressos e semanas relacionadas à Educação Moral.

Se o (a) senhor (a) estiver se sentindo totalmente esclarecido, sem nenhuma dúvida sobre

A pesquisa e sobre os responsáveis por ela, gostaria de convida-lo (a) a assinar o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (elaborado em duas vias) que ficará com o (a) senhor (a) e com a pesquisadora.

Eu certifico que li ou foi-me lido o texto de consentimento e entendi seu conteúdo. Uma cópia deste formulário ser-me-á fornecida. Minha assinatura demonstra que eu..... concordo livremente sobre minha participação neste estudo.

Rio Claro, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 200 \_\_\_\_ .

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

**Título do Projeto: Os Princípios Éticos e Morais que permeiam o discurso dos líderes comunitários: Um estudo de caso.**

**Pesquisador Responsável: Alexandra Joana Zorzin Nicolau**

**Local de desenvolvimento da pesquisa: Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – Limeira/SP.**

\_\_\_\_\_  
Alexandra Joana Zorzin Nicolau

Pesquisadora responsável

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Áurea Maria de Oliveira

Orientadora da pesquisa

Dados do participante;

Nome: \_\_\_\_\_ Data de Nascimento: \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

Telefone para contato: \_\_\_\_\_